

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura

LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política

Expressão e Utopia:

Testemunhando atos de coletivos independentes de Porto Alegre

Bruna Gazzi Costa

Orientador Edson Luiz André de Sousa

Inverno de 2020

BRUNA GAZZI COSTA

Expressão e Utopia:

Testemunhando atos de coletivos independentes de Porto Alegre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura

Linha de pesquisa: Psicanálise e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Prof.^a. Dr.^a. Fernanda Carvalho de Albuquerque

Prof.^a. Dr.^a. Miriam Debieux Rosa

Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa Professor – Presidente da Banca Examinadora

Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo seu ensino público de imensurável qualidade, que segue com sua ética e responsabilidade mesmo frente a todas as ameaças de enfraquecimento que vem recebendo.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, que permitiu esse campo de reflexão dentro da ciência a partir do Instituto de Psicologia UFRGS.

Ao professor Edson Sousa, que sempre foi provocador e estimulador do olhar curioso e utópico para a esperança através da arte e da poesia.

Aos colegas do Lappap – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política, que sempre possibilitaram encontros riquíssimos, com muito afeto regado a referências que eu jamais encontraria sozinha e que iluminam muitas vezes o caminho. Aos colegas que se tornaram novos amigos dessa turma de mestrado e que sem dúvida fazem parte dessa pesquisa também.

A todos integrantes dos coletivos que participaram da pesquisa, pela inspiração, energia, esperança, força e otimismo que transmitem!

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e avaliação, contribuindo com outros pontos de vistas, como também a tantos outros que fazem parte dessa trajetória que dança em diferentes espaços da Psicologia e das Artes Visuais da UFRGS.

Aos amigos, que mesmo mais próximos ou distantes, sempre estiveram incentivando e fazendo-me acreditar na importância das presenças.

À minha família, por todo amor e confiança que sempre me foram continente seguro para me lançar a todo voo.

Desabafo

Difícil terminar a linha de raciocínio antes aqui proposta, quando tudo foi atravessado por um medo denso. Vivemos uma pandemia que nos exige recontratarmos nossas relações de maneiras que precisam ser inventadas. Nossas negociações governamentais divergem com organizações do resto do mundo. Entre uma busca e outra no celular, não há como não ser flechado por uma notícia no meio da tentativa de construção utópica de esperança.

Notícias com chamadas abissais: “é preciso escutar também os coveiros”, diz uma repórter. “O medo é tão denso que dá pra pegar com a mão”¹, desabafou um dos coveiros em um áudio de WhatsApp transcrito na entrevista. Não consigo ler o restante da notícia para além do primeiro parágrafo.

Aos poucos, consigo nomear a angústia como luto. A nomeação alivia, oferece um tipo de explicação e de definição, indicando uma certa “normalidade” desse desconforto frente ao que se apresenta. Primeiramente, não dimensionava o tempo que poderíamos ficar em isolamento e relacionava o luto apenas aos números de mortes nos outros países e aos planos que estavam sendo postos de lado. Agora, final de junho, quando mais de 60 mil mortes são registradas no país, este termo ganha outro sentido. Enquanto inúmeras manifestações tentam ao menos fazer um registro em honra dessas mortes, vemos atos de ignorância violentando até mesmo estes pequenos gestos.

Pesquisávamos sobre a ideia e conceito de expressão. Tal palavra foi tão estudada, quebrada, reconstruída e desejada. E deparamo-nos agora, mais uma vez, sem saber expressar o que sentimos. Novas linguagens são exigidas². A maioria dentro dessas novas regras de virtualidade.

Ex – pressar. Aquela pressa de tudo resolver para ontem ganha um novo ritmo. Algumas atividades antes urgentes apresentam-se com novas agendas e demonstram que não eram tão

¹Fontes: Blog Folha Uol, 2020; Folha, 2020.

² Como lembra Itamar Assumpção na música “Vou tirar você do meu dicionário”, vamos precisar de outra gramática.

necessárias quanto pareciam. Uma nova forma de passar o tempo foi imposto. Um tempo diferente. Para uns, férias; para outros, o excesso de tempo como tédio e vazio; outros ainda relatam uma falta maior desse tempo que se aperta com a sobrecarga de tarefas. Quem que pode parar para pensar e sentir, e não ter tanta pressa em meio a uma pandemia? Crianças, adolescentes, bebês, adultos, aposentados, idosos, cada um sente de uma forma diferente. Aqui, em termos de academia, foi nos oferecido 90 dias para finalizar a produção de determinados conhecimentos.

Precisamos ficar em casa para protegermos uns aos outros. Um misto de privação, punição, cautela e proteção, cuidado e preocupação. Coração palpita tremendo na garganta só de pensar nos amigos, conhecidos e familiares que, por diversas razões, não conseguiram se adaptar as novas formas de segurar a si mesmo, e precisam se arriscar a cada dia de trabalho.

Enquanto uns pedem calma, outros clamam por pressa. Alguns pedem o retorno das atividades, como se nada estivesse acontecendo. Outros esperam pela pressa da ciência por mais respostas. Pressa dos governantes que assumam suas responsabilidades deixadas de lado e que atuem na fome, nos leitos, na falta de tantos recursos que agora seguem escancarados, em uma ferida aberta aos olhos do mundo. E ainda, de forma inacreditável, existe uma parcela insanamente egoísta, ou perversamente gananciosa, que clama pela pressa do retorno a uma rotina de lucros e exploração que já não existe da mesma forma.

Assustávamos com os números da Europa, numa comovente compaixão. Porém, como de costume, quando a história registra a nossa terra, parece que uma apatia e frieza nos acomete. Pouco sabemos dos números africanos, indianos, ou até mesmo dos nossos vizinhos de continente. Mas sabemos muito, detalhadamente, dos números norte-americanos e europeus, seguindo o complexo vira-lata colonizado que imita até mesmo as formas de protestar e de se indignar.

Ex – pressão. Tirar a pressão. A pressão do julgamento alheio parece que foi amenizada em uma nova empatia e solidariedade frente a situação. Afinal, todos sentimos o medo que nos atravessa, e nos surpreendemos com as nossas próprias reações inesperadas frente ao

desconhecido. Muitos trabalham suas paciências, acolhendo comportamentos inesperados frente ao que vivemos. Surgirá uma nova tolerância nas relações pós-pandemia?

Vejo um vídeo de manifestantes exigindo a volta da ditadura e o pensamento positivo parece sofrer um abalo sísmico. Milhares de emoções banhadas de medo ressurgem. Se havia amor, alegria, compaixão e esperança em ver tantas atitudes bacanas de solidariedade se construindo, esses outros movimentos despertam raiva e medo. Indignação e medo. Vontade de sair na rua e manifestar tudo isso, mas por responsabilidade e medo, contendo essa emoção.

O medo, apesar de denso, parece clarear o que importa. Mas nem todos lidam bem com ele. Nem todos o reconhecem. Nem todos gostam de assumi-lo. Ele mexe com o orgulho da gente, nos faz pequenos. Coloca em todos nós a coroa de insignificantes frente a esse vírus.

Ex – presa. Aquilo que talvez estivesse preso na garganta, de uma forma ou outra, parece explícito, mesmo sem palavras. Nossos sorrisos agora atrás das máscaras fazem a gente se reconhecer no aperto do olhar. Alguns presos ganham outros tipos de liberdade para serem protegidos do vírus. Outros sentem as simples máscaras como prisões.

És presa? Estamos todos presos na irresponsabilidade de um Presidente? Ou teremos força para reagir, criar formas de resistência com força para vencer tamanha ignorância e perversidade? Misturas de sensações de proteção, privação e de punição.

Expressão – encontro na produção de desenhos a esperança de que algo ainda possa surgir. Atividade essa que estava me faltando tempo para exercer nos últimos meses pré-pandemia. Algumas pessoas passam a desenhar também, como nunca, ao me ver dividir essas imagens. Inspirados por esse gesto, vão me mostrando novos movimentos nesses novos contatos virtuais. Uma força que se reveza, que sutilmente faz brotar algo novo dentro de cada um. Experimentei uma energia que se nutriu ao me expressar.



Figura 1. Flor com Gotas de Orvalho; Nanquim, 2020.



Figura 2. Enfermeira em Nanquim que Chora, 2020. Desenho inspirado na manifestação de um coletivo de enfermeiros, realizada no dia 01 de maio, dia luta da classe trabalhadora, na Praça dos Três Poderes em Brasília, em homenagem aos colegas que morreram no enfrentamento a pandemia do corona vírus.

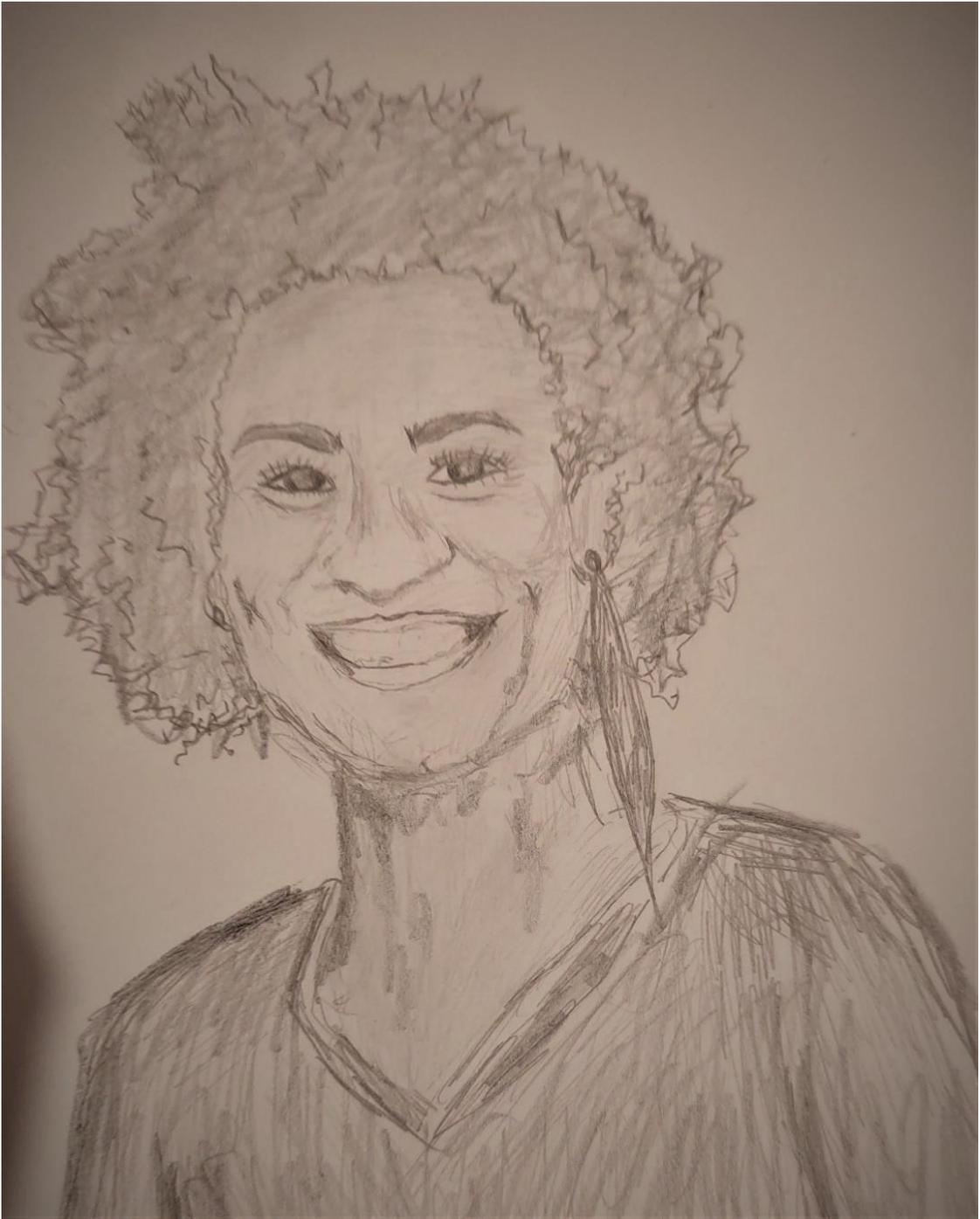


Figura 3. 819 dias. Marielle presente. Desenho em grafite, 2020.



Figura 4. Luto. Desenho inspirado em uma manifestação no Rio de Janeiro, em que um sujeito tentava derrubar cruzes instaladas na praia em homenagem às vítimas pela pandemia, enquanto outro sujeito reinstaurava elas em seu lugar. Desenho em grafite, 2020.

A esperança sabedora e concreta, portanto, é a que irrompe subjetivamente com mais força contra o medo, a que objetivamente leva com mais habilidade à interrupção casual dos conteúdos do medo, junto com a insatisfação manifesta que faz parte da esperança, porque ambas brotam do não à carência.

Ernest Bloch, O princípio Esperança, p.15-16

Figuras

Figura . Flor com gotas de orvalho em nanquim, 2020.....	p.7
Figura 2. Enfermeira em nanquim que chora, 2020.....	p.7
Figura 3. 819 dias. Marielle presente, 2020.....	p.8
Figura 4. Luto, 2020.	p.9
Figura 5. Abordagem por guardas municipais e integrantes do SAMU na performance de Igor Cavalcante Medina.....	p. 37
Figura 6. Performance de Maikon Kempinski, "DNA de Dan". Foto: Faetusa Tezelli.....	p.37
Figura 7. Performance do coletivo És Uma Maluca Foto: Domingos Peixoto.....	p.39
Figura 8 . Desenho inspirado na obra de Pablo Accinelli.....	p.40
Figura 9. Desenho inspirado na obra Fluids (1963), de Kaprow. Grafite, 2020.....	p.52
Figura 10. Objeto-Dobras de Álvaro Vilaverde, Objetos vestíveis de Margarida Rache.....	p.61
Figura 11. Objeto-Dobras de Álvaro Vilaverde, Objetos vestíveis de Margarida Rache.....	p.61
Figura 12. Objeto-Dobras de Álvaro Vilaverde, Objetos vestíveis de Margarida Rache.....	p.62
Figura13. Espetáculo do Coletivo Trupi di Trapu.....	p.64
Figura 14. Primeira Eco Trilha realizada no Morro Santana.....	p.74
Figura 15. Intervenção do Coletivo Mulherio Urbano.....	p.79

Resumo:

Partindo da problematização do uso do conceito de sintoma no campo da saúde, principalmente no da psiquiatria, propomos a ampliação do desenvolvimento do conceito de Expressão a partir da psicanálise, através da perspectiva dialética de Theodor Adorno, reatualizada por Vladimir Safatle. Como dispositivo de pesquisa, a partir do desenvolvimento da ideia de coletivo na cultura contemporânea, entrevistamos integrantes de nove coletivos culturais de Porto Alegre, os quais contaram suas experiências e entendimentos relacionados a ideia de expressão. A partir da escuta desses encontros, discutimos sobre Expressão, criação e utopia na atualidade.

Palavras chave: Expressão, coletivos culturais, sintoma, criação, utopia.

Abstract:

Starting from the symptom concept problematic in the health field, mainly in psychiatry, we propose the expansion of the Expression concept development, from a psychoanalytic view, through the Theodor Adorno dialectic perspective, its redevelopment by Vladimir Safatle. As a research device, beginning with the collective concept in contemporary culture, we interviewed members of nine cultural collectives groups from Porto Alegre, who shared their experiences and understandings related to the Expression idea. From the analysis of these meetings, we discuss about Expression, creation and utopia in the present times.

Keywords: Expression, cultural collectives, symptom, creation, utopia.

Índice

1. Introdução	16
2. Sobre a noção de sintoma	21
2.1 Sintoma para Freud.....	22
2.2 Sintoma para Lacan.....	25
2.3 Sintoma na modernidade.....	26
2.4 Sintoma na contemporaneidade – DSM-V.....	27
2.5 Sim: tomar a palavra / expressão!.....	28
3. Em torno da palavra expressão.....	31
3.1 Expressão, Psicanálise e Utopia	32
3.2 Expressão e Arte Contemporânea	36
4. Percurso Metodológico	40
4.1 Empoderamento expressivo, emancipação, razão sensível e utopias	42
4.2 Sobre coletivos	46
4.3 Sobre o conceito de Coletivo na Psicanálise	48
4.4 Entre atos de anartistas e de psicanartistas	50
4.5 Coletivos de Porto Alegre	53
4.6 Entre-vistas: vivendo as perguntas como método.....	54
5. Resultados // Result (atos).....	57
5.1 Apresentação dos Coletivos	57
5.1.1 Das Flor.....	57
5.1.2 Trupi Di Trapu	57
5.1.3 Nítida.....	57
5.1.4 Catarse.....	57
5.1.5 Moebius.....	57

5.1.6	Mulherio Urbano.....	58
5.1.7	Mater.....	58
5.1.8	Virgínias.....	58
5.1.9	Visão Periférica.....	58
5.2	. Discussão	59
5.2.1	O Ainda Sem definição: Pensamento Em Germe / Embrião	59
5.2.2	Um Lugar Seguro Para A Intimidade: Cena Do Parto / Nascimento	65
5.2.3	Nascente: Constituição Do Sujeito / Identidade Profissional	71
6.	Considerações finais.....	81
7.	Referências.....	84
8.	Anexos	92
8.1	Anexo 1 - Entrevista Coletivo Das Flor	93
8.2	Anexo 2 - Entrevista Trupi Di Trapu.....	98
8.3	Anexo 3 - Entrevista Coletivo Moebius.....	110
8.4	Anexo 4 – Entrevista Coletivo Mater.....	129
8.5	Anexo 5 – Entrevista Coletivo Mulherio Urbano	139
8.6	Anexo 6 – Entrevista Coletivo Visão Periférica.....	141
8.7	Anexo 7 – Entrevista Coletivo Virgínias	147
8.8	Anexo 8 – Entrevista Coletivo Nítida.....	155
8.9	Anexo 9 – Entrevista Coletivo Catarse	164

Introdução

Num mundo onde importam a especialização e a produtividade; que nada vê senão ápices, almejados pelos homens em uma espécie de limitação linear; que emprega todas as suas energias na solidão gélida desses ápices, desprezando e embaciando tudo o que está no plano mais próximo — o múltiplo, o autêntico —, que não se presta a servir ao ápice; num mundo que proíbe mais e mais a metamorfose, porque esta atua em sentido contrário à meta suprema de produção; que multiplica irrefletidamente os meios para sua própria destruição, ao mesmo tempo em que procura sufocar o que ainda poderia haver de qualidades anteriormente adquiridas pelo homem que poderiam agir em sentido contrário ao seu — num tal mundo, que se poderia caracterizar como o mais cego de todos os mundos, parece de fundamental importância a existência de alguns que, apesar dele, continuem a exercer o dom da metamorfose.

(Canetti, Elias. O ofício do poeta, 1976/ 2011, p.317)

Essa pesquisa parte da ideia de saúde como construção social que deve ser referida ao contexto histórico, econômico e cultural no qual está inserida – o presente. É a partir desse primeiro posicionamento que buscamos ativar a potencialidade criativa das nossas relações, fortalecendo a enunciação das desconstruções de algumas certezas, na tentativa de construir novas possibilidades de existência e de resistência. Além disso, é interessante logo dizer que partimos da posição de não acreditar na neutralidade do pesquisador e na separação entre sujeito e objeto de pesquisa. Aqui, falamos de um lugar de criação de conhecimento no qual temos implicação na construção do olhar sobre o mundo, afetando o que vemos pelo modo como vemos, com desejo presente.

A psicanálise, enquanto uma ética, parte justamente de uma postura de problematização sobre o excesso de diagnósticos e de patologias no contemporâneo, valorizando o singular, transformando os modos de acolher, de reconhecer e de trabalhar a partir das histórias narradas por cada sujeito. Entretanto, consideramos que ainda é preciso estarmos atentos aos modos como nós reconhecemos nossas práticas e nossos discursos.

Muitas vezes, nos limitamos a alguns usos de linguagem que traem nossas próprias tentativas de criar espaço para alteridade. Por exemplo, por que referirmo-nos majoritariamente a palavra sintoma para tratar de mal-estar ou da expressão do sujeito? É perceptível que já existem muitos trabalhos com palavras-ideias que ampliam as possibilidades de compreensão sobre as condições subjetivantes atuais, transformando as noções de doença, diagnóstico, cura e tratamento. Aprendendo sempre entre colegas e amigos de estudos psicanalíticos, compartilhamos da ideia de preferir atuar com as noções de analisando, e não de paciente; de trabalho de análise, e não de terapia ou de psicoterapia; de sessão de análise, e não de consulta; mas ainda assim, não é incomum a necessidade de recorrermos a algumas palavras usuais que transitam entre os diferentes campos da saúde para nos explicarmos, devido a nossa construção e estruturação conceitual imaginária compartilhada.

Sendo assim, apresentamos o segundo capítulo dessa dissertação com a discussão sobre o uso de uma palavra que, mesmo diante de inúmeras transformações, problematizações e conceituações, ainda causa certo estranhamento: a palavra- conceito - ideia de sintoma e os seus efeitos. Lançamos algumas questões: Como poderíamos enriquecer o modo de nos relacionarmos e nos expressarmos, tencionando os limites dados a enxergar e a nomear o que chamamos de sintomas? Sabemos que a clínica psicanalítica se posiciona diferentemente frente à noção de sintoma no campo da saúde, principalmente diante do campo da medicina, e em específico, da psiquiatria. A psicanálise não se coloca como uma produtora de “correção” daquilo que poderia estar fora da norma, e nem se identifica com a reprodução ou prescrição de modelos identitários. Através de uma revisão teórica do conceito de sintoma, realizamos a sua problematização, como também de suas derivações (como por exemplo, a ideia/ conceito de sintoma a partir das elaborações de Sigmund Freud e sintoma a partir da teoria de Jacques Lacan). Também usufruímos e atualizamos os ensinamentos da abordagem crítica de Michel Foucault em relação a clínica moderna, o qual nos ensina sobre a potência de vida estar na capacidade de resistir a um poder que tenta geri-la. Nesse sentido, resistir é uma ação, é um ato estratégico, mais do que uma reação. Resistência está atrelada a possibilidade de existência a partir da composição e construção de forças inéditas. **Resistir é, neste contexto teórico, sinônimo de criar.** E por último, abordamos também discussões sobre sintoma na

contemporaneidade e a utilização do DSM – V, principalmente através das contribuições de Christian Dunker.

No capítulo seguinte, propomos o desenvolvimento da ideia/ conceito de expressão, relacionando-o aos campos da psicanálise, da utopia e da arte contemporânea. Problematicamos algumas situações de censura na atualidade, auxiliando-nos com as contribuições teóricas de Theodor Adorno e de Vladimir Safatle sobre expressão.

No quarto capítulo, apresentamos o percurso metodológico dividido em seis subcapítulos:

- Empoderamento expressivo, emancipação, razão sensível e utopias;
- Sobre coletivos na cultura contemporânea;
- Sobre o conceito de Coletivo na Psicanálise;
- Entre atos de anartistas e de psicanartistas: autoria coletiva;
- Coletivos de Porto Alegre;
- Entre-vistas: vivendo as perguntas como método;

No primeiro subcapítulo, apresentamos as ideias que giram em torno de empoderamento expressivo, emancipação, razão sensível e utopias. Através das contribuições de Julia Ramires Blanco em seu livro *Utopias Artísticas de Revuelta*, inspiramo-nos no termo utilizado pela autora de **empoderamento expressivo**, no qual ela associa a ideia de utopia a ações coletivas que resultam em atos políticos. Fazendo coro com a autora, trazemos algumas reflexões de Jacques Rancière através da ideia de **emancipação**, o qual instiga-nos a pensar sobre as formas de conceber o saber e a transmissão nas relações que regem a ordem social vigente. Além das ideias desses autores, apresentamos Michel Maffesoli e a proposta de **razão sensível**, como também possíveis pontes com as ideias sobre **utopia** de Russel Jacoby e de Ernest Bloch.

No segundo subcapítulo, contextualizamos a ideia de coletivos na cultura contemporânea. No terceiro subcapítulo, situamos o conceito de coletivo na psicanálise, principalmente através das ideias de Jean Oury.

No quarto subcapítulo, apresentamos a ponte entre coletivo, psicanálise e arte através das ideias de atos de anartistas e psicanartistas, com inspiração de Allan Kaprow e suas propostas de repensar a construção e autoria das obras de arte. No quinto subcapítulo, apresentamos sobre os coletivos de Porto Alegre.

E por fim, no sexto subcapítulo, apresentamos a ideia de Entre – Vistas: viver as perguntas como método. Essa pesquisa se fez como uma reflexão teórica crítica sobre expressão, mas também, como **ato**, através da experiência de testemunho de intervenções públicas realizadas por coletivos que serão apresentadas ao longo da discussão do sexto capítulo. Além disso, o testemunho se deu também através do encontro com entrevistas realizadas com diversos integrantes de coletivos culturais de Porto Alegre. As entrevistas foram transcritas e estão anexadas ao fim da dissertação.

No quinto capítulo, apresentamos mais informações a respeito dos nove coletivos independentes de Porto Alegre entrevistados: **Das Flor, Trupi di Trapo, Nítida, Catarse, Moebius, Mulherio Urbano, Mater, Virgínias e Visão Periférica.**

Apresentamos também a discussão realizada através da análise das entrevistas. Como resultado da seleção de algumas falas, fomos tecendo alguns significantes que perpassaram de forma comum os diversos encontros, tais como “criação”, “parto” e “nascente”. O capítulo se divide em três subcapítulos:

- O Ainda Sem definição: Pensamento Em Germe / Embrião/ Semente;
- Um Lugar Seguro Para A Intimidade: Cena Do Parto / Nascimento;
- Nascente: Constituição Do Sujeito // Identidade Profissional.

No sexto capítulo, apresentamos as conclusões do estudo. Como tentativa de transformação do risco que o uso de algumas palavras – discursos podem trazer de encobrimento de singularidades, não buscamos aqui uma eliminação ou proibição de qualquer ideia – palavra - conceito. Visamos uma diversificação do uso da linguagem no campo conceitual psicanalítico (e quiçá, em outros campos da saúde), para que possamos rever nossas próprias

representações significantes rotineiras, cotidianas e estruturais, e que assim, possamos ser provocados nos limites das nossas práticas. **Apostamos em uma tentativa de buscar não apenas outros modos de falar sobre como sofremos, mas também de lembrar como vivemos e como podemos sonhar em viver.**

Por fim, nos anexos se encontram as entrevistas transcritas na íntegra. Nem todos os conteúdos das entrevistas foram desenvolvidos ao longo da discussão aqui proposta, porém, fica o registo do material, com a riqueza de detalhes que podem vir a ser explorados em outro momento futuro.

2. Sobre a noção de sintoma

Segundo o dicionário Merriam, sintoma é uma evidência subjetiva de doença ou distúrbio físico; algo que indica a presença de uma desordem corporal; uma reação de evidência de algo patogênico; algo que indica a existência de outra coisa. Segundo o dicionário brasileiro de língua portuguesa Michaelis, sintoma tem duas definições no campo médico que indicam “indício de uma doença, por meio do qual se pode prever sua cura ou seu agravamento; Alteração no funcionamento dos órgãos, descrita pelo paciente, que favorece a determinação do diagnóstico”. Uma terceira definição compartilha o campo da medicina e da psicologia: “Qualquer sinal de perturbação orgânica ou psicológica”. Além disso, traz, fora desses campos, como “Fenômeno que supostamente indica um acontecimento futuro”. No campo mais coloquial, significa “Aspecto que revela semelhança com alguém ou com alguma coisa”.

É interessante notar a apropriação do termo sintoma como algo que está ligado a ideia de patogênico a partir do uso feito pela medicina, quando essa estabelece uma relação de causa e efeito entre um sinal com o propósito de definir diagnósticos, tratamentos e prognósticos. Alguns estudos problematizam a construção desse conceito ao longo da trajetória da Medicina e da Psicanálise (Silva E Rudge, 2017; Danziato, Martins E Matos, 2018; Pimenta & Ferreira, 2003; Maia, Medeiros & Fontes, 2012, para citar alguns). Na medicina, há uma diferença entre sinal e sintoma. Sinal é aquilo que pode ser verificado sem necessidade de a pessoa ter um julgamento sobre o que está aparentando. Sintoma, diferentemente de sinal, é um dado subjetivo, que depende da forma como o sujeito apresenta aquilo que sente. Mesmo diante desta distinção, poderíamos levantar a discussão sobre a diferença entre sinais e sintomas, tendo em vista que podemos questionar que ler sinais também diz de uma possível posição de saber construído por aquele que lê. Entretanto, nesse ensaio inicial, focaremos a atenção na noção de sintoma, e não na de sinais.

Já na psicanálise, o conceito de sintoma é discutido de forma singular e orienta a prática de uma maneira bastante distinta. A forma como a diagnóstica psicanalítica trabalha foi e ainda é revolucionária na medida em que cria um espaço para outra dimensão sobre o sofrimento.

Através da noção diferenciada de sintoma, a psicanálise introduz uma maneira de ver o sofrimento como uma forma de **invenção** e de resposta a um mal-estar constitutivo dos sujeitos que vivem em uma cultura. Sintoma, enquanto metáfora, diz de um laço social, diz de um sofrimento que está atravessado pelas transformações de um determinado horizonte simbólico e imaginário inserido em um contexto social. A seguir, apresentamos alguns desenvolvimentos da teoria psicanalítica, contemplando resumidamente sobre a noção de sintoma em Freud e Lacan.

2.1 Sintoma para Freud

Sem dúvida, Freud trouxe contribuições que transformaram a utilização do termo sintoma, não apenas considerando o lado subjetivo deste, mas dando outro lugar de importância a fala de seus pacientes sobre si, considerando relevantes as construções dos sujeitos de forma até então não vista. Freud cria a noção de sintoma como conceito, e a partir da escuta de seus pacientes, elabora inúmeros outros, como a noção de recalque, alienação, castração, pulsões etc. Mesmo a partir da posição de médico, Freud abre um furo sobre a noção de sintoma para algo além do sinal de uma doença. Aproxima a ideia de expressão particular e singular de um conflito, uma mensagem do inconsciente, uma satisfação pulsional.

A ideia de sintoma foi se transformando ao longo das suas pesquisas. Como traz Ocariz (2003), podemos dividir o entendimento em três etapas: o conceito de sintoma antes de 1900; o conceito de sintoma entre 1900-1920, e o conceito de sintoma após 1920.

Até 1900, a partir da análise das suas pacientes consideradas histéricas, Freud apresentava o sintoma como relacionado a uma repressão social e/ou pessoal, que encontrava satisfação em um deslocamento do objeto. Nesta época, Freud abandonou a hipnose como método de tratamento e começou utilizar a “talking cure” e a associação livre, escutando o que suas pacientes tinham a dizer sobre o que as afetava (Freud, 1893/ 2006a; Freud, 1904[1903] /2006d). A partir da escuta, Freud desenvolve a teoria de que o corpo na histeria é porta – voz das palavras de sofrimento que não sabia ou podia dizer. Criou a teoria de que o adoecimento se dava pelas palavras não ditas, e que o tratamento então se daria justamente através delas –

as palavras ditas não pelo analista, mas sim, pelos seus pacientes. Freud trabalhou a ideia de que a neurose estaria relacionada a traumas sexuais, considerando as cenas relatadas por seus pacientes como **verdades** que diziam sobre **a realidade psíquica** dos sujeitos que os relatavam (Freud, 1896/2006b).

Freud publica “A interpretação dos sonhos” em 1900, trabalhando a ideia de que os sonhos trariam conteúdos inconscientes de uma forma distorcida, transformados pelos mecanismos de defesa, mas que possibilitava a realização de desejos que, se viessem a consciência, poderiam ter seus conteúdos reprimidos devido aquilo que poderia ser considerado como “inconveniências” morais naquela determinada época (Freud, 1900/1996). Já na “Conferência XXIII”, Freud (1917[1916-17]/2006c), Freud apresenta os sintomas de outra forma, colocando que estes seriam como atos indesejados que causariam sofrimento por serem consequência de conflitos internos, mas que cumpririam alguma função como modo de satisfação da libido. Freud coloca então a função apaziguadora dos sintomas, diante do acordo que estes representam em relação às necessidades pulsionais.

A genialidade da sensibilidade de Freud foi de conseguir escutar o paradoxo da expressão de um sintoma, pois este seria como uma formação de compromisso entre pulsão recalcada e repressão defensora que geraria certo gozo. O sintoma, visto dessa forma, produziria sofrimento ao mesmo tempo em que traria satisfação. Para Freud, os sintomas histéricos eram carregados de sentido, um sentido que era deslocado, desconectado do seu objeto primordial, como afetos inconciliáveis dos seus reais motivadores. Os sintomas obsessivos estariam relacionados a esfera racional, em que o afeto era deslocado para o pensamento, expresso na dúvida, indecisão, impossibilidade de realização. Freud trabalha sobre como os sintomas poderiam ser expressões disfarçadas dos desejos inconscientes, que por regras morais incorporadas pelo sujeito, acabavam por serem recalçados. O sintoma viria então como uma maneira alternativa de satisfação da pulsão. Dessa forma, Freud enriquece a possibilidade da multiplicidade de significados que um sintoma poderia ter (Freud, 1917[1916-17]/2006f).

Em “Além do princípio do prazer” (1920,2006g), Freud apresenta o aparelho psíquico de uma nova maneira, apresentando o sintoma de duas formas: como mensagem (metáfora), que pode ser lido e interpretado; e como satisfação pulsional, aquilo que o paciente resiste em abrir mão, diante o contrato interno inconsciente que tem.

À medida que o sintoma pode ser entendido como mensagem, Freud trabalha na teoria de que este pode ser interpretado, lido e/ou traduzido, e que poderiam estar relacionados a experiências sexuais. Na sua Obra *Inibição, sintoma e angústia* (1926, 2006h), Freud diferencia sintoma de inibição, colocando o segundo como uma precaução frente a algo que o sujeito tem receios, enquanto o sintoma teria algo de um certo deslocamento psíquico recalcado, e assim, uma formação de compromisso inconsciente.

Além disso, a partir do desenvolvimento sobre a noção da função paterna, Freud, através da análise dos mitos históricos, constrói a ideia de que o sintoma teria relação com a falha dessa função. Ao analisar o caso do pequeno Hans, coloca que a relação da fobia com o sintoma na neurose se trataria da substituição do objeto fóbico por outro (Freud, 1926 [1925]2006i). Desenvolve em *O mal-estar na cultura* que o sintoma teria relação com o mal-estar, consequência do recalque das pulsões e da renúncia pulsional exigida pela cultura(1930, 2006j). O sintoma seria assim uma forma de reorganizar os impulsos libidinais de conflitos internos devido a renúncia que organização como civilização exige.

Assim, o sintoma para Freud vai ganhando estatuto de formação do inconsciente ao longo do desenvolvimento das suas ideias, tanto quanto os sonhos e os esquecimentos. De qualquer forma, acreditamos que uma das maiores contribuições de Freud foi de construir um conhecimento que legitima a fala do sujeito sobre si, através de palavras que constituem seu corpo como um corpo libidinal. Sem dúvida, essa noção de sintoma revolucionou a noção de saúde e de tratamento.

2.2 Sintoma para Lacan

Para dar continuidade à discussão sobre a noção de sintoma, gostaríamos de trazer as contribuições de Lacan e suas relações com o entendimento de mensagem, gozo e invenção. No Seminário 22 – RSI, Lacan propõe que a invenção da noção de sintoma foi primeiro realizada por Marx, quando este autor traz o sintoma como “signo do que não anda bem no real” (Lacan, 1974–75, sessão de 10/12/1974). Lacan desenvolve, a partir dessa ideia, que o sintoma teria relação com o sentido do valor da verdade, relacionando-o ao pensamento marxista sobre as discussões de verdade e de saber. Para Lacan, o sintoma toma o lugar de verdade na falha do saber, e sua intensidade estaria atravessada pela intensidade de alienação.

Lacan desenvolve mais a noção de sintoma relacionando-o a implicação na nomeação e apontamento do real. Introduce também o conceito *sinthoma*, no seu último Seminário 23 (1975-76, 2005). Este sintoma com a grafia diferente é a forma como Lacan apresenta a ideia de que este não deve ser superado ou curado, justamente pela sua relação estrutural com o ego e sua relação com os nós do Real, do Simbólico e do Imaginário. *Sinthoma* não seria então tratado como um significante e por isso resistiria a qualquer interpretação. Lacan, ao trabalhar sobre James Joyce e inspirando-se no próprio escritor - artista, quebra e reconstrói a palavra sintoma, dando inúmeros outros sentidos a essa. Dentro da sua língua francesa, brinca com as diversas homofonias que pode fazer com a palavra sintoma (*symptôme*); “santo-homem” (*saint-homme*), “pecado-homem” (*sin-t-home*) e “São Tomás de Aquino” (*Saint Thomas d'Aquin*).

A partir dessa ideia, propomos aqui que também possamos brincar com nosso português brasileiro, e assim pensemos em outras variedades com a mesma palavra: “sinto mal”, “sim, tô mal!”, “Sim, tomar...”, “Sinto, mas...”, “sinto mais”, “sinto mar”... Levaremos essa brincadeira como uma possibilidade de criação teórica em outro momento do trabalho.

Seguindo um pouco mais com Lacan, este autor aponta que o trabalho de análise deve visar a forma como o sujeito lida com seu *sinthoma*, com aquilo que é constituinte de si, a maneira como lida com o Real. Propõe “saber fazer com o *sinthoma*”, que seria algo como saber usá-lo a seu favor, e não estar apenas submetido a ele. Além disso, Lacan aponta que para o

sujeito saber lidar com o seu sintoma, ele precisa haver-se com a castração do Outro. Para Lacan, o sujeito precisa se haver com a falta no Outro, passar pela destituição de que há um lugar de um dono da verdade, atravessar a frustração da ilusão da queixa, para então se apropriar de sua implicação, da potência que seu sintoma pode lhe servir. Como o autor traz, a ideia de análise não seria então de uma resolução, mas sim, uma maneira de se haver com seu sintoma, de se identificar com ele.

2.3 Sintoma na modernidade

Antes de partirmos para as novas construções teóricas contemporâneas, revisitamos as contribuições críticas do filósofo e psicólogo Michel Foucault (2010a; 2010b) sobre a clínica na modernidade. Partindo do ponto de que toda prática está inserida em um contexto histórico-político-social, precisamos estar atentos para a possibilidade de estarmos a reproduzir modos de subjetivação hegemônicos a partir de jogos de linguagem que constroem práticas e modos de circulação de verdades sobre a saúde e sobre a vida. A prática clínica psicanalítica moderna, como apontada por Foucault, apesar de revolucionária ao ter dado possibilidade de voz a alguns sujeitos, muitas vezes também construiu intervenções sobre sujeitos-indivíduos, desconsiderando a construção social dos seus sintomas. Michel Foucault (2010a; 2010b) problematizou de forma relevante a noção de construção de saber, de poder e de verdade. Trabalhando de forma crítica e consistente, aponta que construir um saber não significa apenas discorrer sobre algum tema, mas sim, *produzir* aquilo sobre o que está se falando, atualizando o real na forma como o apresenta através de certo imaginário. Seu trabalho serve para ativar em nós um estado de alerta a todas as práticas limitadoras que podem existir a partir das relações entre os discursos, os saberes e os poderes. Dessa forma, estas contribuições podem ser utilizadas ainda hoje na análise sobre as relações que influenciam as estruturas da transmissão da psicanálise. Através das contribuições da sua perspectiva, podemos pensar em novas estratégias de criação e de resistência, pois Foucault nos ensina justamente a dar visibilidade aos jogos de poder vigentes, para que com eles possamos atuar – afinal, onde há relações de poder, há possibilidades de resistência. A noção de que, para se haver com seu sintoma, é preciso que haja uma certa apropriação deste, é interessante e passa por sair da “posição de

vítima”, de “queixar-se e de dar queixa” e colocar-se como agente de si. Entretanto, é de extrema relevância apontar que para que isso possa ocorrer, é preciso poder passar pela posição de possibilidade de expressão, de liberdade de dizer-se, de experimentação de lugar de fala³/ de existência, para então conseguir chegar a tomada de implicação em si, de autonomia, de ação sobre sua queixa e demanda.

2.4 Sintoma na contemporaneidade – DSM-V

Seguindo sobre as noções de sintoma, é importante ressaltar que vivemos uma época em que existe o DSM-5 e toda sua política de transformar inúmeras formas de mal-estar em sofrimento e sofrimento em sintoma a ser diagnosticado e tratado (Dunker, 2014; 2018). Junto a todo esse jogo de política semântica e de lutas por narrativas, há uma dinâmica que nos indica como devemos sofrer através dessa gramática. Além de realizarmos tal crítica, não devemos deixar de também usarmos nossa criatividade na invenção de uma gramática a favor da potência de vida, para além de diagnósticos e de patologias.

Precisamos nos aperceber que existe uma política dos sofrimentos, no qual os afetos não são elementos periféricos. Uma política que nos mostra e produz a cada momento quais as formas e imagens que o sofrimento deve adquirir para ser visto e reconhecido e quais as formas de sofrimento que devem permanecer invisíveis, caladas e indiferentes aos discursos, inclusive aos discursos de assistência oficial do Estado. O DSM-5, neste sentido, reflete uma política que é transformar toda forma de mal-estar em sofrimento e todo tipo de sofrimento em sintoma. Uma política que nos faz "sofrer" necessariamente na gramática do DSM, de modo cada vez mais homogêneo e uniforme. Uma política que naturalmente segrega quem pode praticar tratamentos, diagnósticos e curas. (Dunker, 2014, p.189)

O psicanalista e professor na Universidade Federal de São Paulo (USP) Christian Dunker (2014, 2018) faz esta importante contribuição sobre a distinção entre mal-estar, sintoma e sofrimento. O autor reconstrói a noção de sofrimento, o relacionando a algo já inserido em uma forma de narrativa e de discurso, enquanto o mal-estar seria mais relacionado a uma

³ Este termo não será aprofundado nessa pesquisa, porém é relevante indicar a leitura do livro Lugar de Fala, de Djamila Ribeiro, 2017.

experiência de mundo que escapa as tentativas de narrativa, apresentando uma demanda de sofrer de forma ainda não nomeada, ou também se estruturando em torno do excesso de nomeações. Por isso o mal-estar flui de maneira incerta, não encontrando nomeação perfeita e nem se codificando em dispositivos de práticas já engendradas. Dunker traz que o sintoma – inspirando-se em Lacan – estrutura-se como metáfora. Ao trabalhar sobre a questão de transversalidade entre mal estar, sofrimento e sintoma, atualiza a visão crítica sobre os jogos políticos que modulam o reconhecimento social e a formatação das modalidades de sofrimento: “O real de um sintoma é o ponto no qual ele se comunica com o mal-estar, assim como o imaginário de um sintoma é o ponto no qual ele intersecta uma narrativa de sofrimento” (Dunker, 2014, p.189). O autor também aponta que clínica boa é a que faz uma crítica social por outros meios, ao tentar desarticular os atravessamentos dominantes entre sofrimento, mal-estar e sintoma, fazendo a verdade do real se deslocar e descolar das modulações hegemônicas a que pode estar presa.

2.5 Sim: tomar a palavra / expressão!

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir*

(Trecho da Música AmarElo, do artista Emicida)

A partir dessas reflexões, as noções de sintoma na psicanálise serão aproximadas e atravessadas pelo conceito de expressão. Propomos a ampliação e desenvolvimento de uma ideia através dessa palavra, tendo em vista todas as questões problematizadas nos capítulos anteriores, referentes ao uso de a palavra sintoma na nossa língua ainda estar muito associada ao uso pela medicina.

Apostamos que pensar sobre o conceito de expressão possa colaborar com a ideia de reconhecermos e escutarmos os sintomas dos sujeitos, ampliando a maneira destes de implicarem-se em suas formas não apenas de sofrer, mas de existir. A ideia de sintoma, apesar de a Psicanálise ter transformado de forma honrosa a maneira de escutá-lo e reconhecê-lo, ainda assim, muitas vezes é relacionada a noções patologizantes. O conceito sintoma, quando explicitado através de tal palavra, pode ainda nos prender, mesmo na sua intenção de libertar, a ideias mais reservadas ao campo da saúde, o que podem reduzir a potência de seu uso na forma como a psicanálise propõe. A transformação do conceito que a psicanálise oferece sem dúvida inaugura uma forma de respeitar a maneira do sujeito se expressar, quando esta coloca o sintoma como uma mensagem, ou como uma narrativa que se enlaça em um discurso de sofrimento. Entretanto, é preciso estarmos atentos que mesmo o conceito *sinthoma*, proposto por Lacan, pela sua proximidade com a palavra sintoma, pode dificultar a se pensar e discutir sobre modos diversos e singulares dos sujeitos se expressarem. Como trazem Danziato, Martins e Matos (2018), muitas práticas discursivas no laço social passam por um processo de submissão e de fascínio pela psiquiatrização da vida e medicalização das subjetividades.

Que o senso comum incorpore o jargão dos transtornos mentais nesse processo de autodiagnóstico da vida trata-se de um fenômeno curioso, mas nada surpreendente. A adesão ao diagnóstico responde ao mal-estar estrutural da falta de um significante eletivo, de um nome que inscreva o sujeito no laço social. **Afinal, para quê sustentar a pergunta - quem sou eu?** - quando há uma oferta incessante de respostas, legitimadas pelo discurso médico? Sou depressivo, sou bipolar, sou hiperativo... esses são alguns dos significantes que se ‘colam’ imaginariamente ao sujeito, aplacando a angústia do ‘não saber’, em primeira instância, sobre aquilo que se é, em segunda, sobre o que se deseja. Em tempos cujo grande Outro (A) não existe, estabelecendo a falta de significantes-mestres que dirijam o sujeito, “nomeações pequenas” - ou como diz Miller (2010), “pequenos comitês de ética” -, são estabelecidos como forma de nomear e normatizar o que antes era dado como certo pela lógica simbólico-cultural do grande Outro. (...) Portanto, assistimos hoje a um fenômeno ainda mais instigante e surpreendente, relacionado à multiplicação dos transtornos no âmbito da cultura: trata-se do hábito, interno ao campo psicológico, de “importar” construções teóricas e metodológicas da medicina, sem qualquer tipo de estranhamento. Tal miscelânea epistêmica não deixará de ter ressonância no futuro, nas práticas

terapêuticas exercidas pelos psicólogos depois de formados (...). Todos esses fenômenos, facilmente observáveis, convergem para dois pontos estruturalmente vinculados ao trânsito entre psicologia e medicina: o diagnóstico e o método. (Danziato, Martins e Matos; 2018, p.47)

A necessidade de usar a palavra sintoma, mesmo com todo seu diferencial de conceituação, nos indica a origem da teoria psicanalítica, sendo criada e estruturada por um médico. Mas também diz de uma certa limitação da nossa língua, das nossas práticas e da nossa criatividade. Da mesma forma, aponta a maneira como se dão nossos laços sociais enquanto na posição de alguns mestres que podem utilizar essas noções em apenas determinados campos de discussão. Como falar de *sinthoma* com alguma pessoa que nunca leu psicanálise sem cair em um “referendismo” que mais empobrece nossas potências do que nos empodera?

Além disso, a problematização feita sobre o uso da palavra sintoma poderia discorrer para outras palavras do nosso usual vocabulário no campo da saúde: Que necessidade é essa de denominarmos clínica e/ou consultório o lugar onde escutamos alguém? Nesse sentido, é importante pensar sobre os campos aos quais nossas narrativas se endereçam. Conforme colocam Medeiros, Mano & Weimann (2015):

o campo do saber ao qual sua narrativa se endereça, pode tornar-se objeto de culpa e dívida, no caso místico-religioso ou patologização e diagnóstico, no caso místico-científico (ADORNO, 1985). O sujeito do padecimento, em desamparo, se empenha numa narratividade endereçada de seu sofrer com vistas a retomar um estado suposto de felicidade. O referenciamento mais comum é ao campo da clínica que, por sua vez, recorta uma mensagem predeterminada ao traduzir o que é narrado em seus próprios termos linguísticos, de acordo com a trama conceitual com que arma seu modo de escutar o sofrimento do outro. Enfim, cada proposta terapêutica domestica a experiência de sofrimento singular para viabilizar sua prática. (Medeiros, Mano & Weimann; 2015, p. 254.)

As discussões sobre clínica ampliada, estendida e/ou pública podem servir de inspiração para a transformação desses lugares que tem “poderes de escuta”, autorizadas por tais atravessamentos semânticos e gramaticais. A partir dessas reflexões, algumas questões surgem: **Como nomeamos nossos conflitos? Como nomeamos nossas expressões? Para quem podemos endereçar nossas expressões?**

3. Em torno da palavra expressão

Segundo o dicionário americano Merriam, expressão é uma palavra que vem do grego έκφρασις. É derivação também do latim “expressio”, expresso; ou “exprimiri”, que significa exprimir, apertar, pôr para fora mediante compressão. O termo expressão também é relacionado a “expressões idiomáticas” que são “formas de dizer ou escrever” que não podem ser entendidas literalmente – como por exemplo a expressão idiomática “meia-boca”, “bater as botas” etc. O termo expressão, além disso, pode ser utilizado como ênfase: quando se diz que é uma pessoa expressiva em determinado campo, quer dizer que ela tem destaque naquilo. Nesse sentido, pode ter relação com um certo fascínio, como quando se diz que algo foi muito “expressivo”.

Segundo o dicionário brasileiro de língua portuguesa Michaelis, expressão é um substantivo feminino, de etimologia latina “expressio”, e está relacionado ao ato ou efeito de expressar; exteriorização das ideias ou do pensamento por meio de gestos ou palavras; maneira enfática de se pronunciar uma palavra ou uma frase; demonstração de energia e vivacidade; maneira como o rosto, a voz e/ou gesto revelam um estado emocional ou de espírito; figura representativa, modelo, personificação de algo; manifestação significativa e importante; no campo linguístico: linguagem acústica que, associada a um significado, forma um signo linguístico; na gramática: qualquer unidade lexical (palavra, frase, dito ou sentença). Além disso, traz sobre “Expressão corporal”- utilizada no campo do teatro: a) disciplina que aborda a linguagem do corpo, na formação de atores; b) valorização dos gestos expressados pelo corpo. No campo da linguagem: Expressão idiomática - sequência de palavras que exercem a função de uma unidade, e seu significado não pode ser deduzido pelos significados das palavras que a compõem; grupo fraseológico. E por último: “Reduzir à expressão mais simples”: a) reduzir algo à condição mais miserável; b) tratar com menosprezo.

Como podemos ver, os sentidos e significados da palavra expressão não tem ligação com alguma raiz que remeta a noção de patologia, mas sim, com algo que se comunica, se sente e se manifesta. Tem também relação com manifestações, operações e estratégias que medem

grandezas. Quando reduzido a sua possibilidade mínima, refere-se a algo de miséria e menosprezo.

Entre todos esses possíveis usos dos sentidos da palavra expressão, saliento a relação com as ideias de ato – efeito – maneira – ação – operação. Nesse sentido, lanço a questão: quais as possíveis relações entre as noções de expressão, sintoma e ato para a psicanálise?

3.1 Expressão, Psicanálise e Utopia:

De que forma poderíamos pensar o que é expressão para a psicanálise? É um ato? É um efeito de sublimação? É criação? É sintoma? Sinthoma? É uma maneira de existir? Trabalhar sobre essa noção e pensá-la como conceito e prática não tem a ambição de querer eliminar completamente as lacunas que existem e sempre vão existir entre intenção e expressão.

Tanto na pesquisa psicanalítica, quanto na clínica, a dimensão que limita e distingue o destino de uma pulsão enquanto um sintoma de uma expressão sublimada não é tão clara. E é justamente nesse ponto, neste espaço entre sintoma e sublimação, que há muitos enigmas que podem ser brechas para novas construções teóricas.

Nesse sentido, trazemos as contribuições do professor e orientador desta pesquisa, Edson Sousa (2017), inspirado nas ideias de Marcel Duchamp, que nos lembra de que podemos, pelo menos, apostar na potência do intervalo entre autor e obra, entre ato e arte. Tal postura não intentaria atender a qualquer demanda de clareza, de objetividade que a lógica mercantil atual insiste em exigir de nós. Ao contrário, trata-se de trabalhar com o real que faz furo nos nossos saberes, que instaura nossos desejos.

É esta a falta constitutiva que nos faz olhar para este lugar potencial que nos inunda de enigmas. Marcel Duchamp (1975) vai propor justamente o ato criativo como este corte na continuidade do discurso e que revela o descompasso entre intenção e expressão. Outra forma de marcar o que Freud já anunciara sobre a divisão que nos constitui. (Sousa, 2017, p.789)

Sendo assim, nessa pesquisa, o conceito de expressão será desenvolvido principalmente através das contribuições do filósofo, sociólogo, músico e compositor alemão Theodor Adorno,

em conjunto com a releitura contemporânea do filósofo e professor da Universidade Federal de São Paulo, Vladimir Safatle, entre outros que serão abordados a seguir.

Theodor Adorno (1985, 2008) propõe uma reflexão sobre expressão na arte através de conceitos como idêntico e não idêntico, e coloca que a arte se volta contra o estado simples existentes das coisas, transformando-as em algo que não possui identificação, ou seja, é algo novo. Faz uma crítica às noções de identidade ao dizer que a arte propõe:“(...) o não-idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade. Só em virtude da separação da realidade empírica, que permite à arte modelar (...) a relação do todo com as partes é que a obra de arte se torna ser à segunda potência” (Adorno, 2008, p. 16; apud Russo, 2018).O autor, ao relacionar expressão e arte, defende que a expressão de uma obra de arte está ligada a autenticidade, a recusa de aparências já dadas. Diferencia de que não se trata apenas da exposição de um conteúdo psíquico particular que faz com que algo seja expressivo. Para o autor, aquilo que é particular e íntimo do sujeito, por mais exclusivo que possa ser, ainda assim não deixa de ser atravessado pela sua cultura histórica e social.

Adorno também propõe uma distinção entre aparência e expressão, na qual expressão não necessariamente é aquilo que está aparente. O autor defende que a arte como forma de pensamento vai além das normas já institucionalizadas, dos juízos morais estabelecidos, como vai além também da arte colocada apenas como entretenimento ou brincadeira, as quais serviriam apenas para ditar regras vazias de boas condutas, ou gostos que servem que visam gerenciar relações sociais submissas aos desejos de classes mais privilegiadas. Para Adorno, seria como reivindicar a existência de sentidos que não se reduziram aos conceitos já estabelecidos à lógica-discursiva operante. Para uma obra de arte ser expressiva, ela deve ir além das identidades sociais já estabelecidas, ir além daquilo que já está compreendido. O autor distingue a arte engajada da arte responsável, falando que as obras de artes “organizadas demais” prescrevem modos de operar e não abrem espaço para o acaso, para o não pensado, para o indefinido. Para o autor, a expressão na arte existe quando ela consegue transcender a sensibilidade estabelecida em um exercício de liberdade que transgride as normas sociais enraizadas, que está em um porvir, numa reinvenção dos mapas afetivos, não atuando de forma

prescritiva ou pragmática. Ressalta a inutilidade da arte, pois ela não necessariamente precisa servir a uma função já planejada. Adorno coloca que a arte ao mesmo tempo em que faz parte do mundo empírico, ela também escapa, pois traz à tona elementos que por alguma razão, recalamos, nos cegamos ou reprimimos de diversas maneiras (Russo, 2018; Guimarães, 2018).

Para Adorno, a expressão na arte não se trata apenas de algo subjetivo que pode ser interpretado, mas sim diz de algo que às vezes pulsa fora dos afetos já aceitos, exigindo novas formas de nomear as sensações. Expressão seria como algo que faz uma rearticulação da nossa sensibilidade comum, transgredindo ideologias, costumes, materiais, formas e técnicas já estabelecidos (Russo, 2018). A expressividade da arte está justamente no rompimento das formalizações já impostas pelos discursos.

A filosofia em Adorno é uma filosofia como *Darstellung* (apresentação) que se contrapõem à filosofia como *Vorstellung* (representação) (Correia & Perius, 2019). Nesta pesquisa, propomos pensar a ideia de expressão como crítica à linguagem estruturada pela atual práxis na saúde, em específico da psiquiatria. Conforme desenvolvido por Safatle (2018):

Ao criticar a teoria estética subjacente ao pensamento freudiano, Adorno dirá que Freud não entendera que os artistas não sublimam, eles expressam. Contra a ideia de um desvio pulsional sem recalque capaz de constituir objetos socialmente valorizados, ideia própria ao conceito freudiano de sublimação e que levava o psicanalista a pensar as obras de arte como certo espaço de reconhecimento social bem-sucedido, Adorno insistirá na irreduzibilidade da expressão como conceito crítico fundamental a animar a experiência estética. Pois, ao invés de reiterar o socialmente valorizado, a expressão: “nega a realidade ao contrapor-lhe o que não se iguala a esta, mas não a renega”. Esta negação (que é pensada de forma dialética como relação, infinitamente dialetizada, entre sujeito e materiais estéticos) é também negação da própria psicologia do artista, já que estes, ao expressarem: “têm de pagar o preço caro por isso enquanto indivíduos, permanecendo desamparados atrás de sua própria expressão, à qual escapou a sua psicologia”.¹⁰ Essa é a maneira adorniana de dizer que, longe da segurança do recém-nascido que demanda o olhar da mãe, há algo na expressão estética que desampara os sujeitos por não se conformar às dinâmicas da objetivação do que apareceria como interioridade. A expressão estética aparece como confrontação com o que nos desampara tanto do vínculo à significação partilhada pela

realidade social e seus modos gerais de ordenamento quanto do que constitui as ilusões da vida interior e de nossa personalidade psicológica. De certa forma, temos uma expressão sem realidade e sem psicologia, sem mundo e sem Eu. É ela que coloca necessariamente as obras de arte para fora do horizonte relacional do reconhecimento intersubjetivo. (Safatle, 2018, p.30)

Safatle, trabalhando sobre o conceito de expressão em Adorno, aponta para que esta seja pensada como liberação do sujeito de convenções controladas pela burguesia, ou seja, liberar um sujeito das convenções da individualidade burguesa e das ilusões que, um século mais tarde, chamaremos de “cooperativas” e “comunicacionais”. Sem essa liberação, o autor coloca que a vida social está codificada em “estruturas da psicologia dos sujeitos, nos circuitos de seus afetos, nas crenças de sua vida interior” (Safatle, 2018, p.31) e aponta a necessidade da *emancipação do sujeito diante de sua condição de indivíduo* como a forma efetiva da liberdade. Além disso, aponta a necessidade de entendermos a arte enquanto linguagem expressiva como experiência de liberdade, e não como experiência compensatória frente a perda da liberdade: “A arte, a partir de certo momento histórico, cria algo até então inédito, algo fortemente associado a constituição de uma nova consciência da liberdade, a saber, uma linguagem expressiva” (Safatle, 2018, p.31).

Nesse sentido, entendemos que lidar com mais formas críticas sobre o que precisamos ou podemos expressar, é lidar com o real como Freud e Lacan propuseram. Com o uso da palavra expressão não há a pretensão de compreendê-la como um antídoto, ou algo terapêutico no sentido apaziguador – abordagem muitas vezes utilizada por muitas linhas de arte-terapia. Como coloca Safatle (2019, p.183): “Apenas uma teoria como a psicanálise poderá mostrar como as clivagens da vida psíquica aparecem também como expressão mais profunda da capacidade de resistência à sujeição social”. Isso significa que se busca um espaço de equilíbrio que possa proporcionar mudanças e transformações, e não a obediência ou uma adaptação alienante. Segundo o autor:

De certa forma, é da inexistência de tal gramática que fala a expressão estética. Por isso, é inadequado compreendê-la seja como expressão egológica (“exteriorização de si”) seja como expressão objetificadora (“descrição de objetos”). A expressão estética, se devemos achar uma

forma de identificá-la, será uma certa emergência. *A emergência de processos de desconstituição semântica capazes de nos implicar na abertura de transformações estruturais da sensibilidade.* Ou seja, com a expressão estética emergem processos capazes de desestabilizar o funcionamento de campos semânticos, dando significação ao que era exterior ao campo social do sentido ou mesmo retirando a significação do que aparecia como garantido em seu espaço estabelecido. Tais processos têm ainda a força de implicar afetivamente sujeitos em uma dinâmica de transformação estrutural de si e do mundo, pois a expressão é presença daquilo que não contava na imagem de si e nas imagens do mundo. (Safatle, 2018, p.30)

Tais pontuações se relacionam à ideia de utopia, tal como trabalhadas por Russel Jacoby (2001/2007) e de Ernst Bloch (1959/2005). O primeiro trata a respeito de uma utopia iconoclasta e propõe a tentativa de realizar um percurso que não tenha um objetivo predeterminado e definitivo, mas sim, um processo de transformação. O segundo aponta a sutileza da sábia espera, um posicionamento ativo por algo novo. Tais ideias fazem pontes com o método psicanalítico freudiano, que também assegura lugar para aquilo que não se sabe, para o saber construído em transferência, a posteriori, através da escuta, da atenção flutuante e da associação livre.

3.2 Expressão e Arte Contemporânea:

Neste subcapítulo, propomos a problematização de alguns fatos ocorridos na cena de arte contemporânea, relacionando ao conceito de expressão. Apontamos três situações ocorridas em 2017 que podem nos auxiliar a pe(n)sar na relação entre arte, expressão e relações de poder.

A primeira situação trata-se da performance de Igor Cavalcante, quando este tentou fazer uma intervenção pública e acabou sendo detido (Fonte jornalística: Garonce, 2017; Bittencourt, 2017). Ele estava amarrado ao ar livre, em Caxias do Sul, em uma cena artística proposta no evento chamado 8º Caxias em Movimento. Ou seja, possuía autorização da prefeitura para atuar sua proposta artística. Apesar disso, três guardas municipais e dois socorristas do Samu foram até a Praça João Bandeira, no bairro São Pelegrino, e além de o prenderem, o sedaram. Sua performance abordava questões de discriminação racial e social.



Figura 5 - Abordagem por guardas municipais e integrantes do SAMU na performance de Igor Cavalcante Medina. Foto: Charles Nisz (Fonte: Brasil 247)

Outra situação trata-se a proposição do artista Maikon Kempinski, artista paranaense, que foi detido pela Polícia Militar do Distrito Federal enquanto fazia uma performance de nu artístico na praça do Museu da República, sob acusações de ser interpretada como ato obsceno pela PM⁴.



Figura 6 - Performance de Maikon Kempinski, "DNA de Dan" no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Foto de FaetusaTezelli/Divulgação

⁴No dia 25 de junho de 2020, o artista publicou em seu perfil de Facebook: “Em 19 de junho de 2020, a 4a Turma Recursal dos Juizados Especiais trancou a ação penal. O juiz relator disse em seu parecer: ‘Ressalta-se indistigável propósito de odiosa censura [...] Inaceitável imaginar que meia dúzia de incomodados ou sensíveis com a nudez do artista atrapalhassem uma apresentação artística. A arrogância e a ignorância saltam aos olhos. São pessoas que se arvoram tutores de uma população inteira, hipócritas que acreditam ter o poder de censurar o que o vizinho pode ouvir, ver e consumir. Nesse parecer definitivo, conclui-se que não houve crime por parte do artista, mas sim tentativa de censura e violação do Artigo 5o da Constituição, que garante a liberdade da atividade artística’”.(Ver referências – Kempinski, 2020)

Outro fato mais recente que também deve ser colocado foi o fechamento da exposição Queer Museun – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, em Porto Alegre, realizada através do Santander Cultural em 2017, sob diferentes acusações referentes a apologia à zoofilia e à pedofilia, como também a ausência de limitação de idade para o público. A mostra tinha curadoria de Gaudêncio Fidelis e reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam questões de gênero e de diversidade sexual. Entre os artistas, nomes como Adriana Varejão, Cândido Portinari, Fernando Baril, Hudinilson Jr., Lygia Clark, Leonilson e Yuri Firmesa. Após o encerramento da exposição, uma remontagem na EAV (Escola de Artes Visuais – RJ) foi possibilitada pela maior campanha de financiamento coletivo do país, idealizada pelo diretor da instituição, Fabio Szwarcwald. O crowdfunding captou mais de R\$ 1 milhão através da contribuição de quase 1,7 mil pessoas, e contou com a venda de obras de arte doadas por 70 artistas e show de Caetano Veloso.

Também pode ser lembrado o ocorrido em janeiro de 2019, quando o coletivo És uma maluca, do Rio de Janeiro, ganhou notoriedade devido a uma performance censurada (Gobbi, Jornal O Globo, 2017). Sua última atividade tratou-se de uma parte da proposta “A Voz do Ralo É a Voz de Deus”. Nesta performance / instalação havia um áudio com declarações públicas do presidente eleito Jair Bolsonaro, e fazia parte da exposição coletiva "Literatura Exposta", na Casa França-Brasil. A instalação consistia em um bueiro rodeado por 6 mil baratas com um pequeno aparelho sonoro no interior no qual seria reproduzido literalmente, sem qualquer mecanismo de edição ou manipulação, áudios publicamente conhecidos e amplamente veiculados em sites de streaming, redes sociais, entre outros meios. A mesma performance foi realizada dias depois em espaço público (Gobbi, 2017).



Figura 7 - Performance do coletivo És Uma Maluca em frente à Casa França-Brasil Foto: Domingos Peixoto / Domingos Peixoto

A partir desses acontecimentos, o desejo de resistência frente a certas imposições colocadas como limites para a expressão na arte contemporânea se faz presente. Esta pesquisa visa justamente poder colaborar com novas formas de alimentarmos nossa criatividade para proteger nossas formas e necessidades de expressão.

4. Percurso metodológico

Retomemos as perguntas: o que é expressão para a psicanálise? É um ato? É um efeito de sublimação? É criação? É sintoma? Sinthoma? É uma maneira de existir?

Para percorrer os caminhos abertos pelas perguntas lançadas nessa pesquisa, consideramos que a arte não poderia deixar de ser um continente a ser experienciado enquanto ferramenta e suporte para tais reflexões. Entretanto, nos preocupamos em não ignorar o quanto o conhecimento compartilhado de determinadas artes de museus e de galerias ainda é um privilégio de muitos poucos no Brasil. Entrar em um museu e compartilhar desse tipo de liberdade de expressão não é algo acessível para uma grande parcela da população, e como foi colocado no capítulo anterior, há muitos jogos de poder que filtram aquilo que é exposto. Além disso, há toda uma linguagem que muitas vezes distancia o público da arte nesses locais, além de muitos outros obstáculos limitadores para a democratização de determinados tipos de cultura em inúmeros espaços. Buscar a arte como ferramenta, campo e instrumento de pesquisa nos exigiu problematizar de que forma essa relação seria estabelecida. Para ilustrar a discussão, apresentamos a Figura 4, em que há um desenho inspirado na obra de Pablo Accinelli, a qual estava exposta durante o mês de maio de 2018 no museu Iberê Camargo, em Porto Alegre.

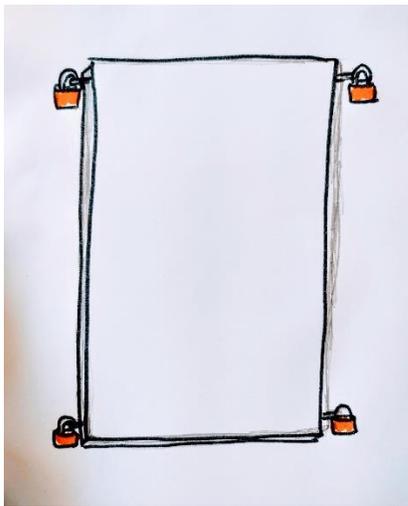


Figura 8 – Desenho inspirado na obra de Pablo Accinelli. Grafite e canetinha, 2020.

A obra traz um quadro em branco com cadeados a sua volta. Podemos, em uma livre associação, relacionar a ideia de que há alguns vazios presos em que apenas alguns têm a chave de acesso. Por isso, são apenas alguns que possuem os segredos que desvendam o que se está a mostrar. Podemos propor uma interpretação dessa obra como uma crítica a própria questão dos artistas, museus e galerias na contemporaneidade, quando muitas vezes não trabalham a partir de um posicionamento reflexivo diante desse distanciamento que pode haver entre público e exposições. Apenas alguns têm esse segredo para desvendar certas obras. Ou também, podemos fazer um paralelo ao campo da saúde, onde apenas alguns profissionais têm as chaves para lidar com os enigmas apresentados por cada paciente, através de diagnósticos e prescrições sobre seus comportamentos e sobre suas vidas.

Pensar sobre expressão entre o campo da arte e o campo da saúde se apresenta como um desafio muito amplo. Além das limitações de como as artes podem ser acessadas, de como a liberdade de expressão pode ou não ser usufruída, é necessário também pensar sobre suas relações com a saúde mental e seus estigmas.

Para pensar a relação da arte com o campo de saúde, é interessante observar como se dão essas aproximações. Algumas práticas, por mais libertadoras que possam tentar ser, podem também causar certos riscos de institucionalização ao não se construírem como propostas heterogêneas, muitas vezes restritas a determinados diagnósticos ou classe profissional. Como colocado por Valent e Castro (2017), algumas vezes as artes nomeadas como de “usuários de serviço de saúde mental” podem construir relações estigmatizadas:

Em 2009, a iniciativa *Prêmio Loucos pela Diversidade 3*, concurso público nacional, que objetivava fortalecer e dar visibilidade a práticas artísticas realizadas por grupos, organizações ou instituições ligadas à saúde mental, se utiliza dessa estratégia, destinando como público alvo do prêmio usuários de serviços de saúde mental. O edital previa como objetivo do prêmio a construção de um país mais democrático, no sentido de promover a todos o direito à criação e a produção cultural; o protagonismo de pessoas em sofrimento psíquico; a visibilidade de trabalhos que propõe a emancipação e autonomia através de iniciativas de cunho artístico e cultural e a promoção da interação desses grupos com a sociedade em geral. (...) Muitas vezes a visibilidade de sua produção encerra-se na rubrica da arte exótica do “louco”

ou da sobreposição do olhar benevolente do público à essa população em detrimento à dimensão estética da recepção do que lhe é apresentado. Corresse, assim, o risco de restringir referências para a construção de outras chaves de reconhecimento desses sujeitos – além da condição de desvio, na medida em que este internaliza essa identidade em sobreposição a outras possíveis. Incentivar fortalecimento desta única possibilidade identitária como o viés das políticas afirmativas propõe, em seu princípio de discriminação positiva, parece não funcionar tão bem nesses casos. (Valent & Castro, 2017, p.13)

Conforme colocado pelas autoras, essas práticas, por mais que possam trabalhar no intuito de permitir e ampliar o acesso à arte, através de recursos para a produção, criação e circulação cultural, a linguagem engendrada ainda exercita uma prática em signos que acabam por fortalecer alguns estigmas e preconceitos. As autoras salientam a importância de não transvestir algumas limitações sobre o véu da arte, como se isso bastasse para que novas circulações garantissem um novo formato de participação social. Chamam a atenção para que as autorizações no campo da arte possam legitimar outras maneiras de circulação, sem que essas dissolvam as diferenças, estabelecendo as aproximações e distanciamentos necessários para o reconhecimento das realidades frente as alteridades possíveis.

A partir dessas questões, urgem muitos desafios frente ao modo de realizar essa pesquisa: de que modo romper com tantas barreiras entre arte e saúde? Qual a relação dessa pesquisa com as formas de expressão de sua atualidade? De que modo pode a arte estar presente na escuta e na pesquisa psicanalítica? Como essa pesquisa pode ser também criação e ato?

4.1 Empoderamento expressivo, emancipação, razão sensível e utopia

Para tais desafios, inspiramo-nos nas ideias trazidas por Júlia Ramires Blanco (2014), em sua pesquisa “Utopias artísticas de revuelta”. Nesta pesquisa Julia utiliza o conceito “utopia de revolta” para analisar as dimensões estéticas de algumas ações ativistas como Claremont Road e Reclaim the streets. O primeiro trata-se do movimento de ocupação de ruas em Londres em 1993, enquanto o segundo demonstra o coletivo que propôs festas que bloqueiam a circulação normal da cidade, em 1995. Ela associa a ideia de utopia a ações públicas que resultam em

organizações e ações políticas. Além disso, também trabalha sobre como espaço físico público poder servir de catalisador de forças de confrontação e esperança em um ativismo coletivo.

Julia Ramires Blanco traz o termo “**empoderamento expressivo**”, o qual chama a atenção, apesar de não discorrer teoricamente sobre ele. A autora o define como quando “pessoas não necessariamente especializadas outorgam a si mesmas o poder criativo pra transformar simbolicamente a realidade” (Blanco, 2014, p.23). Sendo assim, apostamos aqui que realizar uma pesquisa junto a pessoas participantes de coletivos independentes seja uma forma de corroborar com a construção, criação e inspiração crítica de mais gramáticas e semânticas possíveis de expressões.

Para desenvolver essas ideias, apresentamos também algumas reflexões de Jacques Rancière através da ideia de **emancipação**. A partir das transformações no campo do trabalho no século XIX, o autor contextualiza a discussão sobre as finalidades das escolas públicas na França desta época, questionando os processos de aprendizagem e a relação do ser e do saber, problematizando a função da instituição e do professor. Rancière denuncia o mito pedagógico envolvendo a presença do explicador que perpetua um mundo em que uma inteligência se sobrepõe à outra, excluindo o conceito de liberdade. O autor desafia a todos a acreditar na igualdade das inteligências, apostando na liberdade da curiosidade constante:

Para emancipar alguém, é preciso ser-se emancipado. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, parecido com todos os outros viajantes, como sujeito intelectual participante da potência comum dos seres intelectuais. (Rancière, 2010, p. 40)

Rancière nos auxilia a refletir sobre a emancipação intelectual, instigando-nos a pensar sobre as formas de conceber o saber, a transmissão, a aprendizagem, e até as relações de dominação que regem a ordem social vigente: “Jamais um partido, um governo, um exército, uma escola ou uma instituição emancipará uma única pessoa” (Rancière, 2010, p. 108).

Além dos autores já citados, para corroborar ainda com a ideia de empoderamento expressivo, reiteramos a importância da perspectiva crítica foucaultiana na construção dessa pesquisa. Para Foucault, a potência de vida está na capacidade de resistir a um poder que tenta

geri-la. Nesse sentido, resistir é uma ação, é um ato estratégico, mais do que uma reação. Resistência está atrelada a possibilidade de existência a partir da composição e construção de forças inéditas. **Resistir é, neste contexto teórico, sinônimo de criar.** Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas, e são forças do devir, da mudança, que apontam para o novo e engendram possibilidades de vida. As resistências são sempre mutáveis, sempre lutando para não serem absorvidas pela lógica dominante, estão sempre se refazendo segundo os poderes que se atualizam. Por isso, as resistências, como as criações, devem ser compreendidas a partir dos jogos que se efetuam na sua atualidade, no seu tempo e contexto sócio – político- cultural em que se encontram (Foucault, 1985; 2012). Foucault também trata das lógicas do cuidado de si e sobre como é necessário compreender as regras obrigatórias do poder para poder emergir regras facultativas do homem livre e sua ideia de combate de si por si para a efetuação do sujeito enquanto produção estética.

É importante neste contexto trazer as noções de criação e de utopias, tais como trabalhadas por Edson Sousa (2011):

Todo ato criativo é, em última instância, um ato utópico pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar esperanças empacotadas. Que utopia poderia recuperar este espírito contestador? As utopias funcionam, portanto, como âncoras simbólicas. Criar implica instaurar uma existência. Toda criação que se inscreve na cultura como obra de espírito busca fundar um modo de olhar e uma forma singular de compartilhar uma experiência. O que chamamos, portanto, de cultura é o resultado de muitos atos criativos costurados no tempo. Por isso sempre que pensamos em cultura imediatamente podemos nos referir a uma história que se produz num tempo determinado e uma experiência que é transmitida. Pensar as condições desta transmissão configura um dos maiores desafios de nossa contemporaneidade. Quais são, portanto, as condições de transmissão que dão forma e consistência à experiência do sujeito contemporâneo? Qual o papel dos artistas nesta transmissão? Quais os espaços de compartilhamento das experiências singulares no laço social? Qual a história, a memória e a narrativa possíveis para cada um de nós? (Sousa, 2011, p. 4)

Para essa discussão sobre psicanálise e criação, trago também algumas contribuições de Kuperman (2008), que dentro do contexto clínico, pergunta: “De que maneira a experiência clínica pode facilitar a emergência de processos criativos aos que a ela recorrem?” e “de que modo o psicanalista se vê implicado na possibilidade de resistência e de criação na clínica?”. Kuperman quando desenvolve uma “modalidade sensível do conhecimento”, refere-se ao reconhecimento feito por Ferenczi às forças de resistência feitas pelo analista, as quais estão também atravessadas as questões relativas a institucionalização da formação psicanalítica, quando esta pode ser contratada apenas por uma questão burocrática, e não a partir de uma demanda viva do analista e de sua prática. Como apresentado pelo autor, Ferenczi trabalha que o problema não se trata da intransmissibilidade do tato, mas na disponibilidade sensível para o encontro com a alteridade, a abertura para o encontro lúdico e criativo com o outro. Kuperman coloca: “o aspecto decisivo de seu percurso psicoterapêutico não reside em qualquer esforço de revelar e elaborar conflitos edipianos inconscientes, mas em promover experiências capazes de constituir um sentimento de continuidade do ser”. Essas ideias inspiram a pensar em estratégias que estejam **em diálogos permanentemente vinculados às práticas culturais** presentes na sua contemporaneidade. Nesse sentido, fazem pensar não apenas sobre estratégias clínicas, encerradas em sessões de análise, mas também em estratégias culturais e de pesquisa, que fortaleçam experiências de “continuidade do ser”.

Dessa forma, nessa pesquisa optamos por escolher coletivos culturais como dispositivos de acesso a formas de artes, como estratégia de buscar uma fonte de dados não necessariamente relacionada a áreas epidemiológicas. Para compor essa perspectiva de sensibilidade do pensamento e de relação entre saúde e arte, tanto na escuta clínica quanto na pesquisa acadêmica, encontramos amparo e interesse de desenvolver algumas contribuições da ideia de *razão sensível*, apresentada por Michel Maffesoli (2005), ressaltando a ficcionalidade da realidade, afirmando que “O imaginário é uma realidade”. Maffesoli traz que é necessário que se considere o sentimento coletivo e suas consequências sociais e políticas, integrando essa sensibilidade no ato do conhecimento através de uma dialética que considera a experiência dos sentidos. O autor trabalha com a noção de imaginário que se constrói a partir de passado e futuro, como reservatório e motor, através de sentimentos e lembranças que sedimentariam

modos de ver, ser, agir e sentir o mundo, como sonhos que realizam o presente e o futuro, como que também resgatam e reconstróem o passado.

Implica que aqueles que chamamos de intelligentsia, isto é, os que têm o poder de fazer ou dizer qualquer coisa sobre a sociedade estejam, também, capacitados para apreciar a vida. Que participem daquele hedonismo de que se tratou e não se contentem, conforme o caso, em lamentar, criticar, dar lições, insistir ou impor, do exterior, suas visões do mundo, mas sejam parte integrante daquilo que descrevem, observam, ou daquilo sobre que desejam agir. (Maffesoli, 2005, p.15)

O mesmo autor traz conceitos que nos ajudam a pensar sobre o laço social na contemporaneidade, quando apresenta a proposta do “estar – junto – com”. Tal ideia será mais bem apresentada no capítulo sobre coletivos criativos, trabalhados por Paula Visoná (2018).

4.2 Sobre coletivos

*A que distância dos outros devo manter-me,
para construir com eles uma sociabilidade
sem alienação,
uma solidão
sem exílio?⁵*

Claude Coste, 2013, p.38

Coletivos independentes são um fenômeno de difícil definição, devido a sua diversidade de ações e de organizações. Fernanda Albuquerque (2008) auxilia a elaborar alguns critérios sobre coletivos de artistas, colocando que seriam organizações flexíveis e descentralizadas, com ênfase na troca de ideias, conhecimentos e experiências em parcerias, com a realização de produções que avançam espaços do mundo e que fazem investimento em trabalhos capazes de dialogar com o grande público. Reflete sobre a intenção com que as parcerias são construídas, as quais não necessariamente são unidas por afinidades conceituais, mas também por uma questão de estilo ou ideologia, como estratégias de resistência aos obstáculos dos sistemas de artes vigentes. Salienta também sobre o fato de que muitos artistas, dentro da dinâmica coletiva, passam a agir, para além de produtores de obras, também como agenciadores de

⁵ Frase retirada do prefácio do livro *Como Viver Juntos*, Barthes (1976-1977/ 2013), p.38.

outras ações e produções, tais como exposições, discussões, curadoria, entre outros, e resgata o termo cunhado por Ricardo Basbaum, chamando estes sujeitos de “etcartista”. A autora aponta que tal fenômeno, no Brasil, pode ter ganhado mais corpo a partir do Panorama de Arte Brasileira 2001, o qual apresentou não apenas trabalhos realizados de formas colaborativas, como também espaços de exposição, discussão e produções artísticas. Cita o exemplo Torreão espaço de produção e reflexão em arte contemporânea de 1993 a 2009, coordenados por Elida Tessler e Jailton Moreira), como também o APIC! (Artistas Patrocinando Instituições Culturais, que denuncia condições precárias de algumas relações com instituições públicas, selo criado por Maria Lucia e Nick Rands no início de 2000), ambos de Porto Alegre.

Rocha (2009) também contribui com estudos sobre o tema, definindo coletivos como junção de pessoas que fazem práticas político-estéticas com estratégias para intervir nas realidades políticas cotidianas e conjunturais, com linguagens estéticas relacionais contra hegemônicas e anti-institucionais, entre outros aspectos. Cláudia Paim (2012), outra autora que se aprofundou no tema, coloca que justamente por serem práticas inventivas, não se pode traçar apenas um perfil fechado, mas ressalta alguns traços que podem ser compartilhados:

Fazeres não obedecem a decisões tomadas por um núcleo fechado; são descentralizados e compositivos de muitas falas; não hierárquicos; podem ter mobilidade; são emancipatórios e positivos – propõem a saída da rigidez das ideias prontas e revelam o que elas tem de construção ideológica; utilizam auto-organização e são autogestionados; são modos de fazer desburocratizados e ágeis; apresentam tendência a operar com noções de site-specific ou oriented-size; contam com autoria coletiva em, pelo menos, alguma etapa dos projetos; usam o ciberespaço (como espaço da prática ou como meio para a sua organização e difusão); podem ser realizados por coletivos de artistas ou com formação heterogênea. (Paim, 2012, p. 18-19)

Podemos entender os coletivos como fenômenos que descentralizam a produção de saber e estabelecem alternativas a construção, exposição e circulação de ideias que não possuem espaço nos circuitos tradicionais de arte. No contexto brasileiro, Mazetti (2008) coloca que os coletivos tiveram papel crucial na discussão e na denúncia dos abusos cometidos pelos governos militares nos anos 60, 70 e 80. O autor cita *Viajou sem Passaporte*, *3Nós3* e *Tupi Não*

Dá como alguns exemplos de coletivos de artistas que representavam essa discussão em torno da ausência de democracia e do desrespeito aos direitos civis. Coloca que a partir dos anos 1990, a questão do coletivo toma impulso com a internet, com a ideia de organizações mais fluídas, muitas vezes sem qualquer compromisso de continuidade, representados por grupos como o *Contra Filé*, entre outros. *Guerrilla Girls* serve como um exemplo internacional que vem ganhando visibilidade no Brasil nos últimos anos. Em Porto Alegre, também são citados o coletivo *Up Grade do Macaco* e *Metagrafismo* (Graça & Knaak, 2015; Graça, 2012).

Paula Visoná (2017) também nos auxilia a pensar sobre os coletivos. Utilizando a nomenclatura Coletivos Criativos, a autora trabalha a partir da perspectiva da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli, definindo coletivos como:

padrões que estão, em um dado momento, empreendendo um fator relacional que desvela uma sensibilidade social emergente. Mas, é também importante considerar: esses padrões não são homogeneizantes, pois uma tendência sociocultural surge enquanto movimento silencioso, ou, relacionado ao que considera Maffesoli (1988), aquilo que é ruído. Ou seja, de algo que é dissonante do que parece estar harmonioso em um determinado período temporal. (Visoná, 2017, p.80)

A autora identifica os coletivos como uma tendência desdobrada. A partir da sociologia sensível da qual fala Maffesoli, o *estar-junto-com* (1988; 2002; 2012; apud Visoná, 2017), identifica que nos coletivos há a potencialização da ocorrência de formas sociais que se desenvolvem como mecanismos de vivências efêmeras, orientadas para uma nova lógica inter-relacional, na qual há a possibilidade do surgimento de ruídos –ou, do novo; o imprevisto, a inovação. A autora utilizou a nomenclatura de Coletivos Criativos de maneira informal, na tentativa de contextualizar essas dinâmicas em que há trocas simbólicas entre indivíduos com distintos conhecimentos e expertises em um determinado espaço físico, com a valorização dos aspectos intangíveis presentes na produção oriunda dessas trocas. Salienta as emergências de novas formas de trabalho, difusão e consumo de bens, valorização da criatividade enquanto ativo intangível e a horizontalidade das relações.

4.3 Sobre o conceito de Coletivo na Psicanálise

Sobre a ideia de coletivo, podemos trazer as contribuições de Jean Oury (2009), o qual trabalha com o conceito a partir da perspectiva psicanalítica. Psiquiatra e psicanalista francês, fundador da chamada psicoterapia institucional, o autor entende coletivo como parte de um método diante a necessidade da existência de uma diversidade, de uma *heterogeneidade*. Para Oury, pensar intervenções em coletivos objetiva a criação de uma diversidade de significantes que determinem uma variedade de lugares. O autor convoca a necessidade da inventividade na emergência de novos significantes mestres, que permitam ressignificar a ordem estabelecida, seja em instituições, seja no social. Para Oury, um coletivo não se materializa em um grupo de pessoas, mas é um sistema que preserva as singularidades dos sujeitos diante de instâncias que tenderiam a generalizá-las, e assim, reprimi-las.

A lógica do Coletivo não é uma lógica de simples discursividade, não é uma lógica da serialidade, nem mesmo uma lógica de simples ‘gestalt’, mas uma lógica que respeita uma quase infinidade de fatores para cada um (Oury, 2009, p. 20)

Oury destaca a função dos “acazos objetivos” que estariam relacionados às necessidades de aberturas a diversidade das situações. Diante dessa abertura aos acazos, os sujeitos podem se ressituar frente suas fantasias singulares no coletivo. O autor ainda traz conceitos como a heterogeneidade, que relaciona com passagem de um lugar a outro, de uma pessoa a outra: “no fim das contas, é ter acesso a esta indistinguibilidade que é posta em prática” (Oury, 2009, p. 27).

Utilizando esta perspectiva de entendimento, a ideia de coletivo visa instrumentalizar a discussão contra as exclusões de singularidades, que visam modos pré-fabricados de sentir, e que criam apenas mais inautenticidade e infertilidade criativa, visando o controle de expressões dos sujeitos. Os coletivos nesta pesquisa vêm como ferramenta para pensar estratégias contra as possibilidades de massificação, apostando que assim possa-se fazer resistência. Acreditamos que a partir desta discursividade crítica, através dos coletivos, possamos contribuir para a criação de mais oportunidades de espaços de expressões singulares e autênticas na sociedade, por mais espaços e formas de dizeres.

Enlaçando os conceitos de expressão e de coletivos, visamos articular mais poder de resistência para autenticidade e emancipação múltipla, criando pontes de identificação entre espaços comuns. Porém, como coloca Escóssia (2009), é preciso estarmos com uma atenção não inocente frente a qualquer dispositivo:

É preciso lembrar, contudo, que as virtualidades de um coletivo transindividual trazem possibilidades, e não garantias, de sua realização. Sabemos que o capitalismo conexcionista e as dinâmicas institucionais decorrentes, podem reabsorver a potência política do coletivo e do comum, dissolvendo-a e fazendo-a trabalhar a seu favor. Esse é o risco sempre iminente. Por isso, trata-se, numa política de Saúde Pública, não de reificar, naturalizar esses conceitos, mas de tomá-los como conceitos-dispositivos contingentes, que respondem de maneira sempre parcial e provisória aos problemas que cada época e circunstância política apresenta. Nunca é demais lembrar com Foucault, que "não se pode encontrar a solução de um problema na solução de um outro problema levantado num outro momento por outras pessoas" (Dreyfus, Rabinow, 1995, p.256). Com Foucault, acreditamos que uma política do coletivo não é uma política de soluções duradouras dos problemas, mas uma experiência coletiva permanente de problematizações, identificações de perigos e escolhas ético-políticas. (Escóssia, 2009, p.692)

Podemos pensar que os coletivos proporcionam experiências de formulação de programas e ações que visam fortalecer a autonomia de sujeitos, de grupos e de comunidades. Porém é importante notar que, muitas vezes, ao mesmo tempo em os coletivos podem fortalecer determinados projetos, a existência de linguagens específicas pode ainda restringir certos programas específicos para populações definidas e determinadas em estigmas.

4.4 Entre atos de anartistas e de psicanartistas

*a linha entre
a arte
e
a vida
deve ser mantida como fluídos e,
talvez,
tão vagos quanto possível*

(Kaprow, 1966/2003, p.82)

Intervenções / interações urbanas aqui serão consideradas como acontecimentos que inauguram novas formas de relações contemporâneas que rasgam padrões estéticos e espaços de arte e saúde tradicionais. São entendidas como disrupções estético-políticas capazes de fazer desvio nas normas hegemônicas. Buscamos, a partir disso, enriquecer o campo das fantasias compartilhadas; diversificar o mundo onírico entendendo este como um inconsciente compartilhado que atualiza nossas ações e cria o futuro.

Da mesma forma que o ato analítico busca rupturas e brechas em cadeias discursivas e formas de existir, entenderemos aqui que intervenções / interações urbanas também inauguram um rompimento com os muros de espaços de arte e de psicanálise tradicionais e instituem outro tipo de relação com as formas expressivas. Desafiando o público que por hora se restringia a galerias, museus, teatros, consultório e clínicas, entre outros, as intervenções / interações convidam qualquer cidadão a ver aquilo que está sendo estampado nas praças, muros, ruas, paredes e praças da cidade. Diferente também dos outdoors publicitários, as intervenções públicas estabelecem outro paradigma do público espectador. Com a mesma potência que o ato analítico tem na clínica, busca-se relações que fazem uma torção nos significantes e que possam construir novas formas de desejar.

Neste estudo, as intervenções urbanas são entendidas na mesma potência de função, de romper com o estabelecido, transgredindo certas regras para elaborar uma nova forma de representar e de atualizar os desejos e fantasias, de tal forma que podem vir a se tornarem também novos repertórios culturais.

Valemo-nos também da inspiração artística de Alan Kaprow (1993/2007), o des-artista, ou anartista, como ele propunha pensar. Kaprow tencionou a noção do que era ser artista ao compor obras de arte efêmeras construídas coletivamente nos anos 50. Assim, lançava a problematização sobre a noção de assinatura de uma obra-de-arte, tanto quanto sobre o que era uma obra de arte.



Figura 9 – Desenho inspirado na obra Fluids (1963), de Kaprow, em que diversas pessoas se reúnem para formar construções com pedras de gelo. Grafite, 2020.

Com essa inspiração, propomos algo a partir da postura do que poderíamos chamar de psicanartista, na intenção de atravessar os muros que limitam nossos imaginários, sejam os muros dos museus e das galerias, sejam os muros das clínicas e dos consultórios, sejam os muros das universidades ou das formações em psicanálise. Além disso, partindo do pressuposto que a ética psicanalítica não é normativa, e que qualquer enlace entre arte e psicanálise não busca uma “aplicação”, mas sim, uma implicação com sua ética, neste estudo não há a pretensão em desvendar desejos inconscientes dos sujeitos em questão, muito menos dos conteúdos das propostas que serão parte do objeto de pesquisa. Não se trata de analisar quem é mais artista ou qual intervenção deve ser considerada arte ou não, nem de ajustar os objetos de estudo às teorias e conceitos psicanalíticos, de forma a buscar interpretações selvagens sobre os inconscientes presentes nos fazeres artísticos e coletivos.

Não pretendemos produzir um material que contribua para processos de psicodiagnósticos e de avaliação de personalidades. Muito pelo contrário, diferentemente de buscar interpretações comportamentais generalistas que poderiam ser como sentenças em formato de evidências, este estudo busca utilizar a psicanálise como um modo de pensar, como uma ética que, longe de ser um punhado de prescrições ou intimações, visa mais um tratado de

estilo. Mais do que colocar as intervenções / interações urbanas ou os sujeitos nos divãs das teorias, os participantes serão vistos como que próximos ao lugar de analistas, ou também de autores da pesquisa, com a mesma potência de abrir brechas nos pensamentos instituídos pelas normas hegemônicas e que estão desconectados dos desejos. Colocar os sujeitos nesta possibilidade de posicionamento já diz de uma postura ética diante destes, atuando de forma a contribuir e compartilhar nossas autonomias e emancipações.

Além disso, apostamos que criar um material sobre coletivos corrobora com a ideia de fortalecer essas insurgências. Entendemos que estas configurações sejam laços sociais emergentes que criam espaços para mais expressões dos sujeitos de modo seguro, ampliando lugares possíveis para se compartilhar sonhos e fantasias.

4.5 Coletivos de Porto Alegre:

Essa pesquisa buscou por coletivos que carregassem essa marca tanto em seus nomes, como nas suas relações com seus integrantes. Através de buscas nas redes sociais, diversos coletivos foram contatados e convidados a participar da pesquisa. Buscou-se a escolha por coletivos de diferentes áreas que não a psicanálise com a intenção de diversificar e ampliar o diálogo entre diferentes campos. Nem todos os coletivos contatados puderam participar da pesquisa, por motivos diversos: incompatibilidades de agendas, desencontros, dificuldades de reunião com os integrantes etc.

Ao total, nove coletivos foram entrevistados e serão apresentados no próximo capítulo. O número de coletivos na cidade de Porto Alegre surpreendeu a expectativa: mais de 20 foram encontrados com pesquisa através das palavras “coletivo”, “coletivos” e “coletivo Porto Alegre” via redes sociais, como também foram aceitas indicações realizadas por pessoas próximas que tiveram conhecimento da pesquisa. Foram enviadas mensagens aos diversos coletivos através do Instagram, do Facebook, como também por telefone e e-mail, nas quais era apresentada a proposta de pesquisa e o convite para uma entrevista.

Propondo estes enlances, os encontros foram realizados a medida em que os contatos foram sendo retornados e a combinação dos encontros sendo possíveis no período de julho de 2019 a março de 2020. São eles: Coletivo Das Flor, Coletivo Virgínias, Coletivo Trupe di Trapo,

Coletivo Moebius, Coletivo Mater, Coletivo Catarse, Coletivo Nítida, Coletivo Mulherio Urbano e Coletivo Visão Periférica. No próximo capítulo, serão apresentados com mais detalhes.

4.6 Entre-vistas: vivendo as perguntas como método

*Você é tão jovem ainda, está diante de todos os inícios, e por isso gostaria de lhe pedir, caro Senhor, que tenha paciência quanto a tudo o que está ainda por resolver no seu coração e que tente amar as próprias perguntas como se fossem salas fechadas ou livros escritos numa língua muito diferente das que conhecemos. Não procure agora respostas que não lhe podem ser dadas porque ainda não as pode viver. E tudo tem de ser vivido. **Viva agora as perguntas.***

(Rainer Maria Rilke, 1903/2001, p. 23 - 24)

Para dar desenvolvimento a todos os questionamentos levantados, propomos que essa pesquisa se faça não apenas como pesquisa teórica sobre nossos discursos / práticas, mas também como **ato**, através de entrevistas - escutas – diálogos com sujeitos que façam parte de coletivos independentes.

Entrevistar exige uma abertura ao estranho como o navegador que é capaz de abandonar por instantes seus instrumentos de navegação produzindo assim uma deriva necessária no encontro do novo. Mas o que move alguém a correr este risco? Certamente um amor à verdade, uma coragem de furar a névoa do senso comum que nos seduz e paralisa, **mas sobretudo um compromisso com seu tempo**. Como diz Elias Canetti, “quem não vê o estado do mundo em que vivemos dificilmente terá algo a dizer sobre ele” (Canetti, 1990, p. 276). Entrevistar é lançar um olhar ao outro, tentar ver e atravessar o obscuro do instante, encontrar a questão ainda não formulada e ter a paciência de esperar pelo tempo do outro. A dignidade da questão de Blanchot tem que ser capaz de embaralhar a geografia e inverter posições. Desafio de buscar a questão que traga a potência de um pensamento, como se formular a pergunta fosse já testemunhar uma certa leitura do mundo e a resposta se constituir como a verdadeira questão, portanto ponto de partida. Assim, entrevistar é acionar neste estrangeiro o ponto de partida de algo que suspeitamos, mas que ainda buscamos uma forma. (Sousa, 2012, p. 86)

Propomos fazer um estudo a partir da vivência dessas perguntas, tecendo um material sobre formas de expressão através da conversa com os coletivos culturais independentes de Porto Alegre entrevistados. Entendemos esse material como uma forma de, em ato, trabalhar

sobre as expressões dentro do contexto social e cultural a qual pertencemos. Através das entrevistas com os sujeitos participantes dos coletivos, buscamos estar em posição e direção que testemunhe e corrobore com formas de criação de possibilidades de (r)existência que transcendam os espaços comuns de arte e de psicanálise.

Não buscamos generalizações ou meras aplicações do conceito no campo abordado. Visamos nos transformarmos com as possíveis descobertas feitas de forma implicada no trabalho. Na metodologia de pesquisa de fenômenos sociais a partir da psicanálise, a mera aplicação dos conceitos poderia acarretar uma psicologização dos fenômenos (Rosa, 2004; Domingues e Rosa, 2010). Como colocado por Rosa (2004), a escuta psicanalítica é possível também em outros contextos que não a clínica, pois “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (Rosa, 2004, pp. 341-342). Na pesquisa psicanalítica, entendemos que a dinâmica de entrevista proposta não se trata de uma observação desimplicada, mas que considera que cada resposta colocada carrega as suas fantasias, as suas histórias, os seus universos significantes. Logo, é possível a escuta psicanalítica a partir do diálogo comum, de entrevistas e de depoimentos. Assim, aqui propomos uma escuta dos participantes desses coletivos a partir da ética da psicanálise. Não se trata de buscar um saber prévio que já existiria pronto no entrevistado, como uma simples coleta de dados. Escutar esses sujeitos implica furar o recalque e transformar o lugar em que convivemos com nossos pontos cegos, exigindo com isso um posicionamento ético e político.

O campo observacional é construído na interação entre o pesquisador e seu interlocutor, num processo de realimentação mútua (transferência). Está em jogo a posição em relação ao interlocutor, os laços discursivos que se estabelecem de modo que as dimensões diante dos ideais e a imagem de si compareçam ao lado da implicação nas ações, nos excessos não reconhecidos. Logo, não há um dado a ser observado, buscado ou revelado – o dado se constrói na relação, relação transferencial. (Domingues & Rosa, 2010, p.185)

Sendo assim, foram realizadas entrevistas com integrantes dos nove coletivos culturais de Porto Alegre em que foram possíveis os encontros no período estabelecido. As entrevistas

foram gravadas, transcritas e enviadas para cada participante dos coletivos, que puderam analisar suas falas e fazer algumas edições desejadas. A possibilidade de anonimato foi oferecida, e apenas um participante a exigiu. Os outros participantes da pesquisa optaram pela publicação de seus nomes. As entrevistas ocorreram em horários e locais diversos, combinados segundo a conveniência construída com os entrevistados, e tiveram duração em média de sessenta minutos.

As entrevistas foram iniciadas com a apresentação da pesquisadora e de sua proposta de reflexão, fazendo referência ao Programa de Pós Graduação do qual faz parte, e ao seu tema de pesquisa, relacionado a expressão na contemporaneidade a partir dos coletivos culturais. Após isso, era pedido que cada um pudesse contar um pouco da história do coletivo e de sua participação, e como entendia a relação estabelecida entre expressão e o coletivo a que fazia parte. Era apresentada a forma da associação livre, com a possibilidade de que as falas pudessem ser conforme as ideias fossem sendo construídas. Assim, poderiam também refletir se a forma de coletivo auxiliava ou não as suas expressões, como se davam essas possibilidades, ou quais dificuldades e estratégias ocorriam.

Após a análise das transcrições das entrevistas, foram pinçadas algumas falas que compuseram a reflexão das indagações levantadas ao longo dessa pesquisa. O tempo de realização das entrevistas e transcrições também fizeram parte e influência sobre a construção de cada conversa, sendo que cada coletivo entrevistado já ia ao encontro das novas reflexões da pesquisadora, a qual foi tecendo as perguntas sob influência das experiências anteriores que cada entrevista ia constituindo. A partir das experiências de entrevistas, das transcrições e das posteriores análises, trabalhou-se com a seleção de alguns temas e significantes que se relacionam com a ideia de parto, criação e nascimento.

5. Resultados / Result(atos)

Foram entrevistados nove coletivos de diferentes áreas: dança, teatro, saúde da mulher, comunidade, meio ambiente, comunicação etc. Alguns deles são coletivos abertos a novos integrantes, enquanto outros são fechados por afinidades diversas; Alguns deles fazem intervenções públicas, outros possuem diferentes formas de circulação, não menos potentes. A seguir, apresentamos mais detalhes de cada um.

5.1 Apresentação dos Coletivos:

- 5.1.1 **Das Flor:** composto por artistas-professores-pesquisadores com formação em música, teatro, dança e performance que trabalham em diferentes esferas formativas. Participaram da entrevista: Luciane Panisson, Juliano Barros e Margarida Rache.
- 5.1.2 **Trupi di Trapo:** composto por artistas que trabalham teatro de bonecos. Foi criado em 2008. Participaram da entrevista: Anderson Gonçalves e Viviane Marmitt.
- 5.1.3 **Nítida:** composto por fotógrafas dispostas a refletir sobre a presença da mulher na fotografia. Participaram da entrevista Desirée Ferreira, Leli Baldissera, Lívia Auler e Úrsula Jahn.
- 5.1.4 **Catarse:** participam comunicadores que buscam a construção de alternativas que fortaleçam a cultura e o jornalismo independentes, se aproximando de movimentos e organizações que entendem a cultura como um direito humano e a comunicação como uma ação transformadora. Participou da entrevista: Rafael Corrêa.
- 5.1.5 **Moebius:** integrado por artistas com diferentes técnicas de dança, na busca quebrar com a ideia habitual de que as coisas possuem frente/verso, direito/avesso, dentro/fora. Participaram da entrevista: Bodh Sahaj, Luíza Fischer, Priya Mariana Konrad, Renata Stein e Patrícia Nardelli

- 5.1.6 **Mulherio Urbano:** Formado por integrantes que realizam intervenções públicas urbanas através de pichações e lambe-lambes. Participaram da entrevista Leli Baldissera e outra integrante que pediu para manter seu anonimato.
- 5.1.7 **Mater:** Composto por mulheres que desenvolvem estudos e trabalhos voltados para o tema da maternidade. Participaram da entrevista: Mariana Benchaya, Aline Schwalm e Fernanda Bonet.
- 5.1.8 **Virgínias:** integrantes visam a saúde feminista promovendo ações orientadas pelo que chamam de perspectiva interseccional, pois compreendem que a luta das mulheres se dá a partir das questões de gênero, raça, orientação sexual e classe. Participaram da entrevista Gabriela Henzel e Amanda Gaedke.
- 5.1.9 **Visão Periférica:** formado por moradores do bairro Santana e região que se associam livremente, de forma horizontal e sem hierarquia, buscando auto organização e autonomia enquanto comunidade. Atuam de diversas formas: biblioteca comunitária, eventos de rua, trilhas ecológicas. Participou da entrevista Sidney Costa e Camila Reffiel.

5.2 Discussão

*É verdade que a esperança
Se deve regar com orvalho?
(Pablo Neruda, O livro das perguntas, 2011, p. 15)*

A partir de como o contato com cada coletivo foi se estabelecendo, algumas imagens foram se formulando, operando um conjunto que se conecta de forma fluída, tal como orvalho⁶ que se condensou e se uniu a partir do sereno amanhecido de cada fala. Alguns significantes foram surgindo e aguçando a escuta ao longo do processo de entrevistas. Apresentamos a seguir três campos de discussão, tais como gotas que se uniram e escoaram em três riachos, de forma a nutrir e pintar um mapa de análise, nomeados como:

5.2.1 O Ainda Sem Definição: Pensamento Em Germe / Embrião/ Semente

5.2.2 Um Lugar Seguro Para A Intimidade: Solo /Cena Do Parto

5.2.3 Nascente: Constituição Do Sujeito / Identidade Profissional

5.2.1 O Ainda Sem definição: Pensamento Em Germe / Embrião / Semente

O primeiro coletivo entrevistado foi o de nome Das Flor, composto por artistas que circulam entre o teatro, dança e performance. A entrevista foi realizada dentro do Memorial Cultural do Rio Grande do Sul, após um ensaio para uma performance chamada KRAFT, a qual seria realizada na praça pública da Alfândega, no Centro de Porto alegre. Ao longo da entrevista, os integrantes contaram sobre seus entendimentos de como eram suas relações, e explanaram sobre como o coletivo serve de espaço para a existência de um tipo de relação onde cada

⁶“Orvalho, em inglês dew, tem sua origem no sânscrito dheu, que significa fluir: a água se condensa na folha, evapora no sol e volta à condensação, em um fluxo repetido e apaixonado. É uma potência presente durante a manhã, ligada ao início, mas que trabalha em um contínuo e pressagia um processo insistente, incansável. A relação da água com a luz também se dá de maneira imagética: em cada gotícula e a cada momento, se refratam e refletem milhares de cenas diferentes, por todos os ângulos, operando um turbilhão de imagens, capazes de compor ecossistemas de significados. Sua forma sem arestas mostra fluidez pura, criando pequenos globos, perfeitamente contidos, semelhantes a pequenos planetas. Nesse orvalho, dentro da pesquisa, vão se condensando imaginários pessoais, que se traduzem como universais através da repetição, atrelados a lugares, pessoas e objetos que, a partir de imagens, produzem uma arqueologia visual que engendra e recorda esses novos significados.” (Costa, 2019, p.32)

integrante pode “testar” suas ideias, mesmo quando elas não estão claras para os próprios sujeitos que as expressam. A seguir, alguns trechos das entrevistas são destacados para compor a discussão:

Luciane Panisson- Coletivo Das For: Eu acho que o coletivo é um território de muita potência de expressão, porque ele é mais poroso. Né? Ele é menos aprisionador...

Margarida Rache -Coletivo Das Flor: Eu acho que se cria um espaço de tolerância, de compreensão, de que cada um tem as suas coisas...

Juliano Barros - Coletivo Das Flor: (...) Isso que a Marga falou da tolerância, de compreender essa diversidade, e essa nova forma de linguagem, de convivência, que a gente tá se propondo hoje em dia é algo que é contemporâneo, que é esse momento atual que a gente tá vivendo, de retomada. (...) Sair das narrativas já conhecidas, poder criar as nossas narrativas...

Margarida- Coletivo Das Flor: Se autorizar a estar em outros espaços de criação...

Um aspecto inicial que estava em consonância com suas falas e que chamou a atenção da entrevistadora e pesquisadora foi o traço de “indefinição” das suas vestimentas. Os integrantes do coletivo estavam caracterizados com roupas que usariam na apresentação, as quais não eram roupas comuns do cotidiano. Eram beges, soltas como trapos, e não se encaixavam em um estilo específico. Além das roupas, os integrantes do coletivo também estavam acompanhados de objetos que tinham formatos de dobraduras, porém de difícil decifração. Na entrevista, Luciane Panison comentou sobre tal aspecto, que pode ser acessado também através das fotos apresentadas logo a seguir da sua fala:

Luciane - Coletivo Das For: Esse material segue com a gente há um ano a gente resolveu revisitá-lo. Pra ir para o espaço urbano interferir com ele, pra tentar trazer narrativas do espaço de rua pra rua. Então é uma ideia de figuras que não se definem muito fisicamente, nem institucionalmente. E que elas tão ali e compõem imagens que vão criar uma coisa para o transeunte, pra quem tá ali junto.



Figura 10. Objeto-Dobras de Álvaro Vilaverde, Objetos vestíveis de Margarida Rache. Performers: Juliano Barros, Luciane Panisson, Margarida Roche e Vini Silva. Direção Luciane Panison. Foto: Mateus Ávila. Fonte: Perfil do Facebook do Coletivo.

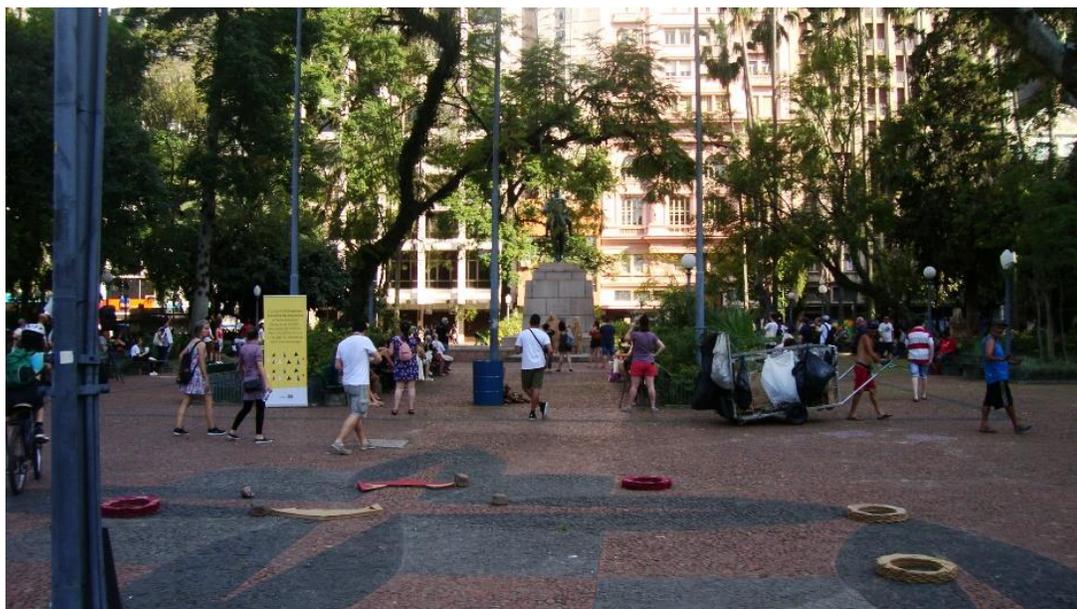


Figura 11. Objeto-Dobras de Álvaro Vilaverde, Objetos vestíveis de Margarida Rache. Direção Luciane Panison. Performers: Juliano Barros, Luciane Panisson, Margarida Roche e Vini Silva. Foto: Bruna Gazzi Costa, 2020.



Figura 12. Objeto-Dobras de Álvaro Vilaverde, Objetos vestíveis de Margarida Rache. Performers: Juliano Barros, Luciane Panisson, Margarida Roche e Vini Silva. Direção Luciane Panison. Foto: Bruna Gazzi Costa, 2020.

As fotos acima apresentam a intervenção realizada no dia 12 de outubro de 2019 pelo coletivo Das Flor, durante o evento do 21º Congresso Brasileiro de Arquitetos, no qual a pesquisadora pode estar presente, realizado na Praça da Alfândega – Centro de Porto Alegre. Muitas pessoas que participaram do evento se misturaram a uma população que circulava pela praça pública para assistir. A intervenção começava com o som alto transmitido pela caixa de som, que ressoava o início da obra de Carlos Gomes, “O Guarani”, muito conhecida por ser a vinheta do programa A Voz Do Brasil por muitos anos. A atenção começava a ser chamada junto a atuação dos integrantes do coletivo, que interagiam frente aos monumentos da praça. A performance em si carregava diversos detalhes que poderiam ser destacados e desenvolvidos, porém o traço do **“sem definição”** será aqui selecionado para ser mais bem elaborado ao longo da discussão.

A partir da observação da intervenção realizada pelo coletivo Das Flor, foi possível acompanhar as diferentes reações do público, que pareciam transitar entre curiosidade e estranhamento. Os semblantes pareciam demonstrar incompreensão e certa espera por alguma explicação. Ficaram as questões: o que será que foi elaborado pelo público? Quais sujeitos ali presentes conseguiram se conectar com as mensagens que estavam sendo passadas através daquelas linguagens? Essas questões são dignas de uma discussão maior sobre arte pública e democrática: será que basta a arte estar em espaço público para ela ser pública? Porém, neste

ensaio, num desafio poético, será lançada a questão de outra perspectiva: **qual o espaço para a expressão ainda sem definição?**

Tal reflexão ressurgiu de outra forma em mais de uma conversa com os outros coletivos. Na entrevista com o coletivo Trupi di Trapo, composto por pessoas que realizam teatro de bonecos (peças teatrais realizadas em pequenas caixas, onde o público acessa de maneira individual cada espetáculo). Anderson Gonçalves, um dos criadores do coletivo, contou que nem sempre as peças realizadas pelos proponentes são totalmente compreendidas pelos próprios integrantes do coletivo, mas ressalta que isso não é critério de exclusão ou estigmatização do participante. Ele fala:

Anderson Gonçalves – Coletivo Trupi di Trapu: (...) E a própria questão estética também influencia, porque, por exemplo, ao contrário.... eu sempre tenho um pensamento de que assim: qualquer história dentro de uma caixa, ela pode ser contada e tu **nunca vai ter uma unanimidade**. Por exemplo, a gente tem dentro do coletivo pessoas **que tem trabalhos que a gente questiona**. Se essa pessoa se abre pro questionamento, a gente faz encontros, às vezes pra conversar, trocar ideia, figurinhas, de como faz, "oh, o que tu achou da dramaturgia?", e a gente vai conversando... Se não tem abertura pra isso, beleza! Tipo assim, a pessoa continua fazendo o trabalho dela. Por quê? Tu vai assistir, tu vai ter uma impressão, eu vou assistir e eu vou ter outra. Às vezes, depois de um tempo tu vai assistir e vai ter outra impressão. Diferente de um espetáculo, por exemplo, que tu tenha que orquestrar, sei lá, cem pessoas, e metade daquele público no mínimo tem que ter a reação que tu espera no momento que tu espera. Então, a caixa é muito particular. Não tem como a gente dizer: ah não, esse teu trabalho serve, esse teu trabalho não serve. Poxa, se a pessoa tá com vontade de estar aqui, só o fato dela estar com a gente, de ir pra um evento, de trocar, de ver caixas de fora... (...) Então, como é que a gente vai podar, né? E dizer 'não, não faz!'. Porque acho que também tem isso, muito do que a gente coloca dentro da caixa, como a Viviane falou, são inquietações nossas, também... então talvez existam processos que são mais primitivos pra uns, mais desenvolvidos pra outros... **Então, também essa análise, de por que que a pessoa tá lá falando tal texto? Porque ela precisa falar aquele texto, porque talvez ela esteja falando mais pra ela do que pro outro!** Por que que eu estou falando sobre uma coisa? Por que que eu resolvi colocar esse espetáculo dentro da caixa? Né?



Figura 13. Espetáculo do Coletivo Trupi di Trapu. Na foto, os participantes Anderson Gonçalves e Viviane Marmitt.

A fala de Anderson faz refletir sobre o espaço de ensaio, sobre uma presença que tem permissão de deixar-se surgir como alteridade. Na porosidade indicada por Luciane, na tolerância sugerida por Margarida, na ausência de unanimidade pontuada por Anderson: são estes os espaços que parecem existir para expressões ainda sem definições, e que são possíveis nas relações dentro dos coletivos. Importante ressaltar que aqui parece haver um espaço de amparo para o que ainda não é sabido, para aquilo que ainda não está claro. Como coloca Safatle, esta questão do amparo é bastante complexa quando falamos sobre expressão autêntica:

Essa é a maneira adorniana de dizer que, longe da segurança do recém-nascido que demanda o olhar da mãe, há algo na expressão estética que desampara os sujeitos por não se conformar às dinâmicas da objetivação do que apareceria como interioridade. A expressão estética aparece como confrontação com o que nos desampara tanto do vínculo à significação partilhada pela realidade social e seus modos gerais de ordenamento quanto do que constitui as ilusões da vida interior e de nossa personalidade psicológica. De certa forma, temos uma expressão sem realidade e sem psicologia, sem mundo e sem Eu. É ela que coloca necessariamente as obras de arte para fora do horizonte relacional do reconhecimento intersubjetivo. (Safatle, 2018, p.27)

Tais aspectos indicam a existência de um campo seguro para incertezas, uma rede de atuação que permite expressões inacabadas, ainda em construção. Os coletivos como um

espaço que permite o ensaio onde o sujeito pode se colocar à prova, experimentar sua posição no mundo de tal modo que sua presença seria como a da (im)propriedade, como coloca Tânia Rivera em seu texto *Desejo de Ensaio* (2017) – um surgimento de si como alteridade. Amparada em Adorno, Freud e Lacan, a autora lembra a importância da possibilidade do ensaio como a coragem de mostrar o lado emaranhado da reflexão. Tânia Rivera desenvolve a ideia de ensaio no contexto textual, porém podemos trazer para o campo das experiências: não se trata apenas de assimilação de modos de agir, mas de refletir e de descentralizar-se, entregar-se a vertigem do que não foi ainda domesticado. Reconhecer o espaço do enigma, de si e do outro.

5.2.2 Um Lugar Seguro Para A Intimidade: Cena Do Parto / Nascimento

*Associação livre de bailarina:
na valsa das flores (ballet Quebra Nozes)
a solista é, por vezes, chamada a "gota de orvalho"*

Priscilla Machado de Souza, 2020

Um outro tema que tonalizou as diferentes gotas de orvalho em formato de falas foi o do parto. Parto de parir, tanto em referência ao ato literal em que um bebê é expelido do útero de uma mulher, como às metáforas possíveis referentes ao termo, como dar à luz, nascer, criar, surgir, vir a existir. A seguir, aos poucos serão apresentadas como o desenrolar de diferentes conversas desaguaram neste oceano que é o “dar à luz”. Como pequenos “frames” cinematográficos, propomos as cenas trazidas por diferentes falas, costurando esse mosaico em torno desse significante “parir”.

Conversa 1:

Na conversa com o Coletivo Trupi di Trapu, os integrantes contaram um pouco sobre a origem da técnica de teatro de bonecos em caixa. A ideia surgiu por necessidade de duas mulheres que tinham a intenção de apresentar um espetáculo educativo sobre a ideia do parto (cena do nascimento) para um público adolescente pertencente a uma escola.

⁷ Fala pinçada no encontro virtual do grupo LAPPAP em 10 de abril de 2020.

Viviane – Coletivo Trupi di Trapu: E aí, como faz pra apresentar essa coisa que é tão íntima, que precisa ser falada, que é uma coisa visceral, que não é algo assim, não é simples de falar?! Não é bonito, não tem essa romantização toda. Como é que tu faz pra mostrar o real, mas de uma forma que continue sendo íntima?! Que tu não fique com vergonha de estar assistindo com mais uma galera. E tu tem que atingir crianças, nesse caso delas, né... E elas botaram eles dentro de uma caixa! E aí cada um assistia sozinho!

Tendo em vista que o espetáculo poderia causar certo constrangimento entre o público, a ideia de apresentá-lo individualmente para cada pessoa da plateia fez com que fosse criada a técnica do teatro dentro das caixas. Sendo assim, cada adolescente poderia assistir e ter reações em um local seguro, sem que as pessoas próximas precisassem testemunhar suas reações. Tal aspecto da origem da técnica utilizada pelo Coletivo de Teatro de Bonecos traz à tona a relação da arte com seu público: não se trata apenas de pensar nas expressões do artista, mas também na forma de recepção da plateia. Tal discussão também é digna de muitos debates que exigiriam um tempo e campo maior de reflexão, devido a sua complexidade. Porém, aqui será salientado o detalhe sobre o tema que exigiu a criatividade das proponentes: falar sobre parto de forma individual e singular. Tema que gera tanto impacto, mas que pelo qual todos nós passamos. Não há ser humano que tenha podido pular esta etapa! Por que um tema como este precisa de tantos cuidados para ser revelado e expresso?

Conversa 2:

Para dar continuidade a essa questão, apresentamos outra cena trazida pelas falas dos integrantes do Coletivo Moebius, integrado por profissionais de dança e de performance contemporâneo. Durante a entrevista, Priya Mariana Konrad coloca como o coletivo foi importante para sustentar sua nova fase enquanto mãe. Interessante perceber que sua filha foi colocada como nova integrante do coletivo a partir da sua gestação. Ao longo da conversa, Luiza Fisher e Priya Mariana Konrad dialogaram sobre como o coletivo gerou um espaço de oxigenação. Priya trouxe que o coletivo permitiu justamente a ela realizar uma cena solo de parto. Além disso, também reflete sobre como o formato de coletivo proporcionou a todos vivenciarem a criação de um bebê, devido ao fato dela ter engravidado e dado a luz durante o processo das atividades do coletivo.

Luíza Fischer – Coletivo Moebius: Acho que tem uma coisa do coletivo segurar o espaço aberto para...estou estudando anatomia, essa coisa do surfactante no pulmão. Da abertura do pulmão, de que tu precisa de algum ar lá dentro para que o pulmão se mantenha aberto. Se ele não está aberto, ele colapsa e tu não consegue mais respirar. Talvez o nosso papel nos solos seja um pouco esse de segurar o espaço aberto para que essa pessoa possa respirar e cumprir sua função e a gente vai trocando as...

Priya Mariana Konrad - Coletivo Moebius: Por que é algo muito íntimo, né?! E também no meu caso de...a primeira vez que eu dancei, eu banquei sozinha, e eu estava grávida, e eu já tinha muita vontade de fazer. E eu fiz o Catarse (crowdfunding) também, eu movi um coletivo, mas eu não tinha trazido ainda para o coletivo. Só que depois, na seguinte, eu vi que...depois do parto eu queria continuar falando sobre aquilo e eu acho que realmente, eu consegui dar voz a isso por que existia essa abertura e eu senti...(...) E aí nesse momento eu tinha essa vontade de... eu quero permanecer falando sobre isso agora. Sobre a maternidade e é muito íntimo, tanto é que eu danço com os peitos de fora na peça. E tem várias coisas tratando desse suporte. As gurias vendo, podendo falar, podendo orientar e eu confiando. Tem aqui mulheres que estão podendo ressoar aquilo que eu estou trazendo. (...) E, no entanto, eram dois lados se confiando mutuamente ali, de que não, vai ser tudo ótimo! Tanto que eu não consigo pensar como teria sido a peça sem o coletivo Moebius, ou se ela teria existido de fato, teria saído da sala da minha casa e sido apresentada em algum lugar. Talvez até fosse, mas ia ser outra coisa menor eu acho. Eu acho que ela cresceu enquanto eu estava aqui nesse espaço.

Luíza Fisher - Coletivo Moebius: Que a gente estava ali segurando aberto.

Priya Mariana Konrad - Coletivo Moebius: Estavam ali segurando abertinho para mim!

As falas trazem sobre essa estrutura de relações que permite que o ar entre, que permite que o sujeito tenha certa autonomia de realizar-se na sua cena, na sua criação, ao mesmo tempo que depende, confia e participa dessas relações que o possibilitam ter sua autonomia. Chama a atenção para novamente o tema: o parto! Uma cena de parto! Uma vivência transformada em cena. Que talvez não tivesse espaço de ser encenada, dependendo do grupo em que estivesse pertencendo.

Priya Mariana Konrad- Coletivo Moebius: Mas a Pata falou antes uma coisa que eu fiquei pensando que é o fato de a gente escolher juntos o que a gente

quer botar no palco. (...) E daí a gente trabalha juntos para chegar naquilo. Não é, tipo, eu preciso de corpos que executem tal coisa bem. Não, a gente decidiu juntos mesmo. Talvez ninguém conseguindo executar aquilo que a gente acredita que, sei lá, o Ranhuras tem que ter esse tipo de corpos. Então a gente se cobra, ou a gente ensaia, ou a gente dá feedback, porque nós decidimos juntos que isso era o melhor para a peça e não porque a gente, sei lá, vamos buscar um corpo que faça isso. E daí a gente vai trabalhando nesse mesmo lugar e a gente deseja continuar estar junto em cenas e criando essas outras possibilidades... (...) por que apesar de querer continuar juntos e em busca de um corpo que talvez não seja um comum, existe os desejos muito íntimos (...) O coletivo acaba sendo o lugar, não tem outro lugar que eu possa criar esse solo a não ser aqui, por que é onde a gente se sente confortável também para dizer, ah, é sobre isso que eu estou afim, não sei muito bem como ir, para lá, ou para cá e poder fazer girar essa energia.

Patrícia Nardelli - Coletivo Moebius: E se realizar no trabalho do outro. E como se envolve, sabe que dentro das possibilidades de envolvimento de cada momento tu está botando esse pulmãozinho aberto também. Quando tu vê o trabalho da outra pessoa, sei lá, eu vejo o trabalho da Priya e eu me orgulho daquele trabalho. Eu me realizo através daquele trabalho. E eu acho que isso é fundamental. Eu não preciso estar em cena, eu não preciso ter sido a pessoa que fez a concepção, para me realizar no trabalho.(...)O trabalho é o filhinho de todo mundo.

Luíza Fischer - Coletivo Moebius: Talvez a gente ter acompanhado o processo de gestação e de embalar a criança pros outros ensaiarem também tenha sido importante nisso. Para a gente entender tudo que significa estar lá. São experiências que tu cria para criar um projeto novo, né?! E tudo que é necessário para que ele se sustente.

Tais falas chamam a atenção para a questão: quais cenas podem ser criadas entre os integrantes? Dependendo da relação estabelecida, certas expressões não ganhariam tanto espaço. Para compor essa reflexão, apresentamos a seguir as falas das integrantes do coletivo Nítida, formado por fotógrafas mulheres que também trazem as relações de confiança capazes de construir suas ações:

Leli Baldissera – Coletivo Nítida: Uma questão que a gente tem também por estar reunidas só entre mulheres, a gente tem um espaço seguro para falar sobre vários assuntos que as vezes não são só da fotografia, né?! Mas das nossas vidas pessoais e de outras questões que mulheres passam, e isso nos dá muita força também para seguir com nossos projetos.

Lívia Auler – Coletivo Nítida: Inclusive os individuais. (...)Os nossos projetos em conjunto e cada uma com seus individuais. Eu acho que ganha bastante. (...) A Nítida também foi super importante pra mim, inclusive pra eu escolher o que eu ia falar no mestrado, o que eu ia pesquisar e que foi muito, foi totalmente a partir do nosso coletivo que eu estava. Enfim, nessas postagens que a gente fazia... daí tinha o mês da visibilidade lésbica e eu: "ah vou fazer um especial"⁸. Falei com as gurias e fui buscar porque me interessava e eu vi que não tinha quase nada. E foi muito a partir daí, pra tentar fazer esse especial da Nítida que eu decidi pelo que eu acabei depois vindo a estudar no mestrado, a pesquisar, então foi super mega importante.

Desirée Ferreira – Coletivo Nítida: É, pra mim a Nítida também foi super importante por várias questões. Primeiro, claro, antes eu já me identificava com o feminismo, mas eu comecei a pesquisar e a me interessar, me aprofundar muito mais a partir da Nítida. E isso também a pensar o meu trabalho, que é uma fotografia mais de rua, mas antes eu não trazia outras questões, como o feminismo pra dentro dela. E aí, através da Nítida e conversando também com as gurias, eu fui percebendo como a questão de ser mulher atravessa toda a minha poética, né?! Também por influência das gurias acabei entrando no mestrado em Poéticas Visuais da UFRGS, então realmente pra mim foi quase que um divisor, assim, antes e depois.

Úrsula Jahn - Coletivo Nítida: Eu já trabalhava com questões referentes, mas era autorretrato. Então eu acabava ficando muito sozinha e não tinha com quem trocar sobre essas coisas, né?! Era bem introspectivo e guardava esses questionamentos pra mim. Eu acho que no coletivo tem essa **rede de apoio** e eu poder falar com outras pessoas e saber que tem outras pessoas que pensam a mesma coisa que eu...então, acho que isso foi bem importante pra mim. Era bem solitária, eu tinha esses questionamentos, fazia o trabalho, largava ao público, mas muito online e não tinha esse contato pessoal, então acho que o coletivo me ajudou bastante nisso.

Nesta última fala trazida por Úrsula, é interessante ressaltar a questão de exposição: a integrante coloca que até disponibilizada seus trabalhos de forma online, ou seja, tinha uma certa interação com o público. O trabalho não ficava necessariamente escondido, mas nem por isso ela sentia que havia uma interação que a ajudasse a desenvolver seus questionamentos. Tal aspecto faz pensar sobre o que Adorno aponta de distinção entre expressão, exposição e intimidade, esclarecendo que para algo seja expressivo, não basta apenas a exposição a público sobre aquilo que se sente. É preciso que algo seja de certa forma autêntico, não tratando-se

⁸Especial se refere a diversas postagens sobre mulheres fotógrafas profissionais de Porto Alegre.

apenas de “colocar para fora” o que entende que se sente. O autor, ao relacionar expressão e arte, defende que a expressão de uma obra de arte está ligada à sua autenticidade, a sua recusa de aparências já dadas. Adorno (Adorno & Horkheimer, 1985; Duarte, 2008; Guimarães, 2018) diferencia expressão de exposição, colocando que não se trata apenas de demonstrar um conteúdo psíquico particular que faz com que algo seja expressivo. Para o autor, aquilo que é particular e íntimo do sujeito, por mais exclusivo que possa ser, ainda assim não deixa de ser atravessado pela sua cultura história e social. Sua autenticidade não se refere apenas a sua intimidade. Se refere a relação que faz com o real.

Com estas colocações, podemos pensar que não se trata apenas do aspecto de os coletivos permitirem que os sujeitos se exponham mais que faz com que suas obras sejam realmente expressivas. Não se refere apenas ao fato de o coletivo ser um lugar para “expor” o que se pensa, mas sim, de desenvolver também o que se pensa e o que se é – um espaço para uma busca de “coincidir consigo mesmo”:

Conceito de reflexão que não é, como veremos pela primeira vez em Locke, simplesmente “a observação que a mente tem de suas próprias operações”, ou seja, uma experiência de auto apreensão do pensamento que funda a imediatividade do auto pertencimento, uma capacidade de o pensamento inspecionar seu próprio modo de apreensão que instaura a identidade. Na verdade, mais correto seria lembrar que “a reflexão é ela mesma e seu não-ser, e só ela mesma enquanto negativo de si mesma, pois só assim que o superar do negativo é ao mesmo tempo um coincidir consigo mesmo”. Nesse sentido, a reflexão pressuposta por Adorno é o movimento de apreensão de um conceito de experiência pensado como alienação e retorno a si capaz de transformar as primeiras representações naturais do “si mesmo”. (Safatle, 2019 a, p.196-197)

Talvez seja isso que permita a construção de um lugar, entre relações, que possibilite alguma expressão mais autêntica vir a existir, vir a nascer. Não se trata então de uma condição que garanta que qualquer obra realizada, ou que qualquer trabalho do coletivo construído vá ser expressivo, no sentido de autenticidade, conforme os termos de Adorno. Seria mais um espaço seguro para uma dialética que permita se aproximar da sua alienação como um embrião de outra forma de síntese (Safatle, 2019 a, p.197). Como coloca Safatle (2019 b), não se trata de resgatar ou reinstaurar uma representação anteriormente realizada, mas de decompor a

naturalidade anteriormente acreditada como representatividade e constituir relações em um nível até então inexistente.

Parece inegável que as relações dentro dos coletivos podem fertilizar um terreno de confiança a fim de torná-lo mais propício para que expressões sejam criadas, inventadas, exploradas, e assim, paridas. Como traz Safatle:

4. Daí a insistência em falar da essência da prática artística como: “a invenção de relações entre sujeitos” na qual “cada obra de arte particular seria a proposição de habitar um mundo em comum”.⁵ Neste novo espaço de relações, as obras de arte captariam nossos olhares (e, bem, nenhuma metáfora é inocente) “como o recém-nascido ‘demanda’ o olhar da mãe” em uma operação bem sucedida de “reconhecimento”.⁶ Como se houvesse uma empatia primária capaz de ser recuperada pela arte, o que à sua maneira não deixa de nos remeter à teorias psicológicas de relação de objeto que tentam aproximar a arte da criação de espaços transicionais. (Safatle, 2018, p. 27- 28)

5.2.3 Nascente: Constituição Do Sujeito / Identidade Profissional

A relação que os integrantes estabelecem entre expressão através dos coletivos atravessa a questão profissional. Muitos colocam o quanto o coletivo permitiu uma forma de atuar profissionalmente que talvez, sem a existência do coletivo, não fosse possível. A seguir, apresentamos falas das integrantes do Coletivo Mater, do qual participam mulheres que tem interesse em trabalhar questões relacionadas ao tema da feminilidade e da maternidade. As falas selecionadas trazem a respeito a identidade profissional possibilitada pelo coletivo:

Mariana Benchaya – Coletivo Mater: Eu acho que o coletivo representa muito uma ideia de que eu tracei construindo também a minha vida profissional e acadêmica. Eu comentei isso com as gurias no início, logo que a gente se conheceu, que eu sempre trabalhei com estudos parentais, mas de uma outra perspectiva, um outro viés. Foram estudos que eu fiz no mestrado e doutorado, porque foi a oportunidade que eu tive também. Mas eu lembro de desde a minha graduação gostar muito da temática materna, dessa questão do que eu via de relação e bebê, enfim...fui aluna de iniciação científica muito tempo com uma orientadora que estudava muito na área, então eu gostava muito, me identificava muito. E encontrar no coletivo, nas gurias, essa possibilidade de retomar uma área já então de atuação e não só de estudo, né?! Foi para mim, assim, encontrei o pote de ouro. E eu falo isso para elas, que eu deposito inclusive muita expectativa no coletivo a partir do meu viés de encontro comigo, como profissional, com coisas que eu acredito, que eu

acho bacana...e me via muito sozinha com essa ideia também, por que eu não tinha encontrado pessoas ainda que eu pudesse dividir ideias, olhares, espaços...por não ter realmente tido essa oportunidade. Então eu acho que o coletivo representa muito isso para mim, além de vivências pessoais, de puerpérios né?! Sou mãe de duas crianças, então dois filhos eu tenho, vivi violência obstétrica num primeiro parto, não tinha identificado até passar pelo puerpério, né?! Como tivesse vivido uma violência. Nomear essas coisas para mim fez muito sentido.

Bruna - Descobrir que foi violentada...

Mariana Benchaya – Coletivo Mater: Exato. E que tive um trauma e superar esse trauma a partir do caminho que eu fiz também para viver a segunda maternidade, o segundo parto, o segundo puerpério...então eu vivi isso muito...estava nessa fala, enfim, de quando conheci as gurias, veio uma coisa de poder fortalecer isso também. Essa minha experiência bem pessoal que não tem nada a ver com o profissional, tem a ver com a minha vivência, né?! Então eu acho que o coletivo tem muito disso para mim. Essa minha construção.

Fernanda Bonet – Coletivo Mater: Recentemente eu me dei por conta que eu me tornei mãe antes de me tornar psicóloga, né?! Então, profissionalmente eu só existo após a maternidade e isso é muito forte. E foi concomitante na verdade. Acabar a faculdade, que eu acabei ano passado e encontrar uma área...e entre esse acabar a faculdade e encontrar uma área de um dia estar amamentando a minha filha e pensar, nossa, como meu puerpério foi solitário, como deveria ter espaços coletivos...vamos propor um espaço coletivo! É por isso que eu ouvi ela falando e disse, meu Deus, preciso falar com essa mulher, porque a gente precisa fazer alguma coisa! Então, também partiu totalmente da minha experiência...eu fiquei muito tempo em casa, tinha esse grupo já de São Leopoldo e eu cogitei pensar pegar um trem com minha filha no sling por que eu precisava encontrar pessoas...a partir da minha experiência, propor algo né?! E aí unir a psicologia, e aí começar essa construção profissional. Os grupos para mim são muito curativos, de estar em contato...e vejo, quinta, que a gente teve grupo, tiveram duas participantes novas, inclusive pensando em termos de representatividade...ao longo desse um ano a gente teve uma mulher negra só, que participou do grupo e que veio uma vez também, e nessa quinta veio uma gestante deficiente visual com seu cão guia e foi muito legal. E a gente estava se apresentando, eu me apresentei como psicóloga, psicoterapeuta e passou. Depois eu disse: “E gurias, eu sou mãe da Cecília também”. Meu Deus, no início do ano a primeira coisa que eu falava era “eu sou mãe da Cecília”...Eu também senti esse puerpério acabando, a minha filha está lá, mas agora eu estou aqui como profissional, então ainda é tudo muito recente essa caminhada. Mas que estar em grupo me ajuda muito a pensar

essas coisas do puerpério, da maternidade...muito importante para mim também e essa construção profissional em paralelo...é bem bonito...

Aline Schwalm – Coletivo Mater: Eu não sou mãe, né?! Mas eu estudo saúde da mulher e acho que a minha via no coletivo vai pelo caminho da saúde da mulher. Desde a faculdade tenho afinidade com essa discussão, saúde pública, intervenção clínica e tal. Então, eu conheci a Mari, ela foi minha professora de estágio. E aí a gente se encontrou num evento sobre parteria moderna e aí surgiu essa ideia, já estava meio que borbulhando, então acho que a minha entrada no coletivo vai mais para aprender com as experiências de maternidade das gurias e das mulheres com quem a gente convive. Eu aprendo muito, que dá pra fazer né?! Tirar essa aura mística da maternidade e também não jogar para o polo oposto de que então é tudo muito horrível, vai ser muito sofrido. Cuidar com isso...

A seguir, apresentamos a fala de Sidney Costa, um dos criadores do coletivo Visão Periférica, o qual realiza eco trilhas, saraus e atividades de leitura para crianças em uma biblioteca comunitária no Morro Santana:

Sidney Costa – Coletivo Visão Periférica: A minha percepção também é infinita, até exponencial... Vou tentar colocar em algumas palavras. No meu caso, eu acho que o que o coletivo me proporcionou enquanto expressão... vou trazer uma nova perspectiva da palavra empreendedor. Até momentos antes de 2014, que foi quando começou a iniciativa do coletivo e da biblioteca, a minha forma de empreender era voltada mais para o business, para o ganhar dinheiro, para o lucro. Para uma forma de me manter financeiramente. E em algum momento no meio do caminho, eu comecei a ter bastante contato com livros, porque eu fazia intervalo, eu trabalhava em shopping, e meu intervalo era longo, de uma hora e meia. E eu passava os intervalos na livraria, pesquisando, estudando, lendo. E foi onde eu tive esse gancho de " ah, vou montar um plano de negócios aonde tenha um retorno, impacto social, que não fiquei só no dinheiro, mas que de alguma forma eu possa contribuir pra sociedade. Então, acho que foi mais isso a forma de expressão que o coletivo me possibilitou, é de empreender pelo social de alguma forma também. De pensar em mim, no meu desenvolvimento como pessoa, como empreendedor, mas também compartilhar isso com outras pessoas, até de auxiliar a me desenvolver e a desenvolver outras pessoas jovens e crianças com esse tipo de perspectiva também. Não que eles tenham que seguir esse caminho, mas pensando que tenha essa possibilidade também. Através do livro, leitura e literatura. Como garantir o acesso ao livro, leitura e literatura... Essa expressão que não é mensurável pelo trajeto que a gente tem até agora, acho que não mensura o quão é bom ver o jovem pegando o livro, ver o adulto pegando o livro. E muitas das vezes as crianças até me perguntam, os adultos também

perguntam: "tio, tem que pagar pra levar o livro?" e a gente responder: "Não, não tem que pagar... pode levar. Leva, lê. Depois que ler, traz de volta pra outras pessoas poderem ter o acesso também. E acho que isso não é mensurável, né? E poder expressar isso, essas palavras pra essas pessoas quando elas questionam se tem que pagar ou não, eu acho que não tem valor. E também me expressar quanto pessoa, como indivíduo dentro do coletivo. Claro, tentando respeitar sempre o espaço do próximo nas minhas expressões.

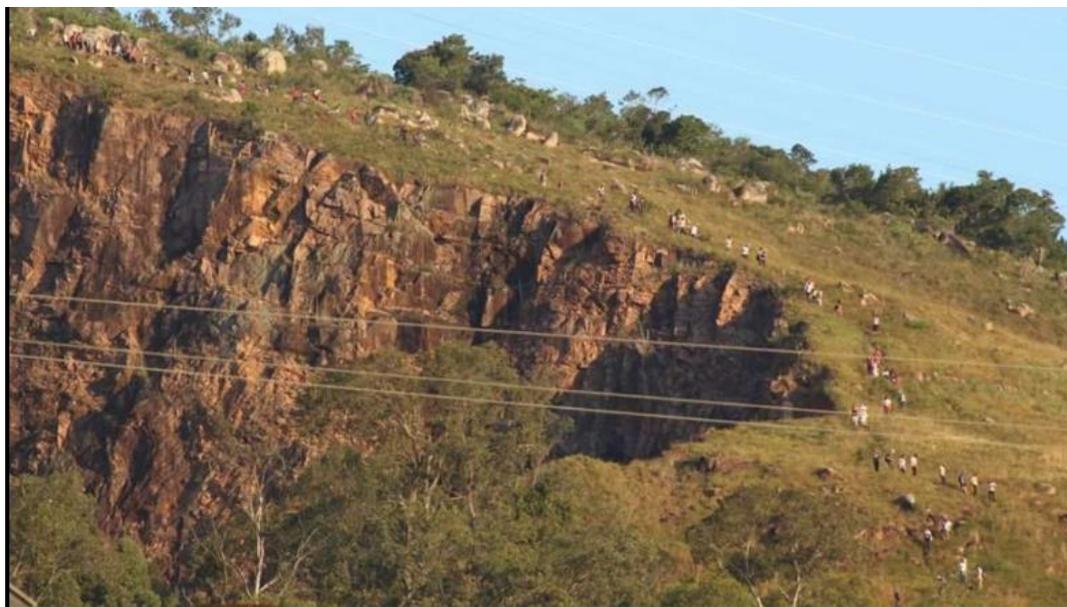


Figura 14. Primeira Eco Trilha realizada no Morro Santana de Porto Alegre, atividade em que as pessoas são convidadas a conhecer a comunidade e visitar os nascentes presentes no espaço natural. Na foto, os participantes trilham em torno de um grande buraco na terra, marca resquício das pedreiras que agiam no local antigamente. Fonte: Perfil do Coletivo no Facebook

As falas de Fernanda, Amanda e Sidney fazem pensar sobre como podemos tentar construir as dinâmicas ligadas à construção do conceito de expressão como necessariamente relacionadas as expectativas de emancipação social, tal como trabalhado por Safatle (2018). O autor, ao analisar a expressão no campo das obras de arte, aponta que estas seriam capazes de fazer circular outras possibilidades de emancipação social dos sujeitos diante das suas condições de indivíduos, como formas de liberdade. Também tem relação com a emancipação trabalhada por Ranciere:

para emancipar alguém, é preciso ser-se emancipado. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, parecido com todos os

outros viajantes, como sujeito intelectual participante da potência comum dos seres intelectuais. (Rancière, 2010, p. 40).

A seguir, apresentamos falas das integrantes do Coletivo Virgíncias, voltado para a saúde da mulher, que também corroboram com a ideia de identidade profissional:

Amanda Gaedke – Coletivo Virgíncias: (...) Tinha esse desejo de uma militância, digamos assim, muito mais ativa, de participar, de ocupa outros espaços. E acabava que assim, nunca me coloquei muito assim, pra... militar, eu digo militar num sentido nessa coisa de estar nessa função, assim... Então eu acabava ficando muito mais na minha. Conhecendo as gurias do projeto, assim, na Uniritter, e eu também estava formando a minha identidade, enquanto profissional, mas também enquanto sujeito, num sentido de bom, a minha sexualidade era algo que foi muito complicado pra mim de assumir pra minha família, eu me envolvi num relacionamento na graduação... então foi onde eu pude assumir pra minha família, me senti segura. Então foi onde eu me reconheci enquanto sujeito, e pude... (...) Foi bem pesado, pelo menos pra mim foi bem pesado. Então eu pude me reconhecer e a partir disso, poder olhar e dizer, " eu posso trabalhar, eu posso falar, eu posso chegar e me ocupar da minha sexualidade, da minha singularidade, e dizer " bom, é isso, vou trabalhar pra isso, vou cuidar disso". Então, sim, tenho a minha clínica, a minha clínica no sentido dos meus pacientes, faço minha formação, procuro supervisionar, procuro a minha análise, mas tenho algo a mais que me move. Isso me move a partir dessa construção do meu ser. Acho que é mais ou menos isso.

Gabriela Henzel - Coletivo Virgíncias: Eu acho que o foco disso é a rede de apoio. A gente tem uma rede de apoio que nos dá liberdade de acreditar naquilo que a gente acredita. Porque na conjuntura atual, tu as vezes falar algo que tu acredita, sozinha não é fácil! E muitas vezes acaba sendo aversivo. Quem eu sou, pelo que que eu milito, então, fazer parte de um coletivo que eu acredito e luta pelas mesmas coisas que tu, te traz essa rede. Por isso tem esse pensamento pelo afeto também, quando a gente faz uma reunião, muitas vezes não é só uma reunião de demanda, é uma reunião de como a gente tá, de como está cada uma, quais são os planos, em que a gente pode ajudar, pro que tu tá fazendo agora, então é uma rede que a gente tem.

Amanda- Coletivo Virgíncias: a primeira instância, assim, me vem essa expressão da identidade. Já que tu traz a expressão, acho que é isso, de poder expressar essa identidade, de poder expressar nossas convicções, as coisas que a gente acredita, e buscar ao máximo fazer elas acontecerem. Deixarem de ser um sintoma, de certa forma. No sentido de tantas coisas que a gente tem vivido, de preconceito, de tantas outras coisas...

Gabriela- Coletivo Virgínias: é, se expressar, se expressar através de uma rede, que vai te amparar numa militância, então te permite militar, e atuar... eu milito através do Virgínias, posso ir sozinha nos espaços que eu acredito, mas é como se autorizasse e tivesse um acolhimento e uma proteção, ainda mais na conjuntura atual que a gente vive.

Amanda - Coletivo Virgínias: e aí eu fico pensando, eu já entro com a coisa da Psicanálise. Fico pensando, é como se fosse o nome do pai na história, sabe? No sentido assim... isso já numa construção patriarcal nossa, de história toda, num sentido assim. Então tem um homem, então está autorizada. E a gente não se dá conta do quanto a gente ainda reproduz, e a gente fala ainda isso. Enquanto a Gabi estava falando, eu acabei de me dar conta disso, de que a gente precisa ter essa identidade pra gente se sentir autorizada a fazer isso.

As integrantes do Coletivo Virgínias apontam a importância do coletivo para a construção das suas identidades, das suas autorizações. Falam desses vínculos que criam uma legitimidade nos seus posicionamentos. Dando continuidade a esse raciocínio, apresentamos a seguir as falas das participantes do coletivo Nítida de fotografia:

Lívia Auler - Coletivo Nítida: E justamente isso...falando da potência dos coletivos, de estar em coletivo. Acho que cada uma estava sentindo isso sozinha e se juntando parece que existe uma força maior assim, acho que todas nós percebemos que essas inquietações, que talvez individualmente elas não conseguissem ter tanto alcance, a gente estando juntas tem um alcance muito maior, assim, a gente teve um espaço maior, eu acho né?! Pra expressar isso, falando em expressão, né? Pra expressar esses incômodos, essas inquietações. Com certeza eu acho, agora falando por mim, o coletivo dá uma potência muito grande nesse sentido, uma força de união que é importante. Falando do coletivo e falando principalmente de nós, como mulheres pra falarmos, enfim, das nossas opressões em comum e tudo, que as vezes são coisas pouquíssimo faladas. Ou pouco contempladas. Então dá um espaço de troca muito legal e um espaço de transformação e diálogo super potente, além do alcance maior.

Leli Baldissera - Coletivo Nítida: É que os nossos nomes sozinhos, nós ainda somos estudantes, eles ainda não tem tanto peso, digamos assim. E quando a gente se junta num coletivo parece que as pessoas levam mais a sério, não sei.

Úrsula Jahn - Coletivo Nítida:(...) O coletivo é algo mais oficial parece. Já me falaram isso. Pra falar como um coletivo, que daí seria algo mais oficial. Que eu como Úrsula ficaria mais fraca.

A seguir, apresentamos a fala de Rafael Corrêa, um dos criadores do Coletivo Catarse, de comunicação. Rafael fala sobre a criação do coletivo e conta como era a relação com o formato de cooperativa e não de coletivo.

Rafael Corrêa - Coletivo Catarse: (...) E aí o pessoal da Coomunica nos conheceu a partir daí e no movimento estudantil também. Na época, a gente era colega da Manu D'ávila. Fizemos uns movimentos estudantis juntos lá na FAMECOS. E a galera estava se organizando como uma cooperativa, que é a Comunica. Teve um professor lendário na FAMECOS, que é o Marques Leonan, que participou do COOJORNAL, que foi uma cooperativa de jornalismo dos anos 70/80, na época da ditadura. Era um exemplo que ele colocava na aula e a galera estava muito a fim de fazer uma coisa diferente pra não trabalhar na grande mídia. Então se organizou essa cooperativa Coomunica e eles me acionaram através do Bodoqe. A gente entrou, participou uns dois anos, teve uma dissidência porque a lei do cooperativismo vem desde os anos 70, que eram iniciativas mais agrícolas, então tinha que ter no mínimo 20 pessoas.

Bruna: Pra se configurar como cooperativa?

Rafael Corrêa - Coletivo Catarse: Para se configurar como cooperativa. E então, quando a gente entrou, tinha um grupo bem heterogêneo. Eram umas trinta pessoas, então tinha desde gente que trabalhava em agências, até mais gente mais ligada ao MST. Então, em algum momento ia dar algum choque, por mais que a gente tentasse "não, vamos fazer um jornalismo com comunicação diferente do que a grande mídia tá nos oferecendo". Então, aconteceu isso, deu um atrito e eu e mais seis colegas resolvemos sair e formar a nossa cooperativa, mais concisa, mais homogênea nas ideias. E aí nós formamos a catarse. Na época tinha essa lei ainda do cooperativismo, mas tinha acabado de sair o novo código civil. O código civil é uma lei acima da lei do cooperativismo, então a gente foi a primeira cooperativa com menos de 20 pessoas no Brasil. Nós éramos 7 pessoas, isso em 2004. Aí era eu e mais outro publicitário e o resto do pessoal fazia jornal. Era tudo acabado, saído da faculdade, recém formado.

Os coletivos parecem proporcionar aos seus participantes um espaço para dúvida, um espaço seguro para exposição de insegurança, de uma ideia que está ainda germinando, que ainda não tem corpo, mas que aos pouquinhos ela pode ir sendo nutrida e ser creditada. O coletivo parece servir para segurar a estrutura para que o ar continue entrando no pulmão, para permitir vãos solos e plurais, como também para ser solos onde as sementes de ideias podem

ser cultivadas. Nem sempre as ações precisam ser totalmente coletivas, pois a existência do coletivo permite expressões também individuais. Como coloca Safatle:

Pensar a expressão como liberação do sujeito de convenções controladas pela burguesia significa, no entanto, liberar um sujeito até então conformado às convenções da individualidade burguesa e a ilusões que, um século mais tarde, chamaremos de “cooperativas” e “comunicacionais”. Sem essa liberação não será possível haver política, pois as formas de reprodução da vida social estarão intocadas nas estruturas da psicologia dos sujeitos, nos circuitos de seus afetos, nas crenças de sua vida interior. É nesse sentido que compreender melhor as dinâmicas ligadas à construção do conceito de expressão estética aparecem como momento fundamental para analisar as expectativas de emancipação social que as obras de arte ainda seriam capazes de fazer circular. Ela marca, e isto temos dificuldade cada vez maior em pensar, a emancipação do sujeito diante de sua condição de indivíduo e muito haverá ainda a se dizer a respeito desse regime de emancipação que deve ser visto, como gostaria de insistir, como a forma efetiva da liberdade. Assim, se aceitarmos que a especificidade da **arte como experiência é o fato dela ser uma experiência social da liberdade** ou, como querem alguns, uma “prática da liberdade” capaz de mostrar à sociedade o que a liberdade pode ser, se aceitarmos que ela funciona não apenas como um discurso compensatório à ausência efetiva de liberdade na vida social, mas como uma das fontes principais de um desejo de liberdade que irá impulsionar transformações estruturais na vida social, então diremos que é a realização da arte como linguagem expressiva que permite aos sujeitos fazerem a experiência da liberdade. A arte, a partir de certo momento histórico, cria algo até então inédito, algo fortemente associado a constituição de uma nova consciência da liberdade, a saber, uma linguagem expressiva. (Safatle, 2018, p.31)

A colocação de Rafael Corrêa, junto a dos outros participantes, tramadas aos apontamentos teóricos de Safatle, nos fazem pensar sobre as formas de usufruir da liberdade de expressão e sobre os formatos de colaboração que se constroem e possibilitam as expressões. Formas colaborativas, anteriormente mais reconhecidas nos formatos de cooperativas, ganham atualização com os coletivos, com vínculos não tão burocratizados. A seguir, imagens de uma intervenção e uma fala de uma participante do Coletivo Mulherio Urbano, o qual realiza intervenções públicas através de lambes:



Figura 15 - Intervenção do Coletivo Mulherio Urbano. Fonte: Instagram do coletivo.

Leli Baldissera – Coletivo Mulherio Urbano:(...) Mas tínhamos muito medo de sair e fazer isso sozinhas. Então resolvemos nos reunir pra sair juntas na rua.

Começamos em setembro desse ano, e fizemos três saídas já. Temos as nossas criações individuais, desenhos, fotos... colagens. E assinamos com o nome do coletivo. Mesmo que a criação seja individual.

Tais formatos de vínculos parecem possibilitar os sujeitos a usufruírem de outras maneiras que não apenas individualistas, e não apenas voltadas para os interesses de alguns donos dos meios comunicacionais ou culturais. Estes formatos de circulação de afetos possibilita a diversificação nas formas de reprodução de sociabilidade, de crenças, de apropriações de experiências. Possibilitam outros lugares de enunciação e legitimação. E justamente por isso, contribuem para maiores possibilidades de emancipações sociais como formas de prática de liberdade, essa tal capaz de proporcionar maior inspiração a capacidade de desejar, de sonhar, de almejar mudanças e de se implicar nas transformações almejadas.

6. Considerações Finais

Desenvolver as noções de expressão e de coletivo, dentro das suas complexidades, abriu potência para elucidar e compreender diferentes relações de agrupamentos e como eles atuam no campo social, revelando a emergência de impulsos e de afetos, de forças e de resistências. O espaço de expressão dentro dos laços sociais estabelecidos entre os integrantes dos coletivos coloca em evidência a necessidade de cada vez mais transformarmos e ampliarmos nossas práticas de liberdade.

O transitar entre os diferentes coletivos fez emergir uma escuta poética para ensaiar uma ideia sobre a geração, a gestação e o parto de algumas expressões. Visitar as intervenções, conhecer diferentes pessoas e espaços, abrir a vivência para diferentes discursos, com desejo implicado também no acaso e no improviso, a partir da ética da pesquisa psicanalítica, despertou ainda mais um desejo de participar dessas potências de transformações. Entre a curiosidade e o estudo, entre a admiração e a contemplação, fazer agir nossos sentidos críticos a partir das experiências de encontros— estes agora tão diferentes devido a pandemia — sem dúvida deixou marcas memoráveis e proporcionou que novos vínculos fossem constituídos.

A análise dos coletivos estudados permitiu dar visibilidade a diversas questões apontadas ao longo desta pesquisa, como também problematizar diferentes formas de relações e como estas possibilitam ou não a diversidade de expressões. Podemos afirmar que os coletivos abrem um campo para expressões singulares. A potência desses elos está na oxigenação no modo de atuar no cotidiano, regando com esperança as transformações das subjetividades que podem ser capazes de resistir às lógicas hegemônicas biopolíticas existentes na contemporaneidade. Para além da análise de algumas falas que foram selecionadas e construídas ao longo da dissertação, o material transcrito das entrevistas ficará como arquivo destas experiências. As conversas estabelecidas estão carregadas de dados históricos dos coletivos, além de detalhes sobre os bastidores dessas relações. Os relatos pessoais atravessados por questionamentos íntimos podem vir a auxiliar no reconhecimento de muitas outras questões sociais e culturais que também mereceriam desenvolvimento de reflexão, tais como:

- Como se dá a questão financeira de cada coletivo? Quais políticas culturais garantem essas redes? Quais outros engendramentos estão se estabelecendo para sustentar tais práticas e quais seus efeitos sobre as subjetividades dos sujeitos?⁹

- Como são constituídas as relações com o público de cada coletivo? Como pensar sobre a ampliação da democratização da arte e da cultura?

- Como preservar os espaços de reconhecimento da história das lutas das identidades construídas e ampliar a discussão para desenvolver mais campos seguros para outras alteridades possíveis?

Entrevistar e transcrever foi um exercício de transformar os registros e apresentá-los como enigmas, como aspectos desafiadores para análise sobre a expressão no nosso tempo. Propusemos colaborar na construção de narrativas que teceram os diversos coletivos em um mosaico. Uma construção ficcional, essa tão bem valorizada com seu teor de verdade através da psicanálise. Buscamos construir essa pesquisa de forma artística, numa arte que se pretende política, numa escrita que se pretende cidadã, a partir da cultura que está inserida.

Todo ato de resistência supõe uma arte, lembra Didi-Huberman (2009), e aqui a ideia de arte aparece como um dispositivo de ficcionalização, buscando as imagens ainda não disponíveis. É com ela que podemos refundar origens, inverter lógicas de funcionamento, recusar instruções, recuperar uma dimensão da incerteza e da imaginação. Por isso a psicanálise está, ou deveria estar, tão perto da arte, pois a radicalidade do que chamamos de ATO (como corte dessas superfícies contínuas) está sempre em pauta, nos ajudando a recuperar a dimensão da incerteza e da imaginação. (Sousa, 2017, p.26)

⁹Sugerimos o estudo inicial realizado pela pesquisadora sobre uma dessas práticas, intitulada “Procura-se colaboradores, recompensa-se bem: as tramas da colaboração nos sites de crowdfunding”, realizada no PPG de Psicologia Social Institucional UFRGS em 2013, sob orientação de Inês Henning.

Buscamos percorrer tanto caminhos conceituais, como trajetos literais de encontros presenciais que repensassem e experienciassem a ideia de diversidade. Visamos a produção de subjetividade que colaborasse para a construção de práticas de expressão que sustentem novas formas de relações micropolíticas. Sem dúvida, cada participante dos coletivos pesquisados faz parte de uma possível transformação da sociedade, vivenciando e promovendo valores que destoam das práticas capitalistas hegemônicas, tendo em comum um compartilhamento sensível do encontro com o outro e de tolerância com a alteridade, com práticas horizontais que engendram novas formas de vivências de poderes e de resistência.

Ainda ficam em aberto muitas questões que podem seguir em estudos futuros: como tais relações podem inspirar na construção de políticas sociais que garantam direitos mais humanizados? Em uma época em que vemos o risco de a democracia ruir em pedidos verde-amarelos-bizarros pelo retorno da ditadura, é importante seguirmos pensando em como garantir políticas públicas que possam seguir contribuindo para a existência dessas relações de liberdade cultural. Às vezes, diante de tantas atrocidades governamentais, defender o óbvio, o básico, se torna necessário. Fica ainda o sonho de quando poderemos sair do básico para pensarmos para além das identidades já estabelecidas, garantir um espaço que realmente seja seguro para a diversidade, para a multiplicidade, onde o debate das diferenças não signifique violência. Através da potência de atravessar as inúmeras barreiras de comunicação que a arte é capaz de proporcionar, cabe ainda apostar nela como experiência / dispositivo capaz de criar poéticas de reflexão. Através da arte dos vínculos, podemos construir novas verdades, novos olhares, novas liberdades e novos laços sociais.

7. Referências

- Accinelli, Pablo. *Unânime Noite*, group show, Porto Alegre, BRASIL. Março maio de 2018. Disponível em: <http://www.galerialuisastrina.com.br/en/news/unanime-noite/>
- Adorno, T. Introdução à sociologia. Tradução de P. R. de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.
- Adorno, T.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- Albuquerque, F. (2012). A atitude dos coletivos. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, 14(24). doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.27937>
- Barthes, R. (1977/2013) Como viver juntos: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977; tradução Leyla Perrone – Moisés; texto estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Fontes.
- Blanco, J. R. (2014). Utopías artísticas de revuelta. Madrid: Ediciones Cátedra. Grupo Anaya, S.A.
- Bloch, E. *O princípio esperança*. (1959 / 2006) 3 vol. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.UER, 2005-2006.
- Bittencourt, J., (2017). Guarda Municipal amarra bailarino por 8 horas ao confundir performance com surto. Revista Fórum, 30 de outubro de 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/guarda-municipal-amarra-bailarino-por-8-horas-ao-confundir-performance-com-surto/>
- Canetti, E. (1976/2011) O ofício do poeta. In: A consciência das palavras. Tradução de Márcio Suzuki e Herbert Caro (“O outro processo”). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 310-322.
- Correia, F. C., & Perius, O. (2019). Dizer o que Não se Deixa Dizer: Adorno e a expressão como atitude formativa. *Educação & Realidade*, 44(4), e88569. Epub 28 de novembro de 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-623688569>
- Costa, V. C. (2020) Uma poética do orvalho para um jardim infinito. Dissertação de Mestrado, UFRGS.
- Danziato, L.; Martins, A. C. B. L.; Matos, S. S. (2018). Psicanálise E Biopolítica: O Fascínio Do Discurso Médico. Revista Subjetividades, Fortaleza - Ceará- Brasil. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/6591>
- Didi-Huberman, G. (2009). *Survivancedeslucioles*. Paris: Editions de Minuit.

Duarte, R. Dizer o Que Não se Deixa Dizer: para uma filosofia da expressão. Chapecó: Argos, 2008.

Duchamp, M. (1975). O ato criador. In G. Battock (Org.), A nova arte. São Paulo: Perspectiva.

Dunker, C. (2014) Subjetivações e gestão dos riscos na atualidade: reflexões a partir do DSM-5. Rev. Epos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 181-190, jun. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2014000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 jun. 2018.

Dunker, C. (2018) Epílogo – Crítica da razão diagnóstica: por uma psicopatologia não-toda. in Patologias do Social: Arqueologias do sofrimento psíquico. Safatle, V.; Junior, N.; Dunker, C. (orgs.). 1ed; Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.317-351.

Escóssia, L. (2009). O coletivo como plano de criação na Saúde Pública. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13 (Supl. 1), 689-694. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000500019>

Merriam. (2019) Dicionário on-line. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/expression>

Freud, S. (2006a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 2, pp. 39-53). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)

Freud, S.(2006b). Hereditariedade e etiologia das neuroses. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 139-155). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (2006c). A interpretação dos sonhos (continuação). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 5, pp. 371-655). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)?

Freud, S. (2006d). O método psicanalítico de Freud. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 233- 240). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1904[1903])

Freud, S. (2006e) Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (Parte III). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 16. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915-1916).

Freud, S.(2006f). Conferência XXIII Os caminhos da formação dos sintomas. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 16, pp. 361-378). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1916-17])?

Freud, S. (2006g) Além do princípio de prazer (1920). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., PP.12-86) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920-1922).

Freud, S. (2006hj). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp.81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925])

Freud, S. (2006 i- 1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp.81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925/ 1972).

Freud, S. (2006 j). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

Foucault, M.(2010a). A arqueologia do Saber. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2010b). O sujeito e o poder. Tradução de Vera Porto Carrero e Gilda Gomes Carneiro. 2 ed. In: Dreyfus, Hubert; Rabinow, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 273 - 295.

Garonce, L. (2017). Artista detido pela polícia durante performance de nu artístico volta ao DF. Jornal G1 – Globo. 26 de junho de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/artista-detido-pela-policia-durante-performance-de-nu-artistico-volta-ao-df.ghhtml>;

Gobbi, N. (2017) Após ato na rua, coletivo És uma Maluca quer refazer obra com nudez. Jornal O Globo, 15 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/apos-ato-na-rua-coletivo-es-uma-maluca-quer-refazer-obra-com-nudez-audio-original-23374564>

Graça, L. A. (2012) Segue a busca: experiências artísticas coletivas do Upgrade do Macaco ao Metagrafismo. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/icone/issue/viewFile/2544/128>

Graça, L.A.; Knaak, Bianca. (2015) Upgrade do Macaco e Metagrafismo: artistas reunidos em busca de uma visualidade não dogmática. *Ícone, revista Brasileira de história da arte, v1n1. disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/icone/article/view/48051/33449. Último acesso em março de 2019.*

Guimarães, B. (2018) A dialética do fim da arte em Adorno: repressão e resgate da sensibilidade recalcada. 4 dois pontos: Curitiba, São Carlos, volume 15, número 2, p. 3-10, setembro de 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/62582/36781>

- Jacoby, R. (2001/2007). *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Tradução de Carolina de Melo Bomfim Araújo. São Paulo: Civilização Brasileira;
- Kaprow, A. (1993/2007) *La educación del des-artista*. Edición y traducción: Armando Montesinos y David Garcia Casado. Árdora ediciones, Madrid.
- Kaprow, A. (1966/2003) "Manifiesto" in *Essays on the Blurring of Art and Life*, ed. Jeff Kelley. Berkeley, CA: Universidade da Califórnia, p. 82
- Kempinski, M. (2020). Postagem no perfil do artista. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3667386446611587&set=a.2309608522389393&type=3&theater>
- Kuperman, D. (2008) *Presença sensível*. Editora: Civilização Brasileira.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário. livro 22: R.S.I.* Inédito.
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário. livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Maia, A. B.; Medeiros, C. P. D.; Fontes, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. *Estilos clín.*, São Paulo, v.17, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 set. 2020.
- Maffesoli, M. (1988) *O Conhecimento Comum*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Maffesoli, M. (2001) O imaginário é uma realidade (entrevista). *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>
- Maffesoli, M. (2002) *O Tempo das Tribos*. 2002. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maffesoli, M. (2005) *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maffesoli, M. (2012) *O Tempo Retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio De Janeiro, Forense.
- Mazetti, H. (2008) Resistências criativas: os coletivos artísticos e ativistas no Brasil. *LUGAR COMUM* Nº25-26, pp. 105- 120. Disponível em <https://docero.com.br/doc/e0enec>.
- Medeiros, R. H. A., Mano, G. C.M., & Weinmann, A.O. (2015). A paixão pelo autômato: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 25(1), 251-263. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312015000100014>
- Michaelis. (2019). *Dicionário Brasileiro De Língua Portuguesa*. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sintoma%20/>

- Miller, J. A. (2010). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- Ocariz, M. (2003). *O sintoma e a clínica psicanalítica*. São Paulo: Via Lettera.
- Oury, J. (2009) *O coletivo*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild. (Trabalho original publicado em 1986).
- Paim, C. (2012) *Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados*. 1. ed. Porto Alegre: Panorama Crítico, v. 1. 200p.
- Pimenta, A. C.; Ferreira, R. A. (2003) O sintoma na medicina e na psicanálise: notas preliminares *Rev. méd. Minas Gerais*; 13(3): 221-228, jul.-set. Disponível em: <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/1554>. Acesso em julho de 2018.
- Rancière, J. (2010). *O mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Ribeiro, D. (2017) *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, p. 112
- Rivera, T. (2017). Desejo de ensaio. Sumário. In. *Psicanálise – Discursos, ensaios e conferências*. Tania Rivera, Luiz Augusto M. Celes, Edson Luiz Andre de Sousa (org.). – Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017.
- Rilke, R. M.(1903/2001) *Cartas a um jovem poeta*. 32.ed. Tradução de Paulo Ronái. São Paulo: Editora Globo, 2001.
- Rocha, L. N. (2009). *Coletivos artísticos brasileiros: um estudo de caso sobre discurso e subjetividade política nos processos colaborativos em artes*. Dissertação de Mestrado do PPG em ARTES - Ciências, Escola de Teatro da UFB, Salvador.
- Rosa, M., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>
- Rosa, M. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. Recuperado em 05 de julho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Russo, C. (2018). Tecer Imagens Artísticas: Aparência, Expressão. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 59 (139), 55-76. <https://dx.doi.org/10.1590/0100-512x2017n13903cr>
- Safatle, V. (2015) *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Safatle, V. (2018). A Mais Violenta Das Artes: Expressão Não intencional E Emancipação Política A Partir Do Romantismo Musical 1. *Rtefilosofia*, Nº24, Julho De 2018, P. 26-65 <http://www.artefilosofia.ufop.br/>

Safatle, V. (2019a). Crítica da autonomia: liberdade como heteronomia sem servidão. **discurso**, v. 49, n. 2 (2019a), pp. 21–41

Safatle, V. (2019b). Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019b.

Silva, A.C., & Rudge, A. M. (2017). Construindo a noção de sintoma: articulações entre psicanálise e pragmática. *Psicologia USP*, 28(2), 224-229. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420160051>

Sousa, E. (2011) "Por Uma Cultura da Utopia", *E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12. Acesso em abril de 2019. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>

Sousa, E. (2012) Entrevistar. Pesquisar na Diferença – um abecedário. Organizadoras: Tania Mara, Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. Porto Alegre: Sulina. p. 261

Sousa, E. (2017). Atravessar desertos - psicanálise e utopia. *Psicologia Clínica*, 29(1), 23-30. Recuperado em 03 de março de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000100003&lng=pt&tlng=pt.

Visoná, P. (2017). Trama: Indústria Criativa em Revista. Dossiê: Cultura Material, Consumo e Significação cultural. Ano 3, vol. 3, nº 1, janeiro a julho de 2017: 73-94. ISSN: 2447-7516

Visoná, P.(2018) Sobre o Estar Junto--Com Como Tendência Sociocultural e Coletivos Criativos: uma proposta interdisciplinar de metodologia para identificação de tendências visando cenários de futuro. *Moda Palavra E – periódico /DOSSIÊ 114*. Volume 11, n.22 julho-dezembro. 2018 – ISSN 1982.

Valent, I., & Castro, E. (2017). Da diversidade ao comum: práticas artísticas, cidadania e políticas sociais. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 3(3). doi:<http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v3i3.475>

Dados dos Coletivos:

1. **Das Flor:**<http://www.dasflor.com.br/>
<https://www.facebook.com/DasFlor/>;
<https://www.instagram.com/coletivodasflor/> @dasflor
2. **Trupi de Trapo:**
<http://trupidosbonecos.blogspot.com/>;
<https://www.facebook.com/teatrodebonecos/>;
<https://www.instagram.com/trupiditrapu/> @trupiditrapu
3. **Nítida:**
<https://nitidafotografia.wordpress.com/author/nitidafotografia/>
<https://www.facebook.com/nitidafotografia/>
<https://www.instagram.com/nitidafotografia/> @nitidafotografia
4. **Catarse:**
<http://coletivocatarse.com.br/>
<https://www.facebook.com/coletivocatarse/>
<https://www.instagram.com/coletivocatarse/> @coletivocatarse
5. **Moebius:**
<https://coletivomoebius.wordpress.com/>
<https://www.facebook.com/ColetivoMoebius/>
<https://www.instagram.com/coletivomoebius/> @coletivomoebiu
6. **Mulherio Urbano:**
<https://www.instagram.com/mulheriourbano/> @mulheriourbano
7. **Mater:**
<https://www.facebook.com/nucleocoletivomater/>
https://www.instagram.com/coletivo_mater/ @coletivo_mater
8. **Virgínias:**
<https://www.facebook.com/coletivovirginias/>
<https://www.instagram.com/coletivovirginias/> @coletivovirginias
9. **Visão Periférica:**
<https://www.facebook.com/coletivovisaoperiferica/>
<https://www.instagram.com/visaoperifericapoa/> @visaoperifericapoa

8. ANEXOS

8.1 Anexo 1. Entrevista Coletivo Das Flor

8.2 Anexo 2. Entrevista Coletivo Trupi Di Trapu

8.3 Anexo 3. Entrevista Coletivo Moebius

8. 4 Anexo 4. Entrevista Coletivo Mater

8.5 Anexo 5. Entrevista Coletivo Mulherio Urbano

8.6 Anexo 6. Coletivo Visão Periférica

8.7 Anexo 7. Entrevista Coletivo Virgínias

8.8 Anexo 8. Coletivo Nítida

8.9 Anexo 9. Entrevista Coletivo Catarse

8.1 Anexo 1 - Entrevista Coletivo DAS FLOR

Entrevista realizada no dia 30 de setembro de 2019, após um ensaio no Memorial do Rio Grande do Sul. Participaram da entrevista Luciane Panisson, Juliano Barros e Margarida Silva Rache

Bruna: (Breve apresentação) Para começar, vou me apresentar: me chamo Bruna e estou fazendo um mestrado no PPG de Psicanálise da UFRGS, com o professor Edson Sousa, meu orientador. Integramos o LAPPAP, Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política e eu estou pesquisando com ele o conceito de expressão. Na psicanálise a gente tem vários conceitos: o conceito de sintoma, o conceito de sublimação... o próprio conceito de sintoma é um conceito diferente, diferente do senso comum. Eu estou desenvolvendo mais o conceito de expressão. E então eu pensei nos coletivos como dispositivos de expressão. Então, eu pensei em começar com coletivos que estavam no espaço público. E diante disso eu cheguei até vocês, pesquisando, tanto por indicações também de outras pessoas... E aí eu queria ouvir de vocês um pouco, porque também se unir na forma de coletivo, o que que vocês entendem por coletivo, porque acho também que tem vários conceitos de coletivos diferentes. Isso a princípio não é um problema. Podem falar um pouco como é que vocês começaram e de repente depois cada uma poder falar porque que o coletivo é importante pra si, o que que o coletivo representa para vocês ou como o coletivo ajuda ou não vocês a se expressarem...

(...)

Juliano Barros: Dentro dessa ideia de que estávamos falando, no viés pelo nosso olhar, do coletivo Das Flor, nesse sentido, foi a convite da Lu, a pensar sobre a ideia da... das pessoas da rua mesmo, né, do olhar do morador de rua, das crianças que estavam na rua vendendo flores na época. A ideia dos primeiros trabalhos do coletivo Das Flor, na real. Então cada coletivo vai ter uma abordagem diferente a respeito disso, e aí como que se dá essa narrativa de pessoas que são flutuantes dentro do coletivo. Nem todo mundo é fixo dentro do coletivo e ninguém se pretende que você seja uma peça fixa ali. Por isso que essa questão da flutuação dentro da coletividade é algo que oxigenou também pro artista um espaço. Que antes a gente fazia parte de um grupo. (...) Então são conceitos novos que os artistas têm experimentado nesse aspecto assim. Sim, existem aspectos coletivos mais fechados e coletivos mais abertos que também estão sempre abertos pra receber né? É o espaço que eu vejo. E a abordagem de cada coletivo também, né?! O que que tu tá abordando? A gente aborda muito a questão do urbano mesmo, né? Mesmo a peça que a gente vai fazer dentro da sala, o material que a gente vai coletar ele está relacionado com o urbano, ou com uma comunidade específica. E isso acaba interferindo na saúde coletiva também, né? Experimentar o coletivo, vai experimentando os espaços urbanos também, e as pessoas que estão por lá.

Margarida Rache: É, espaço coletivo como um espaço de troca de experiências também. Os coletivos têm uma vertente de expressão. Uma estética, né? Uma estética como uma temática. E a experiência com o coletivo não é fixa, como o Juliano fala, as pessoas circulam, a hora do coletivo é todo mundo contribuindo pro trabalho. Isso é legal porque oxigena também né, troca de experiências pessoais assim...

Luciane Panisson: De modo bem pessoal assim, da minha experiência, esse coletivo que a gente chama de Das Flor, ele começou em 2011, a partir de uma proposição de uma montagem teatral. Que era essa

que o Juliano falou, que era ir pra rua e se relacionar com a população de rua. Tanto crianças, quanto adultos, adolescentes que tivessem em situação de vulnerabilidade social. Aí a gente se vinculou a dois lugares: no abrigo, e na escola EPA. Pra poder ter uma instituição que ancorasse essa relação. E promover oficinas com essas pessoas nesses lugares e criou pequenos experimentos teatrais, levou eles pro palco do teatro, pra vivenciar o palco do teatro. Depois a gente foi pra dentro de uma sala e criou um espetáculo a partir das narrativas que a gente ouviu e de como a gente sentiu isso. E esse material que tu tá vendo hoje, que são essas dobras, esses objetos de roupa, eles faziam parte lá desse primeiro trabalho. Que hoje já não é mais exibido, que a gente já não mostra mais ele, que se chamou Das flores o espetáculo. Mas esse material segue com a gente e há um ano a gente resolveu revisitar ele pra ir pro espaço urbano interferir com ele pra tentar trazer narrativas do espaço de rua pra rua. Então é uma ideia de figuras que não se definem muito fisicamente, nem institucionalmente. E que elas tão ali e compõe imagens que vão criar uma coisa pro transeunte, pra quem tá ali junto. Mas que eu queria falar mesmo é que entre esses dois trabalhos que eu citei agora, existiram outros, que um foi que ficamos quase três anos na comunidade da Lomba do Pinheiro, e lá a gente fez um espetáculo pela rua em que a comunidade participava. Ora porque frequentavam as nossas oficinas e ora porque estava ali naquele momento e tinha uma abertura, uma certa abertura pra interação, pra participação. E lá também a gente acabou produzindo um documentário. Então a gente sempre teve um, acaba resultando em produtos artísticos e tal. Só que disso a gente já desdobrou várias outras coisas, né? Instalações que a gente fez com esses materiais e outros, um show musical que a gente fez, um solo de palhaço que a gente tá criando, um outro espetáculo que tá sendo criado. Mas para mim é muito forte a questão do coletivo, ela quase que foi assim.... do conceito de coletivo, quando a gente foi pra esse espetáculo que foi o primeiro, ela foi um alívio pra mim. Porque eu vinha de uma trajetória que eu participei de alguns grupos de teatro como anexa, que eu contribuía com alguns grupos. E eu tive um grupo que eu fiquei por mais tempo, éramos três pessoas, vivendo em um momento que eu não tinha nenhum grupo que eu trabalhava. E eu vinha trabalhando com várias pessoas, que quando a gente entrou pra esse processo do Das Flor, a gente não era um grupo. Nem um coletivo. Nós tínhamos nos encontrado a partir de uma proposta que eu fiz, e convidei pessoas que eu gostava muito, achava que tinha a ver, enfim, que acolheram. E a gente começou a trabalhar. Só que daí ali criou uma liga, da vontade de falar com a rua. E aí a gente foi tentando encontrar subsídios e possibilidades de seguir esse trabalho, né? E aí eu falei: "Tá, mas isso aqui não é o grupo! Graças a deus, não é o grupo." Porque eu achava muito aprisionante a ideia do grupo. Achava ela uma ideia que aprisionava e que limitava né. No próprio entendimento do restante das pessoas. E quanto a mim, a ideia do coletivo hoje é isso: é um espaço de fluxo que acaba que algumas pessoas estão ali alimentando mais ele. Outras vem e vão mais, né?! E mesmo que a pessoa não esteja aqui nesse exato momento, né, algumas pessoas não estão conosco nesse momento, nesse trabalho, eu sinto que elas tão ligadas a esse coletivo em prol de um novo momento que elas puderem tá contribuindo com a criação, entendeu?

Juliano: E em termos de expressão, também nos abre canais pra que a gente possa se provocar também. Tendo essa provocação artística também. "Bah, vamos criar uma performance aqui na praça da alfândega! Vamos criar um filme, vamos criar outras narrativas também". Sair das narrativas já conhecidas, poder criar as nossas narrativas né.

Luciane: Se autorizar a estar em outros espaços de criação.

Juliano: Exato.

Luciane: Que eu acho que isso também vem junto com um pensamento da arte pós dramática, do pós moderno, se a gente quiser chamar, que é um pensamento da mistura, do hibridismo, que é um conceito que agora já tá né, ultrapassado mas, de se misturar as linguagens. Bah, então assim, quando a gente começou a conviver mais, daqui a pouco tinha alguém ali, tinham uns músicos muito foadas junto com a gente, e por que não né? Então, vamos ampliar essa história. Tinha uma artista visual como a Margarida, que veio e se aproximou, e aí muitas ideias pra montar uma instalação, pra fazer outras coisas, mas também tu podes fazer a tua instalação, instalação da Marga que tem essa ideia né. "Vamos fazer um filme, afinal tem o fulano e fulano que conhece um pouco de cinema e vem do cinema. Mas se fulano e fulano não tiver naquela hora, a gente faz o filme igual", foi o que aconteceu com a gente né? A gente tinha um processo que a gente ganhou um edital pra fazer um filme. Justamente quando saiu o edital do filme, as duas pessoas que eram da área do cinema e que estavam com a gente viajaram, foram embora. Uma foi pra fora do país, outra foi pra outro Estado, né. E a gente fez uma parceria com suporte técnico, e a gente botou a mão na massa assim. Não sei o quanto contribui, mas pra mim... Eu acho que o coletivo é um território de muita potência de expressão, porque ele é mais poroso. Né? Ele é menos aprisionador, no meu entendimento. E pra mim, pro meu temperamento, chegou uma hora que eu pensei assim: "Ah se fulano não tá aqui, eu não estou estressada por que ele não tá aqui. Quem é que tá aqui? Quem é que quer criar aqui agora?" Claro que dá vontade que fulano esteja por que "ele é excelente (...)"

Margarida: Eu acho que se cria um espaço de tolerância, de compreensão, de que cada um tem as suas coisas.

Bruna: Não tem uma cobrança de "tem que estar ali", burocratizada...

Luciane: Não. Claro, mas se tu assumiu esse processo, tem que estar nesse processo...

Bruna: Tem uma organização...

Margarida: É, tudo tem um limite, ok, mas a coisa é mais relaxada.

Bruna: mais natural mesmo...

Juliano: É, no campo da expressão, esse espaço da expressão artística, temos esse coletivo de moradia, temos coletivos... Isso que a Marga falou da tolerância, e compreender essa diversidade, e essa nova forma de linguagem, de convivência, que a gente tá se propondo hoje em dia é algo que é contemporâneo, que é esse momento atual que a gente tá vivendo, de retomada. De a gente se reajustar enquanto sociedade também. Esse espaço mais individualista...

Margarida: é, e a necessidade de falar, né? Dentro do campo da poesia, né?

Luciane: é, exato.

Margarida: é isso né, levar a arte pra rua, levar poesia, levar uma possibilidade de outros horizontes, outras imagens para as pessoas, né... que saem fora d cotidiano, que sai fora do quadrado ali, da tv, que é o de sempre né. Então tu lançar imagens na rua assim, seja nas artes plásticas, no teatro, tu interferir, de alguma forma tu te colocar na rua assim, e a pessoa ter que, tu tens que introduzir um parar pra olhar. E isso é... pra dar uma desestabilizada. Às vezes tu tens que te desestabilizar pra poder achar o prumo, né?

Luciane: Tem uma coisa que eu queria marcar que é assim... Dentro dos processos coletivos, a gente assume funções que a gente encabeça, mas a gente tenta trabalhar com uma ideia de construção de horizontalidade. A gente tira bastante a coisa da hierarquia. "Eu mando e tu decide tudo". Existe alguém que sempre acaba gerenciando, e eu já fiz isso muitas vezes, as demandas e os diálogos, né? Como produtora, se existe alguém que artisticamente diz: "Ah, o figurino tá vindo por aqui, a coreografia tá vindo por ali, a música tá vindo por lá". daí faz essa costura, né? Mas existe uma autonomia propositiva nesses lugares, né? Esse trabalho que a gente tá fazendo agora, por exemplo, pra mim ele tá se recaracterizado. A gente começava com uma ideia de que tem alguém que dirige, daí não, são dois que dirigem, "não é só tu, eu não vou dirigir". Falando de nós dois. Aí daqui a pouco nós estamos aqui agora e existe um olhar que eu trago e organizo e faço algumas coisas. Mas a gente tá fazendo um diálogo muito atravessado. E eu não gosto de dizer criação coletiva, não sei por que, não gosto desse termo.

Margarida: do termo?

Luciane: não gosto, talvez seja um ranço meu com alguns processos que se dizem criação coletiva, e que a gente sabe que não são criações coletivas muitas vezes né. Mas é uma construção, são atores e artistas criadores, que criam junto. Então daqui a pouco quando a gente, se isso aqui vai seguir se desenvolvendo, daqui a pouco isso aqui "quem é a direção?". "Hum?". Uma criação desses artistas. E é isso. Por enquanto talvez ainda tenha uma camada que faz essa diferença, mas ainda tem... pode ser daqui a pouco não tenha mais. Não que isso seja ruim, mas eu estou trazendo isso como um próprio processo nosso dentro desse material.

Juliano: É, e existem nódulos também né... Não existe só uma fluidez, que são extensões de tolerância que a gente precisa exercitar também pra poder abrir mão talvez de alguma coisa que tu tá muito apegado ou afirmar nisso que tu tá apegado pra poder dar continuidade nas coisas, então...

Margarida: Tem coisas que exigem uma certa maturidade assim, no sentido de saber o que quê ... de buscar o que que é teu, que que está acontecendo, o que é teu e o que que é do grupo.... entende? Então tem que ter uma maturidade de interpretar as emoções, as exarcebações, né....

Luciane: Até o modo que a gente expressa, né... agora tipo eu expressei algo, como foi vindo, mas não é exatamente

Margarida: Mas isso falando de nós aqui né, existe uma espontaneidade do tempo de convivência também, então existe uma espontaneidade assim, em estar assim, de poder propor, de poder errar...

Luciane: de poder dizer que não sabe como vai ser...

Margarida: de dizer que não sabe fazer...

Luciane: pra mim isso é bem importante, assim.... Pra minha construção pessoal, né. Como pessoa e como artista. Poder estar com essas pessoas, e dizer "ah o que tu achas que a gente faz aqui, eu não sei o que fazer". De dizer: "ah eu acho que é assim, mas aqui eu trouxe essas coisas por que eu não consegui resolver isso"... Poder ter esse lugar de não ser a pessoa que tem todas as respostas e que vai dizer exatamente pra onde a gente tá indo pra mim é mais saudável... não sei.

Margarida: Eu também, sabe... eu acho quanto mais espontânea as relações...

Luciane: Não é perfeito...

Margarida: Não é perfeito.

Bruna: Não tem um guia... um mestre...

Luciane: Nah, não é que tenha nada errado em ter...

Margarida: esse relaxamento do se permitir experimentar coisas e tal, isso é muito bom pra mim, mais orgânico, mais verdadeiro. Eu acho que está todo mundo no mesmo barco.

Luciane: Mas é claro que tem horas que a gente diz: "tá não, a gente vai ter que fazer isso". Porque tem tal data. e tem prazo, e vai ter que ser por aqui, vamos pegar isso aqui que funciona mais...

Juliano: acho também que tem as escolhas de vida né... porque tu escolher esse caminho da arte, da convivência, é uma escolha de vida né?

Margarida: Mas acho que o poder... eu vejo assim, a arte como um poder de contribuir assim pra formação de outros olhares, de trazer um repertório de som, imagens, de histórias pra vida das pessoas... que oh, isso aqui é possível, pode ser, tem esse outro caminho, tem essa outra visão, tem esse outro horizonte, ne?! Acho que a arte traz muito isso, essa experiência de outras coisas, de outras possibilidades. De vida, de trabalho, de amores....

8.2 Anexo 2

Entrevista Coletivo Trupi di Trapu

**Entrevista realizada dia 01 de novembro de 2019 no Barraco Cultural.
Participaram da entrevista Anderson Gonçalves e Viviane Marmitt.**

Bruna: (Breve apresentação) Estou realizando uma pesquisa no PPG de Psicanálise UFRGS, eu tenho desejo de desenvolver sobre o conceito de expressão. Estou entrevistando diversos coletivos culturais de Porto Alegre, pois entendo estes como dispositivos de expressão. Seria legal vocês também dizerem o que vocês entendem por expressão, como também por coletivo, e se vocês acham que o coletivo ajuda vocês ou não a se expressarem. Mas também podem trazer outras questões... E queria ouvir de vocês também, a história do coletivo, como vocês chegaram até o coletivo, como são as atividades de vocês, o que o coletivo representa pra vocês...

Viviane: Quer falar da história primeiro?

Anderson: Eu tenho um grupo de teatro de bonecos, que é a Trupi Di Trapo. Agora a gente está com 11 anos de trabalho. E aí, a linguagem do teatro em miniatura, do teatro de caixa, sempre me interessou muito. Aqui na Redenção tinha um bonequeiro que era o Tcheli, ele vinha direto. Nossa, e eu assistia ele... enfim, sempre tinha interesse naquilo. E o teatro em miniatura é uma arte muito nova, dentro do próprio teatro de animação, teatro de bonecos. Tem 30 anos, celebrado esse ano. Mas ainda é muito desconhecido, em alguns lugares as pessoas ainda não sabem exatamente o que é, e o que que está acontecendo. Então, tem muitos movimentos coletivos de teatro de lambe-lambe, de teatro em miniaturas, se fortalecendo pelo mundo inteiro. Em 2015, eu recebi um convite de duas cubanas que moram na Argentina e que são bonequeiras, para ir para lá, com um espetáculo de teatro de caixa. E eu disse pra elas: "Bah, mas eu não tenho!". E elas: "então tu faz um".

Bruna: Tipo assim "a gente está convidando e tu tem que vir, não importa se tu tem ou não".

Anderson: Assim... e aí, tá, eu fiz minha primeira caixa. Mais ou menos assim, com a ideia, com o que eu tinha de ideia, mas sem nenhuma base pedagógica, didática, pra construção daquilo. Fui pra Argentina, rodei um mês lá... e achei muito legal, muito interessante a troca. É muito diferente do teatro de bonecos convencional que a gente está acostumado. Por que tu faz um espetáculo que tu pode fazer pra sei lá, 100, 200, 500 pessoas, e ali tu faz pra uma por vez, duas, dependendo da tua caixa.

Bruna: E é bem artesanal também, se a gente pensar essa coisa bem singular.

Anderson: E tem uma relação que é o mais marcante para mim, que fez eu seguir, que é o olho no olho com o público. Então, a cada apresentação, ela é igual na dinâmica que tu segue, mas ela é muito diferente de acordo com o receptor. Então, tu tem várias impressões em um único dia de apresentação, tem várias impressões do mesmo espetáculo. E tu é obrigado a se relacionar com o público. Então, isso foi uma coisa que foi me cativando. Aí eu tinha um companheiro no grupo que era o Alexander. Ele também, depois acabou fazendo uma caixa pra ele, e a gente começou a circular por eventos em Porto Alegre. Só que aí a gente tinha esse problema assim, parecia que era fraco, só eu, ou só ele, não era forte o suficiente. E aí chegou um momento que, conversando com outro bonequeiro, que é o Leandro, que também tinha o interesse em fazer uma caixa, mas não tinha, a gente pensou: "por que que a gente não cria um coletivo, vamos ver quem é que está fazendo caixa, ou quem é que tá a fim de fazer". Tem muita

gente né, que daqui a pouco se interessa por fazer e somar, e a gente ir pra rua. Era aquele momento do início, ali daquelas funções de golpe, de coisas políticas acontecendo. Então, a gente tinha uma necessidade de ocupar espaços públicos. Já se falava no cerceamento de... Teve aquela polêmica do artista de rua, que daqui a pouco ia ter que pedir permissão para tudo. Aí a gente falou, vamos fazer. A galera topou, e aí foi uma coisa muito louca, porque entre estar a Trupi di Trapo e criar o coletivo, isso se passou um ano e o coletivo ganhou uma autonomia muito grande, porque se somou muita gente. A proposta, mesmo quem não é caixeiro, tá participando do coletivo, muita gente abraçou a ideia. A gente foi convidado para vários eventos, mostras... a coisa tomou uma repercussão muito grande. E aí hoje a gente tem 11 caixeiros.

Viviane: 12.

Anderson: 12 caixeiros no coletivo, incluindo gente que não é de Porto Alegre também.

Bruna: Caixeiros tu chama?

Anderson: É, não tem um termo específico.

Viviane: Tem vários nomes. A gente chama de caixeiros, mas eu já ouvi lambe-lambistas, lambeiros. Acho que na Argentina eu ouvi isso. E acho que basicamente esses três.

Anderson: E o teatro em miniatura, o teatro de caixa ele é considerado o mais dinâmico, diferenciado, mais revolucionário dentro do teatro de formas animadas, hoje. Porque ele tem essa coisa de condensar. Tudo que tu colocaria dentro de um espetáculo de 45, 50 minutos, tu tens que condensar em 2, 3 minutos.

Viviane: Tendo início, meio e fim. Ápice. Tudo que um espetáculo teria... de bonecos ou não.

Anderson: Se a gente pensar na catarse do teatro, né...

Bruna: Que vão montando a cena até o estopim, pra fazer uma logística que sustente a coisa tem que ser rapidinho, e ao mesmo tempo tem que ter uma história ali... Eu nunca vi, agora que parei para pensar. Eu conheço, já vi, mas eu nunca assisti...

Viviane: Nunca passou pela experiencia. E é mágico.

Bruna: E eu sempre tive curiosidade, penso nisso há muito tempo, mas a inda não me sentei realmente... já passei ali na frente, já vi o Tcheli, conheço o Tcheli, inclusive. Mas nunca assisti. Já estive perto, olhando a coisa acontecer, mas nunca assisti. Olha aí, coisas da vida, está na hora de assistir.

Anderson: É verdade. E agora o coletivo fechou dois anos, em março.

Viviane: Já vai fechar três, se a gente pensar, já passou mais tempo do que fechou, do que falta ainda.

Anderson: Dentro desse processo do coletivo tiveram várias coisas que aconteceram: a gente realizou uma vivência de teatro lambe-lambe, que foi aí que a Viviane passou a fazer parte do coletivo, ela construiu a caixa dela lá.

Viviane: Mas isso foi bem no início, né? Tu já tinha a ideia de fazer a vivência, a mostra...

Anderson: 2016, 2017?

Viviane: O Anderson já tinha construído o coletivo, mas já tinha a ideia de fazer uma mostra de teatro em miniatura, de sustentação. E aí dentro dessa amostra, que era feita principalmente pela Trupe, não pelo coletivo, que o coletivo ainda não era forte. Foi feita essa vivência, aonde ele, o Alex, o Leandro, nos auxiliaram a fazer novas caixas. E aí nós éramos cinco, e nós cinco fizemos uma caixa naquela época. E dos cinco, só um não se manteve como caixeiro. Os outros quatro se mantiveram, e entraram no coletivo também e estão fazendo trabalhos até hoje. Todo mundo, né? Todos os quatro que estão fazendo trabalho até hoje com o coletivo.

Bruna: Que legal.

Viviane: Bom, mudou minha vida. Porque eu não fazia nada em relação ao teatro, eu acompanhava o Anderson nos trabalhos dele, ajudava ele em algumas atividades. E aí eu fiz a caixa e comecei a apresentar a caixa em algumas atividades junto com o coletivo. E aí melhorei minha caixa, já mudei não a história, mas a estrutura dela, aprendi um pouco como fazer, enfim... e aí, depois disso, todos os eventos que apareciam, inclusive viagens, a gente foi para festival de teatro. Acho que meu primeiro festival foi um festival de teatro de rua em Bombinhas. E aí que eu pude ir como eu sendo artista, por que antes eu só acompanhava o Anderson né, nos trabalhos dele. E isso mudou totalmente minha visão de arte, do que eu faço, enfim... Comecei a fazer outras coisas depois disso.

Bruna: E o que que mudou, tu acha?

Viviane: Bom, eu sou professora, e era isso que eu trabalhava. Era isso, acabou. Só que aí eu comecei a me envolver mais com o teatro e mais com os coletivos. Entender melhor como funciona também... Como funciona a arte nessa, o que que é fazer produção, o que que é tu participar de um evento, o que que é tu ensaiar, o que é tu tem tá sempre... que não é só chegar lá com tua caixa e apresentar, porque tu tem que construir uma caixa, tu tem que fazer manutenção da tua caixa, tu tem que entender como tu faz essas coisas, tu precisa ouvir o que o público tá te dizendo, e o que os colegas te dizem, a ponto de dizer "tá, isso realmente não tá bom ou tá passando uma ideia errada do que eu pensava", então eu comecei a entender isso melhor. E aí eu fui não me afastando da educação, mas me afastando da ideia de que eu era só professora. E comecei a me entender como outra coisa. Que é como artista. Até nesse meu primeiro festival, foi o Anderson e eu para esse festival, estava tendo uma conversa de artistas, né, sobre arte de rua. E aí eu disse: "bom eu não sou artista". E falei o que tinha que falar. E aí o Anderson depois me chamou atenção: "Como assim tu não é artista? Tu tá no festival de teatro, tu tá apresentando, tu tá sendo paga pra isso, tu tá aqui como artista". E isso mudou minha visão sobre mim mesma, sobre eu trabalho com a escola.

Bruna: Até me arrepiei, depois eu conto uma coisa sobre isso...

Viviane: Isso é muito louco, mudou minha vida prática, do meu dia- a dia, mas mudou também meu conceito de mim mesma. Continuo sendo professora, mas eu quero cada vez mais não me afastar, não da educação, mas me afastar da escola. Porque eu quero fazer mais isso agora, do que essa outra parte que me desgasta muito, apesar de ser o que paga minhas contas, e isso não paga. As contas das artes

difícilmente pagam, por enquanto não está pagando as minhas contas. Mas eu quero fazer muito mais isso do que eu estou fazendo. Foi isso que mudou assim, e mudou bastante para mim.

Bruna: Sim... Pois é, como é isso... Eu tenho escutado que os coletivos dão uma certa liberdade, né, de criação, e tal... Como é que vocês veem isso, porque é diferente de um grupo de teatro que já tem ali um roteiro, que já tem a peça pronta, e só entra e tem que receber aquele roteiro. E claro, tem sempre um limiar de criação do personagem e tal, mas ainda assim já tem um direcionamento... Como é a criação para vocês no coletivo? Tem algum norte, ou pilares, ou contornos, ou é cada um cria o seu? Como é?

Viviane: É, o interessante, nos coletivos pelo que eu entendo... o Anderson trabalha muito mais tempo nessa... com arte, então, ele entende melhor. Mas pelo que eu tenho entendido, os coletivos eles são feitos de pessoas que trabalham com outras coisas, ou com seus próprios grupos, e aí se juntam pra fazer um outro trabalho que não é aquele seu. Então o Anderson continua tendo o grupo dele de teatro, que alguns de nós trabalhamos juntos, mas ele tá dentro do coletivo como... não existe essa coisa de coordenador, de... porque no coletivo todo mundo tem que fazer alguma coisa né. E isso tem funcionado muito bem. Então assim, ali, cada um tem uma caixa, cada um tem uma história, e cada um faz a sua caixa baseado naquilo que acha importante ser falado. Então, a minha história ela foi criada a partir de uma coisa que eu achava necessário falar, assim como a outra menina que criou junto comigo a caixa, a partir das experiências dela, ela achava importante falar daquilo, ela falou daquilo. Então, não existe assim, um "ah, tem que ser falado sobre determinado assunto", nossos assuntos são os mais variados. Feminismo, Racismo... hum, quais são os outros assuntos que nós temos? Meio ambiente... são assuntos muito variados. Então, parte da experiência de cada um e ninguém precisa estar dentro de uma caixinha né (risos).

Bruna: É uma caixa que realmente extrapola todas as significações...

Viviane: Ninguém precisa estar dentro de uma caixinha, então cada um tem uma ideia. Só que assim, todo mundo está mais ou menos dentro de um pensamento crítico, que vê a sociedade de uma certa forma, que todas essas histórias, elas acabam sendo, fazendo parte de uma coisa só. Então ninguém está muito fora. Até acontece de a gente ter um casal no coletivo que... é um pouco diferente desse nosso pensamento. Mas eu vejo que, o restante de nós a gente está tão junto que a gente fica realmente junto, nos eventos que a gente faz junto. E aí quem não se encaixa muito nesse pensamento, automaticamente acaba se afastando. Então, a gente nem precisa dizer "oh, aqui se aceita isso, aqui não se aceita isso", porque é meio orgânico. Se aproxima quem tem aquele pensamento, se afasta quem não pertence. Então, nem precisa fazer absolutamente nada. A gente não precisa ter diretrizes...

Bruna: Seleção? Isso eu ia perguntar: como faz para participar? Já aconteceu de alguém sair? Como é isso? Cada coletivo tem uma dinâmica, um código... enfim, um funcionamento. E as vezes é isso, uns se sentem mais convidados, às vezes não, né... então como vocês veem a abertura ou o contorno do coletivo?

Anderson: Nesse sentido, acho que quando a gente começou a proposta, primeiro era o interesse. Quem tem o interesse de fazer ou de retomar. Por exemplo, a gente tinha uma artista que é a Elaine Regina, que é incrível, pessoa muito mega, que já trabalhou em grandes espetáculos do teatro... e aí a gente conversando e ela: "ah eu tenho uma caixa, tá guardada há muito tempo e eu quero retomar". Aí teve o pessoal que saiu da vivência sem nunca ter feito nada e queriam estar no coletivo. Então acho que o primeiro momento que era esse querer. Depois a gente foi pensando conceitos estéticos. Por exemplo,

tá... se nós somos um coletivo, a gente vai construir uma imagem visual pra esse coletivo. Aí vieram as logo marcas, vieram os bottons, que nos identifica quando a gente tá trabalhando, já que camiseta ia ficar muito estranho, ou uniforme porque daí a gente deixa livre pra que cada um crie o seu figurino. Então, quem quer colocar um colete, aí tem o botton que identifica. Então a gente foi criando algumas coisas juntos para nos identificar quando a gente tá na rua. E aí tem isso, eu acho que dentro da nossa dinâmica, uma das coisas que a gente tenta sempre manter, embora seja muito difícil, principalmente quando começa a aumentar o número de pessoas que trabalha, é de não ter uma obrigatoriedade de, mas sim um comprometimento com. Então assim, se nós vamos marcar uma atividade, nós vamos pra rua, a gente lança lá na lista. Se alguém nos chamou pra um evento, a gente lança uma lista, e as pessoas se colocam de acordo com a sua disponibilidade. Pode ser que aconteça daquela pessoa não poder ir, por exemplo, porque teve algum problema e tal. Mas a gente tenta sempre se colocar com comprometimento. Por exemplo, se eu vou marcar de ir sábado para Redenção, pode ser que aconteça um trabalho e eu vou ter que pesar e escolher. Mas geralmente se eu já me comprometi com aquilo, ou eu tento recuperar dentro do coletivo alguém que pode me substituir, para não deixar o colega na mão, enfim. Mas é muito fluido nesse sentido. E aí as pessoas que não ficaram, são as pessoas que tivessem essa dificuldade ou pelo tempo ou pelas outras atividades de tá junto com o que constrói realmente o coletivo. Por que hoje a gente tem trabalhos que a gente vende, que a gente fez pro SESC, que a gente fez pra eventos Virada sustentável, não sei o que... que são bem pontuais e que trazem um retorno de cachê que a gente estipulou dentro do coletivo e que é muito legal. Mas a base do nosso trabalho é ir pra rua, é passar o chapéu, e naquela bilheteria espontânea tu ganhar 0.50 centavos, tu ganhar 10, tu ganhar 30, tu ganha 80, tu não sabe o que que vai acontecer. E eu acho que geralmente as pessoas que não conseguem se adequar a dinâmica, são as que acabam saindo. Elas vêm, passam pelo coletivo, percebem que aquilo não funciona pra elas...

Viviane: E não se adequam por vários motivos, né... porque daqui a pouco tu trabalha já com outra coisa, e aí tu tem muito convite pra trabalhar com aquilo, só que aí tu está comprometendo aquele trabalho que já é o teu pra ficar com o coletivo que tu não está ganhando absolutamente nada e tu tem conta pra pagar. Então, dá pra entender também quem saiu por conta disso.

Bruna: Sim, é um desejo difícil de sustentar também, tem que ter uma certa organização.

Viviane: Porque o coletivo, na verdade, o que eu vejo é que a gente não está ali pra ganhar dinheiro. Porque dinheiro é a coisa que a gente menos ganha. De vez em quando a gente consegue lá pega um cachê, como o Anderson falou, porque a gente foi contratado pelo SESC, mas aí esse cachê é guardado pra fazer reforma na caixa, pra pagar transporte, pra daqui a pouco se tu quer ir viajar pra um festival, que não te paga alguma coisa, aí tu tem aquele dinheiro. Então o coletivo, ele serve mais pra gente estar na rua, pra gente estar se mostrando, pra gente estar fazendo uma coisa que a gente gosta, porque é muito gostoso ir pra rua nesses eventos, mesmo não ganhando absolutamente nada. A gente volta pra casa na maior parte das vezes, assim, com o coração cheio. E... só que tem muita gente que não se pode dar o luxo, às vezes, de fazer por gosto, por hobby, porque né... E a maioria de nós, quem tá hoje no coletivo, faz exatamente isso. Vai pra rua quando pode, porque pode, e porque quer. E quem... já aconteceu de a gente convidar, né, pessoas pra "oh, você quer vir fazer parte?", e as pessoas virem. Mas aconteceu até esse ano de pessoas nos procurarem "olha, quero fazer parte do coletivo de vocês, a gente pode?". E aí... até vindo com essa ideia, o Jaque e a Aline, que é um casal, que já tem um grupo e fizeram uma caixa maravilhosa, e aí até acho que a ideia que eles tinham é que a gente ia fazer um tipo de seleção, né?! "Olha, vocês assistam a nossa caixa, vocês nos conheçam, e aí se vocês acharem que a

gente serve pro coletivo, a gente quer participar!". Mas não é assim que funciona. Quem quer se juntar, se junta. Essa pessoa ela vai permanecer se ela tiver dentro daquilo que a gente pensa como coletivo.

Bruna: Isso já muda bastante coisa, né?

Viviane: Sim, e a gente disse: "Nossa, vocês são muito maravilhosos, essa caixa é incrível, óbvio que vocês estão com a gente! Se vocês quiserem..." E eles: "ah que ótimo"!

Anderson: E a própria questão estética também influencia, porque por exemplo, ao contrário.... eu sempre tenho um pensamento de que assim: qualquer história dentro de uma caixa, ela pode ser contada e tu nunca vai ter uma unanimidade. Por exemplo, a gente tem dentro do coletivo pessoas que tem trabalhos que a gente questiona. Se essa pessoa se abre pro questionamento, a gente faz encontros as vezes pra conversar, trocar ideia, figurinhas, de como faz, "oh, o que tu achou da dramaturgia", e a gente vai conversando... Se não tem abertura pra isso, beleza! Tipo assim, a pessoa continua fazendo o trabalho dela. Por quê? Tu vai assistir, tu vai ter uma impressão, eu vou assistir e eu vou ter outra. Às vezes, depois de um tempo tu vai assistir e vai ter outra impressão. 'diferente de um espetáculo, por exemplo, que tu tenha que orquestrar, sei lá, cem pessoas, e metade daquele público no mínimo tem que ter a reação que tu espera no momento que tu espera. Então, a caixa é muito particular. Não tem como a gente dizer: ah não, esse teu trabalho serve, esse teu trabalho não serve. Poxa, se a pessoa tá com vontade de estar aqui, só o fato dela estar com a gente, de ir pra um evento, de trocar, de ver caixas de fora... que nem a gente teve uma possibilidade de um evento no teatro São Pedro, acho que ano retrasado isso já, que a gente conseguiu trazer uns meninos da Venezuela, que estavam conosco em bombinhas... Então, as pessoas do nosso coletivo puderam assistir eles, e aí já é uma outra troca. Como é que a gente vai podar, né? E dizer 'não, não faz!'. Porque acho que também tem isso, muito do que a gente coloca dentro da caixa, como a Viviane falou, são inquietações nossas, também. Então talvez existam processos que são mais primitivos para uns, mais desenvolvidos pra outros... Então, também essa análise, de por que que a pessoa tá lá falando tal texto? Porque ela precisa falar aquele texto, porque talvez ela esteja falando mais para ela do que para o outro. Por que que eu estou falando sobre uma coisa? Por que que eu resolvi colocar esse espetáculo dentro da caixa? Né? E aí eu acho que o teatro lambe-lambe, pegando lá a origem dele, ele começou com duas mulheres, na Bahia, a Iasmini e a Denise, que são as criadoras, que estão aí até hoje, fazendo teatro lambe-lambe. E o primeiro espetáculo chama-se Dança do Parto, que era uma cena de uma boneca que tinha um bebê. E a ideia surgiu por que elas queriam apresentar aquilo num evento, e tal... E uma delas...

Viviane: Pra crianças, né... Era um vento mais educativo, pelo que eu conversei, e elas queriam falar sobre o parto para meninas, principalmente. E aí elas não sabiam como fazer isso com bonecos. Porque aí tu pega uns bonecos, cria uma história, apresenta pra uma escola falando de parto?!

Anderson: Na verdade, elas tinham uma cena já... Essa cena já existia, só que ela existia como uma cena de balcão. Aí a Denise, eu acho, que disse pra Iasmini: "Bah, mas um parto é uma coisa muito íntima!". E aí depois disso que veio a função da Iasmini...

Viviane: E aí como faz pra apresentar essa coisa que é tão íntima, que precisa ser falado, que é uma coisa visceral, que não é algo assim, não é simples de falar... não é bonito, não tem essa romantização toda. Como é que tu faz pra mostrar o real, mas de uma forma que continue sendo íntima?! Que tu não fique com vergonha de estar assistindo com mais uma galera. E tu tem que atingir crianças nesse caso delas. E elas botaram eles dentro de uma caixa! E aí cada um assistia sozinho...

Bruna: Isso foi quando? Não tinha isso?

Viviane: Há 30 anos atrás! Não...

Bruna: Começou no Brasil?

Anderson: Há 30 anos... a ideia de teatro em miniatura que se tinha até então... Esse formato que a gente tem hoje é tipicamente brasileiro, porque até então os teatros em miniatura, eles eram teatros em miniaturas em caixas, mas para público aberto. Então várias pessoas se reuniam em volta e assistiam. Mas eram coisas pequenas. Esse formato vem exatamente disso. Porque nessa discussão, de como a gente individualiza isso, a lasmini saiu, foi para rua, enfim, e ela passa numa praça e vê um fotógrafo de lambe-lambe.... E aí, a partir daquela ideia, daquela caixa, ela pensa: "Tá, vamos colocar essa história aqui dentro". E as duas colocam...

Viviane: E ela reciclou uma caixa de fotografia lambe-lambe antiga, né?! Então também, não é só a questão de ser individual, mas também tem a questão de sustentabilidade... Porque, claro, muitas das caixas hoje são feitas com materiais não sustentáveis, mas a ideia é essa: a ideia é que tu use coisas que sejam sustentáveis, que enfim...

Anderson: E a poética, acho que o lambe-lambe trabalha muito com essa ideia da poética. Embora isso, tu pode fazer o que tu quiser dentro de uma caixa. Tu quer contar a história do chapuzinho vermelho, tu pode contar dentro daquele padrão ali. Mas o que vai te arrebatar sempre, é a subjetividade. É o que tá nas entrelinhas, o que não tá visto. Então, são essas coisas que te cativam. Que o teatro de boneco já tem em como certa base isso, né? Teatro de bonecos ele é aquilo que o ator não pode fazer... Então se tu vai ao teatro de bonecos, fazer o mesmo texto, fazer a mesma ação que um ator pode fazer, não é teatro de bonecos. Agora, quando tu subverte essa lógica, quando tu pega e faz um boneco perder a cabeça, por exemplo, tu não tem como arrancar a cabeça de um ator em cena, né? (risos) ou voar, ou morrer de verdade... Porque se tu largou o boneco, boneco vai tá morto. E aí o teatro de caixa vai além porque ele explora um pouquinho mais. E tu pode trabalhar com qualquer linguagem dentro da caixa. Tu pode trabalhar com sombras, tu pode trabalhar com objetos, com bonecos, com papel, com o que tu pensar, com celular, enfim... hoje em dia, já são muitas as inspirações...

Viviane: E tu não precisa de muita coisa, né? A iluminação, tu não precisa de energia da tomada, tu pode fazer com o celular, tu pode fazer com LED, Tu pode fazer com bateria, tu pode fazer com um monte de coisa. Tu não precisa de tomada também pra som... Porque assim, tu pode usar o celular pra som, tu pode usar MP3, tu pode usar a boca, inclusive. Tem pessoas que fazem efeitos sonoros com a boca. Tem a Elaine, ela tem inclusive o mesmo espetáculo dela, é inclusive acessível para cegos e para surdos. Então ela tem no mesmo espetáculo, se chega um espectador cego, ela tem isso adaptado. Se chega um surdo, tem. E se não é nenhum dos dois, ainda tem. Então tu pode fazer tanta coisa, tanta coisa... é muito incrível.

Anderson: E acho que tem algumas coisas que são interessantes no teatro Lambe-lambe, que são as histórias que a gente vai vivenciando. E que, claro quando tu faz um espetáculo maior, tu vivencia também umas histórias, as pessoas que vem te contar emocionadas... Mas ali, como tu tem esse contato olho no olho, tu tem que fazer toda uma sedução, com a pessoa, porque tu tem que convencer a pessoa a sentar, a assistir...

Viviane: A se desligar por dois ou três minutos do mundo... colocar um fone de ouvido e olhar num buraquinho, e ela não vai ver mais nada que tá passando na volta... E é difícil fazer alguém focar.

Anderson: E essa coisa de que, muitas pessoas como não conhecem, não sabem o que que é. Tem lugares que a gente foi, que as pessoas ficam assim, achando que é uma pegadinha, que tu vai jogar uma coisa na cara delas. Tem de tudo. Mas tem algumas coisas nisso, nesse processo, que te mostram o quão forte é o que tu está fazendo, e como as pessoas estão necessitadas dessas trocas. Tem uma história, logo que a gente começou, estávamos eu e o Leandro fazendo uma apresentação na Escadaria ali da Borges, num evento do IACEM. E aí passou um senhor que perguntou o que que era. A gente explicou, e tal... E convidamos ele pra assistir, e ele falou: "Não, não, tô indo ali comprar um cigarro...". Estava com duas moedas de 50 centavos na mão. Aí eu falei: "Não, você pode assistir, não precisa contribuir se o senhor não tem, contribui em outro momento, porque a gente trabalha com chapéu, ele é livre...". Naquele momento era contribuição livre. "Não, não, não, vou lá pegar o cigarro", e saiu. E aí acho que deu uns cinco minutos e ele voltou, colocou a moeda em cima da minha caixa: "eu vou assistir". Tá, apresentei pra ele. "Legal...". E eu: "eu convido o senhor pra assistir a caixa do meu outro colega, que é outro espetáculo". e ele: "Não, não, agora eu vou ali comprar o cigarro". E eu: "Mas essa moeda que o senhor deu aqui a gente divide, não tem problema, fica 25 pra cada um, o senhor pode assistir". E ele: "Não, não é justo, tem que pagar". Deu um tempo, ele voltou com outra moeda e assistiu o outro espetáculo. Assim, ele abriu mão de uma coisa que era muito importante pra ele que era o cigarro. Né, minha mãe fuma, eu sei como é importante para pessoa que tem isso... Pra parar pra assistir, e voltou pra assistir A outra. Então foi um movimento muito interessante, né?!

Bruna: De decisão, né? Vai ou não vai, e a partir da primeira experiência ainda voltar... Eu fiquei impressionada com a questão de não ter que aproveite ou não o que o outro está criando, né. Por mais que talvez o grupo não entenda... bom, mas a criação é dele, né, da pessoa, seja lá quem for. E talvez ok não ser compreensível, mas ele vai poder apresentar e talvez o público... talvez nem seja pro público, talvez seja pra ele mesmo. Isso é diferente, é muito difícil ter esse espaço, de a pessoa poder fazer uma coisa para ela mesma. E ter essa liberdade. Bom, ainda não tinha escutado dessa forma, porque acho que tem uma certa espontaneidade que os coletivos permitem, mas ela é mediada. Não é uma espontaneidade, isso assim: "ah, pode vir até aqui e tal". Isso que tu trás, bom, a pessoa faz e ninguém diz ali tipo: "não faz isso", fica dando pitaco ou coisa sim, é livre. Interessante.

E o que que vocês acham que vocês já conseguiram expressar através do coletivo e que antes não tinha lugar? Se... talvez não né, talvez tivesse outros lugares, em outros formatos, mas que que talvez o coletivo tenha permitido a vocês que antes não tinha muito espaço?

Viviane: Eu acho que a gente tá fazendo uma coisa muito nova. Eu não tinha visto o que a gente está fazendo acontecer ainda. Claro, depois a gente foi descobrindo outros coletivos de teatro lambe-lambe também, ou só coletivos femininos de teatro lambe-lambe, mas eu acho que, até onde eu saiba, até agora, nós somos o maior né?

Anderson: Acho que sim...

Viviane: Dos que a gente conhece, nós somos o maior...

Bruna: Quantos integrantes tem?

Viviane: Nós temos em torno de 11 ou 12... Acho que o maior coletivo que eu conheci é um de Curitiba, e tem cinco integrantes. Fazer funcionar essas 12/11 pessoas, e realmente funcionar, a gente tá há quase três anos, e a gente tá conseguindo cada vez mais visibilidade, conseguindo cada vez mais trabalho. E todo mundo, de uma forma ou de outra, está na rua, pode ser duas vezes por ano, pelo coletivo, mas tá na rua. Isso é um troço muito grande. Eu vejo como algo muito difícil fazer essas pessoas ficarem unidas. E nós somos muito unidos né?

Anderson: Sim...

Viviane: Mesmo trabalhando com outras coisas, a gente consegue ser muito unido. E pra mim isso é o que mais me chamou a atenção de coisas diferentes que a gente fez. Agora... eu não saberia falar sobre expressão.

Bruna: Vamos ver o que surge, mas se não surgir nada específico...

Anderson: Eu acho que pra mim, tem uma questão que é a capacidade.... Eu sou uma pessoa que tem uma certa desesperança na humanidade. Eu vejo o ser humano como uma grande falência da natureza (risos). Talvez eu precise de terapia, não sei..., Mas...

Bruna: Mas pode também pensar isso, né?

Anderson: Eu acho que o coletivo, pra mim... eu trabalhei muito tempo sozinho dentro da Trupi. Eu tinha pessoas que passavam, que participavam, mas no fundo eu estava sozinho porque dependia de me fazer um movimento de estar sempre puxando, trazendo, cobrando coisas. E desde que eu comecei com o coletivo, muita coisa mudou na minha forma de perceber o outro né. Então, pra mim isso foi muito importante, perceber que sim, é possível trabalhar juntos, construir algo juntos. O coletivo tem isso, como qualquer coletivo, ele tem os seus altos e baixos. Mas no geral ele se descolou de mim, ele se descolou da Trupi, e ele ganhou uma vida própria e tem sempre alguém que puxa. Esses dias eu estava falando: "Bah, eu não tô mais com saco, eu estou fazendo outras coisas, eu não quero mais saber". Aí entrou a Elaine e começou a fazer umas puxadas de coisas... Então tem sempre alguém que tá movimentando isso, e que faz com que a gente se mantenha, que não seja "tá, eu larguei e acabou o negócio". não. E isso pra mim reverberou em outras áreas. Por depois o Bandeli, por exemplo, que é o nosso espetáculo que a gente fez ano passado de dez anos, meio que também entrou nessa vibe. Então, pra mim, o coletivo meio que preparou uma nova maneira de eu trabalhar. Pra mim, me trouxe uma certa segurança sobre o que eu faço. Hoje eu consigo ter, dentro da trupe, eu consigo ter várias linhas de trabalho, onde eu simplesmente confio e acredito nas pessoas e as coisas acontecem. Talvez antes eu não conseguisse, né... soltar...

Viviane: Abrir mão do controle... pra que tudo dê certo, e saber que tudo dá certo apesar de não ser tu que tá no controle. Isso funciona muito bem no coletivo. Claro, sempre dá pra melhorar. Sim, sim, sempre dá pra melhorar...,Mas o que a gente tem conseguido fazer, já é... grande, já é novo. Responsável, todo mundo tem responsabilidade. E cumpre suas responsabilidades dentro daquilo que pode cumprir e a gente não precisa se preocupar. Não precisa chamar... Realmente agimos como um sistema meio anarquista, né. Onde ninguém é dono de nada, ninguém manda em nada, e todo mundo sabe as suas ...

Bruna: Sim, não quer dizer não ter compromisso, ou responsabilidades... Bem bacana. Mas fiquei super curiosa, eu até fiquei impressionada comigo mesma. Isso que tu falou, das pessoas sentirem medo, ou coisa assim... eu não tenho medo, mas eu nunca... eu não sei também o que que aconteceu, e é uma questão que passa também aqui (no Barraco), tipo, porque que um lugar desse também a gente não entra, né... as vezes é difícil receber um convite. Fiquei pensando se me faltou um convite só pra se sentar e assistir. Se precisa de convite? Por que que a gente não faz essa busca mais naturalmente?

Viviane: Talvez... E essa é uma conversa que até que a gente tem, que cada artista trabalha de uma forma diferente. alguns conseguem ser mais expansivos, a ponto de chamar público. De dizer: "Hei, tu que tá passando aí, vem cá!". Outros não conseguem. Outros ficam ali esperando que alguém sente. E eu aprendi muito, por exemplo, a chamar público estando com outras pessoas que já sabem fazer isso. com o Anderson, que já trabalha há muito tempo, eu aprendi muito com ele. Então, falta as vezes pra gente, também, não é só o público que tem que chegar. Falta pro artista aprender, que sim, tu precisa convidar, né? Para as pessoas sentarem. E aí a forma que eu vou te convidar talvez não dê certo, aí eu tenho que mudar a forma pra ti. Então, praquela pessoa não deu certo esse jeito, então vou tentar outra coisa. mas talvez pra outra de certo aquele jeito. Então tu acaba aprendendo também muito como fazer esse convite. De uma forma que a pessoa não fique com medo. De uma forma que a pessoa fique curiosa. e é muito difícil adulto chegar e sentar. Crianças não tem nenhum tipo cerimonia, chega e senta.

Bruna: Tem essa permissão já assim dada né... Curiosidade do mundo, ele tá aprendendo o mundo, então ele pode aprender aquilo também.

Viviane: Mas adultos não, adultos não param assim... até olham passam assim, e se tu não falar nada, "não, isso não é pra mim". Então, também é uma falha nossa, tu não ter sentado, porque talvez ninguém te chamou, ninguém te despertou essa curiosidade.

Bruna: É realmente uma coisa que me pergunto, assim... Isso que eu tenho um contato com a arte, não é também de um total desconhecimento, desconfiança. Eu já tenho uma certa abertura, interesse e curiosidade já estabelecido, e mesmo assim acontece isso, de as vezes ter isso... um distanciamento, um estranhamento, uma não permissão. que me estranho também.

Anderson: E tem a coisa do coletivo, né... que uma das coisas que me chamava a atenção, quando eu fazia a caixa sozinho, era essa dificuldade de tu acessar o público. Porque tu tá fazendo a história, para alguém, fica te olhando, mas tu não consegue explicar pra pessoa o que que está acontecendo, e a pessoa não tem tempo, ou não quer dar o tempo e vai embora. Quando tu está em mais gente, tem isso, eu terminei e tem alguém olhando o dela, eu explico. Tu consegue cativar melhor o público nesse sentido. que aí, mesmo independente, que nem a gente fazia na feira orgânica, aqui, as vezes o pessoal estava passando, tu explicava... "tá, eu vou lá não sei o que", e depois eles voltavam ... porque tu conseguiu dar aquela atenção pra ele. Eu acho que o teatro de lambe-lambe, agora aqui viajando, ele tem muito disso, ele vai nas nossas carências... ELE te pega, por exemplo através da curiosidade, mas ao mesmo tempo ele tem um diálogo, ele nunca vai funcionar talvez sem um diálogo prévio... e sem o dialogo posterior. que eu acho que é o grande diferencial. Não é assim: senta, assiste e tchau, vai embora. isso não funciona. Ele não é uma máquina de fazer dinheiro, ou de fazer apresentações. Ele depende de uma sedução inicial, de uma conversa, de um primeiro contato, a pessoa se interessa, aí depois que pessoa assistiu, tu ainda tem um retorno, tu ainda tem uma coisa. As vezes a gente fica um tempão conversando com uma única pessoa.

Bruna: Pra explicar, e aí ela aceitar...

Anderson: Aí depois que ela assiste, aí vem, vem memórias, vem coisas... e aí a pessoas as vezes te conta histórias, assim... e tu fica...

Bruna: E vocês cobram? Um preço estabelecido, ou fica que nem tu disse que na escadaria era meio aberto, como é essa troca? É chapéu? Ou tem um valor estabelecido?

Anderson: Agora a gente estabeleceu, né?

Viviane: A gente estabeleceu, mas sempre aberto. a gente estabeleceu no mínimo quatro reais por apresentação. Só que assim, tem lugares que a gente vai, que não vai funcionar esse valor. que a gente vai precisar deixar contribuição livre e espontânea. Porque a gente vai conhecendo os lugares, e vai vendo o que que dá certo em cada lugar ... Então nosso modo é esse. Só que praquela atividade específica, a gente já sabe que não vai funcionar isso, então a gente faz de outra forma. e aí tem lugares que a gente sabe, que não vai funcionar. Tem lugares que a gente não tem ideia, então a gente vai naquele lugar pela primeira vez e a gente vê o que que aconteceu. Da próxima vez a gente já sabe qual a melhor forma. Então a gente tem esse valor agora, de no mínimo quatro.

Anderson: E temos um problema no Brasil, eu acho que não temos uma educação para valorizar principalmente a arte de rua. Tu estar na rua sempre te coloca numa posição marginal. Então é isso, tu vê as vezes pessoas que tem condições e que vão ali e te colocam duas moedinhas. Porque pra eles, sei lá... se tu não está dentro de um teatro, tu não está dentro de um projeto específico....

Viviane: é quase como uma esmola, não trabalho...

Anderson: Não se entende, né... essa coisa. Claro, tem essas outras histórias, que nem a gente fez uma vez no Gasômetro, estávamos eu e o João, e aí passou uns meninos, que eram meninos de rua, e estava ali e tal. "Paga quanto?". Expliquei toda a função... aí tá.... "mas se não tem dinheiro, pode assistir. "Assistiu... Eram uns quatro assim. Aí um dos meninos, o primeiro que tinha assistido, voltou com duas moedinhas, que aquelas duas moedinhas pra ele tinham uma força de alguma coisa que ele estava juntando, e tal. Mas ele foi lá e contribuiu. Ele entendeu aquilo, com o que ele poderia, aquilo era o máximo dele. Que as vezes é o que nos coloca até numa posição de se indignar, porque tu vê pessoas que tem condições e né...

Bruna: sim, absurdo...

Viviane: E é interessante que com esse trabalho, mesmo que a gente vá pra um lugar que a gente estipulou que aquele público pode pagar aqueles quatro reais ou mais, e está estipulado que hoje a gente vai cobrar dessa forma, quem faz a bilheteria é tu. Tu e tua caixa. Então, daqui a pouco passa alguém que tu sabe que quer muito assistir, e aí vê o valor ali e diz não, mas eu não posso. Tu tem total liberdade e ninguém vai te julgar no coletivo, por tu dizer "não, eu tô te dando essa apresentação, assiste, veja". E se tu puder tu contribui, se tu não puder, tu não contribui também, tu contribui com outro artista se tu puder, na rua. Isso é interessante também, porque se tu está dentro de um teatro, não é tu que tem o poder de fazer ... "Tá, tu vai entrar pagando, tu tudo bem, tu não precisa". Tu não faz isso no teatro, então é muito olho no olho mesmo. É o conversar antes, é o entender talvez aquela pessoa, é querer que ela esteja ali, a ponto de não querer que ela pague, então, porque ela não pode... enfim....

Anderson: E aí tem histórias incríveis nesse sentido. Em Canoas, quando a gente foi fazer o FESTIA. Na estação, teve também um morador de rua, e aí passou, conversou... muito inteligente, a gente via que era uma pessoa que tinha uma experiência, acho que nem era daqui do RS... e aí ele: "Ta, eu vou assistir então..., mas eu não tenho dinheiro". Mas ele tinha uma sacola com banana, e ele deu umas bananas. "Eu vou assistir, oh, eu não tenho nada, não tenho dinheiro, mas aqui oh". e colocou. E aí tem uma foto dele, com cobertor, assistindo. Então, essas coisas são incríveis.

Viviane: Acontece muito a gente ganhar fruta, bala, alguma coisa assim...

Anderson: Muito incrível isso, muito forte... essas relações. Pra mim, isso é o mais importante disso, que eu acho que é uma conquista que a gente tem enquanto coletivo, De realmente democratizar aquilo que a gente está fazendo. A gente tem uma necessidade, a gente tem um objetivo, mas nós realmente estamos fazendo um trabalho democrático que eu não consigo fazer em outras áreas. Por exemplo, eu não consigo ser completamente democrático com meus espetáculos de teatro de bonecos. Porque eu preciso de uma estrutura, eu preciso de um transporte, eu preciso de um som e eu não consigo fazer tudo isso pra levar pra rua gratuitamente. por exemplo.

Viviane: Com o coletivo a gente consegue mais porque a gente pega e coloca a caixa numa mala e pega um ônibus ou vai a pé muitas vezes até determinado lugar, monta ali e deu. Tu não precisa gastar absolutamente nada caso tu não possa. No máximo, uma passagem de ônibus. Tu não precisa de iluminação, tu não precisa sonorização...

Bruna: Tem algo da própria prática que também permite uma certa flexibilidade... dependendo da prática, não tem como, oferecer. Bom, acho que por enquanto é isso.

8.3 Anexo 3

Entrevista Com Coletivo Moebius

**Entrevista realizada em 04 de novembro de 2019 na Casa de Cultura Mario Quintana. Participaram:
Luíza Fischer, Bodh Sahaj, Priya Mariana Konrad, Renata Stein e
Patrícia Nardelli (apelido Pata)**

Bruna: Bom, vou me apresentar um pouquinho, para vocês também entenderem por que eu estou contatando vocês. Eu sou psicóloga, me formei ali na UFRGS e estou fazendo mestrado agora em Psicanálise, com o Edson Sousa. Ele tem uma relação com a arte bem grande, e ele tem um conceito chave da pesquisa acadêmica dele que é o de utopia. Utopia como algo que faz a gente se movimentar, a gente ir em busca dos nossos desejos e não aquela coisa totalmente inalcançável. Um conceito um pouco diferente, não é o senso comum de utopia. Uma utopia mais no sentido de movimento. E dentro desse guarda-chuva acadêmico ele dá muita liberdade para cada aluno dele pesquisar o seu tema de interesse e o meu tema de interesse é tentar desenvolver um conceito de expressão dentro da psicanálise. A psicanálise defende a questão da cura pela fala, da livre associação, da criação... A gente tem o conceito de sintoma, de arte, de cultura e o estou ampliando a discussão sobre o conceito de expressão. Nesse sentido, como dispositivo, como ferramenta para desenvolver esse conceito eu fiquei pensando que se eu fosse buscar só o que aparece nos meios artístico mais tradicionais, de museu, de galeria, não necessariamente a gente encontra o que que é... uma expressão de uma época, mas algo já muito filtrado. E aí eu comecei a pesquisa buscando grupos que faziam intervenção na rua e tal. Mas eu acabei caindo nesse conceito de coletivo que é mais do que um grupo, acho que é alguma coisa que também está se fortalecendo no contemporâneo. De 5 anos para cá teve uma explosão de coletivos, acho que essa palavra de alguma forma faz algum sentido, que fortalece as pessoas e aí então eu acabei, ao invés de só pegar a questão de grupo que faz intervenção na rua, eu comecei a contatar pessoas que fazem parte de coletivos. Seja coletivo aberto, coletivo fechado, coletivo específico, pequenininho ou coletivo mais estruturado e bom... Eu estou contatando vários, de várias áreas, não necessariamente só da arte, às vezes coletivo urbano, de horta, coletivo de mães, coletivo, sei lá... daí a palavra está me fazendo contatar vários grupos diferentes e aí eu estou conhecendo esses coletivos. Para ver também que sentido essa palavra tem para vocês, que eu acho que para cada coletivo é diferente e ao mesmo tempo não é, né?! Tem algumas singularidades e aí me interessa ver também de que forma vocês também entraram nesse coletivo, de que forma vocês acham que o coletivo contribui ou não para a expressão de vocês, ou para a expressão de alguma outra coisa... .. como é que essas palavras ressoam em vocês?! É bem associação livre, eu não estou buscando uma resposta específica, eu queria só ver como vocês entendem isso tudo que eu estou jogando. Então queria ouvir de vocês...Ah, daí a ideia é o seguinte também, depois, eu vou produzir um material em cima disso...eu trabalho no Barraco Cultural, não sei se vocês conhecem, é um lugar ali perto do Planetário, que é um grupo, a gente pode dizer que também é um coletivo, que tem vários profissionais de várias áreas. Tem artista visual, tem fotógrafo, tem pessoal da moda, tem da cerâmica e a gente acaba contatando também uma rede muito grande de pessoas que circulam pelo Barraco e aí minha ideia também é fazer um evento, alguma conversa, com vários integrantes de vários coletivos, assim, de poder a gente pensar também esse termo de forma mais prática e não só acadêmica. . Não ficar só na dissertação guardadinha na gaveta, mas fazer algum encontro real. Então vamos ver o que que surge depois, ao longo da caminhada. Mas mais ou menos é isso...

Luíza Fischer :Eu acho que a gente pode, talvez, falar um pouco sobre de onde a gente surge. Nós já fomos muitos mais. Nós éramos mais de 20 pessoas, 21, mais especificamente. E a gente se conectou, se conheceu, através de um espaço de formação que existe aqui em Porto Alegre que é o Grupo Experimental de Dança. E se tu pesquisou outros coletivos de dança mais contemporâneos, tu provavelmente vai ouvir isso mais vezes. Tem a galera do Necitra, tem a galera agora do Grupelho, tem outros vários grupos cujas formações...mesmo o Tônima em alguma medida, que a formação passa por aí. Que é um...é isso, é um espaço de formação fomentado pelo centro de dança que é um núcleo do Centro de Cultura de Porto Alegre, municipal...então a gente se conheceu lá, a gente passa um ano fazendo aula todos os dias, a manhã inteira, depende do ano. Enfim, mas o nosso caso foi isso e a gente desenvolveu, junto com um coreógrafo que estava na época de convidado trabalhando no Grupo Experimental, um trabalho coreográfico que a gente tinha vontade de manter, que foi bacana para a gente e tal e aí para isso a gente criou o coletivo. Então ele surge com esse nome Coletivo Moebius, mas até uma coisa que eu notei aqui é que a gente tem falado muito sobre isso ao longo dos 5 anos que a gente existe que é o que que significa para a gente esse “ser coletivo”. Porque no início a gente colocou esse nome porque a gente não tinha uma forma de se organizar como uma companhia, ou outros modelos de grupos de dança que existiam, e aí a gente colocou esse nome. Mas a gente foi virando coletivo ao longo desses 5 anos ou foi entendendo, eu acho, o que que significava para a gente ser coletivo ao longo do tempo. A gente não sentou um dia e disse “ok, nós vamos ser coletivo e o nosso modo de trabalhar é esse”. E eu acho que isso não se dá na maioria dos coletivos.

Bodh Sahaj: Eu acho que tem uma discussão que a gente vinha fazendo lá no decorrer, quando a gente sentava lá no espaço onde a gente começou a ensaiar, quando a gente meio que se descolou do Grupo experimental, que era entender que a dança era o fio que conduzia, que alinhava muitos de nós e que isso não era a única coisa para todos e que para a grande maioria tinha sempre outros saberes. E isso também meio que foi alinhavando com coletividades...éramos um ali, mas que também juntava vários outros saberes. Então, tinha galera de história, psicologia, antropologia, artes visuais, teatro, vários outros saberes e isso foi uma característica que a gente trazia isso como algo...talvez como uma marca do grupo.

Luíza Fischer: Aí com o tempo a gente seguiu se desenvolvendo, fez mais um trabalho...e eu acho que uma coisa que nos marca sempre, isso de aprender sendo...que a gente foi aprendendo muito a fazer, não só a parte burocrática da coisa, que em alguma medida a gente precisa fazer, por que a gente precisa ganhar algum dinheiro com isso também. Então, a gente foi aprendendo. Tinha alguém que sabia fazer editais porque trabalhava com produção, então meio que todo mundo aprendeu a fazer editais. Tinha uma pessoa, que era uma figura bem importante no início do coletivo, que era muito bom de composição, criação e a gente meio... meio que todo mundo pegava isso junto e foi aprendendo a usar algumas ferramentas. Claro, já trazia outras, mas também foi manuseando isso e ao longo do tempo a gente foi construindo uma maneira de ser que eu acho que é muito nossa assim, no jeito de se organizar, na forma de trabalhar, em como as nossas discussões se dão. Eu acho que nós somos um coletivo muito marcado por...organizando as nossas relações interpessoais ao mesmo tempo em que a gente vai...

Bodh Sahaj :Por DRs. DR boa¹⁰, discussão de relação, criar, quando tem conflito poder botar na roda, não perpassa só a produção artística profissional. Que isso está completamente atravessado pelas relações. Então, se as relações interpessoais do vínculo, tem alguma coisa que não está legal, isso se torna quase prioridade, ou ponto de se olhar pra isso.

¹⁰DR – Gíria que se refere a “Discutir Relacionamento”.

Priya Mariana Konrad: A gente meio que não consegue continuar trabalhando se isso não se organiza. Foi a forma como a gente se organizou. Em algum momento isso se deu.

Luíza Fischer: O que eu sinto que marcou muito o processo da gente ir se encontrando como coletivo. A partir do momento do último trabalho que a gente fez, da última criação que a gente começou a compor e dirigir o trabalho de forma coletiva. Eu acho que isso deu todo um novo lugar...se estabelecer assim...por que também é isso...como é que a gente iria criar algo juntos, como é que...quais eram as escolhas, o que que cada um ia propor para começar a criar células ou cenas de um trabalho. E aí vem disso né?! Do que que cada um traz como qualidade, então, uma pessoa que era mais da (INAUDÍVEL), outra mais com alguns elementos do teatro e assim cada integrante foi trazendo. Acho que para mim isso foi um dos grandes marcos também de um outro passo como coletivo e acho que cada vez mais tem se organizado. Agora mesmo a gente estava vendo quais eram...como a gente se organiza enquanto produção, como é que a gente organiza enquanto grupo que tem, além de trabalhos coletivos, a gente tem solos. E esses solos, como é que a gente organiza a produção desses solos e também coletivamente o envolvimento...então foi, acho que nesse último ano, nesses dois últimos anos, foi sendo todo esse aprendizado com essa bagagem de...está sendo...por que agora a gente está agora tendo um novo processo criativo, escolhendo como a gente quer, se a gente quer ter uma orientação coreográfica, de uma pessoa, o que que isso pode facilitar, ou não. Estão sendo várias escolhas que a gente está se deparando e a gente está vendo que está conversando bastante sobre isso, porque é isso, é trazer para todo mundo. Então as decisões mesmo são trazidas, né?! Mesmo que eu tenha um solo como é que eu vou organizar isso com o coletivo? Então eu vou trazer as questões...

Bodh Sahaj :É, eu sinto que, agora falando, parece que assim, gente decidiu, chamou o coletivo por que era algo que chamava atenção, mas a gente não tinha muito o que que era né?! Não conseguia pegar muito o que que era. A gente se debruçou muito assim, talvez mais conceitualmente do que na prática. E na estrutura do grupo a gente buscava trazer uma decisão mais coletiva de compartilhar e poder decidir, mas ainda assim se mantinha uma estrutura de direção e criação. Então, como um processo artístico, a gente mantinha isso. Por insegurança, por identificação, por vários processos que no decorrer do processo isso se rompeu, porque a figura do diretor quis sair em função de...toda uma função que aconteceu, de projetos que vieram e acabaram não se realizando e tal. E a gente se olhou tendo que assumir isso. Bom, então e agora? Se somos um coletivo vamos assumir isso coletivamente...quer dizer, compartilhar isso né?! E aí a gente assumiu esse risco. Várias pessoas saíram do coletivo. Hoje o coletivo somos 5...

Priya Mariana Konrad:6 com a Inaiê...

Bodh Sahaj :6 com a Inaiê...

Priya Mariana Konrad: Passamos por uma crise né?

Bodh Sahaj :Passamos por uma crise bem forte.

Luíza Fisher: Esse foi o momento de uma crise. Da gente não saber se ia se manter ou não só que a partir desse momento que a gente se responsabilizou em vamos manter e também surgiu uma proposta de um trabalho que eu acho que isso foi também...deu um up assim, um respiro assim, tipo, tá vamos chamar algum trabalho, vamos ter uma grana, vamos ser pagos...e a gente tem uma data para apresentar uma coisa e aí a gente tem que se responsabilizar por isso. Então foi um momento que a gente...que tá junto?

Então a gente estava entre 4 pessoas naquele momento, 4 integrantes mais a Inaiê que recém tinha nascido e aí foi um momento de pegar as rédeas e eu acho que criar esse rumo do coletivo está trazendo mais essas outras questões agora. Da forma como a gente está se organizando. (...) E tem uma coisa que eu acho que...tu começou a apresentar o projeto falando do conceito de utopia e tal, do sentido de movimento e de se direcionar para algo e eu tenho a sensação que cada vez, não sei se cada vez mais, mas em todo caso, que a gente tem vindo nesse lugar de fazer do coletivo um espaço de experimentar uma outra forma de estar em sociedade, talvez. De uma outra forma de se olhar e de se compartilhar responsabilidades e tal. De fazer e acontecer aqui entre nós 5, 6, um jeito mais...que palavra que eu quero...não sei...mas que seja mais humano talvez de se relacionar com o trabalho, uns com os outros, com a criação, com tudo, assim...nisso tem uma coisa de...a forma, isso é uma coisa que a gente também já conversou algumas vezes e está conversando especialmente por causa desse novo processo, que talvez de alguma maneira ele vai ser o nosso segundo processo desenvolvido de fato 100% coletivamente, que a forma como a gente faz o trabalho acontecer também fala sobre o que a gente está querendo falar. Então, a gente está vindo de uma série de trabalhos com um engajamento político, com discurso político forte e a gente está se propondo a isso, porque, bom, é a maneira que a gente está achando de viver também, de fazer acontecer nosso trabalho e de respirar. É sobre isso a nossa segunda peça inclusive e muito do que a gente aspira para o mundo a gente está tentando fazer acontecer aqui. Pelo menos eu sinto isso, assim, acho que a gente já falou um pouco sobre isso. Fazer uma experiência de coletividade aqui.

Priya Mariana Konrad: Isso que tu falou também da gente se envolver mais um com o outro começou a acontecer mais nesse processo mesmo. Eu acho assim...isso envolve desde coisas bem...de perceber, né, de quando a nossa filha nasceu né?! A gente começou a ensaiar lá na nossa casa por que daí eu não podia sair e o coletivo se adaptou também a esse novo espaço e também já criou uma relação muito íntima e próxima com a nossa filha, então teve toda essa questão...hoje ela fica na casa das tias do coletivo por que criou essa relação, então eu acho que esses afetos foram sendo cada vez, né, da gente estar se preocupando uns com os outros, foi sendo mais estimulado, com mais vínculo mesmo. E isso também eu acho que vai trabalhando toda uma relação de confiança entre a gente para ir lidando com várias situações, desde questões burocráticas, financeiras, de poder reconhecer quando tem discussões, de cada um pensar diferente. E daí a forma como a gente foi confiando...por que também tem essa questão do afeto, que está bem próxima, então, eu acho que a gente consegue ir lidando com as coisas de uma forma mais fluida, talvez, ou podendo se enxergar e se escutar melhor um com o outro. E eu acho que isso foi sendo construído.

Bodh Sahaj :Eu estava pensando na palavra expressão que tu estava trazendo também. Porque, pensando no coletivo... eu sou terapeuta, eu trabalho com terapia corporal também. Para mim expressão tem muito a ver com essa forma de existir e eu sinto que no coletivo, se você for pensar em expressão no coletivo, é um pouco desse processo, é a forma como a gente foi dizendo e existindo dessa forma. Não tinha como ser diferente. Tipo assim, eu sinto que não sobreviveria...sei lá, não dá para saber, mas, tipo, a gente passou por uma crise que realmente várias vezes a gente se questionou: tá, queremos ou não queremos? A gente está junto ou não está? Vamos mesmo com 2,3, mesmo grávida e não podendo ensaiar? Mesmo...então eu sinto que expressão como coletivo também tem a ver com isso, com a forma como a gente existe e resiste né?! Traz aquilo que a gente quer dizer, assim...

Priya Mariana Konrad: E na criação, especificamente, tem uma coisa que a Pata (???) falou uma vez, que a gente estava conversando na padaria, sei lá, que tu falou sobre a forma como cada um de nós olha, qual é a lente que cada um de nós tem para olhar para a criação que é distinta né?!

Pata: Sim, eu estava falando que o fato...é que eu já trabalhei com outras organizações coletivas, não sei se a gente dava esse nome de coletivo, que tinham esse método de funcionamento meio autônomo. A gente cria, a gente dirige, a gente faz tudo. E daí quando eu comecei a trabalhar com o Moebius, porque eu sou a última...a recém chegada no coletivo na verdade. Eu fiquei pensando como que essas questões que eu já trazia de outras experiências estavam se organizando aqui e por que que de alguma forma coisas que deram errado em outras experiências estavam certo aqui. E daí uma coisa que me chamou muita atenção foi, nesse processo que eu peguei dessa última peça que foi a grande primeira peça coletiva, de como a peça só era o que ela era porque cada um de nós priorizava uma coisa na cena. Então, não sei, o Sahaj ia lá e ele tinha um olhar muito para o desempenho físico. Então, bom, estou preocupado com o desempenho físico, técnico e tal. E a Priya tinha uma certa preocupação mais com “tá, mas qual a sensação disso?”, qual a conexão afetiva e sentimental que a gente está tendo com esse material de criação. A Renata já trazia uma coisa de “como é que o público que está ali fora está recebendo essa informação do palco?”. Então mais uma coisa para fora. A Luíza já tinha esse pensamento mais estrutural, narrativo né?! Como é que essa história toda é desenhada e eu já trazia uma percepção de mais...qual é a tarefa, quanto tempo a gente fica na tarefa e qual é a dedicação que a gente tem para cada coisa e o fato de que se cada um de nós tivesse dirigido esse trabalho ele seria diferente por que cada um ia valorizar essa coisa que é mais específica de si. Mas como a gente estava dirigindo junto com todas as tretas disso, até se acabou contemplando...tendo que contemplar todos esses desejos né?! Eu não podia...nenhum de nós pode contemplar inteiramente a sua visão, mas a gente teve que negociar onde cada visão dava um passo atrás para deixar a do outro entrar e isso fez com que a peça tivesse uma potência que ela nunca teria se fosse a minha peça ou a peça da Luíza, enfim...e eu acho que isso talvez seja um exemplo prático do que é para mim essa ideia de trabalhar em coletivo né?! É eu saber como que eu potencializo as coisas que cada um de nós tem. E acho que no geral também para a nossa vida, essa coisa de tentar fazer no coletivo o que a gente quer fazer no dia-a-dia, ou na vida, ou no mundo, acho que também passa por entender as nossas relações interpessoais dentro do coletivo, mas também com as pessoas fora do coletivo por esse viés, de que o que a gente faz em conjunto, às vezes, supera o que a gente poderia fazer sozinho.

Luíza Fisher: Sim, tem uma coisa que eu me lembro quando a gente estava bem no início do processo do Ranhuras que a gente filmou alguns ensaios, alguns trechos e eu me lembro que eu estava mostrando algum trecho para o meu companheiro, que a gente brinca que é o fã mais antigo do coletivo, que ele já assistiu todas as coisas e eu estava compartilhando com ele um vídeo do ensaio e ele não falou nada. Eu não sei se cheguei a contar isso para vocês...que ele não falou nada do que estava sendo feito, que eu não me lembro mais nem o que que era. Ele disse nossa...ele ficou emocionado com todos nós parando para ouvir o que quem estava propondo a atividade estava dizendo. Então, a gente estava lá, acho que era a Renata até, a gente estava lá fazendo e aí ela disse “tá, mas vamos tentar ir mais por aqui, mais por ali”...e estava todo mundo parando e ouvindo e a gente pegando aquilo e fazendo acontecer com os nossos corpos. Ele ficou, nossa, isso é...tu não vê isso em outros espaços de trabalho. As pessoas de fato se ouvindo, se respeitando e acolhendo aquilo que está sendo dito. Não que tenha sido sempre assim e o tempo inteiro, mas que isso é uma coisa que a gente procura.

Luíza Fisher: E que eu acho que foi sendo construída também. Acho que esse foi um dos processos quando a gente falou sobre isso. Porque eu acho que no início a gente até estava com problemas, a gente ficava meio que se cortando, ou duvidando uns dos outros. E aí foi um momento que “tá, agora a gente tem que entrar em um processo de acolher, não importa o que que a pessoa, não importa”...e acho que daí a gente deu um passo também de vamos fazer isso e aí a gente viu a importância de fazer

isso e acho que aí foi crescendo o trabalho e aí a gente achou por onde caminhar sabe?! Porque aí a gente foi vendo, assim né, cada um tem uma potência mesmo ali e se a gente permitir que isso aconteça, mesmo que depois a gente chegue na conclusão, no final daquilo, de tá, não gostamos, mas a gente experimentou fazer.

Pata: E que é muito massa poder fazer isso não precisando de uma hierarquia né?! É o quanto eu sou capaz de ouvir o outro, levar a sério o outro, respeitar o outro sem que ele ocupe um cargo superior, não, nós somos todos iguais. Mas se eu chamo, sei lá, a Luíza para dirigir a minha peça ela não está numa posição hierarquicamente superior à minha, ela só está com um olhar externo e a gente só dialoga de pontos diferentes. Se o Sahaj vai guiar um ensaio não é porque ele é o professor, é porque ele é o Sahaj e hoje esta é a responsabilidade dele e a gente dialoga de um lugar sempre de igual para igual, que é uma coisa bem difícil.

Bodh Sahaj :É, o que eu sinto desse ponto também que é o que a gente está avançando para um novo desafio. Que eu sinto que isso que a gente está falando que a Pata (???) falou especificamente, foi algo que a gente construindo pela necessidade, por que é isso, tem lá o projeto, vamos assumir, vamos construir...disso foi gerando frutos bons que gerou o Ranhuras né?! Que começou lá com o Decolagem (inaudível)...convites que a gente assumiu para criar o espetáculo dessa forma e que agora a gente está se vendo com a volta de um projeto que a gente tinha sido aprovado há um tempão, que tinha toda uma estrutura delimitada, direção...que foi aprovado e que a gente vai ter que dialogar com isso e que a gente está se vendo como desconstruir isso e ao mesmo tempo ver o quanto isso pode contribuir, mas pode ter uma figura de um orientador, mas na relação buscar isso que a Pata trouxe. Mas como é manter a hierarquia funcional...na função ele tem esse nome, mas na relação conseguir manter essa relação de, não de igualdade, mas de horizontalidade. Porque é isso, tu tem um diferencial de olhar, que coloca ele em um outro lugar e está tudo certo nesse outro lugar. Talvez agora é o exercício de poder relaxar que está tudo certo ter lugares diferentes e ao mesmo tempo isso não significa que tu é mais ou menos que eu, ou que tu tem mais voz ativa ou menos voz ativa. Eu acho que talvez o nosso exercício nesse projeto eu sinto que está sendo esse.

Bruna: Mas tu diz por que o edital exige algumas respostas, ali, do campo, de quem é o diretor e coisa assim...

Bodh Sahaj: Porque ele foi escrito com esse (inaudível) e foi aprovado. Então se a gente quer mudar a gente tem que justificar, tem que fazer toda uma...

Luíza Fisher: Tem um dado histórico aí, que talvez seja importante que é...existe em Porto Alegre um fundo de financiamento de arte que todo ano lançava edital para todas as áreas e a gente...e era uma das grandes fontes de renda de muita gente daqui, da cidade e em 2016 a gente passou, conseguiu passar nesse edital, a gente já tinha se inscrito outros anos, não tinha passado e nesse ano a gente passou. E desde 2014 esse fundo foi...o dinheiro do fundo caiu na vala comum da financeiro...isso significa que desde 2014 a organização do FUMPROARTE tem dívidas com toda a classe artística da cidade e o nosso ano, em 2016, então, agora está começando a ser pagos alguns dos...então esse problema que a gente vai ter que lidar agora, fazia sentido para a gente, isso que foi escrito, em 2015, quando a gente escreveu. E aí agora a gente tem todos esses anos de trajetória, essa nova relação construída, isso que virou outra coisa e a gente vai ter que lidar com isso de novo. Vai ser interessante.

Bodh Sahaj :Inclusive do tamanho, que na época, 2014, quantos tinham? Quantos bailarinos eram?

Luíza Fisher: Nós éramos 5 bailarinas...nós éramos uns 8 eu acho...

Bodh Sahaj :Uns 8...Na verdade na escolha, éramos mais, mas para fazer isso, por causa do financeiro escolhemos 8. Isso também fez com que pessoas também saíssem...

Bruna: Isso que eu ia perguntar, como é que foi isso de entrada e saída...vocês comentaram esse momento de direção, acho que tem a ver com isso, mas como é que é assim...se uma pessoa hoje quiser participar, ou não, como é que isso se dá...

Pata: Nem lembro que ano foi, foi 2017?

Priya Mariana Konrad: Acho que foi ano passado, no início do ano passado...

Pata: Acho que foi 2017, eu estava fazendo algumas aulas com a Luíza, eu era aluna dela, lá do (inaudível) que era uma escola de dança contemporânea do antigo diretor do coletivo Moebius, que já tinha sido meu professor também, então não era nada muito alienígena para mim, eu conhecia o coletivo, sabia que o coletivo existia, mas eu olhava ele meio de longe, são aquelas outras pessoas lá...e daí eu estava fazendo essas aulas com a Luíza e todos os grupos que eu participava se desmantelaram, tudo que eu estava fazendo do dia para a noite acabou e eu não sei muito trabalhar sozinha com dança, enfim, nunca fiz, nunca trabalhei sozinha...aí eu pensei, queria juntar com um outro grupo, pessoas que tivessem o mesmo tipo de preocupação estética que eu tenho, o mesmo tipo de preocupação política que eu tenho e daí eu me lembrei que existia o coletivo Moebius que em geral produzia trabalhos que dialogavam com as inquietações de criação que eu tinha também. Aí eu falei com a Luíza, falei “tá Luíza eu queria ir aí participar do coletivo junto com vocês e tal, não sei como é isso”...por que até então parecia sempre uma coisa mais distante, ou difícil, ou que talvez dependesse de, sei lá, uma audição, ou algum tipo de desempenho físico que talvez eu não tivesse, ou, enfim, todas essas inseguranças que tu tem quando tu trabalha com o corpo. E daí a Luíza disse vou conversar com pessoal...a gente passou por uma grande desestrutura recentemente, a gente está meio que se entendendo ainda também e aí ela conversou e o pessoal disse, ah, fala para ela vir no ensaio e daí eu vim no ensaio e simplesmente aconteceu, foi do tipo, acho que era uma aula que...não lembro se era tua ou se era...

Bodh Sahaj :Dos textos né...

Coletivo – Mulher: Ah, era uns dias que cada pessoa estava guiando...

Priya Mariana Konrad: Foi 2018, foi ano passado...

Bodh Sahaj :Preparação para a peça Ranhuras.

Pata: Cada dia uma pessoa era responsável por guiar um ensaio, um trabalho, uma aula, um processo e daí eu vim sem saber se eu ia entrar nesse processo criativo da nova peça, se eu ia só estar junto, vendo como funcionava, qual ia ser o meu papel ali e se ia dar certo essa junção com as outras pessoas que até então eu não conhecia muito bem. E daí eu vim nesse primeiro dia e fiz o exercício e a hora que a gente viu estava super fluindo tudo, o trabalho e eu continuei vindo e de repente estava dando pitaco igual, em todas as coisas e aí de repente eu já era da peça e já era do coletivo.

Bodh Sahaj : Isso nem sempre foi assim. Nem sempre foi esse processo tão fluido. Isso também eu sinto que é um avanço que a gente...por que teve um tempo que...que a Priya também entrou no meio desse processo né?

Pata: No procedimento né?

Bodh Sahaj: O procedimento já tinha...

Priya: É, o coletivo surgiu em janeiro e eu entrei em março. Eu entrei na segunda apresentação do procedimento. O procedimento tinha sido apresentado no final ali, tipo, dezembro, daí montou o coletivo em janeiro e eu entrei em março e aí teve em maio eu acho que uma apresentação, uma mostra, daí eu já tinha entrado.

Bodh Sahaj : Então eu sinto que teve várias saídas...por que o que que acontece, para mim, na minha visão, o espetáculo 21 + 1 que foi esse primeiro espetáculo quando a gente saiu do grupo experimental, tipo, teve uma força de algo que mudou e que diretor trouxe como proposta e que todos nós nos identificamos e que foi muito potente. E aí a gente criou, se apresentou, só que a concepção e ensaiar tudo aquilo era algo que demandava uma estrutura muito grande. Quando a gente saiu dessa estrutura grupo experimental, que sim, dava uma estrutura de apoio, de suporte e tal, começou a ficar muito difícil de fazer isso acontecer, ainda mais com menos pessoas, por que nem todos do grupo experimental ficaram, então isso nos forçou também a ter que criar outras coisas para poder sobreviver e aí nessa criação também já foram saindo pessoas. Aí se criou o IGBÁ, por que aí foi um período de transição de férias, que daí algumas pessoas estavam viajando e o Doug seguiu com quem estava no Só Mulheres e aí ele decidiu, acho que por um desejo dele também e por coisas que já tinham, criar um espetáculo só de mulheres e na época acho que só eu estava de homem, ou tinham outros homens?

Pata: Não me lembro.

Priya Mariana Konrad: Era só tu. Já tinha saído os outros.

Bodh Sahaj :E aí para mim naquele momento, quando a gente voltou e aí teve essa fala da possibilidade desse espetáculo, para mim era muito claro que eu não ia estar no palco mas como coletivo o meu papel ali era outro. Naquele momento fez sentido para mim e aí foi um ano, sei lá quanto tempo de processo.

Priya Mariana Konrad: Mais, acho que quase 2. Um ano e meio de processo mais a apresentação, apresentação, apresentação...Acho que foram 2 anos e pouco.

Bodh Sahaj : Isso também teve uma construção de coletivo pessoal e eu acho que isso reverberou, por que aí ali eu entendi...e eu acho que hoje a gente pensar os trabalhos individuais talvez seja até resultado disso, estou pensando agora...de que ali eram outras funções para além daquilo que se iniciou. Porque a princípio era isso, todos eram bailarinos, o espetáculo era uma obra que todos comportavam e existia uma direção. A partir daquele momento já não era isso, então, eu ficava muito mais dando suporte de produção, de estar ajudando com esse olhar externo no ensaio, vídeo, aí peguei tudo que tinha para fazer. Todas as tarefas. Inclusive quase fui pedra no cenário. Não passei na audição. Então foi um pouco isso que a gente também entendeu que poderiam ter outras formas de existir ali, de compor, né?!

Luíza Fisher: Aí nesse...logo depois disso a gente começou a...daí é isso né?! O Doug veio, ele estava chegando da Europa, na época, da Áustria e eu acho que ele veio com uma concepção do que que seria trabalhar com dança que aqui na nossa realidade política, cultural ou econômica não se sustenta, ou pelo menos ainda não sustenta naquele modelo. E daí o que aconteceu foi que logo depois disso a gente já estava em um grupo menor, a gente precisava ganhar dinheiro, então a gente vai fazer uma peça com menos...com esse elenco, aí a gente tentou e não passou, então vamos reduzir o elenco, então eu não quero mais esse elenco, eu quero outras pessoas e aí isso causou, tá, não, pera aí, quem é que está tomando essas decisões? Eu me lembro muito desse tipo de conversa. Sim, mas isso não foi uma decisão nossa? O que que está acontecendo? E aí a partir daí que a gente começou a viver esse terremoto de expectativas e frustrações. Tanto financeiras quanto de relação e tal...e que no fim desse liquidificador... nesse meio tempo, medida provisória foi aprovada e a gente fez performance e a ascensão de movimentos fascistas e todas essas coisas e a gente nesse meio desse liquidificador e aí no início do ano passado que foi quando...um pouquinho antes da chegada da Pata...quando parou o turbilhão de coisas, a gente se olhou e nós éramos 4. Foi meio que isso né?! Porque foi um monte de coisas que eu nem me lembro mais a ordem de tudo que aconteceu.

Bodh Sahaj: Tinha toda a discussão do Decolagem que ressurgiu e aí nisso estava nesse meio esse, tá, é um projeto com uma grana e a gente está nesse caos. Que que a gente faz? Queremos ou não queremos que o projeto aconteça.

Priya Mariana Konrad: E nesse momento a Inaiê estava para nascer e aí foi tudo junto.

Bodh Sahaj :Mas aí chegou nisso, éramos 4. E aí chegou a Pata. E aí foi aprovado o Decolagem e a gente fez o Decolagem e começou a criar uma estrutura novamente.

Priya Mariana Konrad: E foi quando a gente passou também no processo de seleção do edital, que daí tinha marcada a data do Ranhuras que foi nesse período que daí a Pata entrou.

Bodh Sahaj :Aí a gente abriu para essas coisas individuais também, projetos individuais...

Priya Mariana Konrad: Foi tudo ano passado...

Luíza Fisher: Isso que eu ia dizer, quando eu comecei falando, ah, de uma estrutura, uma forma que não...que talvez não seja comportada nesse período...que daí voltando a pergunta que tu tinha feito de entradas e saídas, nesse período a gente tentou uma coisa como uma audição, ou alguma coisa assim, mas no fim o que acabou sendo...por que é isso, a gente se...descobrimos nesse processo que nos estruturamos muito por essa rede de afetos e relação e tal e aí tu faz uma audição, não é isso que tu está selecionando de alguma maneira, então, aquilo não se sustentou. Quem entrou 3 meses depois saiu, aí entraram outras pessoas e saíram de novo...e aí teve uma pessoa que entrou, o João, que ficou mais tempo e acabou indo viajar, então foi...e no fim essa aproximação por, ah, a gente faz coisas parecidas, a gente já se relaciona de alguma maneira, deixa eu ir aí e ver o que acontece foi o que rolou melhor.

Pata: É, que tem também, talvez, tenha também a ver com que tipo de trabalho se pensa em produzir e a partir de que lugares você...por que uma coisa é vou ser o diretor e eu seleciono os corpos que me interessam por que eles tem essas e essas habilidades. Outra coisa é a gente quer produzir um tipo de material, um tipo de discurso aonde a gente vai mobilizar o tipo de habilidade que cada um tem e não o

contrário né?! Vou procurar aquela habilidade daquela pessoa. Eu acho que isso também reflete uma coisa de como vocês optaram por se estruturar quando vocês se viram sendo só 4 e conseguiram pensar do tipo, sim, estamos abertos para que uma nova pessoa venha aqui ver o que está acontecendo, por que talvez não importe tanto já mirar em um tipo específico de coisa que alguém saiba fazer para entrar. Que eu sinto que, pelo menos para mim, é uma maneira que me interessa mais construir trabalhos artísticos a partir do que eu tenho e como que eu falo que eu quero com o que eu tenho e não eu vou encontrar em outras coisas aquilo.

Renata Stein entra na sala:

Bruna – Tudo bem? Te botar um pouco a par de como é que eu propus a conversa. Resumindo um pouquinho eu estou estudando o conceito de expressão e a ideia é pensar como é que os coletivos contribuem ou não para a expressão dos sujeitos. Aí eu estou entrevistando diversos coletivos de diversas áreas e um pouco disso, escutando a história de cada um, como é que foi se constituindo a ideia de coletivo, por que eu acho que cada coletivo tem uma história bem singular e apesar de terem coisas bastante em comum, a forma como a dinâmica vai acontecendo é muito da história de cada um. Então é mais ou menos isso, cada um está contando também um pouco da história do coletivo em si, mas isso que tu trouxe de ver o que que tem para daí ver o que que vai comunicar talvez seja...acho que essa é a grande diferença de um grupo tradicional de arte, seja de teatro, de dança, que, às vezes, o ator vai ali, por exemplo, querer se expressar e aí o personagem não tem nada a ver muito com o que a pessoa...quer dizer, não sei se nada a ver, né, por que sempre tem algo de si...mas nem sempre tem uma coisa mais livre, de, ah, mas eu quero falar tal coisa. Às vezes vai ter que deixar isso para outro momento, para uma outra hora e corresponder àquela expectativa daquela peça, daquela direção e tal. Vocês acham que o coletivo dá essa liberdade de vocês, enfim, claro que tem todas as delimitações da dinâmica do grupo, se o grupo tem um vínculo que possibilita isso ou não e tal, mas vocês acham que vocês estão conseguindo de certa forma, sei lá, tipo, vocês se expressarem, vocês se comunicarem, vocês colocarem mais de vocês do que em outros locais que vocês já trabalharam, já atuaram, dançaram, se apresentaram, não sei...

Priya Mariana Konrad: Eu sinto que sim para mim foi bem importante até para perceber que eu queria trazer um solo e aqui foi um espaço que eu senti que podem acolher aquilo que eu quero trazer sobre a temática. Primeiro foi sobre gestação, porque eu estava gestando, depois foi sobre maternidade e eu senti que sim. Mas mesmo em trabalhos coletivos, claro, eu acho que tem, digamos assim, um (inaudível) dentro daquilo que a gente escolheu falar eu vou ver como que eu vou me expressar, o que que eu vou escolher. Agora a gente está montando esse novo trabalho, então a gente está trazendo alguns dispositivos. Então existe um pano de fundo. Dentro desse pano de fundo eu vou buscar aquilo que reverberou e como eu vou querer propor para o coletivo para a gente ver como é que vai se dar essa composição criativa.

Pata: E isso é interessante né?! A gente vai falando e vai pensando né?! Nas coisas que a gente está fazendo... de como se trata talvez menos de uma expectativa de desempenho e mais de uma ideia de eu trago um dispositivo para um coletivo e a gente vai ver como esse dispositivo funciona para cada um. E daí a partir disso, em conjunto, a gente vai definir qual é a grande provocação desse dispositivo. E eu acho que o fato de que funciona assim faz com que exista o espaço de uma manifestação, de uma expressão pessoal de singularidade dentro do coletivo, o que é bom. O dispositivo que a Luíza trouxe ela trouxe por que ela achava importante, mas em mim ele gera uma coisa, na Pry ele gera outra, enfim, cada um...e a gente vai olhar para todas essas coisas juntamente e definir, então, o que que a gente faz

com elas. E aí talvez não importe mais tanto, não, tem que gerar esse tipo de material e ele tem que ser bem executado. Não, a gente vai atrás depois de cumprir com a expectativa de desempenho que a gente criou juntos para nós mesmos. Ela não está dada antes, né?!

Luíza Fisher: Tem uma coisa que eu acho que talvez seja importante marcar nesse momento que é o fato de que eu acho que em outros coletivos...até quando a gente estava começando a se estruturar, a ideia que a gente estava buscando de coletivo, uma coisa de que um fomentasse...que o coletivo fomentasse os trabalhos individuais e tal. E a gente até faz isso, mas que a gente já falou sobre o fato de que o que nos dá...o que azeita a nossa relação para que a gente consiga fazer isso é estarmos trabalhando juntos também. No nosso caso aqui a gente tem os solos acontecendo e tem outras coisas acontecendo, mas é a pesquisa que a gente faz juntos que faz com que a gente se mantenha juntos. Acho que isso é importante colocar. E estava pensando enquanto tu estava falando que tem uma coisa de que a gente costuma trabalhar por consenso. De que a gente não...não consensos dados, por que a natureza e Deus fazem assim, mas consensos construídos, então assim, o que esse dispositivo gera em cada um, o que que a gente acha que é mais interessante a partir da lente que cada um, o recorte que cada um coloca...como que a gente faz todas essas coisas estarem no mesmo barco...tem coisas que talvez não estejam...não, eu discordo que essa coisa não esteja, eu acho que ela tem que estar...tá, então vamos conversar sobre essa coisa especificamente para saber o que que todos nós conseguimos construir juntos sobre essa coisa, para entender se ela fica ou se ela vai. A gente costuma trabalhar tentando construir sempre consensos.

Pata: Tentando construir um espaço e isso eu acho que é uma grande busca eterna...construir espaços onde as pessoas consigam se sentir confortáveis para colocarem suas concordâncias e dissonâncias e não sentirem que estão abrindo mão da sua opinião, por que, ai, eu preciso abrir mão, mas por que, tá, eu entendi que faz sentido abrir mão disso. E que eu acho que talvez seja a parte mais difícil, por que, às vezes, pode estar todo mundo super aberto mas por qualquer motivo de dinâmica, de modo de agir, de modo de ser (inaudível)...Então isso também tem a ver com a gente estar sempre pensando e repensando e tendo DRs e coisas assim. Acabam sempre funcionando no sentido de, tá, como é que a gente constrói um espaço onde todo mundo se sinta confortável para concordar, discordar e entender aonde e quando é necessário abrir mão e por quais motivos. E não porque, tá, vou abrir mão porque todo mundo está num lugar e eu estou em outro então eu vou largar de mão. Isso não é o que a gente quer, embora possa acontecer, embora já tenha acontecido, nunca é o ideal, o que a gente está buscando.

Bodh Sahaj : E tem um ponto aí que eu acho que a gente também está começando a construir, buscando maturidade, no sentido de criar mais forma, que tem a ver, tá, a gente tem trabalhos, a gente produz esses trabalhos, a gente vende esses trabalhos e eventualmente, esperamos que mais, ganhamos retorno desses trabalhos. Financeiro. Como traduzir isso que a gente está falando do processo em efetivamente divisão de quanto tu ganha, quanto o outro ganha, o que que faz com que...então esse é um outro desafio que a gente está devagarinho também se debruçando. O que que essa divisão de valor real está falando também da possibilidade de um trabalhar mais do que o outro, o que que significa trabalhar mais...o que que é coletivo que todo mundo tem que fazer tudo, ou não...com que que tu se envolve, se tu tem mais valor, menos valor...então são várias questões que a gente está tateando e buscando construir coisas né?!

Pata: E o quanto esse ideal, talvez utópico, já que foi uma palavra que tu trouxe, né?! De construção de modos de trabalho e de modos de existência tem que negociar com a realidade. A realidade se fosse

traduzida em valores e precisa ser traduzida em valores, por que a gente tem contas para pagar e então como que a gente tenta manter essa cola e esses desejos funcionando mesmo diante de ter que negociar com uma estrutura que está pronta para esmagar tudo isso aqui que a gente está fazendo. Sinto que as vezes o trabalho com solos vai muito para um lugar de desafio, de como é que esse coletivo se mantém unido. Porque eu trabalhei em coletivos que a partir do momento que começou a haver peças solos ou duplas e afins eles foram se desintegrando. Porque daí ficava, não, aquela pessoa é responsável pelo trabalho dela, a gente não se envolve muito...e é uma tentação...porque de certa forma é possível deixar aquele trabalho mais para um lado ou mais para outro. E o quanto o tempo todo a gente fica buscando se reorganizar para não ceder a esse lugar e dizer não, mas essa peça é solo mas ela é do coletivo...ah não posso estar aqui mas eu vou estar daquele outro lugar...então, tentando impedir, como se o mundo inteiro quisesse fragmentar uma coisa...toda a estrutura quisesse que a gente se fragmentasse e todo o tempo a gente tem que ficar se lembrando de que a gente ainda deseja estar junto.

Luíza Fisher: Uma das formas da gente se organizar até foi escolher na semana um dia de estudar e de estarmos juntos para essa peça coletiva, ou as peças coletivas e outro dia da semana a gente organizar para as peças solo. Isso varia muito dependendo do momento, se a gente tem um trabalho de peça coletiva, daí vai ser os dois dias. Aí sempre vai variando de acordo com o calendário, mas foi uma das formas de organização. E a outra é, também a gente está conseguindo um espaço público para ensaios. Porque a gente teve no nosso histórico momentos que a gente teve que pagar para ter sala para ensaiar. Isso também...como é que a gente vai fazer? A gente vai fazer uma caixinha? Ah, mas agora eu estou pagando para ensaiar... então foi mexendo com muitas coisas né?! E eu acho que hoje, isso eu falo do ano passado e esse ano, a gente está conseguindo estar ocupando um espaço público e estar passando nesse edital, enfim, de ocupação de sala, também nos dá (inaudível) para a gente se organizar também. Também valorizar isso.

Priya Mariana Konrad: Nossa, super!

Luíza Fisher: É e tem isso também. Desde que a gente se conhece por coletivo e isso, assim, é o que vem desde o início, a gente se encontra 2 vezes por semana, 3 horas por vez. Então a gente tem, com pequenas variações ao longo do tempo, mas, a nossa estrutura é essa, 6 horas por semana nós estamos juntos trabalhando. Aconteça o que acontecer. Se a pessoa não vem por uma questão familiar, como foi hoje, a gente estava aqui, tomando café, comendo bolacha e conversando sobre as questões de produção. A gente mantém isso também, a coisa de estar junto para se manter junto, de ter noção, talvez, que todas as relações da nossa vida – e essa é uma delas – demandam trabalho e desejo de estar junto e de continuar fomentando. E que bom que a gente tem conseguido ocupar o espaço aqui na Casa de Cultura, por que é isso, às vezes, isso que a Pata fala, de que a sensação que a gente tem, de que o mundo não gostaria que nós existíssemos como nós desejamos existir...bom, em alguns lugares a gente precisa poder sentar e respirar bom...como é que a gente continua trabalhando a partir daqui? E a Casa de Cultura tem sido esse espaço há 2 anos. A Casa de Cultura, os palcos municipais que sempre acolhem nosso trabalho...

Bruna: Vocês estão aqui ocupando via edital?

Luíza Fisher: Ocupação. A cada 3 meses a gente se inscreve de novo...cada vez é uma sala diferente, mas...já passamos por uma vasta gama de salas, mas a gente está sempre aqui.

Bruna: E eu vi ali no site que antes tinha algumas intervenções públicas, não sei se vocês seguem com isso, como é que isso acontece...

Bodh Sahaj :A gente já foi mais ativo, a gente tinha algumas obras que era o Medida Provisória que foi um momento em que isso na cidade era bastante efervescente, não que não seja agora, mas ali parece que tinha um boom. Era uma coisa muito efervescente. E que a gente criou essa obra, então a gente ia muito para rua. Tinha uma outra obra que era dos espelhos, Cortejo de Espelhos, que também é uma obra que a gente fez algumas intervenções.

Luíza Fisher: O próprio Decolagem que foi o trabalho que...esse que a gente cita como o que a gente teve que se organizar para fazer mesmo com todas as contradições e o projeto trazia para a gente, que foi o projeto desenvolvido para ser em cima do viaduto da Borges ali...e que foi o que deu origem a essa peça que a gente vem trabalhando ao longo do último ano e que a gente tem o desejo de levar ela de volta...por que aí a gente foi para o teatro por que a gente precisa cobrar ingresso. Mas a gente tem o desejo de levar ela de volta para a rua, de talvez construir uma maneira de fazer com que ela faça sentido na rua.

Renata Stein: Fragmentos...a gente foi vendo possibilidades de retornar essas intervenções e como retornar e de que forma (inaudível).

Luíza Fisher: É...e é isso, assim, mas de maneira geral os momentos em que nós estivemos na rua foram momentos de...por que mesmo o Medida Provisória, a gente teve liberdade de criação, mas ele foi feito dentro de um festival, né?! No Festival (inaudível) Contemporâneo.

Bodh Sahaj :Mas teve aquele que a gente fez também ali no centro (inaudível).

Luíza Fisher: Mas ele foi construído, o Cortejo de Espelhos foi construído para a Arte Contexto, O Medida Provisória foi construído para o Festival Gestos Contemporâneos e o Decolagem...por que enfim, é a forma como a gente acaba tendo algum suporte, mas o que a gente, sim, fez, eu acho que especialmente com o Medida Provisória foi se apropriar desse trabalho que era um trabalho bem explícito no seu conteúdo político, se apropriar dele e fazer dele um ato de intervenção, de revolta, de...intervenção urbana...que aí assim a gente fez até como...a gente usou ele como um ato protesto, assim...em algumas situações.

Bodh Sahaj :E tem a ver com pernas também. Porque quando a gente entrou para corresponder um edital...é, ter pernas para dar conta de tudo...então tem um pouco de entender o tamanho que a gente tinha e o lugar que a gente poderia ocupar cada um fazendo as corridas individuais também, ganhar grana e tal.

Luíza Fisher: É. E da Medida, por exemplo, que eu acho que é a peça que até hoje...a gente fez 3 ou 4 vezes...2? pois é...e o desejo era ter feito muitas, muitas mais. A gente trabalhava com nudez parcial que já era uma questão e hoje em dia seria mais ainda e a gente trabalhava com tinta, então, toda a vez a gente tinha que pagar muita tinta, porque a gente se cobria de tinta.

Priya Mariana Konrad: Tem que ter lona para colocar no chão e não sujar o lugar público...

Luíza Fisher: Mas enfim. Era uma coisa que a gente acaba tendo que pagar por isso e o desejo que eu tinha, a gente até falou sobre isso, ah, e se a gente...eu não me lembro qual foi...ah, foi na situação do Queer Museu que eu me lembro que a gente trouxe e se a gente fizesse de novo? Porque era uma ânsia de levar esse trabalho de novo, mas enfim...não dá. A gente tem um caixinha um caixinha coletivo que sempre que a gente ganha dinheiro com alguma peça a gente tenta se remunerar de maneira justa, então eu vou te dar um cachê gigante, entre muitas aspas, gigante perto do que é o padrão de cachê de bailarino. Nesse momento pelos 17 anos que tu trabalhou e daí uma fração disso sempre vai para o caixinha, para a gente continuar financiando os nossos trabalhos. Se a gente se aperta a gente tem esse caixinha aqui. Isso tanto para os trabalhos coletivos quanto pros solos. Então é possível que em algum momento a gente...

Bodh Sahaj: Fique rico! (risadas)

Luíza Fisher: Use esse caixinha para fazer alguma intervenção de novo.

Renata Stein: Inclusive por que quando qualquer coisa vai acontecer, seja...na rua não tem isso, mas tem outros gastos...,mas seja no teatro a gente já sai com gasto né?! No mínimo da diária do teatro, no mínimo para pagar os técnicos, então esse caixinha também dá um, tipo...tá tem um dinheiro, que é ruim tirar, mas que pelo menos a gente sabe que não precisa parar de estar nos palcos por que não tem nem 100 pila para pagar a diária do teatro.

PATA: Eu ia ser essa capricorniana que ia dizer que as pessoas não prestam atenção no quadro de quem dança em teatro, muitas vezes a gente paga para trabalhar. Então não é nem que a gente reclame que não ganha, mas é que a gente já está pagando.

Renata Stein: Já sai pagando.

Pata: E a gente não consegue nem cobrir o que a gente paga para poder trabalhar, então, estar nas ruas às vezes é mais fácil, por que tu não tem que estar pagando o teatro e dependendo do que tu vai fazer tu não precisa de muita estrutura externa, então tu consegue fazer algo na rua e talvez consiga passar chapéu, talvez tu não consiga. (inaudível) E tu também já vai ter uma possibilidade de conseguir talvez ganhar dinheiro com cobrança de bilheteria e eu acho que as coisas vão se organizando de acordo com todos os fatores que a gente levantou aqui, mas também de acordo com isso. E calhou de no ano passado para cá a gente ficar com 3 peças em teatro rodando, então a gente...eu estava contando quantos meses do ano eu não estive em cena esse ano. E é menos da metade, então se a gente ainda contar com produção que a gente faz da peça da outra pessoa e afins, a gente na verdade está trabalhando muito. A gente teve as 3 peças em cartaz nos 2 semestres.

Renata Stein: Esse ano foi muito massa.

Pata: A gente não teve nem muito tempo para pensar...a gente sempre tem tempo para pensar em mais trabalho, mas não para fazer mais trabalho...a gente podia voltar (inaudível) pra rua, mas a gente não tem nem tempo e perna para pensar em, de fato, fazer isso por que em última estância esse ano a gente ainda está trabalhando.

Luíza Fisher: Eu estava pensando sobre essa coisa de fazer na rua, me lembrando da última vez que a gente fez Medida, que a gente, além do coletivo, a gente acaba precisando criar...se constrói por que se

constrói, mas também por necessidade, por a gente ir olhando pros lados e pedindo pelo amor de Deus, vem aqui. A gente acaba criando uma rede de apoio muito forte que eu acho que é quase como se fosse uma segunda...tem o coletivo e aí tem o coletivo ao redor do coletivo. Que são pessoas que ao longo do tempo vão trabalhando com a gente, seja de fato trabalhando e recebendo. Quando a gente recebe, todo mundo recebe, quando não recebe, não recebe. Mas também, por exemplo, nessa peça que a gente fazia com tinta, na rua, a gente precisava sair de algum lugar e tomar banho e aí tinha um amigo que tinha uma casa perto e que nos recebeu imundos de tinta para tomar banho no chuveiro dele. Ou as pessoas que naquele dia, como a gente não pediu autorização para fazer e a gente fez na Praça da Alfândega, a gente precisaria pedir autorização, por que precisa pedir autorização para fazer essas coisas...e a gente tinha nudez parcial, então a gente pediu que algumas pessoas estivessem por perto para caso acontecesse alguma coisa a gente pelo menos ter uma chance de se organizar e tal. Essas pessoas também ajudam. Ou técnicos que trabalham...que sempre cobram pelos seus trabalhos e aí para a gente cobram menos, ou não cobram. Música, projeção, figurino, tem toda uma rede de apoio que precisa existir para que a gente faça qualquer coisa. Que recebe muito pouco, ou quase nada, como a gente.

Bruna: Mas é super interessante isso também, dessa rede de apoio que permite fazer algo não autorizado. É mais isso que a gente precisa na verdade, né?!

Bodh Sahaj :Dos não autorizados para os autorizados, né?! Que possa estar construindo, que não dependa dessa relação né?! Por que esse é um lugar que a gente também traz aqui né?! Sim, a gente tem muito trabalho, mas também ganha muito pouco dinheiro. Então, sim, foi maravilhoso, mas a gente quer ganhar dinheiro também com isso. A gente quer que esse trabalho também possa...a gente não foi para a rua por que a gente também queria ocupar os teatros, por que nos teatros também é meio que, ah, os alternativos vão para a rua, então...principalmente com a peça Ranhuras né?! Teve uma ação política nossa, de pensar, não, a gente vai fazer essa peça no teatro, que era um questionamento em um determinado momento, quando ela foi criada para a rua. De que era um ato de intervenção estar no teatro falando aquelas coisas.

Luíza Fisher :E depois estar dentro da programação do Porto Alegre Em Cena que a gente esteve falando aquelas coisas.

Pata : Ilustres desconhecidos...Legitimação...

Luíza Fisher :Ilustres desconhecidos, mas não, porque ao longo desse tempo a gente, de alguma maneira, foi construindo um público que é nosso, que nos assiste e que de alguma maneira também faz parte dessa rede de apoio que viabiliza o nosso trabalho. As pessoas que a gente vê na plateia sempre e que pagam os nossos ingressos e que estão lá ou que vão na rua nos assistir quando a gente faz coisas na rua, enfim, a gente fala...tem uma coisa de formação de público e tal e que o teatro tem essa característica de ser mais moeda corrente de, vamos fazer um programa cultural, vamos ao teatro, assistir teatro. A dança é mais difícil de acessar esse lugar. A gente tem mais dificuldade de acessar esse lugar, mas que de alguma maneira a gente...a gente e um monte de gente. A gente não é *special snow flakes*, mas assim, a gente vem construindo esse espaço e que essa rede de apoio inclui nosso público.

Pata: Os nossos fãs! De alguma forma a gente faz parte de uma leva de artistas porto alegrenses que são mais jovens e que estão conseguindo levar outras pessoas para os teatros, ou para a rua e estar falando de outros temas também, ou que está usando linguagens outras, não sei...eu sinto que...pelo menos eu,

como uma pessoa que não moro aqui, vim morar aqui, comecei a trabalhar com isso aqui, tenho a sensação de que antes acontecia uma coisa e a partir de um certo momento outra coisa começou a se articular em termos de cenário artístico que é uma coisa de renovação né?! Como se esse tipo de grupo que a gente faz parte (inaudível) de grupos trabalhando em Porto Alegre estivessem consolidando uma nova coisa. Que daqui a, sei lá, 10 anos vai ser rompida de novo pelos novos grupos. A quantidade de amigos, conhecidos meus que começaram a assistir dança ou teatro por que eu comecei a trabalhar e eles começaram a pensar, ah, mas esse tipo de pessoa também faz dança e daí iam lá e diziam mas então é sobre isso que vocês falam? E é desse jeito, não é aquilo que eu imaginava que era. Acho que isso tem acontecido também em termos de renovação de público.

Luíza Fisher: Tem uma coisa que encarar esse fato de que...é um pouco triste e um pouco bom, acho, isso que eu vou dizer. Porque existe esse modelo de dança, que são as grandes companhias. E por algum tempo, a sensação que eu tenho, ali...a gente está de novo nos anos 1980 né?! Assim, voltando a estar sofrendo com as coisas e está bem. E eu acho que isso tem potência. Por que, assim, eu sou mais nova que isso, mas pelo que eu observo na história, final dos anos 1990, início dos anos 2000 teve um pequeno boom de companhias profissionais, com estrutura de companhia no Brasil de uma maneira geral e aqui em Porto Alegre que conseguiram estabelecer um tipo de linguagem que já era diferente do que se fazia antes e que era o que estava funcionando...que isso se deu por vários motivos, entre eles motivos de financiamento, de possibilidades, de estrutura, de várias coisas, de interesses, enfim. E que a gente pegou, entrando na cena, pegou a decadência disso, as pessoas que tinham grana para manutenção de grupo foram deixando de ter, foi parando de ter edital e uma coisa meio capenga e só sobra Grupo Corpo e Deborah Colker e não sei o que está acontecendo e mesmo os grupos que eram bem estabelecidos aqui não estavam mais e a gente, dentro do coletivo, mas com certeza assim...dos nossos lados as pessoas também se dando conta que esse modelo não se sustentava nesse momento e daí começam a surgir coletivos, outras formas de estruturação com outros tipos de linguagens, o que é possível. Teve uma, não me lembro nem...eu sei que vocês estavam...,mas eu não lembro em que situação foi que alguém falou, algum político da área, das seleções de arte falou alguma coisa sobre que ele estava cansado de ver cenário de projeção. Então, a projeção, né, constituindo o cenário da peça e daí a pessoa com quem ele estava conversando disse, bom, então nos dá dinheiro para fazer cenário. E que isso também vai construindo...essas características constroem o tipo de trabalho que a gente faz e o tipo de organização que a gente tem, por que a gente não tem como...a gente fez agora a pouco uma oficina dentro da programação do Porto Alegre em Cena junto com o Cena 11 que é uma companhia, tem 20 anos, que foi uma dessas que despontou nesse período que eu falei e eles dizendo, ah quando a gente estava lá em, sei eu quando, no início dos anos 2000, a gente oferecia o que a gente considerava que era o básico e indispensável para uma pessoa sobreviver, então a gente dava um salário, tinha plano de saúde, tinha plano dentário...agora a gente não consegue pagar o transporte para as pessoas irem fazer o ensaio. Então, que a gente também pegou esse momento...que tipo de estrutura a gente tem para fazer e que tipo...a gente nunca no mundo, por enquanto, vai conseguir pagar um salário para uma pessoa fazer parte do coletivo, então a aproximação tem que se dar por afetos e a forma como a gente constrói tem que ser por que a gente quer muito estar aqui falando sobre essas coisas e fazendo esse tipo de coisa. Porque senão, a gente não tem por que estar aqui.

Bodh Sahaj :Não tem nem como estar aqui.

Luíza Fisher: Então tem isso, que o contexto político / econômico / social faz muita diferença.

Pata: E até no fato de que a gente escolhe coisas externas em função de manter isso aqui, seja demorar mais tempo para me formar, seja com quem que eu vou poder deixar minha filha, seja qual vai ser a minha fonte de renda para poder estar aqui, então acaba que quando tu encontra um coletivo e a coisa está funcionando e os trabalhos começam a acontecer e as relações se constituem bem e as coisas começam a ganhar corpo, tu começa a pensar a tua vida ao redor daquilo que te dá menos retorno de grana. E daí tu cria toda uma outra estrutura que te permita sustentar essa estrutura aqui, porque a gente não viveu um momento em que dava para ter dinheiro mensal ou dinheiro, que quer que seja. A gente mal viveu o momento que dava para ter dinheiro de bilheteria, então...

Priya Mariana Konrad: É, agora que a gente conseguiu...Teve o Porto Alegre em Cena, teve Decolagem, começou a ter alguns trabalhos...

Pata :Sim a gente está pegando os últimos respiros, né?! De editais, os últimos respiros e aí a gente vê que a gente tem conseguido. Como é importante que ainda continue existindo, por que é possível.

Priya Mariana Konrad :Sim, o próprio Palco Giratório estava dizendo que não sabia se ia ter em 2020, agora lançaram o edital, então estão conseguindo resistir, mas a gente não sabe até quando. Então toda essa rede aí, realmente, é o cenário que a gente está... ..enfrentando...

Luíza Fisher: A gente está vivendo. Vivendo o dia. Cada momento a gente vai até onde dá. Vai até onde dá. Vai até onde dá. Vai até onde dá...por isso, por esse desejo de continuar a estar aqui falando sobre o que a gente está falando. E nos organizando da maneira que nos organizamos.

Bruna: É, mas esse outro tema identidade profissional e se sustentar acho que é uma coisa que eu tenho ouvido de todos. Não é um coletivo voluntário, é um coletivo no estado de sobrevivência, mas ou mesmo tempo uma sobrevivência que também é sustentada por outras...tem que se sustentar (inaudível) para manter ali, para aquilo ali sobreviver. Mas aquilo ali não deixa de ser também um meio de sobrevivência. A coisa meio que vai se retroalimentando. Infelizmente eu vou ter que ir finalizando, mas queria só trazer uma outra coisa que também é interessante, fiquei pensando, eu entrevistei 3 coletivos já antes de vocês e no segundo e terceiro...o segundo foi daqueles lambe-lambes, que é teatro na caixa e o terceiro foi um coletivo de mães e aí tu trouxe essa coisa do solo e eu fiquei pensando solo ok, o solo sozinho, mas o solo fértil também, essa coisa que dá sustento e tal. E aí eu fiquei lembrando que eles contaram, nesse dos lambe-lambes, que o lambe-lambe, essa coisa do singular, começou pela necessidade de contar uma cena de um parto. Que eles queriam contar individualmente numa turma e aí para não causar constrangimento na turma, ia ser um a um. Então, essa necessidade de ter o um a um, assim, às vezes, de ter o solo, tanto para o artista quanto para o público às vezes também né?! De assistir uma coisa sem ter o outro ali vendo a tua reação, de tu poder ter a reação sem necessariamente o outro, ah, tu reagiu assim... aquela coisa...no caso era em relação a adolescência e tal, enfim. Fiquei pensando nisso, o quanto talvez o coletivo também permita essa proteção do individual. Tanto da expressão quanto da reação e como isso tem aparecido em cenas disso, do nascimento, do parto...tem uma coincidência ali também né?! Na minha escuta também, nesse meu atravessamento, mas de isso aparecer nos 3 coletivos agora.

Luíza Fischer: Acho que tem uma coisa do coletivo segurar o espaço aberto para...estou estudando anatomia, essa coisa do surfactante no pulmão. Da abertura do pulmão, de que tu precisa de algum ar lá dentro para que o pulmão se mantenha aberto. Se ele não está aberto ele colapsa e tu não consegue

mais respirar. Talvez o nosso papel nos solos seja um pouco esse de segurar o espaço aberto para que essa pessoa possa respirar e cumprir sua função e a gente vai trocando as...

Priya Mariana Konrad: Que bonito!

Bruna: Dá uma cena já aí hein?!

Bodh Sahaj :Teve falas hoje aqui que nossa...

Priya Mariana Konrad: Por que é algo muito íntimo né?! E também no meu caso de...a primeira vez que eu dancei eu banquei sozinha e eu estava grávida e eu já tinha muita vontade de fazer e eu fiz o catarse também, eu movi um coletivo, mas eu não tinha trazido ainda para o coletivo. Só que depois, na seguinte, eu vi que...depois do parto eu queria continuar falando sobre aquilo e eu acho que realmente, eu consegui dar voz a isso por que existia essa abertura e eu senti...

Renata Stein: E a gestação, o nascimento, pegou uma mudança do coletivo bem grande...

Priya Mariana Konrad: Foi, a gente falou sobre isso.

Renata Stein: Um ano tu estava grávida era um coletivo no outro era outro coletivo.

Priya Mariana Konrad: Foi bem junto...E aí nesse momento eu tinha essa vontade de eu quero permanecer falando sobre isso agora. Sobre a maternidade e é muito íntimo, tanto é que eu danço com os peitos de fora na peça. E tem várias coisas tratando desse suporte. As gurias vendo, podendo falar, podendo orientar e eu confiando. Tem aqui mulheres que estão podendo ressoar aquilo que eu estou trazendo.

Pata: É como se torna possível né?! Eu já cheguei no coletivo dizendo tenho uma peça solo e eu preciso de ajuda. Eu preciso de uma estrutura, eu preciso de gente para me ajudar e a galera já estava tão pronta para isso, nos seus momentos que só foi claro, vamos lá.

Bodh Sahaj :Isso foi muito interessante porque foi, não o contrário, porque a gente não teve outra experiência, mas não foi uma chegada ah, vai entrar na peça que já está acontecendo. Não, a Pata chegou e olha, eu tenho essa peça aqui. Aí com o tempo ela foi...

Pata: (Inaudível) já estava acontecendo e logo em seguida já trouxe...ah, mas eu também tenho...Foi um grande ato de confiança dos dois lados.

Pata: (Inaudível) mas essa peça que ela está trazendo não tem nada a ver com essa peça. Ou eu podia estar botando a minha peça nas mãos de pessoas que não iam ter comprometimento com ela. E, no entanto, eram dois lados se confiando mutuamente ali de que não, vai ser tudo ótimo. Tanto que eu não consigo pensar como teria sido a peça sem o coletivo Moebius, ou se ela teria existido de fato, teria saído da sala da minha casa e sido apresentada em algum lugar. Talvez até fosse, mas ia ser outra coisa menor eu acho. Eu acho que ela cresceu enquanto eu estava aqui nesse espaço.

Luíza Fischer: Que a gente estava ali segurando aberto.

Pata :Estavam ali segurando abertinho para mim!

Renata Stein: Mas a Pata falou antes uma coisa que eu fiquei pensando que é o fato de, a gente escolhe juntos o que a gente quer botar no palco, não foi bem isso, mas foi tipo isso, e daí a gente trabalha juntos para chegar naquilo, não é tipo eu preciso de corpos que executem tal coisa bem. Não, a gente decidiu juntos mesmo. Talvez ninguém conseguindo executar aquilo que a gente acredita que, sei lá, o Ranhuras tem que ter esse tipo de corpos. Então a gente se cobra, ou a gente ensaia, ou a gente dá feedback porque nós decidimos juntos que isso era o melhor para a peça e não porque a gente, sei lá, vamos buscar um corpo que faça isso. E daí a gente vai trabalhando nesse mesmo lugar e a gente deseja continuar estar junto em cenas e criando essas outras possibilidades e, ao mesmo tempo, eu acho que o solo tipo...por que apesar de querer continuar juntos e em busca de um corpo que talvez não seja um comum, existe os desejos muito íntimos, que é...o Três Canções era só para a Pata viver, não era para a gente estar junto ali. A gente estava aqui né?! O Poéticas era para a Priya viver e talvez tenham outras coisas que a gente queira viver e é isso. O coletivo acaba sendo o lugar, não tem outro lugar que eu possa criar esse solo a não ser aqui, por que é onde a gente se sente confortável também para dizer, ah, é sobre isso que eu estou afim, não sei muito bem como ir, para lá, ou para cá e poder fazer girar essa energia.

Pata: E se realizar no trabalho do outro. E como se envolve, sabe que dentro das possibilidades de envolvimento de cada momento tu está botando esse pulmãozinho aberto também. Quando tu vê o trabalho da outra pessoa, sei lá, eu vejo o trabalho da Priya e eu me orgulho daquele trabalho. Eu me realizo através daquele trabalho. E eu acho que isso é fundamental. Eu não preciso estar em cena, eu não preciso ter sido a pessoa que fez a concepção, para me realizar no trabalho.

Priya Mariana Konrad:(Inaudível) Suporte de todas as coisas...monta cartaz, compra não sei o que, toda essa estrutura necessária para que o trabalho aconteça.

Pata: O trabalho é o filhinho de todo mundo.

Luíza Fischer: Talvez a gente tenha acompanhado o processo de gestação e de embalar a criança pros outros ensaiarem também tenha sido importante nisso. Para a gente entender tudo que significa estar lá. São experiências que tu cria para criar um projeto novo né?! E tudo que é necessário para que ele se sustente.

Bruna – Bom gente, agradeço, muito obrigada!

8.4 Anexo4 Entrevista Coletivo Mater

**Entrevista realizada em 02 de novembro de 2019 na casa colaborativa Romã da Terra.
Participaram Mariana Benchaya, Aline Schwalm e Fernanda Bonet.**

Bruna – (Breve introdução) Bom, estou fazendo mestrado na Psicanálise da UFRGS. É um departamento novo que tem uns 3 anos, que tem ali na psicologia. Meu mestrado tem como orientador o Edson Sousa, que trabalha com conceitos como o de utopia, de arte, de posicionamento político. E ele tem uma relação muito grande com a arte, mas a arte num sentido bem amplo, não arte técnica, arte no sentido de criação, de invenção, de subjetividade. E dentro desse guarda-chuva de ideias... dentro desses conceitos, eu propus trabalhar o conceito de expressão. Aí também tem toda a questão da problematização da cura, não é bem assim...falando grotescamente assim, né?! Bem superficialmente só para vocês terem uma ideia.

Mariana Benchaya- É, na verdade eu acho que a gente até entende, nós somos psicólogas também. A gente quis dizer que não entendia, quando disse, era a respeito do programa de pós graduação da psicanálise.

Bruna -Vocês falando e eu pensei, nossa, risco de ser mal interpretada, mas tudo bem então. Enfim, tem essa questão que se fala muito da expressão do sujeito, do sintoma e o nosso entendimento de sintoma já é outro. Só que, então para que usar a palavra sintoma, fica sempre essa questão. E aí eu estou propondo então por que não se fala em expressão? Qual é o problema? Eu fiquei questionando, bom, onde é que está a expressão do sujeito na sociedade e aí pensando o viés da arte mesmo, eu não quis pegar coisas assim, de galeria, de museu, por que eu acho que tem toda uma questão pra estar em uma galeria, para estar em um museu, para chegar até lá já tem todo...vários obstáculos ali, que nem tudo que o ser humano produz está na galeria, está no museu, né?! Então, fui para a questão pública, assim, do espaço público e tal...aí antes eu estava buscando apenas coletivos que trabalhassem com intervenção pública, mas eu achei que não era bem isso também, por que o público também tem um monte de questões, não é tão simples assim fazer uma aparição pública assim, né?! E que às vezes tem outras coisas que são mais no entre...entre as coisas...e aí, enfim, eu abri para pesquisar vários coletivos assim, pois eu acho que coletivo é uma coisa super nova. Não existia até alguns anos. Quer dizer, existia, mas não tão...com tanta naturalização assim, sabe? Se fala em coletivo e as coisas já fluem de uma maneira mais tranquila e aí então eu também trago esse conceito de coletivo, para pensar. E aí a minha proposta é justamente conhecer vários coletivos. Eu estou fazendo uma coleta de vários coletivos, tanto de arte, quanto não necessariamente tendo esse viés da arte. Estou entrevistando vários, eu acho que tem um trabalho bem bacana entre todos e aí eu vou pegar de repente alguma coisa em comum entre todos e daí fazer um aprofundamento. Eu já entrevistei...recém estou começando as entrevistas na verdade...entrevistei uns 3 coletivos até agora. Minha ideia é fazer depois algum material de divulgação. Eu tenho Instagram, Facebook, não tenho nada de muitos seguidores, mas acho que sempre já articula alguma coisa, até dos próprios coletivos se conhecerem, saberem o que que existe assim...Eu trabalho no Barraco Cultural, não sei se vocês conhecem, é tipo um grupo, eles já existem há uns 14 anos, só que foram remodelando a ideia deles. É um lugar que tem fotógrafo, que tem ceramista, que tem artista gráfico, é meio que um coworking, só que começou quando nem existia ainda essa palavra. Eles já estão há muito tempo. E eu estou lá há um ano. E aí eu fiz o meu consultório lá dentro e por eu estar lá, enfim, as ideias são mil, dá para fazer várias coisas, tem uma sala grande, tem um estúdio e tal e aí a minha

ideia era fazer de repente uma conversa com vários coletivos também né?! Em algum momento...daí não sei, né, mas de repente não ficar só na escrita, só na dissertação lá que às vezes fica uma coisa muito restrita ao mundo acadêmico, de trazer mais para a vida real. Mas, ainda está em aberto, eu estou conversando e lançando a ideia e vamos ver como é que vão as datas. E aí, diante disso, eu queria ver com vocês, o que que vocês entendem por coletivo, como é que o coletivo de vocês funciona, como é que começou, se vocês acham que o coletivo auxilia ou não a expressão das pessoas que participam, de que forma...que que isso desperta em vocês também, mas bem livre, se vocês acharem que tem outras palavras, outras expressões que talvez sejam mais coerentes e tal...meio que também estou aberta a, como é que eu posso dizer, a ampliar a ideia também. Não precisa ficar presa nessa palavra...

Mariana- Uma conversa aberta que flua, assim né?! Que tu possa entender todo esse contexto nosso né?! De atuação do coletivo. Tá bem, posso falar Fê? Algumas coisas tu vai me complementando tá?! Então, o coletivo Mater, estruturalmente falando, faz parte de um núcleo de atendimento e de estudos né, que nós estamos formatando de um centro de atendimento que é o Pensare, Centro de Estudos em Psicoterapia Cognitiva Comportamental. Ele surgiu através de uma demanda de conhecimento mais particularmente meu, da equipe do Pensare, desse centro. Mas que linçou com ideias e parcerias externas, não só da Pensare, mas parcerias externas onde outras psicólogas que eu conheci, que a gente se encontrou, em momentos de universos, assim, também de expressão, que eu acho que a gente pode pensar, por que eu estava fazendo uma fala em um Fórum Social Mundial que teve em Porto Alegre em fevereiro do ano passado e aí a Fernanda estava assistindo a palestra. Na verdade, assistiu uma entrevista que eu dei para a palestra, enfim. E aí depois me procurou no final da palestra para a gente conversar e ver que ela sentiu questões da maternidade dela, enfim, do puerpério e queria verificar uma forma de atuação e aí eu achei super legal por que eu estava muito envolvida com isso e aí, bom, vamos marcar uma reunião, conversar e tal. Então foi assim que a gente se conheceu, depois a Marília, que é uma doula e educadora perinatal, enfim, eu também conheci por conta do Fórum que nós pensamos juntas a partir de uma roda de conversa de vezes que a gente teve anteriores para também integrar o coletivo. A Marília agora nesse momento não está atuando no coletivo, mas ela fez parte de toda a ideia de construção, de formatação da nossa atuação. Temos também a Aline, que é uma psicóloga que está fazendo residência, ela está fazendo residência em saúde da mulher, na verdade, mas com foco mais específico para a maternidade e para as questões maternas, por que os atendimentos dela são muito voltados para parto, puerpério...então nesse momento nós somos quatro, essas quatro no coletivo. Na verdade, três, a Marília tá se desvinculando porque se mudou, enfim, vai morar em Florianópolis. Mas atuando agora nós nos temos três. Eu, a Aline e a Fê. Então, na verdade, estruturalmente foi assim que ele surgiu e do que que ele faz parte. Já temos vai fazer um ano praticamente, em fevereiro...surgiu assim, dessas questões e a gente foi construindo ideias e ideias de intervenção, de atuação, de contato então da expressão do tema maternidade, gestação, parto e puerpério para, inclusive partindo das nossas necessidades né?! como mães. É assim que ele se constitui. E aí a gente elaborou diversas atividades nessa perspectiva de ouvir, de escutar e verificar, fazer os grupos de apoio de verificar formas dessas mulheres poderem ter um espaço de expressão. Que é isso que a maternidade faz né?! a gente fica invisível e não tem espaço, lugar, para se expressar. Vou usar até a tua palavra né?! Para se comunicar.

Bruna - Não, mas é. Até quando eu pensei...eu estou buscando os coletivos também pela palavra coletivo e às vezes por indicação de outros coletivos né?! "Ah, tem outro grupo" que as vezes não usa a palavra, mas é um coletivo e tal né?! Mas aí quando eu procurei coletivos de maternidade, eu pensei, mas é óbvio por que que ainda não existia?! a gente precisa disso e já indiquei para várias pacientes.

Mariana- Então é isso, assim...precisa né? ter esse olhar...Fê tu quer falar mais alguma coisa que eu não tenha dito...

Fernanda - Não, acho que da nossa história é isso. E é bem essa ideia de visibilizar né?! De ter espaço de fala mesmo. Acho que o encontro de hoje é muito isso né? De falar sobre violência obstétrica e seu próprio parto de demanda da gente ver que as pessoas chegavam muitas vezes...nós temos grupos de apoio né?! que acontecem regularmente e que chegavam aqui com uma necessidade de falar o que tinha acontecido mas que atropelava o momento das outras, até por que era muito intenso. Então, de ter um espaço para falar sobre isso também, por que é onde se fala né?! da frustração do parto que não aconteceu, das violências que sofreram. Mas eu fiquei pensando também sobre a ideia de um coletivo me parece muito que é a possibilidade de existência sem precisar ser legalmente algo... né?! então, assim, a gente existe enquanto encontro, tem algo que nos conecta que é a maternidade então tem lá o centro Pensare como ponto de referência, mas a gente vem eu, a Aline, de outros espaços e a gente compõe ali, a partir desse ponto de encontro da maternidade e aí propõe as atividades. Não é a linha teórica que nos une, não é...é a maternidade e a partir disso que a gente consegue se encontrar e propor essas atividades e pensar. E até fica muito mais rico porque são muitas visões. A Marília trabalha com uma visão Reichiana, eu venho do humanismo, a Aline já é mais TCC também.

Mariana - Mas com o viés da saúde pública.

Fernanda - Da saúde pública, exatamente.

Bruna - Mas é tão rico isso né?! a gente acaba engessado ali nisso, nessas coisas conceituais.

Fernanda - E são encontros lindos porque a gente vai trazendo e vai vendo quem (INAUDÍVEL). Então eu penso o coletivo muito como uma possibilidade de existir sem precisar formalmente existir né?! E aí flexibiliza e fica tudo muito mais fácil porque se tinha uma reunião de vamos fazer, vamos propor, vamos...e como é que a gente faz e faz. Então esse primeiro ano do coletivo acho que foi muito vamos colocar a mão na massa. Não teve muito o tempo do pensar, engessar...é urgente que a gente propõe encontros, é urgente que se fale, então vamos fazer um insta e divulgar as atividades...

Bruna - Tem essa coisa do...vocês são abertas a pessoas novas ou não, mas tipo a própria atividade que vocês propõe já, né, acaba aproximando outras pessoas, mas daí, como parte do coletivo como é que vocês entendem essa participação, não que tenha que ser aberto né?! acho que tem várias dinâmicas bem diferentes, não tem regra, é justamente isso, cada um cria a sua dinâmica. E aí como é que está acontecendo com vocês, tipo, vocês tem um número ali, mas ao mesmo tempo, é isso, alguém pode sair, alguém pode entrar, como é que funciona...

Mariana- Dentro da nossa construção de gerência do coletivo, de ideias, não tem nada tão aberto assim, até porque ainda não surgiu também interesse fora o que nós temos construído até agora. Já em nível de atuação, é aberto mesmo, então pessoas participam de alguns encontros, não participam de outros, novas pessoas vem, pessoas vão e às vezes pessoas que participaram dos primeiros encontros participam depois de uma outra atividade, então é muito aberto mesmo na questão de comunicação com as pessoas que participam do coletivo dessa forma.

Bruna - É, alguns que eu conversei tinha isso às vezes de ser um grupo um pouco mais fechado por alguns critérios de participação, assim, tipo, ah mas sei lá, a pessoa vai ser de outra área completamente

diferente como é que vai entrar assim do nada...e dependendo às vezes sim. Às vezes, tipo, ah isso não é um problema. Tem uma auto gerência às vezes que a própria pessoa também que não tiver uma identificação com aquelas coisas não vai fazer sentido ela estar ali. Mas até então nenhuma pessoa veio pedindo para participar? Mas também se acontecer vocês parar para pensar...

Mariana- Isso, exatamente.

Bruna - É, e é bem comum isso também dos que eu tenho entrevistado até agora, de ser isso, assim, um, dois anos, não existem há muito tempo. E os que existem há muito tempo, enfim, tem aquele coletivo feminino Plural que daí também já é uma ONG. Já virou uma instituição né?! já não é um coletivo, uma coisa mais...menorzinha e tal...,mas enfim...são formatos e tempos de existência que vão dando outro corpo. E nesse um ano que que vocês acham que, tu já falou um pouquinho né?! tem uma questão de lugar de fala mesmo, de existência, mas vocês conseguem pensar, sei lá, algum exemplo, alguma coisa do que que vocês viram acontecendo e que talvez se não tivesse o coletivo não...ia meio que sei lá...não existir da mesma forma...que que vocês acham? Às vezes também a coisa tá acontecendo, não é necessariamente um evento específico né?! mas que que vocês acham que o coletivo está proporcionando e que talvez antes não tivesse assim, né?!

Fernanda - Eu acho que em Porto Alegre, é bem importante marcar isso, nós somos a única proposta de encontro de puérperas. Tem em Novo Hamburgo acontecendo...

Mariana- É São Leopoldo. Pessoal do Parto Alegre é o nome deles.

Fernanda - É, e acho que é uma pessoa, uma psicóloga que propõe né?! Mas o que a gente tem movimentado nesse um ano é justamente encontros de puérperas e espaço para que essas mulheres que recém pariram, embora a gente não tenha uma limitação, lá em São Leopoldo tem a limitação de ser um ano, a criança tem que ter até um ano, a gente entende o puerpério muito subjetivo, portanto se a mulher está com uma filha de 2 anos e acha que ainda está no puerpério e esse espaço faz sentido a gente acolhe. Mas é muito nessa ideia de ter pra onde ir, com quem conversar, nessa maternidade imediata, de dar esse respiro. Então acho que esse foi o principal movimento que o coletivo proporcionou.

Mariana- É, eu acho que o que tem de formato também, que é uma coisa interessante, é de atividades que são desenvolvidas com um propósito muito específico, que não é o da conversa. Claro que acontece a conversa, mas, por exemplo, yoga baby, atividades mais com formato...yoga gestante...que trazem, óbvio que nesse momento, de uma prática desse tipo, há um encontro, há uma forma de falar, de conversar, de explorar isso de alguma forma, mas não...com nesse enfoque realmente do princípio de apoio mútuo, de conexão com outras mães e mulheres que aí é que as coisas vão acontecer de uma forma que há essa lacuna....acho que é o que acontece muitas vezes, por exemplo, com mulheres que tem dias de vida com o seu bebê. Por exemplo, yoga baby se começa, em geral, a partir de 2, 3, meses de vida do bebê. Que que eu faço, né, quando eu tenho, ali, talvez, muitos dias, que são 60 dias, é um monte de dias para olhar para o que está acontecendo comigo e eu fico...e não precisa estar sozinha, não precisa estar na sua casa reclusa com janelas fechadas. Eu preciso viver esse viver essa puerpério solitária. Não, não precisa. Então sai de casa, pega um Uber, táxi, carona, o que quer que seja, bota teu bebê no colo, no sling, onde quer que seja e vem participar. E isso eu acho que é realmente uma novidade, nessa perspectiva e sei lá...

Fernanda - É e além disso também tem os desafios de que muitas vezes não vem, porque ainda é muito novo. A gente percebe que existe a demanda, mas entre existir a demanda e conseguir chegar, criar essa cultura de que existe um espaço...o que que acontece nesse espaço? Que que eu vou fazer lá?

Bruna - Sim, tem um certo medo, um receio que passa daí toda a questão do feminino também né?! de andar na rua, de levar uma criança...

Fernanda - Isso...e assim: mas eu posso levar meu bebê? Mas se ele chorar? Mas aqui é o lugar dele chorar, pra ti chorar também...então ainda é muito uma construção dessa cultura de vamos estar juntas. Que é a proposta final. E também tem acontecido, aconteceu algumas vezes, das mulheres chegarem achando que é um espaço muito para a criança e aí quando sentem essa pegada...é um grupo de apoio, mas acaba sendo terapêutico, embora não seja um grupo terapêutico, tem essa pegada mais de falar de si e a gente sente que elas não voltam. Estavam buscando outra coisa né?! por que aqui por mais que traga o bebê, o olhar é para a mulher, é para o que está acontecendo com aquela mulher naquele momento. Então também tem esse estranhamento, mas acho que muito por essa falta de cultura, assim, né, "vou sair de casa para falar de mim?"

Mariana- E isso...eu mesma, tem certeza? É para mim isso? não é para o bebê? sempre tudo é para o bebê né?! a mulher inclusive durante a gestação passa pelo foco de atenção total para o bebê, ou total até para ela, por que ela está com o bebê né?! mulheres ficam recebendo mais carinho, mais atenção, tu está na fila de um lugar passa na frente, tu está em um ônibus de pé todo ônibus levanta para que tu sente e por aí vai. Esses cuidados acontecem em alguns momentos e lugares, mas quando o bebê nasce o que realmente estava sendo de interesse social era o bebê e não a mãe. E aí essa mulher se vê..."é para mim mesmo esse grupo?" "não, mas não é para o bebê?" "achei que era para o bebê". Uma coisa assim, que no meu papel com ele, mas não necessariamente para mim, que não precisa ser...

Bruna - Eu até vou passar o contato de vocês. Tem uma colega minha do mestrado que está estudando justamente isso, mas aí numa ponta da saúde pública que é terrível. Ela fez residência ali no Ernesto Dornelles e ela trabalhou com casos de vulnerabilidade, situações de rua e o quanto muitas vezes era isso, assim, tipo, salva a vida do bebê. Claro, tem outras coisas em jogo, dependência química, miséria, e tal, mas ela é muito representativa e daí ela começa a falar como se racionaliza ali a decisão na hora, quem se cuida, do porquê...e é isso, a prioridade é o bebê...e ela inclusive estava fazendo essa pesquisa grávida, então, era tipo, a gente fala muito em infanticídio, em, sabe, algumas coisas assim, falo e já começo a me arrepiar, são coisas bem tristes assim, que acontecem num campo mais grande, de políticas públicas, se a gente for olhar de cima os dados são muito ruins e a gente não tem nem palavra, nem termo para pensar também né, seria um matricídio, sabe assim?! e que se tu for olhar, não tem nem nome, mas daí se a gente der o nome e for olhar os dados é horrível. E de algo super recalcado. Como se não se falasse, como se não existisse, como se isso não acontecesse e é uma morte também simbólica né?! tipo, as mulheres também é isso. Tipo, quando se pensa só no bebê e se exclui né?! É um apagamento eu diria, para não falar em morte que eu acho que é muito pesado, mas é um silenciamento, é uma coisa assim que...

Mariana - Eu acho que isso que tu está trazendo é bem interessante por que é isso que se vive também muito nesse individual que as mulheres elas realmente passam por uma transição que é de um papel anterior de uma mulher que não era mãe, não deixa de ser esse luto, morte, enfim, nesse aspecto né?! e que vai depois se configurar como uma nova mulher na maioria das vezes e isso imobiliza muito, muito, muito.

Bruna - Muda a posição subjetiva da vida que não volta mais, tipo, ok, ainda existe uma mulher ali...
(CHEGADA DA INTEGRANTE ALINE NA SALA)

Mariana - Então eu acho que é isso, bem interessante olhar essa transição...que essa mulher nova, ela também...muitas coisas ela pode nesse espaço proposto de fala, de expressão, se ver de um jeito diferente e poder viver essa maternidade, ou a própria vida de mulher, no mundo, de um jeito diferente. Isso é bem amplo e bem dolorido também, difícil...

Bruna - Para contextualizar...só rapidinho assim, eu estou pesquisando o conceito de expressão, mais conceitualmente, mas o jeito que eu estou fazendo isso é conversando com vários coletivos de várias áreas, não estou botando um critério...o critério é a palavra coletivo, a ideia coletivo e as diferentes dinâmicas que tem e como os coletivos proporcionam a expressão do sujeito. Um pouco esse dispositivo de coletivo. Mas aí eu estava contando que eu tenho uma colega de mestrado que estava grávida, agora ela já ganhou o bebê e ela estava pesquisando justamente num campo um pouco mais político e social, por que ela fez residência no Ernesto Dornelles e ela trabalhava justamente na ponta com populações de rua, mais vulneráveis, num momento em como é que era julgada essa separação ou não da mãe / bebê e ela dizia que 99% dos casos era tipo isso, a gente salva o bebê e a mãe é simplesmente, assim, tipo, esquece. Pega o bebê, tira da mãe e depois "ah tá, mas o que que aconteceu com a mãe?" não se sabe. E o quanto isso é representativo de tudo. Ok, é uma situação bastante triste, bastante ponta da linha ali, tem miséria, dependência química, um trilhão de coisas, tráfico, tudo, mas o quanto é representativo do que acontece com todas as mulheres. Se pensa o bebê e a mulher é apenas ali tipo quase um acessório, uma coisa assim.

Mariana- Quando não está bom pode ser descartado né?! tipo, não vai fazer bem para o bebê...

Bruna - E aí ela até começou a cogitar a também dar um nome para isso. Que a gente fala às vezes em infanticídio, esses termos assim que nomeiam e tem dados estatísticos, horríveis...é um tema super pesado. Mas aí a gente levantou a ideia até de um certo matricídio, é horrível esse termo, mas enfim. A gente precisa nomear para conseguir analisar.

Aline - Aí na nomeação a gente relaciona essa mulher de novo a figura de mãe né?! por que a gente não está falando de um feminicídio, a gente está falando da morte da mãe né? e é um laço que a gente segue fazendo.

Bruna - Nem sei em que pé está a pesquisa dela agora, até vou falar para ela do coletivo e tal, que quando vê né?! também traz esperança, não fica só nos dados ruins, tem coisa boa acontecendo. Mas me veio essa referência. Mas também queria escutar de vocês, né, eu perguntei para elas como é que o coletivo permite, possibilita mais expressões, eu estou com esse conceito de expressão, mas eu acho que vai muito além disso, tu falou em encontros, em modos de vida, em lugar de fala...acho que tem tudo isso e até para também falar de uma outra conversa, eu conversei com o coletivo Virgínia, não sei se vocês conhecem...é um coletivo que surgiu de um projeto de iniciação da UniRitter, de meninas que também viram que queriam seguir a ideia mas não necessariamente na UniRitter, uma coisa já fora da faculdade já ganhou uma certa maturidade e aí conversando sobre as iniciativas, elas estão circulando também com vários eventos e aí elas ficaram super curiosas também sobre os outros coletivos, por que às vezes ficam muito na sua bolha, daí o quanto também é difícil às vezes furar a bolha da rede de contatos né?! de ir às vezes para um evento que não tem nada a ver e está lá e ao mesmo tempo tem a ver justamente por isso, sair um pouco, às vezes até a lógica das palavras que a gente usa fica muito

fechadinho naquilo e aí uma das ideias é de repente propor uma conversa entre vários coletivos e aí elas colocaram até isso, talvez seja bom até pra gente sair da nossa bolha, de botar um coletivo que fala com outro coletivo lá que não tem nada a ver a princípio e que às vezes, sim, tem a ver, tem várias coisas em comum. Então não sei como vocês vêem isso. Que eu acho até que no campo da maternidade é justamente esse um dos problemas, às vezes fica muito no mesmo ciclo de significação, essa coisa de é brincadeira para criança e como é que é para sair dessa bolha, coisas assim, o que que vocês percebem que acho que isso também tem a ver com expressão né?! Como também sair um pouco dessa bolha...até isso, o que que é ser mulher, o que que é ser mãe e poder ainda circular entre esses dois conceitos, significação, ideia, campo, não sei...

Mariana - É, eu acho que a nossa ideia é uma coisa bem social também né? e diferente dessa relação de vínculo mãe - bebê, por que eu acho que a gente fala muito de...se a mulher sai de casa com um bebê de dias e tal vai ter que existir algum lugar socialmente, fora seu domicílio, enfim, algum espaço em que ela possa se sentir na sociedade, que ela possa ter essa visibilidade. E que eu acho que é diferente do que eu conheço, ao menos, e posso realmente desconhecer outras ideias, mas teóricas sobre o tema assim...isso me parece novo nessa ideia de maternidade, por que sempre falam: relação mãe - bebê, relação mãe - bebê, né?! Então, não, não é só isso. Inclusive quando falei lá no Fórum Social Mundial eu tinha três falas com o mesmo tema, mas com perspectivas diferentes e eu me lembro que uma das palestrantes, que era uma professora universitária, enfim, colega minha inclusive, falou dessa questão. "Mari, nossa, que coisa diferente essa visão, essa ideia de trazer uma questão nova", que eu acho que é isso que tu está falando, do furar a bolha, para ver outra coisa...

Bruna - É, fica repetindo a mesma coisa...

Mariana - Exato. Eu vejo assim, ao menos sinto isso na parte do nosso coletivo né?! Não sei se vocês querem complementar alguma ideia...

Aline - Acho que sim, acho que a gente tem uma marca de estar iniciando né?! e tentando abordar temas que também maculam essa experiência, então a gente fala sobre violência obstétrica, a gente fala sobre desmame, tentou falar sobre saúde mental, acho que a gente tem essa marca. E acho que a gente tem uma limitação também, que a gente discute, que é uma questão de classe, de quem acessa essas rodas e aí quando a gente iniciou a proposta do coletivo a gente pensou em articular também com outro tipo de movimento social, aquela coisa da Mirabal...então acho que a gente tem também uma questão de maturação do próprio coletivo. Acho que são várias ideias, várias propostas, mas também é um processo...

Fernanda - Mas acho que fala muito dessa construção, da gente partir das nossas necessidades e aí a gente oferece para a nossa classe. Então eu acho que quem acessa é classe média, mas por que a gente está falando de uma maternagem classe média né?! E que é isso, é de onde a gente está e o que a gente oferece. O que a gente oferece muito também é um lugar de pertencimento, isso que a Mari fala, de pensar a maternagem de um lugar social, mas delas se sentirem parte né?! então não acontece comigo, mas acontece com a outra...estamos no mesmo lugar né?! acho que tem isso também. E penso muito na inserção da universidade né?! o fato de a Mari ser professora universitária e a gente conseguir levar esses temas também. Então pega um viés acadêmico, de vamos usar uma outra linguagem, pensar sobre a nossa experiência para poder elaborar algo e, acho que tu instiga muito que as tuas alunas pesquisem sobre, então isso também já dá uma arejada assim, né? Estamos também lá, falando para universitários e pensando academicamente o tema.

Mariana- E eu acho que isso é bem interessante por que eu faço esse movimento de divulgação do trabalho, enfim, óbvio né?! Como todo mundo faz e as pessoas na universidade me vêem com esse trabalho. Então, "Mari eu quero fazer um TCC sobre o teu tempo que tu falou naquela aula dessa questão, enfim, eu acho legal". Não sou eu que fico catando...não quer fazer sobre...ah eu tenho um viés na literatura, de estudos, vamos fazer sobre isso...não, elas sentem, os acadêmicos sentem que tem um lugar que não se tem então o olhar para isso também vem das pessoas que se impactam com isso para estudar a respeito do assunto.

Bruna - Mas eu preciso contar para vocês uma coisa que agora que eu me dei conta. Ontem eu fiz uma entrevista com um coletivo, nossa agora que... Uma hora fez o link, estava na cara o tempo todo, mas enfim...ontem eu entrevistei um coletivo de lambe-lambe, aquele teatro de caixa e eles me contaram como é que iniciou essa ideia. É uma ideia super brasileira, existe o teatro, claro, há anos, essa coisa, às vezes meio palco, com luzes, bonecos e tal, teatro de bonecos...porém, o de caixa, dentro da caixinha que tu põe o olho lá para ver foi criado aqui no Brasil, não vou lembrar agora qual estado, mas, do nordeste e surgiu de uma necessidade, como é que era...preciso resgatar a história, mas era de uma encenação de um parto, só que como era uma coisa muito...era para uma escola, alguma coisa assim...e aí tinha isso de como encenar isso e aí também de não expor os alunos, do choque, do não constranger...então se pensou em mostrar para cada um, individualmente. De uma intimidade ali que a pessoa poderia assistir e perguntar, por que a questão do teatro individual, da caixinha tem toda uma outra abertura, de relação público - ator. Enfim, vou resgatar essa história e depois mando para vocês. Porque é super bonito, a coisa do parto e enfim, lembrei disso agora, mas olha só né que bonito. E a princípio são coletivos que não tem esse tema, mas que nasceu de uma necessidade a partir disso, assim...

Aline - Que nasceu de uma cena de nascimento!

Bruna - E tudo isso assim, a menina que eu estava conversando, contando isso, de como ela faz a cena de um parto e do que que ela também pode colocar ali e talvez se ela estivesse em outro grupo, em outra instituição já ia ser podado, por toda questão também...a liberdade que ela tem por estar mostrando só para uma pessoa muda conforme o que ela sente que dá para mostrar ali. Mas enfim, voltando, costurando os laços entre os coletivos diferentes...Uma coisa também que eles trouxeram é justamente isso, no coletivo deles cada um decide qual é o espetáculo que vai mostrar na sua caixinha. Não tem um diretor e às vezes nem o público nem os colegas entendem muito o que um colega está apresentando. Mas se respeita porque às vezes é necessidade de o colega elaborar aquele espetáculo e que talvez ele precise fazer aquilo ali. Não necessariamente para o público, mas para ele. Fica uma coisa, às vezes, de uma tentativa de elaboração de uma cena e pegando esse gancho também não sei, de repente até para vocês falarem um pouco para vocês como é que é participar do coletivo...o que que fez de diferença na vida de vocês, ou não...não é só para os outros né?! acho que a escolha de participar de um coletivo é de si, então...aí acho que é a hora que vocês podem falar um pouquinho mais sobre...

Mariana- Eu até me emocionei, porque eu acho que o coletivo representa muito uma ideia que eu tracei construindo também a minha vida profissional e acadêmica. Eu comentei isso com as gurias no início, logo que a gente se conheceu, que eu sempre trabalhei com estudos parentais, mas de uma outra perspectiva, um outro viés. Foram estudos que eu fiz no mestrado e doutorado porque foi a oportunidade que eu tive também. Mas eu lembro de desde a minha graduação gostar muito da temática materna, dessa questão do que eu via de relação e bebê, enfim...fui aluna de iniciação científica

muito tempo com uma orientadora que estudava muito na área, então eu gostava muito, me identificava muito. E encontrar no coletivo, nas gurias, essa possibilidade de retomar uma área já então de atuação e não só de estudo né?! Foi para mim, assim, encontrei o pote de ouro. E eu falo isso para elas, que eu deposito inclusive muita expectativa no coletivo a partir do meu viés de encontro comigo, como profissional, com coisas que eu acredito, que eu acho bacana...e me via muito sozinha com essa ideia também, por que eu não tinha encontrado pessoas ainda que eu pudesse dividir ideias, olhares, espaços...por não ter realmente tido essa oportunidade. Então eu acho que o coletivo representa muito isso para mim, além de vivências pessoais, de puerpérios, né?! Sou mãe, vivi violência obstétrica num primeiro parto, não tinha identificado até passar pelo puerpério, né?! Como se tivesse vivido uma violência. Nomear essas coisas para mim fez muito sentido.

Bruna - Descobrir que foi violentada...

Mariana- Exato. E que tive um trauma e superar esse trauma a partir do caminho que eu fiz também para viver a segunda maternidade, o segundo parto, o segundo puerpério...então eu vivi isso muito...estava nessa fala, enfim, de quando conheci as gurias, veio uma coisa de poder fortalecer isso também. Essa minha experiência bem pessoal que não tem nada a ver com o profissional, tem a ver com a minha vivência né?! Então eu acho que o coletivo tem muito disso para mim. Essa minha construção.

Bruna - Sim, de uma coisa que permite também uma identidade profissional e não tem problema nisso, assim, não é algo que precisa dividir ou deixar de lado, é tudo junto. Acho que tem uma identidade que possibilita assim...e que só se fortalece, porque, às vezes, é isso, dependendo do emprego tu não tem essa identidade. Nem todos os empregos permitem a tua identidade profissional existir. Às vezes tu está ali num cargo que a tua identidade profissional é muito maior, mas o teu cargo te limita, às vezes, a uma atividade específica.

Fernanda - Recentemente eu me dei por conta que eu me tornei mãe antes de me tornar psicóloga né?! então profissionalmente eu só existo após a maternidade e isso é muito forte. E foi concomitante na verdade. Acabar a faculdade, que eu acabei ano passado e encontrar uma área...e entre esse acabar a faculdade e encontrar uma área de um dia estar amamentando a minha filha e pensar, nossa, como meu puerpério foi solitário, como deveria ter espaços coletivos...vamos propor um espaço coletivo! é por isso que eu ouvi ela falando e disse, meu Deus, preciso falar com essa mulher, por que a gente precisa fazer alguma coisa. Então também partiu totalmente da minha experiência...eu fiquei muito tempo em casa, tinha esse grupo já de São Leopoldo e eu cogitar pensar pegar um trem com minha filha no sling por que eu precisava encontrar pessoas...a partir da minha experiência propor algo né?! e aí unir a psicologia e aí começar essa construção profissional. Os grupos para mim são muito curativos, de estar em contato...e vejo...quinta, que a gente teve grupo, tiveram duas participantes novas, inclusive pensando em termos de representatividade...ao longo desse um ano a gente uma mulher negra só, que participou do grupo e que veio uma vez também e nessa quinta veio uma gestante deficiente visual com seu cão guia e foi muito legal. E a gente estava se apresentando e eu me apresentei como psicóloga, psicoterapeuta e passou depois eu disse e gurias eu sou mãe da Cecília também. Meu Deus, no início do ano a primeira coisa que eu falava era eu sou mãe da Cecília...Eu também senti esse puerpério acabando, a minha filha está lá, mas agora eu estou aqui como profissional, então ainda é tudo muito recente essa caminhada. Mas que estar em grupo me ajuda muito a pensar essas coisas do puerpério, da maternidade...muito importante para mim também e essa construção profissional em paralelo...é bem bonito...

Aline - Eu não sou mãe né?! E aí...,mas eu escuto saúde da mulher e acho que a minha via no coletivo vai pelo caminho da saúde da mulher. Desde a faculdade tenho afinidade com essa discussão, saúde pública, intervenção clínica e tal. Então, eu conheço a Mari, ela foi minha professora de estágio, né?! E aí a gente se encontrou num evento sobre parteria moderna e aí surgiu essa ideia, já estava meio que borbulhando, então acho que a minha entrada no coletivo vai mais para aprender com as experiências de maternidade das gurias e das mulheres com quem a gente convive. Eu aprendo muito, que dá pra fazer né?! Tirar essa aura mística da maternidade e também não jogar para o polo oposto de que então é tudo muito horrível, vai ser muito sofrido. Cuidar com isso...então acho que vai mais ou menos por aí assim...não tenho experiência de ter parido uma criança, isso me diferencia do corpo das gurias.

(chegada de outra integrante na sala)

Mariana - Essa é a Marília Bruna, a Marília que também faz parte do coletivo.

Aline - Mas acho que é isso assim, acho que é aprender com essas trocas. O que realmente me motiva a estar nesses espaços, acho que a minha visão segue sendo muito para a mulher enquanto sujeito e aí um dos ladinhos dessa mulher é a maternidade. Então acho que a troca com as gurias, essa sensibilidade que vem das experiências delas também né?! de conseguir ser isso, assim, ser a profissional que também se emociona com sua história, acho que a gente aposta muito nessa não neutralidade, dessa coisa assim...então é isso, a gente é profissional, mas a gente também tem as nossas experiências né?! a gente não se separa de quem a gente está atendendo, convivendo né?! E aí para mim é sensacional assim...eu acho que esse posicionamento também me posiciona enquanto psicóloga feminista então estar em um coletivo de mulheres é muito potente para mim assim. É muita vida, a gente fala que quando a gente fica muito tempo sem se ver a gente fica tipo, ai, tá faltando aquele gás, sabe?

Bruna - Não, e até isso também né?! De poder... não é obrigatório ser mãe para fazer parte né?! que tem justamente esse diálogo que a gente precisa, assim, de falar com pessoas com outras condições, para justamente revezar forças, tem essa necessidade desses outros vínculos né?! Pois é, até não sei, vocês tem um evento agora que vocês precisam se mexer para isso, vou encerrando aqui.

8.5 Anexo 5

Entrevista coletivo Mulherio Urbano

Participaram da entrevista duas integrantes: Leli Baldissera e outra participante que pediu para manter o anonimato, por isso será identificada com a letra B.

Bruna: (pequena introdução ao tema). Bom, vou me apresentar um pouquinho, para vocês também entenderem por que eu estou contatando vocês. Eu sou psicóloga, me formei na UFRGS e estou fazendo mestrado agora em Psicanálise, com o Edson Sousa, no LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política. E o Edson tem um conceito chave da pesquisa acadêmica dele que é o de utopia. Utopia como algo que faz a gente se movimentar, a gente ir em busca dos nossos desejos e não aquela coisa totalmente inalcançável. Um conceito um pouco diferente, não é o senso comum de utopia. Uma utopia como horizonte. E o meu tema de interesse é tentar desenvolver mais o conceito de expressão dentro da psicanálise. E como dispositivo, eu pensei que se eu fosse buscar só o que aparece nos meios artísticos mais tradicionais, não necessariamente a gente encontra o que que é uma expressão de uma época, mas algo já muito filtrado. Então eu comecei a pesquisa buscando grupos que faziam intervenção na rua, mas também encontrei o conceito de coletivo que é mais do que um grupo, acho que é alguma coisa que também está se fortalecendo no contemporâneo.... Então seria legal vocês contarem um pouco de vocês, como vocês começaram, como vocês entendem o coletivo de vocês.

Leli Baldissera: Somos do coletivo Mulherio Urbano, que está em formação. Somos artistas-pesquisadoras, nos reunimos porque já tínhamos essa vontade individual de fazer intervenções nas ruas. Eu estudo mulheres que fazem intervenções feministas nas ruas, pichações, lambe, grafite. Uma outra integrante também estuda mulheres e o espaço urbano. A Thyanne Tavares / Thay Petit também, por ser grafiteira, por também desenhar, e tudo mais. Mas tínhamos muito medo de sair e fazer isso sozinhas. Então resolvemos nos reunir pra sair juntas na rua, colar lambes. Começamos em setembro desse ano, e fizemos três saídas já. Temos as nossas criações individuais, desenhos, fotos... colagens. E assinamos com o nome do coletivo. Mesmo que a criação seja individual. E agora vamos espalhar as intervenções também em outras cidades, pois temos integrantes de fora, que estão em outro Estado.

B: Acho que é isso, ele ainda tá em criação...Na minha pesquisa, o que queria era levar pra rua umas das frases que eu trazia dentro da minha poética e também imagens. Mas eu tinha sempre esse receio de fazer isso sozinha. Ai quando surgiu essa oportunidade, tudo se encaixou. E realmente, dá mais segurança, nos sentimos mais à vontade ao estarmos juntas, fazendo isso. Por enquanto, temos os trabalhos individuais, mas desejamos a criação de algo juntas, mas ainda tá no começo.

Leli: E a gente sai a colar de dia também, por nos sentirmos mais seguras também, a situação de algo... de contravenção... Tentamos colar em lugares que já tem algumas intervenções. Aqui, mais na região central. E também criamos um Instagram, tiramos fotos das intervenções e postamos lá, e as pessoas também nos marcam e vão interagindo com a gente. Tem bastante gente já, até por estar no começo, né? Tem bastante gente que marca e posta e compartilha, então tem essa troca. E eu também relaciono a minha pesquisa, porque eu fotografo as intervenções feministas que eu acho nas ruas e utilizo essas fotografias pra criar novas intervenções. Eu faço colagens e desenhos. E aí coloco elas de volta na rua, então também esse movimento circular de uma troca, uma devolução, e uma conversa com essas mulheres.

Bruna: E do que que vocês tinham medo de fazer sozinha?

Leli: Medo de ser assediada, da polícia parar... De ser assaltada. De ser ... Todos os medos que uma mulher sofre, acho que no dia a dia. Incluindo esse da polícia, né? Que é algo que por eu ser branca eu não sofro no dia a dia... Além do ser assaltada, ser assediada. Mas até agora não teve muito isso. Teve, sei lá, umas duas ou três pessoas, acho, que comentaram algo, mas de boa. Não teve nada... A Thayanne tem outra questão porque ela é negra, e daí ela tinha mais medo por essa questão da polícia, por estar aqui no Rio Grande do Sul, que é um Estado que é muito racista. Então ela já tem outros tipos de medo por circular na rua. Então tinha mais isso. E por a gente estar vinculada a academia podemos dizer que o trabalho faz parte da nossa pesquisa. O fato de estar juntas ajuda muito, mais que do que se estivesse ali sozinha. Agora, por exemplo, eu viajei para um congresso, e por estar sozinha, eu fiquei com muito mais medo do que quando eu estava com as gurias . E estar junto, é... é a mesma questão, dá muita força pra gente. Não que deixe de ser perigoso, continua sendo perigoso, mas estando com outras mulheres, é mais tranquilo.

Bruna: Achei bem importante também essa relação com a academia. Como as vezes a gente pensa que a Universidade é um lugar acolhedor..., Mas claro, dependendo do professor, porque é justamente isso, as vezes acaba sendo um lugar super nocivo pra novas ideias. Ainda que a gente esteja em uma universidade as vezes pública, que é laica e tal, mas mesmo assim... pode ter todo um direcionamento repressor.

Leli:(...) Na verdade acho que todas aqui já passaram por situações na Universidade como situações de machismo, de ter o seu trabalho aceito ou não ... coisas que a gente não espera, mas que ainda acontecem.

8.6 Anexo 6

Entrevista Coletivo Visão Periférica

Entrevista com Sidney Costa e Camila Reffiel, realizada no dia 07 de março de 2020, na Comuna do Morro Santana.

Bruna: (Breve introdução) Eu sou psicóloga, e estou fazendo um mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura. Meu orientador se chama Edson Sousa, e ele trabalha no grupo de pesquisa chamado LAPPAP - Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política. Ele trabalha muito com o conceito de utopia. E eu estou desenvolvendo o conceito de expressão em psicanálise. Começo problematizando o uso muito comum do conceito de sintoma no campo da saúde, e esse conceito - apesar de na Psicanálise, nos problematizarmos e utilizarmos ele de um jeito diferente, ainda sim tem uma raiz patologizante. E proponho diversificarmos esse termo com o termo de expressão. E aí entram os coletivos: eu entendo que os coletivos são um dispositivo para expressões! Por isso queria ouvir de vocês um pouco a história e como vocês acham que o coletivo pode auxiliar ou não na expressão de vocês.

Sidney: Como a Camila comentou, são ciclos, é mutável. E outros momentos outras pessoas já passaram, já construíram, já colaboraram, e agora não se fazem tão presentes fisicamente. Mas também colaboraram e contribuíram de alguma forma, né? E é bem natural esse processo que vivemos de biblioteca e de coletivo.

Bruna: Hoje tem quantos integrantes mais ou menos?

Sidney: é que... eu não sei calcular, porque são vários que atuam direta e indiretamente. Mas assim, eu vou me basear pelas atividades que a gente desenvolve, tipo o sarau: quando a gente se mobiliza são uma média de dez colaboradores. Mais ou menos isso, né Camila?

Camila: eu acho!

Sidney: Saraus, as eco trilhas, é uma média de dez colaboradores... tem alguns que não tão diariamente, mas quando acontece esse tipo de atividade, acabam colaborando, contribuindo de alguma forma para que a atividade aconteça. De terça a sábado, na biblioteca, está eu e a Rafa. Mas a Camila já fez atividade lá, o Ramon, o Júlio, o Gustavo, uma galera contribuiu assim para que fosse o que é hoje.

Bruna: Tu me contou, quando fizemos a trilha, essa atividade na biblioteca tem uma rotina, uma carga horária. Isso é via algum projeto institucionalizado?

Sidney: A gente tá nesse caminho! A ideia é para, enquanto instituição, tentar se registrar com algum tipo de própria cooperativa, associação... algo mais colaborativo, pra gerir a biblioteca e as outras atividades que a gente faz em relação ao coletivo. Tem outras propostas em paralelo, né? De desenvolvimento econômico, que não só a parte da biblioteca que também tem impacto social de alguma maneira, né? A ideia também é constituir formação para os jovens, ainda esse ano com cursos profissionalizantes, oficinas, palestras, vivências, e outras formas de formação né? Mas é esse processo que estamos tentando caracterizar agora. Até para poder acessar editais, ter um CNPJ nosso, que a gente ainda não tem. O edital que a gente acessa hoje é através do CNPJ de uma parceira do projeto,

que é o Cola Aí. Que é uma associação na Ilha dos Marinheiros ...? Não, acho que é na Ilha da Pintada! Marginal Ilha do Saber, é o nome da biblioteca comunitária que tem lá. E essa biblioteca integra BeaBa, biblioteca do RS, é uma das bibliotecas que tem CNPJ, então ela recebe o aporte do edital do Itaú Social, do programa Prazer em Ler, que fomenta aquela campanha Ler um Livro para uma criança faz diferença, né? E através desse edital então outras bibliotecas são contempladas. O movimento Cola Aí Cultural, recebe o aporte como guarda-chuva e distribui para as outras bibliotecas. Aí entra mediação de leitura, que é o que a Camila já fez, que é o que eu faço, que é o que a Rafa faz, lá na biblioteca. Tem rubrica pra acervo e manutenção do espaço também... então acho que é um dos caminhos pra institucionalização é se registrar enquanto associação, né? É um dos caminhos para esse momento.

Bruna: Tem isso né? De alguma forma tem que se inscrever para conseguir alguma via de verba, pública e tal... Até tem outros meios, hoje em dia tem o crowdfunding, a vaquinha coletiva, que as vezes permite algo mais informal, que é bom também.... Mas os coletivos sempre trazem de uma certa profissionalização que exige uma certa burocracia. Exige uma certa... um certo engessamento, e ao mesmo tempo o coletivo permite uma certa fluidez maior, mas tem um pontinho ali que tem se adequar... ceder, negociar... é sempre um desafio, pra não se engessar muito...

Sidney: é um desafio mesmo.

Bruna: E então, cada grupo entende por expressão de um jeito. Vou lançar a ideia e ver o que vocês, em uma livre associação, o que acham que o coletivo permitiu, podem falar de um jeito bem pessoal, ou de um jeito mais de observação de um grupo, que que vocês acham que o coletivo permite vocês expressarem? Na sociedade, ou pra si mesmo... que talvez se não tivesse o coletivo não fosse possível, ou não iria surgir?

Camila: Ali na biblioteca, enquanto Coletivo Visão Periférica, me permitiu expandir a consciência disso, de sair da bolha do seu mundinho, conhecer a comunidade em volta. Me permitiu ter mais conexão com as crianças... E isso é muito lindo, porque é um aprendizado incrível, pra mim... Essa é a comunidade mais carente que eu já conheci. Sem dúvida o lugar mais pobre que eu já vivi. E eu acho que proporciona a gente fazer a diferença na vida de uma criança. E isso vai além de tudo. Porque várias vezes as crianças estão lá com fome, aí tu bota um lanche, tu ensina a criança a ler, porque as vezes ela tá na escola com dez anos e não sabe ler... E isso eu acho que é o que move ali, acho que a esperança nas crianças, poder ajudar. Porque através delas é mais fácil tu entrar naquela mente engessada do pai, da mãe. E mudar a realidade das crianças, tirar um pouco da violência, do tráfico. Estar num ambiente mais lúdico, de história, de um filme, de um sarau. Muda bastante. E engrandece nosso ser, né? Ensina a gente ser mais paciente, a ser mais pró ativo... Acho que é bem isso.

Sidney: A minha percepção também é infinita, até exponencial... Vou tentar colocar em algumas palavras. No meu caso eu acho que o que o coletivo me proporcionou enquanto expressão, vou trazer uma nova perspectiva da palavra empreendedor. Que até momentos antes de 2014, que foi quando começou a iniciativa do coletivo e da biblioteca, a minha forma de empreender era voltada mais para o business, pro ganhar dinheiro, pro lucro. Para uma forma de me manter financeiramente. E em algum momento no meio do caminho, eu comecei a ter bastante contato com livros, porque eu fazia intervalo, eu trabalhava em shopping, e meu intervalo era longo, de uma hora e meia. E eu passava os intervalos na livraria, pesquisando, estudando, lendo. E foi onde eu tive esse gancho de " ah, vou montar um plano de negócios aonde tenha um retorno, impacto social, que não fiquei só no dinheiro, mas que de alguma forma eu possa contribuir pra sociedade. Então acho que foi mais isso a forma de expressão que o

coletivo me possibilitou, é de empreender pelo social, de alguma forma também. De pensar em mim, no meu desenvolvimento como pessoa, como empreendedor, mas também compartilhar isso com outras pessoas, até de auxiliar a me desenvolver e a desenvolver outras pessoas jovens e crianças com esse tipo de perspectiva também. Não que eles tenham que seguir esse caminho, mas pensando que tenha essa possibilidade também. Através do livro, leitura e literatura. Como garantir o acesso ao livro, leitura e literatura... **Essa** expressão que não é mensurável pelo trajeto que a gente tem até agora, acho que não mensura o quão é bom ver o jovem pegando o livro, ver o adulto pegando o livro. E muitas das vezes as crianças até me perguntam, os adultos também perguntam: "tio, tem que pagar pra levar o livro?" e a gente responder: "Não, não tem que pagar... pode levar. Leva, lê. Depois que ler, traz de volta pra outras pessoas poderem ter o acesso também. E acho que isso não é mensurável, né? E poder expressar isso, essas palavras pra essas pessoas quando elas questionam se tem que pagar ou não, eu acho que não tem valor. E também me expressar quanto pessoa, como indivíduo dentro do coletivo. Claro, tentando respeitar sempre o espaço do próximo nas minhas expressões.

Bruna: Pensei que... eu contando um pouco de como cheguei nesse conceito, talvez inspire vocês a pensar o que que eu entendo por expressão. Bom, eu venho da psicologia... então, e tem a psicanálise, que a gente pode entender como uma terceira disciplina. Tem a Medicina, a Psicologia e a Psicanálise. E a gente tem um dilema hoje em dia que é as pessoas se descreverem muito a partir dos sintomas da psiquiatria. Por exemplo, "ah, a pessoa é ansiosa, a pessoa é bipolar". Ficam essas coisas muito a partir dos sintomas pela nomeação psiquiátrica. Então eu problematizo um pouco isso, do que que é sintoma, o que que as pessoas entendem como sintoma e o que que é expressão, a partir da Psicanálise. Porque as vezes o próprio sofrimento, a pessoa tem que aprender a escutar aquilo, o sofrimento é uma forma de expressão, mas que as vezes emudece outras expressões. E aí eu sempre tento conectar a pessoa com a sua própria história, com sua própria cidade, local onde vive. Entra toda a questão de como a cultura faz parte disso ou não. As vezes a pessoa não consegue perceber que o trabalho tá adoecendo-a, que não é um problema dela, que ela que tá frágil, algo assim... De ela conseguir perceber o que está afetando ela ou não.

Aqui em Porto Alegre a gente tem isso também, é difícil o contato com a natureza. Vive numa cidade que é muito prédio, muito asfalto. As pessoas não se dão conta que faz falta não passar um final de semana com contato com a natureza, passa tanta a rotina do trabalho da cidade que não consegue parar. Então é um pouco nesse sentido, de resgatar dentro da saúde... O que que acontece, dentro do campo da psicologia, o conceito de expressão é muito ligado a coisa artística, fica meio que um clichê. Então se expressar é pintar um quadro. Ok, é isso também. Mas as vezes fica muito arte - terapia, muito clichê, muito estereotipada. Até o conceito do que é arte, o que é se expressar... Se trata de um modo de existência, não é só ir ali fazer algo automático. Nem todo consegue, claro que também por uma questão de oportunidade. De ter acesso...

Sidney: Até trazendo esse pensamento... Enquanto indivíduo, na minha perspectiva, o coletivo facilita a conexão com outros irmãos e irmãs, né? Até pra fazer alguma coisa coletivamente. Até poderia ter iniciado sozinho e continuado sozinho o processo da biblioteca. Mas não seria a mesma coisa. Vindo outras pessoas, agregarem, somando, integrando o coletivo, se torna muito mais exponencial, o dia a dia com as crianças, com as atividades...

E permitir ver a expressão das pessoas atendidas pelo projeto. A expressão de cada um ali, tanto só indo ali pra conversar, que muitas vezes é só o que eles querem, e precisam naquele momento. Só pra conversar, às vezes só pra desenhar, só pra conversar, pra ler um livro, pra pedir pra ler um livro. Pra comer, só pra usar o banheiro. São várias expressões diferentes. A gente não espera uma expressão

padrão. É muito orgânico, quando acontece e o que acontece ali na biblioteca. A gente pode até na tentativa de muitas vezes tentar levar algo planejado, alguma dinâmica, mas muitas vezes não sai como o planejado. As expressões não são controláveis. Não são mesmo assim. E é interessante isso, ao passo que a gente vê as expressões delas, a gente acaba trabalhando as nossas expressões também, pra tentar conectar com elas de alguma forma assertiva a desenvolver com ela ali, seja na fala dela, seja na brincadeira, seja na pintura, seja só na conversa, no desenho. E acho que é interessante isso da biblioteca e do coletivo, que se não fosse essa troca diária, essa experiência, essa forma de expressão, não saberia de que forma se daria isso. Então, acho que isso é uma das coisas que o coletivo permite e nos auxilia como expressão. Se não fosse nesse formato eu não sei de que forma seria...

Bruna: Sim, porque teria que estar já ligado a uma rede de educação formal... dentro da escola. E não, não está! Acho que isso também é legal. Não está numa carga horária, numa leitura " tem que ler tantos livros nesse semestre". Não, é uma coisa fluída. Vai conforme o interesse e a necessidade do momento.

Sidney: Bem natural.

Bruna: Fiquei pensando na questão das trilhas, como está sendo isso? Quem que busca vocês pra fazer? Como são os grupos? Cada trilha deve ser uma experiência diferente.

Sidney: Algumas pessoas agregam muito, com certeza. Acho que cada uma agrega no seu nível. Muitas delas vem pelas redes sociais. Muitas procuram isso, do contato com a natureza. Alguns, não só eco trilha, mas também pela biblioteca, nos procuram por interesses políticos, por interesses partidários. Ou por outros interesses que não a conexão com a natureza. Tem diversos interesses que nos rodeiam. Infelizmente e felizmente também. Mas até uma das coisas que o coletivo nos permite é expressar quando a gente percebe que a pessoa não tá conectada com a nossa essência, com as nossas bases, da gente se expressar e naquele momento se reunir coletivamente na medida que outros colaboradores estiverem juntos e dizer " oh, talvez não seja esse o caminho que a gente gostaria de andar contigo, ou a gente não gostaria de andar contigo nesse momento". Talvez não seja essa a melhor forma de contribuição que a gente gostaria de ter. O coletivo permite avaliar se é positivo... a gente gosta dessa forma de contribuição que tá tendo... A gente agradece por isso... vamos continuar ou não vamos continuar... " Nos permite fazer conexão com a eco trilha, com outras pessoas, e desenvolver até outras atividades, que foi o que eu comentei contigo a biblioteca. Em algumas das vezes a gente consegue manter uma continuidade e outras vezes não. A eco trilha permite isso. Ela é totalmente voltada para a questão socio ambiental, que vai além do contato com as plantas com a árvore, com a nascente, mas o impacto que isso traz na comunidade, na sociedade, na comunidade. Acho que é bem isso.

Bruna: e é a partir do evento do face que as pessoas buscam?

Sidney: A gente vem nessa linha há mais ou menos cinco anos organizando os eventos no face. Algumas pessoas já nos procuraram pra fazer grupos menores, grupos fechados. Com escolas a gente até pensa em fazer, só que q gente acredita que precisa de um pouco mais de preparo e organização pra receber uma escola. Grupos de escoteiros já nos procuraram. Eu acho que é bem viável, só que é muito a questão do quanto a gente tá preparado pra isso e como a gente vai fazer isso. E também quantos colaboradores estarão dispostos, disponível nesse dia pra fazer essa atividade. Porque geralmente precisa de mais de três pessoas pra encabeçar. Dependendo do número de pessoas, muitas mais. Vou dar um exemplo. Tu estava naquela eco trilha que vieram 150 pessoas, Camila?

Camila: Sim, essa foi a primeira... gigante.

Sidney: A gente não esperava isso, a gente organizava o evento no face geralmente com grupos pequenos... e aí, um momento a gente pensou em fazer com o evento aberto, pra ver o que que acontecia. E aí a gente fez o grupo, e aí quando a gente olhou ali na frente do GCPEL, que era ali o ponto de encontro, tinha muita gente esperando e muitas outras pessoas foram chegando ainda até a hora de sair. E quando a gente fez uma contagem por cima, tinham umas cento e cinquenta pessoas fazendo eco trilha com a gente. Foi muito bom, agregou bastante. Mas a gente não estava preparado praquele número de pessoas. Foi aí que a gente pensou em fazer um número limite de pessoas, vamos organizar melhor a trilha, trazer mais dinâmicas pra atividade. Porque senão, foge... não que a gente tenha muito controle, mas se não foge ainda mais pro controle que a gente se quer tem ainda... Até as fotos que a gente utiliza para as capas do evento é dessa atividade aí. Tem uma fila na cratera. Uma fila indiana!

Bruna: Eu vi essa foto, nossa!!!

Sidney: Nessa e em outras vieram... gente até de fora do país. Da Índia, da Austrália... de vários lugares.

Bruna: Talvez falar desses momentos da trilha, vocês contam bastante outras histórias também né? Do próprio morro, dos povos originários, que é legal de trazer. Que esse tipo de história que é difícil a gente ter contato... depende muito disso, de quem tá transmitindo, como a história é contada. Que isso diz também das nossas origens, das nossas fontes... nesses outros sentidos... Talvez de contar um pouco isso também... Não se trata só de uma trilha, tem uma história aquele lugar...

Sidney: a gente procura contextualizar as pessoas de onde estão, do porquê a gente faz isso, como a gente tem feito isso... não só pra pessoa vir pra fazer um passeio, pra passear a pessoa pode ir pra qualquer outro lugar. Mas do que que estar passeando ali, porque do convite que a gente faz no Face. A nossa intenção de trazer as pessoas aqui no Morro. Até inclusive pessoas de fora do Morro. E o impacto que isso traz na nossa comunidade. Porque as vezes a gente se questiona muito, até tá no vídeo isso... a gente se questionou muito: a gente traz pessoas pra cima do Morro ou não? Porque isso vai gerar lixo, porque as pessoas vão vir de forma aleatória, e não é uma coisa que esteja no nosso controle. Então a gente pode tentar uma iniciativa, mais consciente, e um grupo que suba com a gente e a gente traz uma dinâmica dentro desse grupo, a história do Morro, faz um sarau. Faz a coleta dos resíduos, do lixo, faz um lanche compartilhado. Procura fazer algo que não só uma trilha
Contextualizar na nossa essência, Esse passeio que não é só um passeio. É mais um ato de conscientização. Pra além do caminhar na mata, que também é muito bom. Porque a gente contempla de tudo um pouco. A gente contempla quem quer vir só pelo mato, a gente contempla só pela natureza, a gente contempla as pessoas que querem vir pelo sarau, que acontece no alto do morro, a gente contempla as pessoas que querem vir só pelo networking, que querem fazer conexões, contempla quem quer vir conhecer os espaços culturais e sociais da comunidade, que a gente passa em alguns ao longo do trajeto...

Bruna: Isso eu achei muito bacana. Não se trata só de fazer a eco trilha, mas de conscientizar, conhecer a comunidade. Mostrar as disputas que estão acontecendo... políticas, de terreno, de quem está visando aquele Morro, quem não tá... bacana de trazer essa consciência. Nem tudo vai aparecer sei lá... no Jornal do Almoço... talvez de forma mais enviesada...

Sidney: Até apareceu no Jornal do almoço. Sofreu várias edições. Pro projeto até foi válido. Seria mais se eles contemplassem as falas como foram, e não na edição do que eles quiseram colocar. E não foi a primeira vez que nossos projetos apareceram nessas mídias mais padrão. Já aconteceu de a trilha sair no Diário Gaúcho, dos projetos da biblioteca saírem na Zero Hora. No Diário Gaúcho também. No jornal do Comercio. E outras mídias alternativas ... Nonada, Repórter Popular... vários outros que não consigo recordar agora. O que é bom para os projetos, a visibilidade, e a disseminação das sementinhas que a gente planta. E é tri interessante, outros projetos que buscam entrar em contato com a gente após isso. Isso é super interessante, por mais que não saia nossa essência expressa como a gente imaginou...

Bruna: E como está a relação de vocês com as fontes? Por curiosidade mesmo, como está a situação delas?

Sidney: Aqui, por exemplo, tem uma nascente, a gente fez um trabalho de recuperação, de tirada de lixo da volta. E tem outras no Morro. E essa daqui é a que gente conseguiu resgatar, mas a minha percepção, quanto mais próximo da civilização, mais poluída é. O mais difícil é o trabalho de conscientização pra manutenção. O problema não é nem a limpeza, é a manutenção daquele espaço. Porque por exemplo, tu fala das fontes, mas antes de chegar nas fontes é o problema do lixo. Não só no Morro, mas em vários pontos da cidade. E também essa questão de conscientização, porque tem lixo lá em cima do morro. Não só aqui embaixo, o que é absurdo, a gente vê fogão lá em cima, sofá lá em cima... tem de tudo.

Camila: Como que a pessoa se dignou a levar lá em cima no morro, no meio da natureza, fora das trilhas?

Sidney: Tem de tudo... mas em relação as fontes, aos lagos, as cascatas, elas geralmente são mais visíveis em dias após a chuva. Mas a questão do lixo eu particularmente penso que é preciso um trabalho de conscientização forte, até porque esse lixo chega nas nascentes, chega nas fontes, chega nas lagoas.

8.7 Anexo 7 Entrevista Coletivo Virgínia

Entrevista realizada em 30 de outubro de 2019, no Instituto de Psicologia UFRGS, com as integrantes Gabriela Henzel e Amanda Gaedke

Bruna: (breve apresentação)... Eu sou psicóloga, me formei ali na UFRGS e estou fazendo mestrado agora em Psicanálise, com o Edson Sousa, que trabalha muito com um conceito chave da pesquisa acadêmica que é o de utopia. Utopia como algo que faz a gente se movimentar, a gente ir em busca dos nossos desejos e não aquela coisa totalmente inalcançável.

Na Psicanálise, a gente tem o conceito de sintoma, de arte, de cultura e o de expressão fica meio que subentendido. Então estou me debruçando sobre isso.

Como dispositivo, como ferramenta para desenvolver esse conceito eu fiquei pensando que se eu fosse buscar só o que aparece nos meios artísticos mais tradicionais, de museu, de galeria, não necessariamente a gente encontra o que que é... uma expressão de uma época, mas algo já muito filtrado. Então, comecei a contatar pessoas que fazem parte de coletivos. Seja coletivo aberto, coletivo fechado, coletivo específico, pequenininho ou coletivo mais estruturado e bom... Eu estou contatando vários, de várias áreas, não necessariamente só da arte, às vezes coletivo urbano, de horta, coletivo de mães, coletivo, sei lá... daí a palavra está me fazendo contatar vários grupos diferentes e aí eu estou conhecendo esses coletivos. Para ver também que sentido essa palavra tem para vocês, que eu acho que para cada coletivo é diferente e ao mesmo tempo não é, né?!

Então queria ouvir de vocês...Ah, daí a ideia é o seguinte também, depois, eu vou produzir um material em cima disso...eu trabalho no Barraco Cultural, não sei se vocês conhecem, é um lugar ali perto do Planetário, que é um grupo, a gente pode dizer que também é um coletivo, que tem vários profissionais de várias áreas. Tem artista visual, tem fotógrafo, tem pessoal da moda, tem da cerâmica e a gente acaba contatando também uma rede muito grande de pessoas que circulam pelo Barraco e aí minha ideia também é fazer um evento, alguma conversa, com vários integrantes de vários coletivos, assim, de poder a gente pensar também esse termo de forma mais prática e não só acadêmica. Minha problematização principal é essa: o que é expressão? Se isso é um sintoma ou não? Como vocês entendem o coletivo de vocês, e a partir dessas reflexões, como vocês recebem isso? Como vocês acham que é a participação de vocês? Por que vocês participam desse coletivo, no que que ele ajuda vocês ou não a se expressarem?

Amanda Gaedke: eu ligo muito com o que tu fala, do coletivo como sintoma e como expressão. De uma demanda social, e eu acho que a gente cabe muito nisso. Se a gente pensar na Psicologia, quando a gente se forma, as nossas áreas de atuação acabam sendo muito limitadas. Se a gente vai para o social, conseguir um emprego e atuar na área acaba sendo difícil. Então a gente tende a uma clínica. A clínica ela é fechada, singular. Tu tem a possibilidade de intervenções sociais a partir de m sujeito e então o coletivo, pra nós, na área da saúde, assim que a gente se formou. Porque antes era um projeto de extensão, da faculdade. Quando a gente se formou, não tinha mais vínculo na faculdade, a gente viu a possibilidade de intervenção no meio social através a partir de nós mesmas através de uma cogestão com s mesmos ideias, os mesmos pensamentos. Assim, viria tanto de uma demanda social e uma vontade da gente intervir, de um desejo nosso, de atuar a partir do campo de saber de cada uma, e do que a gente pode oferecer. De uma maneira coletiva no campo social.

Bruna: e surgiu então de um projeto de extensão?

Gabriela Henzel: Era um projeto de extensão na UniRitter. E aí seguiram ainda três das gurias seguem como alunas ainda, né? três seguem como alunas... e nós que nos formamos, estendemos para coletivo. desvinculou com a Universidade, e tornou-se um coletivo. Eu não era do projeto enquanto extensão, apesar de conhecer as gurias, e participar dos eventos e tal. Mas era muito do meu desejo. Que é isso que a Gabi trás. A gente se uniu no desejo, mas eu... era do meu desejo, por toda uma construção familiar, assim, se muito preconceito, de muita coisa, né? Então, a gente vai construindo, vai conhecendo e direcionando um desejo. Então, era do meu desejo isso, mas não tinha tempo, não conseguia me organizar, também resistia um pouco de certa forma. Até que bom, as gurias propuseram, eu fui e vamos lá. Então é isso que a Gabi fala, dessa auto gestão, de a gente poder trabalhar... por exemplo, as gurias marcaram contigo e quem veio foi nós. Mas a gente se divide, pra tentar dar conta daquilo que a gente se propõe. A gente até brincou na nossa última reunião: " gente, a gente é gente grande. A gente está tomando uma proporção.". No sentido de que as coisas têm sim, tomado uma proporção, por que sim, a gente tem feito ações e coisas que tem nos impulsionado. Então tá dando nome, tá dando visibilidade. E a gente tem procurado isso, tentar se comprometer e dar conta de tudo que a gente se compromete. E tem sido muito bacana, uma experiência muito gostosa. E aí entra isso que tu fala, do sintoma. Sim, é uma necessidade. Nossa conjuntura nos pede socorro. A gente tenta socorrer da forma que a gente pode, mas também essa necessidade nossa. Por exemplo, a gente tem uma mulher negra, nós somos sei lá, três ou quatro lésbicas, uma hetero, bi... Duas bi... Então, tipo, a gente tem uma diversidade no nosso grupo. Ele não é um grupo heterogêneo. Então a gente faz essas interlocuções com muitas das nossas demandas também. Por exemplo, teve a marcha lésbica agora. Todas as gurias estavam lá, independentemente de ser lésbica ou não. Então, todas nós procuramos... essa articulação que a gente procura sempre fazer, todos os assuntos são nossos de qualquer forma. Essa é a nossa essência. e obviamente voltada pra saúde da mulher nesses contextos. Então, a mulher negra, a mulher hetero, mulher isso, mulher aquilo... Tudo que a gente puder abarcar...

Bruna: E é um coletivo aberto? Como é para integrar o coletivo, ou sair do coletivo?

Gabriela: A gente teve essa discussão logo agora que a gente se tornou um coletivo, porque a gente viu que estava se prestando a muita coisa e não estava tendo muito braço, tanta disponibilidade.

Como a gente faz pra abrir, pra chamar pessoas né? A gente viu que uma das nossas essências é o afeto. é o nosso vínculo, é o nosso estar juntas e não estar juntas apenas como coletivo, mas com amizade também. Então isso acaba sendo uma das nossas diretrizes. E agora a gente abriu pra duas novas meninas entrarem. Justamente por causa dessa questão da alta demanda. Uma a gente já tinha pensando nela antes, por já conhecer, já saber que ela tinha o mesmo pensamento que a gente. Então a gente foi lá e convidou ela. Já tinha tido a oportunidade antes dela ter entrado. E a outra menina ela se fez interessada e nos procurou, e queria saber como faria parte. Aí a gente teve uma reunião e decidimos então abrir pra ela também por conta dessa busca de interesse. Mas o nosso principal vínculo é a questão do afeto. Que vai muito com o que tu diz do desejo, do impulsionar... O coletivo acaba fazendo parte da nossa identidade, tanto quanto pessoas, como profissionais. Então se sentir bem nesses ambientes faz toda diferença.

Amanda: E, e essa questão também de estar alinhado com o que a gente acredita. Pessoas que estejam alinhadas conosco. Não é a mesma linha de pensamento num sentido que sufoque, mas algo que costure nossas ideias. pra não destoar tanto e que a gente possa trabalhar juntas de uma forma, assim, sintônica. Sintonia agradável.

Bruna: e quais são as atividades de vocês? eu vi algumas acompanhando as redes... Fiquei curiosa, quais foram as atividades que foram ganhando corpo? Como foi indo essa construção?

Amanda: tem acontecido bastante eventos. Por exemplo, teve um festival pela legalização do aborto, então a gente se fez presente enquanto construção do festival. E tem muitos coletivos e muitas mulheres muito potentes, muitas mulheres muito experientes, muitas pessoas... nós somos gurias novas, a gente brinca, né? Porque a gente é de fato, 25... nenhuma de nós passa de 27 ou 28 ... somos todas muito jovens. E são mulheres que a gente tem entrado num convívio num momento em que elas têm toda uma bagagem. A nossa idade é o tempo de bagagem que elas têm. Então a gente tem se colocado nesses espaços e fazendo contatos com essas mulheres de ligas. Por exemplo, a rede de lésbicas, a frente pela legalização do aborto, são vários grupos, são vários coletivos, e a gente tem feito parte disso. Aí entra a questão da proporção. " Ah, as gurias do Virgínias", "ah, vocês são do Virgínias!", "Meu deus, como vocês nos conhecem?". A gente foi aquele dia na reunião do Festival, e as gurias " ah, as Virgínias", e eu "Meu deus...". Então assim, o nome tem circulado.... então isso tem nos divulgado enquanto coletivo e enquanto pessoas, profissionais, enfim... recebi encaminhamento a partir disso, as gurias também, a gente se articula. Então é mais ou menos isso, essa é a proporção de trabalho, de fazendo atividades e participações... por exemplo, na semana que aconteceu pra divulgação do festival, pela legalização do aborto, surgiu uma ideia lá, da Pâmela, que é a nossa companheira, de fazer um grupo de estudos de cinema e fazer um filme e debate, e aí entrou em contato com outra menina, de outro lugar, e descobriu que faz isso em todo o Brasil, entende? Então assim... E aí a Samanta, também nossa companheira, foi convidada pra participar da Rede lésbica Brasil, que é um projeto de pesquisa de mulheres lésbicas na pesquisa, ela foi pra Curitiba, então lá já vai passando... Então, é esse o movimento, é isso que quero te dizer. É esse movimento de divulgação, num sentido de contato, de conversa, de participação, e as pessoas vão conhecendo mais...

Gabriela: Que acaba que como coletivo ele acaba fazendo parte da nossa identidade também profissional quando vem oportunidades, por exemplo, a gente dá também oficinas e palestras sobre saúde da mulher, e as vezes vem demandas, por exemplo, agora veio a do Outubro Rosa. Que vieram na verdade "Ah, tu sabe alguém pra indicar?", a gente vai! O que que a gente quer? A gente quer afetar as pessoas com essa questão da saúde da mulher, então a gente vai criar uma forma do Outubro Rosa ser uma entrada pra nós... Acabou vindo até mim, eu não vou como Gabriela Psicóloga, eu vou como Gabriela Virgínias. Pego, levo a demanda pro grupo e se junta quem tiver o mesmo interesse, e a gente vai com esse nome daí...

Bruna: e como surgiu o nome?

Amanda: o nome surgiu de uma música, a Itanara que é uma companheira nossa estava fazendo um trabalho e nos, nessa função da psicologia do sigilo, de manter a identidade das pessoas preservadas, Ela precisava de um nome. E aí surgiu de uma música que eu não vou lembrar o nome do autor. não sei se tu sabe?

Gabriela: não, mas era um trabalho com a prostituição na Cruzeiro.

Amanda: Isso, e a música se eu não me engano tem a ver com isso. eu não lembro bem a música.

Gabriela: entrou no conceito de todas sermos Virgínias. O nome que ela utilizou pra esse estudo de caso acabou sendo Virginia.

Amanda: E a partir desse estudo de caso, nessa construção do projeto de extensão, ela sugeriu Virgínia, pessoal gostou e permaneceu. Então a gente deu continuidade. Eu vou te passar a música. A gente ouviu a música, fizemos toda uma análise da música...

Bruna: é legal porque ao mesmo tempo é um anonimato que protege, mas que também nomeia, não fica uma coisa sem nome.

Gabriela: tanto que o logo se encaixa pra qualquer pessoa.

Amanda: Não sei se tu chegaste a ver o logo...

Bruna: eu vi, mas não fiz nenhuma análise...

Gabriela: é, é que ele acaba se encaixando em qualquer pessoa.

Amanda: Acho que foi algo que não se pensou, só surgiu...

Bruna: e quais foram as primeiras atividades? Vocês já estavam desde o início?

Gabriela: então, na verdade eu entrei acho que na segunda leva... Ainda era projeto de extensão. Tu já entrou como coletivo (direcionando a fala a colega)?

Amanda: Eu entrei como coletivo...

Gabriela: Como era parecido com o que a gente faz agora na vida profissional, de receber as demandas e abarcar as demandas, mas era mais no meio acadêmico. Então trabalhos que a gente fazia, apresentações que a gente fazia, eram tudo voltado ao meio acadêmico. Então a gente fez um evento na UniRitter, que foi uns dois dias, sobre protagonismo da mulher, então a gente chamou convidados. Os trabalhos a gente acabava baseando nesse nome, mas tudo dentro do meio acadêmico. Grupos de estudo, palestras e oficinas ofertados no espaço que a gente tinha... também pra comunidade.

Amanda: Comunidade em torno da UniRitter, porque ali é a Vila Cruzeiro, então faziam mais atividades por ali.

Bruna: e teve alguma diferença quando, não digo rompeu, mas se distanciou da academia, e ganhou um outro tipo de estrutura?

Gabriela: Por uma a gente quase se perdeu (risos).

Bruna: por que esse é o desafio né?

Gabriela: Crise de formatura, todo mundo meio perdido, tentando procurar emprego, se manter, "o que que a gente vai fazer?", "vamos manter o coletivo, vamos manter as Virgínia", que ainda não tinha se identificado enquanto coletivo, fazia uma reunião aqui outra lá, mas não tomava corpo, "que que a gente faz, a gente faz um MEI?", "a gente faz um número?", "a gente faz o que?", e a gente não sabia por onde andar e como construir, então ficavam em perdas muitas ideias, mas nada em prática. Até

que a gente deixou passar e esfriar e passar alguns meses e todo mundo se estabilizar nas suas rotinas. "Então vamos nos juntar agora? Vamos nos juntar agora!". Daí a gente se juntou e tá: "o eu que a gente quer?"

Amanda: e a marcha lésbica foi o que mais nos... foi o primeiro evento de coletivo que nos tomou corpo. Porque aí começou a construção. A gente foi convidada, não lembro se foi a Samanta que já participava, de algumas reuniões da construção da jornada lésbica, e aí a gente começou a se movimentar, foi onde a gente tomou um corpo maior.

Gabriela: e daí acaba não sendo mais a Samanta participante, acaba sendo o Virgínias. Então ela trouxe o querer dela e o que que cada um de nós quer. Então, por exemplo, a gente tem outra menina, que é a Vanessa, que ela trabalha com projeto de pessoas em situação de rua. Então tá, vamos nesse também. Daí a gente vai nos eventos dela trabalhar com as mulheres e a saúde na situação de rua, e onde a gente pode de acordo com a singularidade que cada um trabalha. Eu gosto de escola e oficina. E assim a gente vai...

Amanda: Até tu já deve ter ouvido falar, é "o morador de rua existe"?! Não sei se tu ouviu falar, acontece na Praça Otávio Rocha. Bem bacana...

Bruna: Não, mas vou estar atenta.

Gabriela: Eles não se denominam enquanto coletivo, é mais um projeto voluntário... Uma vez por mês eles se encontram na praça.

Bruna: Bom, e pra vocês, o que que vocês acham que o coletivo permite vocês expressarem, ou sentirem, ou vivenciarem, que antes não tinha via, ou talvez tivesse, e seja mais uma... complementou..

Amanda: eu, mais ou menos o que eu te trouxe antes. tinha esse desejo de uma militância, digamos assim, muito mais ativa, de participar, de ocupa outros espaços. E acabava que assim, nunca me coloquei muito assim, pra... militar, eu digo militar num sentido nessa coisa de estar nessa função, assim... Então eu acabava ficando muito mais na minha. Conhecendo as gurias do projeto, assim, na Uniritter, e eu também estava formando a minha identidade, enquanto profissional, mas também enquanto sujeito, num sentido de bom, a minha sexualidade era algo que foi muito complicado pra mim de assumir pra minha família, eu me envolvi num relacionamento na graduação... então foi onde eu pude assumir pra minha família, me senti segura. Então foi onde eu me reconheci enquanto sujeito, e pude...

Bruna: Nossa, isso é forte né? isso não é qualquer coisa.

Amanda: Muito, isso foi bem pesado, pelo menos pra mim foi bem pesado. então eu pude, me reconhecer e a partir disso, poder olhar e dizer, " eu posso trabalhar eu posso falar, eu posso chegar e me ocupar da minha sexualidade, da minha singularidade, e dizer " bom, é isso, vou trabalhar pra isso, vou cuidar disso." Então, sim, tenho a minha clínica, a minha clínica no sentido dos meus pacientes, Faço minha formação, procuro supervisionar, procuro a minha análise, mas tenho algo a mais que me move. Isso me move a partir dessa construção do meu ser. Acho que é mais ou menos isso.

Gabriela: Eu acho que o foco disso é a rede de apoio. A gente tem uma rede de apoio que nos dá liberdade de acreditar naquilo que a gente acredita. Porque na conjuntura atual tu as vezes fala algo que tu acredita, sozinha não é fácil, e muitas vezes acaba sendo aversivo, e quem eu sou, pelo que que eu milito, então, fazer parte de um coletivo que eu acredito e luta pelas mesmas coisas que tu, te traz essa rede. Por isso tem esse pensamento pelo afeto também, quando a gente faz uma reunião, muitas vezes não é só uma reunião de demanda, é uma reunião de como a gente está, de como está cada uma, quais são os planos, em que que a gente pode ajudar, pro que tu está fazendo agora, então é uma rede que a gente tem.

Amanda: E bem simbólico, nesse sentido de cuidado, de estarmos presentes nesse cuidado, mas também no concreto. por exemplo, ah a gente estava todo mundo meio mal de grana, a gente precisava comprar as coisas pra fazer as bandanas pro festival. Quando as gurias estavam com o cartão de crédito com o limite bacana. Então elas foram lá, pra repor e tal. então é isso, é esse apoio total. não só dessa fala, desse acolhimento, mas também do concreto.

Bruna: tem um investimento, não só físico, corporal, mas também circula pela grana...

Gabriela: a gente criou a calçola, toda reunião a gente põe o que cada uma tem, o que cada uma está disponível pra dar, pra gente juntar e investir no que for importante pra gente no futuro.

Bruna:(...) Pra vocês, o que que vocês acham que o coletivo, tá ok, permite essa rede de apoio, mas essa rede de apoio permite oque? Vocês conseguem identificar alguma coisa que agora dentro do coletivo parece que brotou? Não sei se isso é muito fácil de identificar, por que as vezes precisa de um tempo a posteriori, pra gente olhar pra trás e ver, nossa, isso foi devido ao coletivo, isso não existia".

Amanda: a primeira instância, assim, me vem essa expressão da identidade. Já que tu traz a expressão, acho que é isso, de poder expressar essa identidade, de poder expressar nossas convicções, as coisas que a gente acredita, e buscar ao máximo fazer elas acontecerem. deixarem de ser um sintoma, de certa forma. No sentido de tantas coisas que a gente tem vivido, de preconceito, de tantas outras coisas, de ação do sintoma. Mas acho que antes, entra isso que a gente tá falando, que a Gabi falou contigo, que bom, t´, mas é um sintoma, será que é ruim que seja um sintoma?

Bruna: é, é que nós temos uma ideia de sintoma diferente do senso comum, né?

Amanda: É, exatamente isso, esse sintoma de necessidade de expressar... Mais ou menos por aí. Essa extensão, essa construção, essa subjetivação da coisa toda.

Gabriela: é, se expressar, se expressar através de uma rede, que vai te amparar numa militância, então te permite militar, e atuar... eu milito através do Virgínia, posso ir sozinha nos espaços que eu acredito, mas é como se autorizasse e tivesse uma colhimento e uma proteção, ainda mais na conjuntura atual que a gente vive.

Amanda: e aí eu fico pensando, eu já entro com a coisa da Psicanálise. Fico pensando, é como se fosse o nome do pai na história, sabe? No sentido assim... isso já numa construção patriarcal nossa, de histórica toda. Então tem um homem, então está autorizada. E a gente não se dá conta do quanto a gente ainda reproduz, e a gente fala ainda isso. Enquanto a Gabi estava falando, eu acabei de me dar conta disso, de

que a gente precisa ter essa identidade pra gente se sentir autorizada a fazer isso. Por que a gente falou até... lembra? Quem é que falou, alguém falou de mulheres independentes... Ah, as gurias na reunião ficaram falando, da construção, da reunião, que estava rolando lá do festival, de que tinha mulheres independentes. E o quanto isso é bacana. Porque a gente vem com essa defesa do nome do pai, da mãe, que seja, mas a gente vem com essa proteção. O quanto a gente também acaba reproduzindo, e me faz pensar...

Gabriela: Acaba não se tornando aversivo né? O estar sozinho, ou então acaba alimentando através do afeto, da rede...

Amanda: até porque na verdade a gente se constitui, a gente não se constitui sozinho, a nossa constituição vem com o outro. Mas, a gente precisa também poder ir e ter esse lugar seguro.

Gabriela: que eu acho que vai muito de encontro com o que tu falou, quando tu fala dessa questão como pesquisadora, que trabalha, "mas meu orientador me indicou", e aí dá essa segurança. Dá esse acolhimento. Porque senão, a gente é acostumada a seguir padrões justamente pra não ter nenhum estímulo aversivo e não sofrer. 'Então eu vou seguir esses padrões e essas regras e não problematizar. Mas e daí, quando a gente quer problematizar? A gente vai fazer sozinho, não, vamos procurar uma rede... que nos apoie no que a gente quer.

Bruna: Fiquei pensando que na Psicanálise, se temos uma crítica aos movimentos identitários, não é uma crítica totalmente avassaladora, porque a gente entende toda a luta, todo o movimento, mas o problema de se focar as vezes numa palavra, numa identidade, numa sigla, isso também engessa as pessoas a agirem conforme o que se espera, e não permite as pessoas a se expressar conforme "seu nome". E isso também já tem dilemas, um nome já carrega muita história. Então eu também tenho uma hipótese, que as vezes o coletivo quebra justamente isso, não é só uma sigla. Acho que ele permite ir além da sigla. Pra além de uma identidade mais além mais enrijecida..., mas não sei o que vocês acham disso, se vocês tem uma crítica em relação a isso ou não. Eu também tenho uma crítica a crítica, eu acho que não é hora de criticar esse movimento, tipo vamos com calma, é uma transição, a gente precisa dessas siglas no momento... que estamos recém conseguindo construir...

Amanda: eu fiquei pensando, me veio o nome Virgínia na cabeça, porque por trás do Virgínia tem muitas singularidades. Então, ainda que a gente construa essa sigla, a gente segue com a nossa individualidade, e são coisas nossas, são mundos totalmente diferentes. Mas ao mesmo tempo muito parecidos. ... Concordo com o que tu fala, "não desarticulem nossa sigla", até porque não é o momento, mas acho que bom... Essa capacidade de criticar também, me faz pensar, o que que mobiliza, o que que mexe, porque essa crítica. E nossa também de sustentar isso, acho que são esses dois polos de questionar... o que que sustenta, o que que critica, o que que desperta.

Bruna: Porque ao mesmo tempo, até na clínica eu escuto, o fato de as vezes o grupo pressionar para alguém decidir sobre sua sexualidade... e bom, as vezes não está decidido, e tudo bem não estar decidido também, não sei se é algo que tem que estar decidido. Mas acontece, em vários grupos, às vezes até em grupo racial, de ter que saber qual a sua origem, e se não sabe, não pode estar em determinado grupo...

Amanda: não pode se relacionar com pessoas de outra raça, enfim...

Bruna: e eu acho que os coletivos quebram um pouco isso, pelo menos na minha esperança... acho que oxigena um pouco, porque encontramos coletivos bem plurais...

Amanda: eu vejo que também tem, não só na clínica, mas tem os extremos, tudo tem... tem o psicanalista totalmente ortodoxo, tem os mais contemporâneos. Tem isso, tem a feminista e tem a feminista...

Bruna: a femista¹¹...

Amanda: então tem esses extremos que são muito extremos pra a ou pra b...

Gabriela: é, é necessário as vezes uma rigidez pra funcionar, alguma coisa... então eu estava pensando que por mais que a gente tenha nossa singularidade, que a gente tenha nossa abertura, "não vou poder ir hoje", a gente tem também exige um determinado comprometimento e não só se a pessoa estiver a fim. Eu acho que isso é o principal. então a gente tem uma colega que ela não... ela trabalha em dois empregos, ela geralmente não pode, mas "no que que eu posso ajudar?", então ela faz o que ela consegue. Então, a gente acaba tendo isso pra manter o grupo unido. Pra funcionar também.

Amanda: Pra flexibilizar tb. sim com essa rigidez, sim com essa exigência que sim, temos que estar presentes, temos que isso, temos que aquilo... temos, porque decidimos e escolhemos, mas também flexibilizamos, oh não posso, vai a Nanda, vai a Gabi... e é isso, não pode tal forma, vai de outra forma. mas nada tão extremo, "ah tu não estava presente na reunião então cai fora". Não, como tu pode ajudar, como tu articular isso, enfim...

(finalizações)...

¹¹Femista se refere a mulher que se identifica ao Femismo, ideologia extremista que prega a superioridade do gênero feminino sobre o masculino. Seria próximo ao machismo, marcado pelo preconceito de gênero. Não é sinônimo e está distante do termo feminismo, apesar de algumas vezes algumas pessoas os confundirem.

8.8 Anexo 8

Entrevista Coletivo Nítida

Entrevista realizada dia 16 de dezembro de 2019 na casa Fora da Asa. Participaram da entrevista:

Desirée Ferreira, Leli Baldissera, Lívia Auler.

Bruna – (Breve introdução e apresentação da pesquisa). Bom, eu estou fazendo um mestrado em Psicanálise na UFRGS, com o Edson Sousa, que é professor na Psicologia mas que também tem uma relação bem forte com as artes. Participamos do LAPPAP, que é o Laboratório de Pesquisa em Arte, Política e Psicanálise, e eu estou pesquisando com ele o conceito de expressão. Na Psicanálise, a gente tem vários conceitos. O conceito de sintoma, o conceito de sublimação, o próprio conceito de sintoma é um conceito diferente, não é esse sintoma do senso comum. É um sintoma que, segundo Freud, comunica outras coisas, tem um sentido metafórico. E a gente tem vários conceitos super bacanas para pensar a saúde mental das pessoas, a saúde emocional. Mas a gente não tem muito desenvolvido o conceito de expressão. Mais ou menos assim, a gente fala muito de expressão, que as pessoas precisam se expressar e tal, mas pouco se parou para pensar muito ainda sobre o conceito do que que é se expressar ou por que que isso às vezes é difícil. Se fala muito em repressão, né?! Na filosofia a gente tem alguns autores que trabalham com isso, o Adorno principalmente fala bastante sobre isso, que é um dos autores que eu estou usando. Mas, ainda assim, tem algumas coisas que eu quero desenvolver, pois a meu ver, dá para pensar mais.

E aí, vou explicar como é que eu cheguei nos coletivos...eu estava pensando a questão de como a arte ajuda as pessoas a se expressarem, mas eu estava com receio de cair naquela coisa de arte terapia, que eu acho que não é muito o que eu entendo da potência disso, assim...por que resume a arte a uma terapia, e eu acho que a arte, ela extrapola uma questão de terapia. Então, eu fiquei pensando se era o caso de pegar artistas que trabalham em museus, em galerias, ou coisas assim e também vi que não era isso, por que eu acho que também os museus e as galerias tem suas limitações e suas repressões, então nem tudo que a gente precisa expressar está nas galerias, né?! Aí eu pensei em explorar o que está no espaço público. Vamos ver o que está mais na rua. E aí o primeiro critério foi pegar grupos que faziam intervenções nas ruas, espontâneas, assim...mas daí eu comecei a pesquisar e a entrar em contato com vários coletivos que não necessariamente fazem intervenção na rua, mas que existem de outras formas. E aí então eu comecei a focar mais nos coletivos e não tanto na intervenção da rua, também porque depois eu me dei conta que nem toda expressão é uma expressão explícita, é uma expressão pública. Tem expressões, às vezes que são um pouco mais, como é que eu posso dizer, tímidas, um pouco mais discretas. E que nem por isso são menos potentes, né?! Nem toda expressão precisa estar para fora. Ela, às vezes, tem outras estratégias de existência. E aí então eu fiquei mais com a ideia de conhecer os coletivos que é uma coisa muito potente e desde que eu comecei a pesquisar, surgiram vários, tem vários que começaram ano passado, então tem vários que são muito recentes e outros que já tem mais uma história. Diante disso, eu cheguei até vocês, pesquisando...tanto por indicações também de outras pessoas, ou eu mesma encontrando tanto no Insta, no Face, no Google, pela palavra coletivo mesmo, coletivo Porto Alegre...

E aí eu queria ouvir de vocês um pouco isso, porque se unir na forma de coletivo, o que que vocês entendem por coletivo, porque acho também que tem vários conceitos de coletivos diferentes. Isso a princípio não é um problema, né?! Eu já entrevistei vários outros coletivos, tanto coletivos abertos quanto coletivos fechados. De dança, do teatro, de mães, de terapeutas, então não é necessariamente um coletivo de arte que eu estou investigando. Tem vários outros tipos. Ainda tem vários para

entrevistar que estou tentando marcar. Me interessa um pouco saber...eu tenho essa hipótese que os coletivos ajudam as pessoas a se expressarem, seja lá de que forma, e queria ver se vocês acham que essa é uma hipótese válida ou não, porque, se tem limitações, quais são os desafios que também vocês encontram, acho que também não é perfeito, assim, né?! Acho que a gente não pode romantizar e idealizar a coisa, mas pensar um pouco isso assim. Aí não sei como é que vocês gostariam de começar. Talvez a ideia seja falar um pouco como é que vocês começaram e de repente depois cada uma poder falar porque que o coletivo é importante pra si, assim né?! O que que o coletivo representa para vocês.

Leli: Vou falar mais ou menos como a gente começou e as gurias complementam. Foi no final de 2015 em que começamos a nos reunir. Não eram todas que se conheciam, né?! Algumas se conheciam, outras não, mas todas eram da área da fotografia e todas estavam sentindo falta de ter referências de mulheres nas faculdades, nos cursos que estávamos cursando e eu lembro que eu e a Lívia nos encontramos num bar pra conversar, conversamos sobre isso...

Lívia: Porque eu tinha viajado e visto umas coisas, e vi que estavam fazendo muita coisa de mulheres. Acho que eu cheguei a comentar dessa disposição para falar sobre artistas mulheres. Aí eu pensei: “meu deus, acho que isso tá super necessário” e tal. E daí eu sabia que a Leli iria defender a dissertação dela, ali em setembro foi, por ali né?

Leli: Outubro eu acho...

Lívia: De 2015. E daí eu “bah, acho que seria legal conversar com ela”. E daí nessa época tinha o festival de fotografia em Paraty e daí a Desi e eu fomos. A gente acabou conversando também e daí nós três começamos a conversar sobre. E daí veio a Debi, a Carol e a Camila.

Desirée- É, a Deb e a Carol eu já conhecia, também na época tínhamos o interesse em fazer um coletivo sobre isso. Aí como tinha conversado com a Lívia, pensamos em se reunir...A Camila entrou porque também tinha esse interesse em comum.

Lívia - Do jornalismo, tinha feito também...

Desirée – Esse interesse, essa curiosidade de falar, de pesquisar mais sobre essas artistas mulheres, fotógrafas mulheres.

Úrsula - A minha entrada é bem recente, foi em abril desse ano. Já conhecia o trabalho das meninas desde 2015, acompanhava...meu trabalho é voltado para a mulher, fotografia do feminino. Então, a nítida sempre era uma referência, mas eu não conhecia as meninas ainda. Só de vista, né? Mas a gente acabou tendo aulas juntas, com a Desirée, depois com a Lívia, e daí delas eu acabei conhecendo a Leli e assim foi indo. Esse ano então surgiu essa oportunidade de contribuir e eu acho que está sendo bem legal. Poder falar sobre isso, porque o olhar, a fotografia é masculina. Tu olha os festivais, são só homens. Mas as mulheres estão se expressando, estão falando sobre isso, só não está sendo tão divulgado, né? Se mulheres estão produzindo, estão falando sobre essas coisas e ainda o número é bem pequeno. Nos festivais e na circulação dos trabalhos.

Leli- É, estávamos todas cansadas desse tipo de situação, mas cada uma sozinha, e queríamos nos reunir com outras pessoas que tivessem esse mesmo sentimento pra poder fazer algo em relação a isso.

Lívia- E justamente isso...falando da potência dos coletivos, de estar em coletivo. Acho que cada uma estava sentindo isso sozinha e se juntando parece que existe uma força maior assim, acho que todas nós percebemos que essas inquietações que talvez individualmente elas não conseguissem ter tanto alcance. A gente estando juntas tem um alcance muito maior, assim, a gente teve um espaço maior, eu acho, né?! Pra expressar isso, falando em expressão, né? Para expressar esses incômodos, essas inquietações. Com certeza eu acho, agora falando por mim, o coletivo dá uma potência muito grande nesse sentido, uma força de união que é importante. Falando do coletivo e falando principalmente de nós como mulheres para falarmos, enfim, das nossas opressões em comum e tudo, que as vezes são coisas pouquíssimo faladas. Ou pouco contempladas, então dá um espaço de troca muito legal e um espaço de transformação e diálogo super potente, além do alcance maior.

Leli - É que os nossos nomes sozinhos, nós ainda somos estudantes, eles ainda não tem tanto peso, digamos assim. E quando a gente se reúne em um coletivo parece que as pessoas levam mais a sério, não sei.

Úrsula- O coletivo é algo mais oficial parece. Já me falaram isso. Pra falar como um coletivo, que daí seria algo mais oficial. Que eu como Úrsula ficaria mais fraca. Em Montenegro isso, né? Onde eu moro. Eu acho que essas questões bem...

Bruna - Mais oficial? O que será que é isso?

Úrsula - É...que daí o coletivo daria uma força maior pro assunto. Falar sobre as mulheres na fotografia.

Bruna - E que tipo de atividade vocês já fizeram, o que que vocês já como coletivo começaram a agir, a atuar...

Leli - Nós atuamos bastante online, temos um blog em que escrevemos textos, biografias, entrevistas, várias publicações diferentes e o facebook que agora está mais sumido...

Lívia - As pessoas pararam de usar um pouco...

Leli - Tem Instagram que a gente também posta e tem as ações assim mais presenciais que a gente faz. Encontros, palestras, cursos...mais o que que a gente fez? Também já fizemos intervenções nas ruas, colocando lambes, também tivemos uma exposição e participamos de outras exposições também, de projeções pelo Brasil, em festivais, entrevistas com fotógrafas em festivais.

Desirée- A ação Mulheres que Fotografam. Mais recentemente, fotografamos outras fotógrafas e fizemos entrevistas...

Bruna - Essa eu acompanhei um pouquinho, foi bem legal!

Leli- Atuamos por várias frentes assim... Tentamos colocar em prática quase todas as ideias que temos.

Lívia - Teve também, complementando o que a Leli falou, encontros que a gente fez dois né? Sobre...o primeiro era pra todas as mulheres que trabalhassem com imagem. A gente convidou pra ter um bate-papo, uma conversa sobre como elas se sentiam, sobre mercado mesmo, de trabalho, como é que eram

as coisas, troca de experiências, que foi bastante gente até. Daí o segundo encontro a gente tentou focar um pouco mais em discutir alguns trabalhos específicos e foram só esses dois encontros, mas...

Bruna - Por enquanto...

Leli - É, também fazemos apresentações acadêmicas, já que estamos dentro da academia, né? Em eventos acadêmicos. Acho que tem mais algumas.

Lívia - Essas falas em Universidades...onde é que a gente foi já? Na PUC, na ESPM.

Úrsula - Em Floripa né? Vocês não foram?

Lívia - Em Floripa a gente participou do Fazendo Gênero. Ministramos um Workshop individualmente. O negócio lá da escola...

Leli - Ah, sim. Agora tem um projeto que é com uma escola, com alunas estudantes do ensino médio pra gente fazer um grupo com elas sobre fotografia e feminismo. Daí com essas meninas é um projeto pro ano que vem. Já tivemos um encontro com elas esse ano, mas ano que vem que vai funcionar realmente o projeto.

Bruna - E eu ia perguntar...claro, deu pra ver que vocês começaram meio que por uma questão de afeto mesmo, né? De se conhecer e conversar, Né?! Mas vocês tem abertura para outras participantes ou não, como é que isso se dá assim?

Leli - Hmm, não sei

Lívia - Na verdade a gente começou, eu não diria muito afeto...

Leli - É...

Desirée – Eu não falaria isso porque não éramos todas amigas ou conhecidas...

Leli - O afeto veio com o tempo...

Lívia - O afeto veio depois, não foi isso. No início foi pelo mesmo objetivo em comum, as mesmas inquietações e querer fazer algo, não era por...por que a gente nem se conhecia, né?

Leli– É!

Lívia - A gente passou a se conhecer depois, então o que nos uniu foi esse objetivo em comum e que fez a gente ficar amigas, enfim...,mas isso aconteceu depois.

Desirée - E sobre as outras participantes normalmente, como foi o caso da Úrsula, vemos se tem e o que tem, se o trabalho tem o mesmo interesse. E acabamos convidando assim, mas, por enquanto, não é aberto, né? Por enquanto, somos nós que estamos participando. Claro que quando tem uma ação como essa Mulheres que Fotografam, acabamos fotografando outras mulheres, elas acabam participando e agregando muito a Nítida. Mas integrantes, somos nós. A Carol acabou saindo no início, mas por uma

questão pessoal. Então hoje somos eu, a Úrsula, a Lívia, a Leli, a Deb Dornelles e a Camila Domingues que hoje está morando na Holanda, mas continua participando do coletivo.

Bruna - Bom, e no que vocês acham que o coletivo auxiliou vocês ou não, algum tipo de expressão que talvez fora do coletivo vocês não conseguissem pôr em prática? Não sei se também é tão categórico assim, né? Às vezes, enfim, se dá um jeito de fazer a coisa né?! Mas o que que vocês acham que o coletivo contribuiu?

Leli- Acho que é bastante claro que quando estamos num coletivo aparece bastante a questão de não desistir. Porque quando estamos sozinhas, às vezes iniciamos um projeto e ele dá errado, ou não sai como gostaríamos e desistimos. E na Nítida tivemos várias ações que não saíram exatamente como queríamos, algumas foram, meio, até um fracasso. Mas por estarmos juntas, e entre mulheres, entre amigas que tem esse afeto, que se apoiam, eu acho que nessa questão de não desistir é muito importante ter o apoio das outras e continuar. Ter outra ideia, ir fazendo, continuar dando um encaminhamento a essas ideias pra elas saírem do mental e botar em prática mesmo que dê errado. Tudo bem, se der errado a gente vai estar junto, entendeu? Acho que isso é importante.

Lívia- É, eu acho isso super mega importante também. Como eu tinha falado antes, mas complemento ou repito as coisas que eu falei antes por essa coisa da potência, do sentimento de união, o sentimento de poder mais, sabe? Do não desistir e do poder mais, poder ir mais longe, fazer com que a nossa voz consiga ir realmente...atingir mais gente, eu acho que dessa potência tem bastante no coletivo.

Leli- Uma questão que também temos por estarmos reunidas só entre mulheres é a de ter um espaço seguro para falar sobre vários assuntos que às vezes não são só da fotografia, né?! Mas das nossas vidas pessoais e de outras questões, coisas que mulheres passam...E isso nos dá muita força para seguir com nossos projetos.

Lívia - Inclusive os individuais...

Lívia - Os nossos projetos em conjunto e cada uma com seus individuais. Eu acho que ganha bastante. Falando em individual, que tu pediu para falar também. A Nítida também foi super importante pra mim, inclusive pra eu escolher o que eu ia falar no mestrado, o que eu ia pesquisar, e que foi muito... foi totalmente a partir do nosso coletivo que eu estava, enfim, nessas postagens que a gente fazia. Daí tinha o mês da visibilidade lésbica e eu fui... "ah vou fazer um especial". Falei com as gurias e fui buscar por que me interessava e eu vi que não tinha quase nada e foi muito a partir daí, pra tentar fazer esse especial da Nítida que eu decidi pelo que eu acabei depois vindo a estudar no mestrado, a pesquisar, então foi super mega importante.

Desirée – A Nítida também foi super importante por várias questões. Primeiro, antes eu já me identificava com o feminismo, mas comecei a pesquisar e a me interessar, a me aprofundar muito mais a partir da Nítida. Apesar do meu trabalho, que é uma fotografia mais de rua, envolver um pouco isso, eu não trazia outras questões, como o feminismo para dentro dela. E aí, através da Nítida e conversando também com as gurias, fui percebendo como a questão de ser mulher atravessa toda a minha poética. Também por influência das gurias acabei entrando no mestrado em poéticas visuais da UFRGS, então realmente foi quase que um divisor, assim, antes e depois. Enfim, é bem importante...

Úrsula- É, pra mim, eu já trabalhava com questões referentes, mas era autorretrato, então eu acabava ficando muito sozinha e não tinha com quem trocar sobre essas coisas. Era bem introspectivo e guardava esses questionamentos pra mim. Eu acho que no coletivo tem essa rede de apoio, de eu poder falar com outras pessoas e saber que tem outras pessoas que pensam a mesma coisa que eu...então acho que isso foi bem importante para mim. Era bem solitária, eu tinha esses questionamentos, fazia o trabalho, largava ao público, mas muito online e não tinha esse contato pessoal, então acho que o coletivo me ajudou bastante nisso.

Bruna - Sim. As inseguranças de cada uma, assim...bom, não sei, eu fiquei pensando a pergunta como disparador da conversa é mais ou menos essa, a forma que vocês acham que contribui, ou não... Mas também eu posso contar um pouquinho de como é que está sendo a conversa com os outros coletivos, até para vocês pensarem também como está sendo para vocês. Tem alguns coletivos que são abertos, tem uma questão mais de a participação ser um pouco mais volátil. Às vezes vem, faz uma participação em alguma coisa e depois não participa mais, mas ainda assim as vezes apoia de longe e tal, então dependendo do coletivo tem algumas relações mais pontuais e voláteis eu diria e nem por isso menos importantes né?! E outros tem uma questão, como eu posso dizer, isso assim, de realmente construir um lugar seguro, vínculo seguro. Que nem vou dar um exemplo do...entrevistei aquele coletivo TrupidiTrapu, que é dos lambe-lambes, que é aqueles teatros em caixas, não sei se vocês conhecem, eles fazem teatro dentro de umas caixinhas assim, pequenas, então é um teatro totalmente diferente, individual, e tal. Aí um dos integrantes do coletivo, ele faz lá um espetáculo, mas que as pessoas ainda não conseguiram muito bem entender né?! Ele ainda está desenvolvendo e tudo bem. Daí até um dos participantes falou assim "olha, eu acho que ele faz aquilo até mais para ele do que para o público" por que ele ainda tá também precisando talvez lidar com alguma questão ali que não está tão clara né?! Nem pra ele, nem pro público e ele pode fazer isso, não existe um diretor que vai dizer "não, esse tipo de peça ali do teatro ele não pode fazer, ali naquele coletivo" né?! Então tem um espaço também de experimentação e as vezes uma experimentação que nem a pessoa sabe onde vai chegar. Que é diferente quando as vezes é um coletivo, ou um grupo de teatro, ou um grupo de dança, ou um grupo de trabalho... de fotografia, que tem que entregar um trabalho, né?! E aí não dá para exercitar muita coisa, assim, né?! Tipo, tem a meta ali, o prazo e tal e não tem muito espaço de, às vezes, criação, tem que entregar algo. Às vezes sem ter um espaço para dúvida, um espaço para insegurança, né?! Por um tempo mais necessário. Então, essa é a grande diferença que eu vejo de um coletivo para um grupo. Quando tem um grupo fechado, mais institucionalizado e tal...não que vocês não tenham, né?! Acho que também tem prazo, também tem que se inscrever nos editais, também tem algumas coisas burocráticas que atravessam, mas isso não exclui aquele momento, acho que como todas falaram, de uma ideia ali que está ainda germinando, ainda não tem corpo de...aos pouquinhos ela ir sendo creditada assim...então, como é que é isso para vocês? Vocês acham que é assim que funciona, ou não, que que vocês acham também que as vezes impede uma ideia de vir à tona...por que também acho que tem o lado negativo também às vezes, né?! Que às vezes é justamente por não estar sozinha, por não estar...por ter outras pessoas envolvidas também nem sempre toda ideia pode ser colocada, né?!

Leli - Eu acho que essa questão das ideias, a Nítida é bem assim...um espaço sem julgamentos. Eu sinto vontade de compartilhar as ideias que tenho e também dos nossos trabalhos pessoais, do que que cada uma está pensando, nossas pesquisas, de compartilhar e das gurias darem opinião, por que realmente às vezes em um espaço institucionalizado da academia vai haver um julgamento, vai haver uma cobrança, uma nota. E fazemos essa troca...eu acredito que de uma maneira bem livre, eu pelo menos me sinto bem livre para trazer as minhas ideias e colocar no coletivo. E não tem muito isso de não ser possível realizar por estar no coletivo. Acho que quase sempre concordamos em quase tudo. O que é mais difícil

é nos reunirmos, todas ou pelo menos um bom número. Tipo hoje que estamos em quatro, isso é uma raridade. Essa eu acho que seria a maior dificuldade de executar uma ideia em muitas pessoas. E nem somos tantas né?! Tem coletivos que são muito maiores. O nosso ainda é pequeno.

Lívia - E mesmo assim é bem difícil de se encontrar presencialmente.

Úrsula - É, eu acho que é a maior dificuldade né?! Essa logística, de uma data e um horário que todas possam ir. Porque o resto é bem tranquilo.

Lívia - Sim, estamos sempre bem em sintonia assim. Eu acho que nas coisas que a gente tentou fazer não teve nunca algo muito destoante...

Leli - É, isso até é estranho né? Nunca teve uma briga, uma desavença, um desentendimento, nada. Ou quando uma não pode assim, por exemplo, essa atividade na escola, as gurias não puderam aí fomos eu e a Desirré, então não deixamos de fazer uma coisa porque não vão poder ir todas... Quem pode vai, quem não pode não vai, a gente reveza, quem tem tempo livre faz as postagens, quem não tem não faz...quem tem uma ideia lança a ideia..., mas geralmente acatamos tudo. Não lembro de ter algo que dissemos não. Ah, teve aquele protesto, sei lá.

Desirée – Mas se bem que eu acho que ele acabou não acontecendo né?!

Leli - É, nem aconteceu.

Desirée – É, eu também sinto isso. Eu acho que essa coisa também de deixar, de alguma forma, bem livre. Se pode, vai, se não pode, não vai, mas não deixa de fazer também que mantém muito o fluxo do coletivo. Às vezes uma pode ajudar mais online, outra, presencial, por que são fases né?! Às vezes está envolvida ali com o final da dissertação, por exemplo, tu não tem como dar conta...e tudo bem, eu acho que faz parte. Coletivo também é para isso.

Úrsula- Entender o tempo de cada uma também.

Leli- E acabamos dividindo muito os problemas pessoais de cada uma, então conseguimos compreender o que cada uma está passando e nós ajudamos. Acho que essa é a ideia que tu trouxe do afeto, o afeto é cada vez maior e a gente acaba...

Lívia - Foi construído ao longo dessa convivência.

Leli - E acaba sabendo mais da vida pessoal uma da outra e isso ajuda no coletivo. Ajuda a funcionar melhor.

Bruna - É. E uma outra coisa também que é interessante é...essa cena até veio de uma conversa com o coletivo de dança, que também é meio dança meio teatro. Tinha uma mãe e ela queria fazer uma cena solo de um nascimento (...), Mas ao mesmo tempo eles enquanto coletivo toparam isso e meio que como uma das meninas falou, (...) o coletivo serve um pouco para segurar, como se fosse, assim, pro ar continuar entrando no pulmão. Então eles preparam o cenário para ela conseguir fazer o solo. Se não ela não ia conseguir fazer o solo se ela estivesse realmente sozinha. É o coletivo que permite que ela faça o solo. Então não é que todo mundo precisa estar nascendo do solo. Mas sim o coletivo estar ali atrás

segurando para que ela continue respirando para ela conseguir fazer a cena do solo que não é uma cena sozinha, é diferente. Então, também é legal a gente pensar para vocês o que que é...o que que vocês fizeram talvez coletivamente, mas o que que também individualmente...acho que vocês já colocaram um pouco né?! De que ajudou na pesquisa, no tema da pesquisa e tal...mas de que forma também vocês conseguiram às vezes também fazer um trabalho mais juntas e outro que também o coletivo permitiu um trabalho individual, assim, então...daí não sei se tem...mais lançando ideias, mas não que tenha que ter.

Desirée— Acho que a exposição é um bom exemplo né?! Mas acho que assim...a gente fez a exposição que era uma exposição coletiva...eu, pelo menos para mim, a partir daquela exposição comecei a pensar no meu trabalho atual. Já estava fazendo, mas não tinha feito ainda esse fechamento, esse pensar né, sobre, mais profundamente debatendo com outras pessoas e ali a gente teve um espaço onde a gente trouxe coisas do coletivo e outro onde cada uma fez um trabalho ou mostrou um trabalho individual. E aí no meu caso acho que foi um pouco isso. Tive esse espaço de reflexão e também de mostra de um trabalho individual que trazia a questão do feminismo, da rua que tinha a ver com o coletivo.

Úrsula - Eu achei muito legal essa que eu participei que foi as Mulheres que Fotografam na Casa Baka. Eu gostei muito, fiquei muito tocada, porque foi uma ação efetiva na sociedade e tu ter esses relatos...eu achei muito importante para mim, mudou minha relação depois com a fotografia. Tentar algo mais interativo, de identificação, eu achei isso bem importante para mim, para a minha poética.

Leli - Eu acho que não tem, assim, um trabalho específico que eu tenha feito por causa do coletivo mas está tudo entrelaçado porque quando eu comecei, diferente da Desi, eu já estava fazendo um trabalho que envolvia feminismo, que foi essa apresentação da minha dissertação que a Livia foi ver e foi, assim, um desastre. Os professores criticaram muito por essa questão de ser feminista né?! E eu terminei o mestrado em chateada, bem pra baixo, bem desmotivada por essa questão de o feminismo não ter sido aceito no ambiente de artes, né?! !

Bruna - Nossa, onde isso? Quem foi tua banca? .

Leli- A banca não foi bem escolhida, mas igual, é um ambiente de Artes da UFRGS que deveria ser, assim, mais aberto né?! Foi uma banca muito complicada. Então o coletivo para mim foi assim como um respiro por saber que não é em todo lugar daquele jeito. Que podemos criar por nós mesmas um espaço em que outros trabalhos que tenham feminismo e fotografia sejam aceitos. Então, acho que está bem ligado com o meu trabalho, porque eu continuo pesquisando sobre feminismo, fotografia e intervenções em rua também, então o coletivo se atravessa a todo momento na minha vida, mas de uma maneira positiva, não um atravessamento ruim.

Livia - Para mim, antes eu acabei falando mais da parte teórica que realmente me incentivou, me deu aquela luz do que seria o meu tema, total...mas nas poéticas para mim deu muita diferença também, estar num coletivo e a partir das nossas discussões, assim...eu lembro o que eu estava fazendo em 2015, já tinha coisas, assim, com uma visão feminista, coisas que eu cheguei a mostrar, uma que é sobre minha vó e depois um outro que é sobre minha outra vó na exposição coletiva. Mas eu tinha outras fotos...um exemplo que eu lembro em relação ao corpo, aos meus pelos que eu nunca cheguei a mostrar e foi super importante mostrar para as gurias e elas darem a impressão delas e eu ver, tipo, ai não sabe, não é por aí...então foi, ai, não sei, para as minhas poéticas individuais também é totalmente importante o nosso

coletivo, as nossas discussões, o quanto a gente vai aprendendo conversando mesmo sobre os trabalhos uma da outra e todos que vieram depois eu sinto a influência com certeza.

Leli - É, eu também sinto a influência sempre, não é uma coisa pontual, é algo que faz parte da vida.

Lívia - É, já passa a fazer parte.

8.9 Anexo 9 Entrevista Coletivo Catarse

Entrevista com o integrante Rafael Corrêa realizada em 18 de dezembro de 2019 no Barraco Cultural.

Bruna: (breve introdução) Eu estou fazendo um mestrado no PPG de Psicanálise da UFRGS em que teço a ideia de que Coletivos são um dispositivo para expressão. Estou desenvolvendo essa ideia com cada coletivo que converso, e questiono de que forma aquele coletivo contribui com seus participantes. Cada coletivo tem um aspecto diferente. Então, queria ouvir de ti um pouco, como tu achas que o coletivo que tu participas pode auxiliar ou não na expressão dos sujeitos...

Rafael: Acho interessante, pois eu vou trazer a minha experiencia. Vou falar de mim, até porque estou um pouco afastado por questões de saúde e estou focando em outros trabalhos, mas eu vou contar do início, de como eu entrei. Mas seria legal ter o depoimento de outros depois, se puderes.

Bruna: Sim, depois tentarei ir atrás disso. Já aconteceu de eu entrevistar mais pessoas juntas, e também aos pouquinhos.... Vamos construindo juntos. Conheço o coletivo Catarse, mas conheço poucas coisas. Vi algumas coisas no youtube, algumas publicações que acompanho. Sei que é um coletivo de comunicação, mas queria ouvir de ti então, como foi esse início, e principalmente como tu acha que o coletivo contribuiu, o que tu acha que tu conseguiu expressar dentro do coletivo, que talvez se não tivesse o coletivo tu não conseguiria sozinho...

Rafael: Eu fazia a faculdade de comunicação na FAMECOS. cursava Publicidade, isso nos anos 90, início dos anos 2000. E minha namorada na época cursava jornalismo. Então eu acabava tendo aulas com ela também, e isso sempre foi muito próximo do jornalismo, mesmo fazendo publicidade, eu gostava. Às vezes matava aula da publicidade para fazer aula de jornalismo. E a gente desenvolveu um FANZINE, que era o Bodoqe, o zine de resistência, que era bem de esquerda, bem contra o neoliberalismo, contra o FHC na época. E ali eu comecei a fazer alguns quadrinhos, alguns cartuns, e a parte gráfica e tal. E a gente distribuía na Famecos e na Fabico.

Bruna: Gratuito?

Rafael: Gratuito. E aí o pessoal da Coomunica nos conheceu a partir daí e no movimento estudantil também. Na época, a gente era colega da Manu D'ávila. Fizemos uns movimentos estudantis juntos lá na FAMECOS. E a galera estava se organizando como uma cooperativa, que é a Comunica. Teve um professor lendário na FAMECOS, que é o Marques Leonan, que participou do COOJORNAL, que foi uma cooperativa de jornalismo dos anos 70/80, na época da ditadura. Era um exemplo que ele colocava na aula e a galera estava muito a fim de fazer uma coisa diferente pra não trabalhar na grande mídia. Então se organizou essa cooperativa Coomunica e eles me acionaram através do Bodoqe. A gente entrou, participou uns dois anos, teve uma dissidência por que a lei do cooperativismo vem desde os anos 70, que eram iniciativas mais agrícolas, então tinha que ter no mínimo 20 pessoas.

Bruna: Pra se configurar como cooperativa?

Rafael: Para se configurar como cooperativa. E então, quando a gente entrou, tinha um grupo bem heterogêneo. Eram umas trinta pessoas, então tinha desde gente que trabalhava em agências, até mais

gente mais ligada ao MST. Então, em algum momento ia dar algum choque, por mais que a gente tentasse "não, vamos fazer um jornalismo com comunicação diferente do que a grande mídia tá nos oferecendo". Então, aconteceu isso, deu um atrito e eu e mais seis colegas resolvemos sair e formar a nossa cooperativa, mais concisa, mais homogênea nas ideias. E aí nós formamos a Catarse. Na época tinha essa lei ainda do cooperativismo, mas tinha acabado de sair o novo código civil. O código civil é uma lei acima da lei do cooperativismo, então a gente foi a primeira cooperativa com menos de 20 pessoas no Brasil. Nós éramos 7 pessoas, isso em 2004. Aí era eu e mais outro publicitário e o resto do pessoal fazia jornal. Era tudo acabado, saído da faculdade, recém formado.

Bruna: Tinha uma coisa bem institucional demarcando. Tipo, se for se juntar, tem que ser com 20 pessoas. Se for menos, não pode.

Rafael: Sim. E aí ia dar esse atrito. Aí a gente formou um grupo menor com mais ideias que tinham a ver e começamos com bastante dificuldade. A gente não tinha nem sede nem nada, saímos da cooperativa. Mas a gente bateu pé, assim. A gente quer ser uma cooperativa. Essa ideia da autogestão, ninguém é chefe de ninguém. Por nós, a gente fazia sem presidente, sem nada, sem conselho. Uma maneira bem anárquica... mas como a lei tem uma burocracia, tem que ter nota fiscal, tem que ter eleição, mas a gente era meramente formal. Presidente manda tanto como os outros cooperados. Era mais para assinar papéis, enfim, burocracia. E a gente começou a fazer o trabalho que a gente realmente queria, trabalhar com ongs, trabalhar com o terceiro setor, com movimentos sociais, trabalhar com questões do MST, enfim, tudo que a grande mídia não dava espaço, e quando dava, era pra criminalizar. A gente achou não apenas um nicho, mas também uma maneira de trabalhar com a nossa ideologia, sem deixar de se vender, porque esse mercado é muito prostituído. E um pouquinho antes, como eu me formei um pouquinho antes da gente se formar como Catarse, eu cheguei a fazer um estágio, aquele obrigatório. E aí fiz em uma agência de publicidade e pensei: nunca mais quero botar os pés em uma agência. Porque fiz comunicação, que era o mais próximo, eu sempre quis fazer cinema, quadrinhos, e achei que era o mais próximo que eu poderia chegar dentro da academia. Mas eu via que não tinha nada disso. Claro que eu aprendi vários conceitos de comunicação, que foram importantíssimos para a minha formação. Mas não era a carreira que eu queria. Eu achava que numa cooperativa eu poderia selecionar meus clientes, que a gente nem chamava de cliente, a gente chama de parceiro. Quase sempre era alguém que a gente concordava com as ideias. E fazia questão de trabalhar. Então, a gente foi crescendo aos pouquinhos, ganhando mercado, trabalhando mais com audiovisual. A minha parte é quadrinhos, de vez em quando tinha uma ilustração, mas eu voltei mais para o design. Eu fiz a comunicação visual, logo marca da Catarse fui eu que fiz, e nos filmes também, fazia cartazes, que é uma coisa que eu gosto bastante. Mas chegou num ponto que eu queria me voltar mais pro quadrinho, e eu comecei a me afastar um pouco da Catarse, porque enfim, são trabalhos que convergem em algum momento, mas não é bem o foco da cooperativa.

Bruna: Fiquei pensando que uma coisa que eu já escutei de outros coletivos, não são coletivos necessariamente de amigos, tem alguns que claro, acabam virando um ciclo de afeto, de amigos, mas que não necessariamente se inicia por esses vínculos. Às vezes se inicia por interesses em comum, valores de vida em comum, que daí vão construindo afetos. Mas a maioria tem essa questão do trabalho, de ser uma coisa profissional, de não ser simplesmente um grupo de pessoas que se reúnem pra fazer um hobby. Não tem esse vínculo trabalhista, o que pra mim, acho que é muito potente porque é justamente isso, traz pra uma outra dimensão institucional as próprias relações de trabalho. Isso que tu falou de poder chamar alguém de parceiro e não de cliente, muda tudo. Muda totalmente a qualidade

do vínculo, né? Então, isso também de não ter chefe, da auto gestão. Mas também me questiono... claro que os trabalhos diferentes, mas porque que os quadrinhos não puderam estar dentro do coletivo.

Rafael: Acho que meus trabalhos são mais pessoais. Eu tentei por um momento publicar pela Catarse, mas eu achei que eram outras pessoas, outros parceiros, editores, cartunistas.

Bruna: outro campo que estava se acionando?

Rafael: Isso. Às vezes eu chamo o pessoal do Grafar, que são os cartunistas mais antigos, como o Santiago, que eu comecei a enfim...

Bruna: Estou conhecendo agora, através das exposições do Barraco, mas realmente tenho pouco contato...

Rafael: É uma geração que está com seus 70 / 80 anos e que me acolheu muito bem quando eu vim morar em POA, quando eu fiz o Bodoque eles adoraram e pediram para participar e acabaram publicando e eu me tornei um profissional por causa desse grupo de cartunista. E eu aproximei a Catarse do Grafar. E durante muito tempo a gente foi parceiro nisso.

Bruna: Mas a Grafar é um... ?

Rafael: É uma associação anárquica, que também não é dessa geração de agora, mas ela foi fundada no final dos anos 80. Acho que se reunia lá na casa do Veríssimo. E aí tem os grandes cartunistas do RS e tinha como ideia inicial ser uma associação, mas há uma burocracia do cão e cartunista é mais da criatividade. Não tinha ninguém que "ah, vamos sentar aqui e vamos fazer essa ata", "vamos mandar essa papelada pro cartório". Então agora, meio que é uma associação que não tem mais um presidente, quer dizer, o presidente é há 20 anos o mesmo. Então não é mais uma associação de fato, mas é um grupo que se reúne e faz exposições, organiza publicações. Agora sexta vai ter um lançamento do suplemento do jornal Brasil de Fato, que a gente participa. É outra geração. Não é bem um coletivo, é uma ideia...

Não é bem um coletivo, é uma ideia...

Bruna: Mas é interessante de pensar, por que que não tinha esse nome de coletivo, era associação antes que se chamava e ainda tinha essa questão de mais uma burocracia ainda estruturando, e que talvez os coletivos de agora consigam se reunir sem necessariamente virar uma associação. Tem uma coisa mais volátil...

Rafael: Exato, eu acho que uma coisa mais solta mesmo. Até nós, a gente tá com 15 anos em setembro, é outra geração dessa gurizada que está vindo, que se juntam de uma maneira bem volátil, como tu falou. Que "foda-se, não precisa nota, se não tiver nota". Mas como a gente trabalhava muito com edital, com ministério, prefeitura, então tem que ter essa burocracia para passar nota, receber e tudo.

Bruna: É uma questão né, de como se trabalha com arte e como tu formaliza o trabalho com arte. Ao mesmo tempo, quando conversei com o coletivo Das flor, que é um coletivo de teatro e dança, eles pontuaram muito isso, que tá, ok, eles se reúnem, é volátil a participação, as vezes um participa de uma

coisa, depois não participa mais, e vem outro e tal... mas querendo ou não, eles se inscrevem em editais, se inscrevem e tem contrato, tem horas trabalhadas, então é isso assim. É diferente de um grupo de teatro, que tem um diretor, que tenha aprovação, seleção... Não existe isso de seleção, pois é mais uma aproximação por identificação, porém, não quer dizer que é qualquer coisa, porque as pessoas precisam sobreviver, e precisa ter o mínimo de organização, e fica nesse entremeio...

Rafael: Isso de sobreviver... durante todo esse tempo que eu trabalhei na Catarse, eu ganhei muito menos do que se eu tivesse trabalhado numa agência, mas com certeza eu seria muito mais infeliz, muito mais estressado, trabalhado para uns **** que eu sei que gostaria de ver morto(risos). E numa agência eu não posso chegar e dizer que não quero trabalhar com tal empresa porque ela tem trabalho escravo.

Bruna: Sim, tu seria demitido na hora.

Rafael: Ia ser demitido. E a gente tinha muita essa discussão. A Comunica mesmo, antes da Catarse, uma vez chegou um cliente que ele queria fazer... ah, ele estava com 20 mil na mão. Isso em 2002, 2003, então era uma grana muito grande. Ele queria fazer toda uma comunicação visual pra uma empresa agrícola. E aí ele falou com muito orgulho assim, que eles iam desmatar 10 mil hectares na Amazônia. E aí eu falei: não!

Bruna: Quem é que fala isso com orgulho, né?

Rafael: Ah, para plantar soja e gado. E eu falei: a Comunica se quiser... o grupo que decide, mas eu não vou fazer. E esse tipo de autonomia tu não vê numa empresa. Isso não é o normal. Depois que eu trabalhei com coletivo, grupo anárquicos, cooperativas, eu não me vejo trabalhando com chefe. E nem quando eu for um chefe, um chefe não, mas um...

Bruna: Coordenador? Ou um...organizador?

Rafael: Eu vou trazer todo esse conhecimento que eu adquiri nesses anos para fazer o máximo horizontal o trabalho, porque só tem a crescer.

Bruna: Bom, só o fato de pegar pautas e questões que as grandes empresas não trabalham, acho que isso já fala de expressão por si só. É justamente dar voz pra coisas que as vezes não ganham espaço nessa hegemonia da grana, da mídia. Mas no que que mais que talvez a forma de organização pode ter contribuído, bem em uma questão de resistência contra repressão. Talvez pensar algum trabalho que tu tenha sentido um pouco mais de identidade ou de inspiração, o que mais te marcou?

Rafael: Dentro da Catarse tem dois trabalhos que mudaram minha vida, que mudaram a maneira de pensar. Eu sempre tive uma preocupação social mais à esquerda, com preocupação com os menos favorecidos, mas eu trabalhei com o pessoal do Boca de Rua. E a gente fez oficinas com eles de vídeo, ensinou eles a usarem a câmera. Fizemos publicações com eles, e a maneira como eles trabalhavam, como eles se comportam na rua, como se comportam como grupo, foi um divisor de águas.

Bruna: Eu vi agora um projeto "Amada Massa", que é bem legal.

Rafael: E mudei assim. Outro foi em 2007, por aí, 2008, que com a Catarse, a gente fez vários vídeos de assentamentos e acampamento do MST. Eu tive a oportunidade de visitar uns 5 ou 6 de cada um. Então tinha desde assentamentos de um ano, assentamento de 15 anos com eco vila, com gente trabalhando e produzindo em cooperativa.

Bruna: E isso vocês fizeram via edital?

Rafael: A gente fez com verba do INCRA na época, para fala sobre reforma agrária, que também, a maneira como eles se organizam é absurda. Eu cheguei bem descrente. Um exemplo assim... no primeiro dia, a gente chegou no acampamento mesmo, desses de beira de estrada e aí fizeram uma reunião, nos apresentaram, disseram: "oh, não tem problema, esses aqui são repórter que estão com a gente". Aí eu fiquei só observando, eles fizeram a pauta. Aí eles tinham um grupo da segurança, um grupo da infraestrutura, outro da alimentação, tudo bem organizado. E aí uma senhora levantou e disse: "meu barraco caiu no vendaval que teve ontem." E aí os caras falaram: "tá, vocês vão ajudar ali com ela e tal". Aí terminou a reunião, a gente foi para um lado fazer umas entrevistas, e quando eu vi, os caras já estavam com o negócio pronto. E eu pensei que em outras circunstâncias poderia até ter vizinhos que ajudassem, mas o dinamismo me deixou muito admirado. E ali eu passei a respeitar.

Bruna: Sim, é uma causa de todos. Não é uma questão de "tem que ver quando vai fazer". Não, "temos esse problema, vamos todos...".

Rafael: Exato, eu achei muito bonito o jeito que eles se organizam. Tem as críticas dentro do movimento, sempre tem as pessoas mais difíceis e tal. Mas como um todo...

Bruna: Sim, não é perfeito.

Rafael: Isso não existe, né?! E isso também dentro da Catarse, dentro da Comunica, dentro de outros grupos que eu trabalhei, sempre vai ter ao menos um, mesmo que o grupo esteja unido, sempre vai ter um, algum membro que vai criar em algum momento alguma tensão e não necessariamente isso é ruim. Porque às vezes precisa desse atrito. Nunca vai ser as mil maravilhas, nunca conheci um grupo que está "ó, nós estamos perfeitos. Não tem problema, não tem ninguém que faz fofoca, ninguém fica brigando por causa de dinheiro". Não, não vai ter...

Bruna: Eu ia te perguntar que tipo de tensão... Porque em psicologia a gente fala que o conflito é o motor do grupo, se um grupo não tem um conflito, nem é muito saudável, porque daí é muito monótono, as pessoas não têm desafios, não há troca. Porque quando tem troca, tem atrito, né?! Rola uma diferença ali que precisa ser, como eu posso dizer? Explorada, conhecida, ser descoberta. Então, que tipos de tensões tu consegue, que tu já tenha visto e que tenha sido legal, assim..

Rafael: Na Catarse, teve muita rotatividade. Desses 7, 2 ou 3 já saíram. 4 ainda permanecem. Veio mais 5 ou 6, saíram, voltaram. E quase sempre o atrito era com a pessoa nova, que ainda não entendia, ou estava viciada nesse sistema de chefe, de "eu obedeço". E até entender como funciona, cria essa tensão. E mesmo assim, mesmo depois de já entender, tem gente que acha que tem que ser de um jeito, tem gente que acha que tem que ser do outro. Mesmo que tenha quem diga "ah, não existe hierarquia", alguns trabalhos têm que ter responsável. Vamos fazer um documentário onde cada um vai decidir o que quer. Vai ter que ter um diretor, sabe? Se não tiver, não vai dar certo.

Bruna: Sim, alguém que coordene a coisa, que responda...

Rafael: E quase sempre assim. "Ah eu consegui o trabalho, eu prospectei, eu tenho contato". Aí essa pessoa decide: "ah eu quero muito dirigir esse filme, e quero fazer o roteiro né.". É e sempre foi muito orgânico.

Bruna: Bom, e tu tem planos de voltar ou não? Como é a relação hoje com o coletivo?

Rafael: Estou cada vez mais voltado para o meu trabalho, e por questões de logística, tenho trabalhado mais em casa. Também como a esclerose, o maior problema dela é a fadiga, então o tempo que eu tenho para trabalhar, eu estou dedicando aos meus projetos.

Mas a Catarse foi muito importante pra mim, gostaria que tivessem várias em todas as cidades. Gostaria que a gente tivesse mais grana pra fazer mais. Porque ninguém tem independência financeira, é no amor a maioria dos trabalhos. E muita gente acha que a gente é uma ONG. Ligam pra lá: "olha só, estão desmatando aqui na frente de casa, aqui isso aqui é mata de preservação, não poderia". Aí, a gente tá com uma equipe na rua, não tem gente... Daí é no amor, às vezes, quando é uma questão que nos toca muito, e que a gente tem tempo, a gente faz. Mas tem muita gente que não entende. "Ah, mas vocês fizeram um vídeo lá na vila tal, porque que não pode fazer da nossa agora". E como explicar né, que a gente não é uma ONG, que a gente não trabalha pro governo.

Bruna: E como são os veículos que vocês estão trabalhando hoje? Tem internet, mas sempre foi assim? Youtube?

Rafael: Sim, antes com os editais. Agora estão cada vez menos editais, né. Mas a gente trabalhou muito tempo, o que impulsionou a gente. A gente fez dois documentários bem legais, um sobre o sopapo, resgatando a história do movimento negro do RS. O Grande Tambor, que é sobre o sopapo, que é um tambor típico gaúcho, afro gaúcho. E que tem muita gente no Brasil inteiro. Nós mesmos aqui do Rio Grande do Sul, achamos que o RS é branco e na verdade tem uma cultura muito forte, principalmente na periferia, Pelotas, que é o berço desse tambor. E através desse tambor a gente conta a história do carnaval em Pelotas. Vindo de uma herança das charqueadas, dos escravizados que faziam de charqueadas, do charque e outro documentário Carijó, sobre a erva mate, com a maneira bem tradicional de fazer a erva, sem aditivo, sem nada, que é como os índios faziam, depois os primeiros imigrantes também. São dois documentários que eu gosto muito, que enfim, eu acompanhei, fiz o campo gráfico. Ficou bem bonito, os vídeos também são super importantes para recontar a história do RS. E depois talvez os guris tenham no youtube não deve ter, mas seria interessante tu dar uma olhada. São pra mim os melhores trabalhos que a gente fez.

Bruna: Fiquei pensando também agora: vocês estão desde... faz 15 anos, 2004. Mas nessa onda de crowdfunding, financiamento coletivo começou em 2011, 2012. Então, antes disso, não tinha muita essa via, também de pensar coletivamente como sustentar, era mais edital mesmo, ou ... empresas...

Rafael: É, ou ir atrás de ongs que tinham relação com nosso trabalho, movimentos sociais...

Bruna: Mas depois disso vocês chegaram a fazer algum financiamento coletivo?

Rafael: Não, só o Apoia-se.

Bruna: que é constante... que é bem legal também né, faz outra forma de organização. De sustentar o trabalho.

Rafael: é... isso tem sido importante para mim, também pro meu trabalho, que é uma maneira de viabilizar projetos, livros. Pra nós, cartunistas, assim... eu vejo muita produção que seria impossível há uns 5 ou 6 anos atrás. Porque o mercado editorial é quadrado, e tem limite. Mas com o Catarse, financiamento coletivo, a gente elimina... a gente elimina o intermediário. Estou falando direto com meu leitor. Não precisa levar para editora e a editora olha assim "ah, isso aqui não vai vender". Não vai vender o caralho, eu vendi quase R\$40 mil. Eu fiz 10.000 livros e tenho 110 agora. Em um ano, sem editora nenhuma, então tem mercado.

Bruna: Dá uma independência, né?

Rafael: Tem muita gente fazendo, gurizada, eu gostaria de ter começado lá com meus 20 anos com essa possibilidade... tipo, eu vejo gurizada de 18, 19 anos com livro capa dura sabe. E eu fazendo xerox, fanzine... mas era outra época, acho super válido.

Bruna: Bom, acho que era isso, vamos finalizando por aqui. Obrigada!